



THERE ARE NO SAINTS

SOPHIE LARK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

WICKED LADY WICKED LADY
WICKED LADY
03 W D LADY
W D LADY
ANOS W LADY
WICKED LADY
WICK LADY
WICKED LADY
WICK LADY
WICKED LADY
WIC LADY
WICK LADY
WICKED LADY



THERE ARE NO SAINTS

SOPHIE LARK

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



SINNERS DUET

LANÇAMENTO



LIVRO UM



SINNERS DUET

ORDEM DE LEITURA



LIVRO UM



LIVRO DOIS

SINOPSE

Eu detesto Alastor Shaw.

A cidade de São Francisco pensa que somos artistas
rivals.

Na verdade, somos predadores lutando por terrenos de
caça.

Nunca perseguimos a mesma presa.

Até a noite em que colocamos os olhos em Mara
Eldritch.

Shaw quer usá-la como peão em seu jogo distorcido.

Estou fixado nela por um motivo diferente...

Ela me faz sentir coisas que nunca pensei que pudesse
sentir. Quer coisas que eu nunca quis.

Só ela pode me fazer perder o controle.

Não sei se devo protegê-la a todo custo... ou destruí-la
antes que ela me arruíne.

**THERE ARE
NO SAINTS**
SOPHIE LARK



PLAYLIST

Freak - Sub Urban

People I Don't Like - UPSAHL

Smells Like Teen Spirit - Malia J

yes & no - XYLØ

I'm Gonna Show You Crazy -
Bebe Rexha

STUPID - Ashnikko

Gasoline - Halsey

lovely - Billie Eilish & Khalid

Devil's Worst Nightmare -
FJØRA

Sinner - DEZI

High Enough - K.Fløy

Black Magic Woman - VCTRY5

Spells - Cannons

Bad Things - Cults

Unholy - Hey Violet

Mad Hatter - Melanie Martinez

Bang Bang Bang Bang -
Sohodolls

Hurt Me Harder - Zolita

Die A Little - YUNGBLUD

Cradles - Sub Urban

Burning Pile - Mother Mother

Raging on a Sunday - Bohnes

Dirty Mind - Boy Epic

Twisted - MISSIO

Sick Thoughts - Lewis Blissett

INFERNO - Sub Urban



DEDICATÓRIA

Este é para todos os meus Love Larks que lutaram com a saúde mental.

Escrever este livro foi uma terapia intensa para mim, trazendo à tona algumas mágoas profundas de muito tempo atrás.

Eu só quero te dizer que cada parte de você, as coisas que te trazem prazer e as coisas que te trazem dor, as partes de você que você mais se orgulha e as partes que parecem ser seu pior inimigo comendo você vivo por dentro... tudo se decide, e sua mente é linda e perfeita, porque é a única assim.

Você é insubstituível. Você é único. Você é arte.

– Sophie

COLE BLACKWELL

***People I Don't Like*¹ – UPSAHL**

Eu vi as manchetes de que uma garota havia sido assassinada em Ocean Beach, seu corpo deixado flutuando nas ruínas do antigo Sutro Baths. Eu sabia que era Shaw, com tanta certeza como se ele tivesse assinado seu nome em seu trabalho. Não precisava ver seu sorriso presunçoso para confirmar. Ele se deleita em se perder no frenesi do espancamento e da mutilação. Seus sujeitos raramente podem ser identificados por dentes ou mesmo impressões digitais.

Eu já vi a peça que ele está mostrando hoje à noite. O meu é melhor.

Tudo é excesso com ele. Toda a cor, todos os traços ousados, todo o simbolismo batendo na sua cabeça.

Ainda assim, tenho certeza de que ele venderá mil cópias, ganhando ou não o prêmio desta noite. Alastor não é nada se não

¹ Cada capítulo tem uma indicação de música para ouvir enquanto o lê. (Tradução: “Pessoas que eu não gosto”.)

diligente. Seu gênio para a autopromoção excede em muito seu gênio para a arte.

Ele chama minha atenção enquanto entra na galeria, dando-me a mera sugestão de um sorriso, um puxão de lábios que mostra o brilho de dentes branqueados. Não lhe dou nada em troca.

Ele parece bronzeado, apesar da neblina viscosa cobrindo a cidade durante toda a semana. Várias mulheres se reúnem para ele, incluindo Betsy Voss, que organizou este evento. Ela sorri para Shaw, descansando a mão levemente em seu antebraço enquanto ri de alguma piada que ele contou.

Alastor sorri de volta para ela, seu rosto animado como um menino.

Ele me lembra uma planta carnívora, exalando doçura pegajosa para atrair moscas.

Conheço a maioria das pessoas circulando, bebendo taças de merlot como cortesia, examinando o trabalho em exibição, argumentando seu mérito com abandono crescente à medida que o vinho toma conta.

São todas as mesmas pessoas, a mesma conversa de bajulação.

Estou tão entediado.

A cena artística de San Francisco é incestuosa. Todo mundo conhece todo mundo, tanto no sentido comum quanto no bíblico. Betsy e Alastor já transaram antes, embora ela não precise se

preocupar em acabar nas Sutro Baths² – ela é muito útil como corretora da arte de Shaw.

Na verdade, a única pessoa na minha visão que não reconheço é a garota magrela enfiando queijo na boca no excelente bufê de Betsy. Betsy nunca economiza – ela forneceu uma generosa seleção de frutas frescas, sanduíches e macarons. A garota está demolindo o gouda defumado como se não comesse há uma semana, o que provavelmente não comeu. Mais um artista faminto vasculhando a periferia.

A garota tentou se vestir para a ocasião: está usando um vestido branco folgado, tão elegante e brilhante que deve tê-lo adquirido recentemente. Suas botas contam outra história – os sapatos surrados parecem mais velhos do que ela. Uma tatuagem botânica que lembra um pássaro, descendo em seu pescoço.

Estou prestes a voltar meu olhar para um assunto mais interessante quando a garota colide com Jack Brisk, curador de arte contemporânea do SFMOMA³. A culpa é dele – ele estava gesticulando agressivamente com as mãos gorduchas – mas é a garota que paga o preço. Merlot espirra do copo de Brisk na frente de seu vestido, o vinho encharcando o algodão branco como se fosse um mata-borrão.

— Sinto muito, — diz Brisk descuidadamente, mal olhando para a garota, que claramente não é ninguém, antes de voltar para sua conversa.

² Um grande complexo de piscinas públicas de água salgada construído em 1894, de propriedade privada, localizado na área de Lands End, no oeste de San Francisco, Califórnia. Desmoronou em 1966, mas é possível visitar as ruínas.

³ San Francisco Museum of Modern Art (Museu de Arte Moderna de San Francisco).

Eu observo o rosto da garota para ver se ela vai chorar ou se enfurecer ou cair em cima de si mesma se desculpando com Brisk em troca.

Ela não faz nenhuma das opções acima. Examina as manchas, uma ruga se formando entre as sobrancelhas. Então pega sua própria taça de vinho e caminha em direção aos banheiros.

Começo a fazer a ronda pelas peças que ainda não vi. É óbvio que estará na disputa pelo prêmio. A arte pode ser subjetiva, mas a qualidade brilha como latão ao lado do ouro.

Suponho que Rose Clark, Alastor Shaw e eu seremos os principais candidatos.

Minha peça é superior. Isso deveria ser óbvio simplesmente pela multidão de pessoas ao redor, que demoram mais e sussurram mais intensamente do que para o trabalho de qualquer outra pessoa.

O complicador é o painel de jurados, que inclui Carl Danvers, um misantropo amargo que nunca me perdoou por fazer uma piada às suas custas em uma gala há oito anos. Eu pretendia que ele ouvisse, mas subestimei sua capacidade de despeito. Ele aproveitou todas as oportunidades de vingança desde então, mesmo à custa de sua própria credibilidade.

Alastor se esgueira atrás de mim.

Eu o ouço vindo de uma milha de distância. Ele tem a sutileza de um bisão.

— Olá, Cole, — ele diz.

— Olá, Shaw, — respondo.

Ele usa meu nome de batismo para me irritar.

Eu uso o sobrenome dele pelo mesmo motivo.

Ele pensa porque sabe certas coisas sobre mim, que há uma intimidade entre nós.

Não há intimidade. A emoção está toda de um lado.

— Como está indo o seu fim de semana? — ele pergunta, mal capaz de conter seu sorriso.

Ele quer desesperadamente que eu reconheça o que ele fez. Prefiro negar-lhe esse prazer. Mas provavelmente é melhor acabar com isso para que ele se foda e me deixe em paz.

— Sem incidentes, — eu respondo. — Acho que você não pode dizer o mesmo.

Agora ele se permite sorrir, mostrando aqueles dentes perfeitos, aquelas covinhas de menino, o brilho naqueles olhos castanhos quentes que fazem as mulheres ficarem fracas com o impulso de sorrir de volta para ele, de passar os dedos pelos cabelos raiados pelo sol.

— Eu amo uma universitária, — ele diz, sua voz baixa e gutural.

Ele molha os lábios, suas feições se dissolvendo em luxúria com a memória do que ele fez.

Respiro devagar para dissipar meu desgosto.

A necessidade de Alastor me enoja.

Ele é um clichê de si mesmo. Universitárias, pelo amor de Deus.

— Você e Bundy, — murmuro, meus lábios mal se movendo.

Os olhos de Shaw se estreitam.

— Oh, você está acima disso, está? — ele zomba. — Você não sente um certo desejo quando vê algo assim?

Ele sacode a cabeça em direção a uma loira deslumbrante curvada para examinar os detalhes de uma instalação no nível do chão, seu vestido vermelho apertado agarrado às curvas de sua bunda.

— Ou que tal isso? — Shaw diz, inclinando a cabeça na direção de uma menina asiática magra, cujos mamilos são claramente visíveis através do tecido transparente de sua blusa.

Eu não mato mulheres, normalmente.

Isso não está fora de qualquer restrição moral mesquinha.

É muito fácil.

Eu poderia dominar qualquer uma dessas mulheres como se fossem crianças pequenas. Onde está o desafio? A sensação de realização?

— Eu não sou um hedonista⁴, — digo a Alastor, friamente.

⁴ O hedonismo psicológico ou motivacional afirma que o comportamento humano é determinado por desejos de aumentar o prazer e diminuir a dor.

Seu rosto escurece e ele abre a boca para retrucar, mas naquele momento, a garota vem caminhando de volta para a galeria, queixo erguido, cabelos escuros esvoaçando atrás dela.

Eu pensei que ela estava indo ao banheiro para tentar a tarefa impossível de lavar aquelas manchas de seu vestido.

Muito pelo contrário: ela tingiu a coisa toda.

Usou merlot para fazer um tecido de bordô profundo, magenta e amora em delicadas camadas de aquarela. Estou olhando para o vestido porque me surpreende – não apenas no conceito, mas na execução. É realmente muito bonito. Nada que eu esperaria sair de um banheiro depois de oito minutos de trabalho.

Alastor segue meu olhar. Ele vê meu interesse enquanto ignora completamente a razão por trás disso.

— Sua? — ele diz baixinho. — Você me surpreende, Cole. Eu nunca vi você dar um passeio na sarjeta antes.

Eu me afasto da garota, irritação crescendo dentro de mim.

— Você acha que eu me sentiria atraído por alguma scrabbler⁵ imunda com unhas roídas e cadarços esfarrapados? — eu zombo.

Tudo naquela garota me repugna, desde o cabelo sujo até as olheiras. Ela irradia negligência.

Mas Shaw tem certeza de que fez uma descoberta. Ele acha que me pegou em algum momento de descuido.

⁵ Pessoa (geralmente do sexo feminino) sem meios visíveis de apoio que consegue viver bem de presentes do sexo oposto, bem como valer-se de qualquer fonte de produto gratuito (ou seja, salgadinhos e bebidas de festas, sabonete de hotel). Diferente de prostitutas porque elas não estão vendendo atos sexuais.

— Talvez eu vá falar com ela, — ele diz, testando-me.

— Eu gostaria que você o fizesse, — eu respondo. — Qualquer coisa para acabar com essa conversa.

Com isso, vou em direção ao bar aberto.

As horas passam lentamente das oito às dez.

Entro e saio das conversas, absorvendo os elogios prontos para a minha peça.

— Você nunca deixa de me surpreender, — diz Betsy, seus olhos azuis pálidos olhando para mim através dos aros de seus caros óculos de grife. — Como diabos você pensou em usar teia de aranha? E como você a adquiriu?

Ela está me dando o mesmo olhar de admiração deslumbrada que deu a Shaw, mas ela não ousa deixar a mão no meu antebraço como fez com ele.

Todo mundo diz que o prêmio é certo para mim – ou, pelo menos, todos com bom gosto.

Posso ver Alastor amuado perto dos canapés. Ele recebeu uma grande quantidade de elogios, mas notou a diferença na entonação tão bem quanto eu. Elogios para ele, elogios para mim.

Eu quero o prêmio porque mereço.

Não dou a mínima para o dinheiro – dez mil dólares não significam nada para mim. Farei dez vezes mais quando vender a escultura.

Ainda assim, um pressentimento frio toma conta de mim quando Betsy chama a multidão para pedir ordem, dizendo: — Obrigada a todos por terem vindo esta noite! Tenho certeza de que vocês estão ansiosos para ouvir o que nossos juízes decidiram.

Eu já sei o que ela está prestes a dizer antes mesmo de me lançar um olhar culpado.

— Depois de muito debate, decidimos entregar o prêmio desta noite a Alastor Shaw!

O aplauso que irrompe tem uma tensão nervosa. Alastor é popular, mas metade da multidão está lançando olhares em minha direção para ver como vou reagir.

Mantenho meu rosto liso como água parada e minhas mãos enfiadas nos bolsos. Eu não aplaudo junto com eles porque não me importo em parecer agradável.

— Então a rivalidade continua! — Brisk diz para mim, seu rosto corado com a bebida.

— Os Lakers e os Clippers não são rivais só porque ambos jogam basquete, — eu digo, alto o suficiente para Shaw ouvir.

A metáfora dos esportes é para o benefício de Alastor, cavando sob sua pele como uma farpa.

Enquanto Brisk ri, um rubor sobe pelo pescoço de Shaw. Seus dedos grossos apertam a haste delicada de sua taça de champanhe até que quase posso ouvir o vidro se quebrando.

— Parabéns, — digo a Shaw, sem me preocupar em esconder meu desdém. — Não me surpreende que Danvers tenha ficado

impressionado com seu trabalho – ele luta quando a mensagem está aberta à interpretação.

— Nem toda obra de arte precisa ser um enigma, — rosna Alastor.

— Cole! — Betsy diz, abrindo caminho em minha direção. — Espero que você não esteja muito desapontado – eu gostei mais da sua peça.

— Assim como Shaw, — eu respondo. — Ele simplesmente não vai admitir.

Betsy se vira, notando Shaw diretamente atrás de si. Ela engole, seu rosto ficando corado.

— Sua pintura também foi maravilhosa, é claro, Alastor!

Sem se preocupar em responder, ele se afasta de nós.

— Era melhor eu ter ficado de boca fechada, não era? — diz Betsy. — Bem, é o que todo mundo está dizendo. Esses prêmios são tão políticos.

— Ou pessoal, — eu digo.

Com certeza, Danvers não terminou de desabafar. Na manhã seguinte ele publica sua resenha do evento, com várias farpas mal veladas lançadas em minha direção:

Enquanto o trabalho de Blackwell continua a exhibir seu nível habitual de precisão, há um tecnicismo frio em sua técnica que não inspira o mesmo nível de energia despertado pelas construções

frenéticas e coloridas de Alastor Shaw. Há um abandono selvagem no trabalho de Shaw que Blackwell faria bem em imitar.



Eu posso apenas imaginar Alastor sorrindo durante seu café da manhã, percorrendo o artigo em seu telefone.

A opinião de Danvers sobre minha arte significa menos para mim do que o gorjeio dos pássaros do lado de fora da minha janela.

No entanto, sinto um profundo sentimento de raiva por ele se atrever a me atacar tão publicamente.

Assim como a crença de Shaw de que somos rivais me ofende, as pretensões de Danvers de que ele pode me julgar.

Termino meu café da manhã, a mesma refeição que faço todas as manhãs: um expresso, duas fatias de bacon, meio abacate e um ovo escalfado perfeitamente colocado sobre uma fatia de pão grelhado.

Então lavo e seco os pratos, colocando-os de volta em seus lugares no armário.

Já tomei banho e me vesti para o dia.

Caminho até meu estúdio, que fica perto da minha casa nas falésias ao norte da cidade. O vasto espaço ensolarado já abrigou uma fábrica de chocolate. Agora, o aço, o vidro, o tijolo e o concreto nus formam uma gaiola aberta na qual faço meu trabalho.

Eu não comissiono minhas peças, embora certamente pudesse me dar ao luxo de fazê-lo. Cada etapa do processo é completada por mim, mesmo nas minhas esculturas mais complicadas ou técnicas. Construí meu próprio equipamento personalizado para soldar, dourar, cortar e soldar. Guinchos e andaimes. Até elevadores pneumáticos para as peças maiores.

Não tenho assistentes, trabalho inteiramente sozinho.

Começo às dez horas da manhã e trabalho até o jantar. A cozinha está abastecida com bebidas e lanches, mas raramente faço pausas para qualquer um.

Hoje estou começando uma nova peça na mesma série.

Eu sei como quero que pareça – orgânico e ainda assim desconstruído. Quero que os elementos da escultura pareçam pendurados no espaço.

Mas quando olho para os materiais à mão, nada parece certo.

O ferro é muito pesado. O aço não tem brilho.

Imagino a forma curva exata que desejo – como o casco de um navio ou a costela de uma baleia.

Então sorrio enquanto a inspiração surge através de mim.



Espero do lado de fora dos escritórios da Siren na Rua Cabrillo.

É um prédio sombrio e baixo, com um telhado de zinco sobre o qual uma chuva fina bate.

A chuva é incrivelmente útil. Ela obscurece a visão, obriga as pessoas a manterem a cabeça baixa, incita-as a correr de um lugar para outro sem se demorar, sem olhar ao redor.

Guarda-chuvas são ainda melhores.

Estou no beco, observando Danvers pela janelinha engordurada de seu escritório.

Você aprende tudo sobre uma pessoa quando ela pensa que está sozinha.

Observo Danvers tirar uma lata de castanhas da gaveta, abri-las e comer alguns punhados, limpando a palma da mão salgada na perna da calça jeans. Ele afasta as castanhas como se não fosse mais comer. Mas alguns minutos depois, ele pega outro punhado. Então, em uma explosão de motivação, ele coloca a tampa de volta na lata e a guarda dentro da gaveta. Isso dura ainda menos tempo antes que ele abra a gaveta e pegue outro punhado.

Depois de um tempo, a recepcionista de Danvers entra em seu escritório. Ela já está vestindo seu casaco e carregando sua bolsa, ansiosa para sair antes que o tempo piore.

Danvers fica entre ela e a porta, bloqueando seu caminho com seu corpo de grande, ignorando vários passos hesitantes em sua direção enquanto ela sugere que ele a solte.

Sua conversa se estende agonizantemente lenta. Vejo a garota tocar o telefone no bolso várias vezes, provavelmente sentindo a vibração das mensagens de texto de amigos que podem estar esperando por ela em algum café ou restaurante próximo.

Finalmente, ele a solta. Espero que ele a siga – a recepcionista foi a última pessoa que restou no escritório além do próprio Danvers.

Em vez disso, ele fica ali sem jeito, antes de afundar em sua cadeira mais uma vez.

Frustrado por qualquer atenção que não conseguiu drenar da recepcionista, ele despeja as castanhas restantes diretamente na boca e arremessa a lata no cesto de papéis no canto, errando por 60 centímetros. Eu o vejo pronunciar a palavra *foda-se*, embora ele não se preocupe em pegar a lata.

Ele percorre o Facebook por um tempo. Embora esteja de frente para a janela com a tela do computador virada de costas para mim, posso ver o reflexo em seus óculos. Ele abre um documento do Word, digita algumas frases e fecha o documento novamente. Aparentemente, ele esgotou toda a sua energia criativa me caluniando esta manhã.

Finalmente, Danvers desliga seu computador, pegando seu casaco de um gancho na parede. Fico feliz em ver que ele se esqueceu de trazer o guarda-chuva.

Danvers desliga a última luz do escritório, trancando a porta atrás dele.

Eu saio do beco, evitando a câmera empoleirada no canto noroeste do prédio de tijolos.

Uma vez que meu guarda-chuva está aberto, não sou nada além de um talo alto e escuro sob seu dossel preto.

Finjo correr pela calçada, de cabeça baixa, perdido em pensamentos, até que Danvers e eu encostamos os ombros.

— Carl, — eu digo em surpresa fingida. — Não te vi aí.

— Cole, — responde Danvers, um pouco nervoso. Ele está se perguntando se li o artigo dele — se estou aqui para lhe fazer um discurso.

— Esse é o escritório da Siren? — Eu digo, como se eu não soubesse.

— Isso mesmo, — diz ele, rígido e cauteloso.

— Meu estúdio é bem ali. — Faço um gesto na direção de Fulton, onde, como Danvers bem sabe, o aluguel é o triplo do que a Siren provavelmente paga.

— É mesmo? — Danvers diz vagamente, olhando para Balboa, onde pega o bonde de volta ao seu condomínio.

A chuva está caindo mais forte agora, grudando seu cabelo ralo contra seu crânio, realçando a qualidade de rato de seu nariz protuberante e dentes.

— Compartilhe meu guarda-chuva, — digo como se tivesse acabado de perceber que ele estava encharcado.

Eu reoriento o dossel para que ele cubra nós dois.

— Obrigado, — diz Danvers de má vontade.

E então, porque é da natureza humana buscar a conciliação, dar um favor por um favor, Danvers diz: — Sem ressentimentos sobre o evento, espero. Era uma concorrência acirrada.

— Eu não sou de guardar rancor, — respondo.

Ele olha para mim através de seus óculos embaçados. Tenho certeza que ele está se perguntando se eu vi a resenha. Talvez até desejando não ter escrito, porque no final das contas, Carl Danvers tem uma necessidade desesperada de ser amado. Foi minha zombaria pública que primeiro estimulou sua raiva contra mim. A qualquer momento, eu poderia tê-lo desarmado com um elogio. Se eu conseguisse mentir.

Não há nada que eu admire em Danvers.

Na verdade, nunca admirei ninguém.

— Acho que você achará meu projeto atual muito mais absorvente, — digo a Danvers. E então, como se eu tivesse acabado de pensar nisso: — Você gostaria de ver? Ainda está em andamento, mas nos tiraria da chuva. Eu tenho chá também.

Danvers desconfia dessa oferta repentina de paz. Ele estuda meu rosto, que eu cuidadosamente organizei para parecer casual e quase distraído – como se eu fosse puxado de volta para o meu estúdio, convidando-o como uma reflexão tardia.

Vejo o brilho ganancioso em seus olhos. Sua desconfiança em mim – sensata e justificada – luta com essa oferta inimaginável: uma visão do meu trabalho em andamento, que nunca compartilho com ninguém. Só de ver dentro do meu estúdio, poder focar sobre isso e talvez descrevê-lo em um artigo, é uma tentação que Danvers não consegue resistir.

— Eu poderia ir por um minuto, — diz ele rispidamente.

— Por aqui, então. — Viro-me bruscamente para atravessar a rua.

A chuva cai trovejando pelas sarjetas, carregando lixo e folhas caídas. Eu quase não tenho que prestar atenção aos carros que passam. As calçadas estão vazias.

Cortei a rota que andei várias vezes. Um caminho sem caixas eletrônicos ou câmeras de trânsito. Desprovido de restaurantes na calçada ou desabrigados intrometidos acampados em barracas.

Se encontrássemos alguém ao longo do caminho, eu interromperia esse passeio imediatamente.

Mas ninguém intervém. Essa sensação de retidão se instala em mim – a única vez que sinto uma conexão com algo como sina ou destino. O momento em que tudo se alinha a favor da matança.

Deixei Danvers entrar pela porta dos fundos. As luzes estão baixas. Nossos passos ecoam no espaço cavernoso. Danvers estica o pescoço, tentando espiar na escuridão, sem perceber enquanto começa a atravessar uma extensão de lona plástica fina.

Tiro o garrote do bolso. Silenciosamente, desenrolo o fio.

— Gostaria de ver seu maquinário, — diz ele, com uma ansiedade mal disfarçada. — É verdade que você faz toda a fabricação sozinho?

Ele adoraria me pegar mentindo.

Estou fechando o espaço entre nós, descendo sobre Danvers como um falcão do céu. Ele não ouve meus passos. Não sente minha respiração em seu ombro. Não percebe minha sombra engolindo a dele.

Enrolo o fio em volta do seu pescoço e o puxo, cortando sua respiração como se tivesse cortado com uma tesoura.

Seu pânico é instantâneo.

Ele arranha sua garganta, tentando segurar o arame, mas o metal fino como navalha já afundou na carne macia de seu pescoço. Ele começa a se debater e resistir. Eu o derrubo no chão, pressionando meu joelho em suas costas, puxando o fio transversalmente em um movimento de remo.

Os óculos de Danvers caíram de seu rosto. Eles estavam a alguns metros ao lado, como um par de olhos vazios olhando para mim.

O próprio Danvers está de bruços, então não consigo ver sua expressão.

Não me incomodaria olhar em seu rosto. Já fiz isso antes. Observei o medo, a angústia, o sofrimento, tudo eventualmente afundando em uma resignação maçante e depois no vazio absoluto da morte. A vida acabou, apagada pelo vazio sem fim do universo. De volta de onde veio ao nada, como uma faísca de uma fogueira desaparecendo na noite.

Eu poderia provocá-lo enquanto o mato.

Não faço isso. Qual seria o ponto? Em um momento ele vai embora para sempre. Isso é para mim, não para ele.

Suas lutas ficam mais fracas, as explosões de esforço mais distantes, como um peixe que se debate e morre.

Minha pressão em sua garganta é tão implacável como sempre.

Não sinto simpatia. Sem culpa. Essas são emoções que eu nunca experimentei.

Estou ciente, academicamente, de toda a gama de emoções humanas. Eu as estudei atentamente para poder imitar seus efeitos. Mas eles não têm poder sobre mim.

O que sinto, sinto intensamente: raiva, repulsa e prazer.

Estas são forças elementares dentro de mim, como vento, oceano e rocha derretida.

Eu tenho que manter um controle rígido sobre eles, ou não serei melhor do que Shaw, um escravo de meus impulsos.

Não vou matar Danvers porque *preciso*.

Estou o matando porque *quero*.

Ele era uma irritação, um incômodo. Uma mancha de merda inútil, chorona e invejosa. Ele não merece nada mais do que isso. Na verdade, ele deveria ser honrado, porque vou fazer mais dele do que ele jamais poderia ter feito de si mesmo. Eu o imortalizarei para que sua faísca queime brilhante pelo menos por um momento.

Eu ouço o estalo de seu osso hióide se fraturando.

Seu corpo fica mole. Três minutos depois, eu o solto.

Em seguida, começa a carnificina.

Enquanto estou trabalhando, sinto um senso de propósito. Estou estimulado, interessado, corado de satisfação.

Essa é a sensação que sempre tenho quando estou criando arte.



A escultura é primorosa. Meu melhor trabalho até agora.

Mostro no Oasis, onde sei que Shaw também exibirá seu último trabalho.

Nenhum dos ossos é reconhecível como costela, mandíbula, fêmur. Eu os archivei, mergulhei-os em ouro e montei-os em um arranjo inteiramente novo. Ainda assim, sua forma linear e orgânica permanece. A escultura vive, de uma forma que nunca teria sido construída em metal dourado ou pedra.

A resposta é imediata e em êxtase.

— Meu Deus, Cole, você se superou, — Betsy respira, olhando para a escultura como se fosse um ídolo. — Como você a nomeou?

— *Ego frágil*, — respondo.

Betsy ri. — Que atipicamente autodepreciativo, — ela diz.

Não digo nada em troca, porque, como sempre, Betsy perdeu completamente o foco.

Não estou me referindo ao meu próprio ego, que é indestrutível.

Antes do fim da noite, minha escultura foi vendida por US\$ 750.000 para algum bilionário de tecnologia recém-formado.

— Eles estão planejando derretê-lo pelo ouro? — Alastor diz amargamente.

Ele nunca vendeu uma peça por metade disso.

— Acho que ninguém comprou uma peça da *minha* arte apenas para destruí-la, — digo, lembrando a Shaw que uma igreja fundamentalista comprou uma de suas pinturas apenas para incendiá-la. Isso foi em seus primeiros dias, quando ele era um provocador, não um vendedor.

Ele não está com humor para zombaria esta noite. Seu rosto parece inchado acima do colarinho muito apertado de sua camisa, seu peito largo subindo e descendo um pouco rápido demais.

Ele olha para a escultura com inveja indisfarçável.

Shaw tem talento, posso admitir isso.

Mas eu tenho mais.

Então, no meio de sua irritação e ressentimento, toda a sua expressão muda. A compreensão amanhece.

— Não... — ele diz baixinho. — Você não...

Não preciso confirmar e não me preocupo em negar. A verdade é clara para quem tem olhos para ver.

Alastor solta um suspiro sensual.

— Você tem culhões... — ele diz. — Para colocá-lo em exibição...

Resumidamente, ele deixa de lado seu ciúme. Deixei de lado meu ódio.

Contemplamos a escultura, compartilhando um momento de profunda satisfação.

Então seus impulsos assumem o controle e ele não pode deixar de zombar: — Foram as pequenas palavras de um homem pequeno para motivá-lo a fazer uma grande arte...

A raiva borbulha dentro de mim, grossa e quente.

Ao contrário de Shaw, não permito que minhas emoções moldem minhas palavras. Eu considero cuidadosamente o que vai enfurecê-lo mais.

Olhando Alastor bem nos olhos, digo: — Ninguém nunca vai falar sobre o seu trabalho do jeito que eles falam sobre o meu. Deve devorá-lo por dentro todos os dias, acordando para sua própria mediocridade. Você nunca será grande. Você quer saber por quê?

Ele está fixo no lugar, o sorriso de escárnio congelado em seus lábios.

— É porque você não tem disciplina, — digo a ele.

Agora sua fúria o inunda, seus punhos cerrados e trêmulos ao seu lado, seus ombros largos tremendo.

— Você não é diferente de mim, — ele sibila. — Você não é melhor.

— Eu sou melhor, — digo. — Porque o que quer que eu faça, estou sempre no controle.

Eu me afasto dele então, então essas palavras podem soar e ecoar no vazio de sua cabeça.

2

MARA ELDRITCH

Levanto-me em uma hora imprópria para que possa tomar banho antes que toda a água quente acabe.

Compartilho uma casa vitoriana em ruínas com oito outros artistas. A casa foi invadida por alguém que não respeita os códigos de construção e entende muito pouco de geometria básica. Paredes finas de compensado dividem os quartos em triângulos e trapézios, sem considerar como uma cama retangular deve se encaixar no espaço. Os pisos inclinados e apodrecidos e os tetos caídos contribuem para o efeito de hospício.

Eu ocupo o pequeno espaço do sótão no topo da casa – muito quente no verão e gelado no inverno. Ainda assim, é um poleiro cobiçado porque dá acesso a uma pequena varanda privada. Gosto de arrastar meu colchão nas noites frias para dormir sob as estrelas. Isso é o mais perto que já cheguei de acampar.

Toda a minha vida foi passada nesta cidade, muitas vezes em casas piores do que esta.

Eu nunca conheci nada além de neblina e brisa do oceano, e ruas que sobem e descem em colinas vertiginosas que fazem suas panturrilhas queimarem e seu corpo se inclinar como uma árvore ao vento.

Os canos estremecem quando ligo o chuveiro, espremido em um espaço do tamanho de uma cabine telefônica. A água que jorra é cinzenta no início, depois relativamente clara. Morno, mas isso é melhor do que gelado.

Tomo banho rapidamente porque já posso ouvir as portas rangendo e batendo enquanto vários outros colegas de quarto rolam para fora da cama. O café de Frank está queimando na cozinha do andar de baixo. Cheira como a torrada dele também.

Os artistas não são conhecidos por acordar cedo, mas nenhum de nós é bem-sucedido o suficiente para evitar os grilhões de um trabalho paralelo. Eu tenho três.

Esta manhã estou trabalhando em um turno de brunch, e mais tarde levarei quatro cães rebeldes para uma corrida no parque.

Bato meu quadril contra a porta do banheiro para forçá-la a abrir novamente, a madeira inchada pelo vapor presa no batente. Eu quase colido com Joanna, que está descendo as escadas com uma camiseta enorme, nada por baixo.

— Mara, — ela diz, seu rosto já se contorcendo em desculpas.
— Não posso mais sublocar meu estúdio para você – minha residência na La Maison acabou.

— Começando quando? — Eu pergunto, pânico fervendo em minhas entranhas.

— Semana que vem. — Ela faz uma careta.

— Tudo bem, — eu digo. — Obrigada por me avisar.

Não está tudo bem. Nem mesmo fodidamente perto de tudo bem.

O espaço do estúdio é impossível de adquirir no momento. Estúdio após estúdio fechou enquanto o aluguel em San Francisco dispara.

Crescendo, esta era uma cidade de artistas. Clarion Alley, a Mission School e a arte subterrânea selvagem e caótica brotavam em todos os lugares que você olhava.

Minha mãe não era uma artista em si, mas gostava de foder um monte deles. Nós dormimos em sofás e em pequenos apartamentos acima de restaurantes fumegantes em Chinatown. Todos os dias eu via murais grandiosos sendo pintados, instalações pop-up e arte performática surgindo na rua.

Minha vida com minha mãe era caótica e miserável, mas vi coisas lindas criadas ao meu redor. Isso me deu esperança de que a beleza pudesse florescer da feiúra e da escassez.

Agora parece que um plugue foi puxado. Todos os artistas estão se esvaindo, fugindo para Oakland, ou Portland, ou mesmo LA, onde podem, pelo menos, encontrar trabalho comercial.

Os espaços que eles alugaram são comprados por empresas de tecnologia e milionários de software que extirpam os prédios históricos, enchendo suas molduras de madeira com vidro e aço reluzentes.

Logicamente, sei que não tenho o direito de me apegar a nada disso — eu mesma não possuo nada. Mal tenho oitenta dólares na minha conta bancária.

Mas me deixa tão amarga ver tudo desaparecer quando finalmente tenho idade suficiente para participar.

Visto minhas roupas de trabalho, que são apenas shorts jeans, meias esportivas e tênis converse. Até agora, evitei com sucesso qualquer trabalho com um código de vestimenta.

Eu me sento na nossa mesa de café da manhã precária, examinando Frank, Heinrich e Erin para ver se alguém conhece algum espaço de estúdio acessível.

— Eu não, — diz Heinrich tristemente. — Estou procurando para mim.

Heinrich sempre acha difícil encontrar espaço no estúdio porque seu trabalho é baseado em iluminação elétrica. Ele precisa de tochas e equipamentos de solda, e já incendiou pelo menos um lugar antes.

— Você pode tentar se inscrever no Minnesota Street Project, — diz Erin.

— Boa sorte, — zomba Heinrich. — Eles têm cem candidatos para cada vaga.

Nada disso está melhorando meu humor. Engulo um pouco do café horrível de Frank enquanto abro mão da torrada. Temos croissants frescos no trabalho. Meu chefe Arthur não se importa se eu roubar alguns.

— Mara, — Erin diz. — Você me deve vinte e oito dólares por serviços públicos.

Gemendo internamente, enfio a mão no bolso e tiro a nota de vinte dólares que esperava usar para fazer compras.

— Eu vou te dar os outros oito dólares depois do trabalho, — prometo.

Eu nunca soube como seria passar um cartão sem me perguntar se o saldo seria compensado. Estou em algum tipo de roda de hamster onde quanto mais rápido eu me esforço para ganhar dinheiro, mais rápido o chão desliza abaixo de mim.

Por outro lado, eu nunca passei fome ainda.

Corro para Sweet Maple, aparecendo suando e bufando, os efeitos do banho já apagados. Arthur empurra um avental para mim, dizendo: — Mova sua bunda, acabei de acomodar três mesas na calçada.

O compromisso dos san franciscanos de comer ao ar livre, mesmo com o tempo mais ruim, nunca deixará de me impressionar. Temos lâmpadas de aquecimento e guarda-chuvas para os dias mais frios, mas não acho que nada menos que um raio direto manteria nossos clientes longe.

Claro, também temos o melhor brunch da cidade. Carrego pratos cheios de omeletes de aspargos, bolinhos de caranguejo e nosso famoso bacon até meus braços tremerem.

Sempre que vejo alguém que conheço, dou-lhes mimosas grátis. Arthur também não se importa com isso — ele pode ser rude e arrogante, mas é um amorzinho, e essa é sua maneira de apoiar a comunidade.

Quando Arthur finalmente me libera, com setenta e dois dólares em gorjetas muito necessários enfiados no bolso, estou correndo para pegar os cachorros a tempo.

Eu trouxe meus patins na minha mochila. Levo os cães ao redor do Golden Gate Park, deixando-os me puxarem, trabalhando apenas nas subidas.

Bruno está sendo um merda como sempre, tentando enrolar as coleiras. Esfrego meus dedos em seu crânio largo para lembrá-lo que somos amigos. Ele é um mastim enorme, grande demais para o pequeno apartamento em que mora. Acho que seu dono nunca o leva para fora além de nossos passeios.

Os cães me fazem feliz porque *são* felizes. Eles estão com a língua para fora, sentindo o cheiro do eucalipto apimentado no ar. Eu respiro também, fechando meus olhos para que possa sentir o gosto em meus pulmões.

Estou pensando na peça em que estou trabalhando no estúdio de Joanna, imaginando se posso terminá-la antes de ser expulsa do espaço dela. É muito grande para a mover facilmente. Se eu pudesse colocá-la no show do New Voices, isso seria algo...

Algo muito foddidamente improvável.

Deus, eu gostaria de poder vender alguma coisa.

Erin vendeu um quadro por oitocentos dólares no mês passado. Cobriu quase todo o aluguel. Que sonho seria.

Eu penso sobre a exposição algumas semanas atrás. Alastor Shaw ganhou um prêmio de dez mil dólares. Agora *isso* é um sonho de merda. Eu poderia praticamente viver um ano com isso.

Eu não estava lá quando anunciaram o vencedor – tive que sair mais cedo para cumprir meu terceiro expediente, como bartender no Zam Zam.

Eu vi Shaw ao lado de sua obra — uma pintura em tecnicolor que praticamente queimava os olhos. Erin sussurrou para mim que iria falar com ele.

— Ele é tão fodidamente quente, — ela murmurou. — Olhe para aquele corpo...

Achei que ele deveria estar na equipe de remo de Yale em 1952. Ele tinha aquele olhar de queixo quadrado, bronzeado, excessivamente saudável, com apenas uma pitada de misoginia. Bonito, claro, mas não é meu tipo.

Embora eu tenha gostado da peça dele, pensei que Cole Blackwell deveria ter vencido. Sua escultura tinha uma qualidade pálida e assustadora que me cativou, flutuando no espaço como um espectro.

Todo mundo sabe sobre a rivalidade de Blackwell e Shaw. As revistas de arte adoram escrever cada pequena briga entre eles. Ambos jovens, carregados e fodendo tudo o que se move, enquanto tentam se superar com obras de arte cada vez mais ultrajantes — é o sonho molhado de um colunista.

Na verdade, nunca vi Blackwell. Erin diz que ele é temperamental e distante. Às vezes ele pula seus próprios shows.

Podemos cruzar nossos caminhos esta noite – supostamente ele está aparecendo no Oasis. Erin está me arrastando porque ela realmente conversou com Shaw no último evento, e ela espera que esta noite se transforme em algo muito mais quente.

Ela vai ter que entrar na fila. Até onde eu sei, dar uma volta no Alastor Shaw é tão *exclusivo* quanto suas intermináveis tiragens de *edição limitada*.



Depois de deixar os cachorros em suas respectivas casas, corro para o estúdio de Joanna em Eureka Valley. Lá eu passo as próximas seis horas profundamente imersa em minha obra.

Ainda não decidi em que meio vou trabalhar de forma consistente. Às vezes pinto, às vezes faço objetos que exigem imensa concentração e um número insano de horas. Esta não é uma maneira lucrativa de fazer arte — você não pode gastar duzentas horas em uma pequena xícara de chá que ninguém quer comprar. Mas sou viciada na sensação de atividade minuciosa, repetitiva e até torturante.

Ocasionalmente tiro fotos em um antigo Pentágono. Eu não consideraria esse meu melhor trabalho. Uso a câmera apenas quando quero capturar um momento no tempo, algo que realmente aconteceu.

Não saber que tipo de artista serei me faz sentir sem forma e amadora. Como se eu fosse uma criança brincando de se fantasiar; meu macacão manchado de tinta vira cosplay.

Outras vezes penso em como despejei cada centavo que tinha em matéria-prima, e como quase todas as horas livres da minha vida foram gastas em arte, e então penso que se isso não faz de mim um artista, então nada faz.

Nesses momentos eu experimento uma justiça ardente que me faz odiar pessoas como Cole Blackwell apesar de nunca tê-lo conhecido, porque ele sempre foi rico e provavelmente nunca sacrificou um dia em sua vida.

Os Blackwells são uma antiga família de San Francisco. Seus ancestrais provavelmente ganharam dinheiro nas minas de ouro, ou, mais provavelmente, vendendo algo para aqueles mineiros infelizes. É sempre aí que está o lucro real.

Depois de trabalhar tempo suficiente, não penso mais em Blackwell ou em qualquer outra pessoa. Não penso no fato de que estou prestes a perder este espaço apertado, mas altamente útil, e que não tenho turnos suficientes para fazer meu próximo pagamento de aluguel.

Todos esses pensamentos zumbidos derretem como algodão doce molhado, e todas as outras entradas sensoriais que me picam e me cutucam também desaparecem. Não ouço o zumbido das luzes halógenas ou o barulho irregular do tráfego do lado de fora da janela. Não estou mais incomodada com o raio de sol que corta a sala, superaquecendo a parte de trás do meu braço.

Ouço música em meus fones de ouvido enquanto afundo no casulo.

O casulo é um estado de concentração perfeita.

É meu nirvana, meu estado de bem-aventurança meditativa.

Nada pode me incomodar lá. Nada pode me perturbar.

No casulo, sou o meu eu mais verdadeiro. Sozinha. Totalmente em paz.

Estou tão profundamente imersa que não percebo que estou extremamente atrasada para encontrar Erin até ela ligar para o meu telefone pela terceira ou quarta vez.

— Porra, me desculpe, — eu digo, como forma de saudação.

— Eu saí sem você, — ela me informa. — Você deveria vir aqui. Cole Blackwell fez esta linda escultura de ouro, todo mundo está pirando, foi vendida por um monte de dinheiro antes mesmo do evento terminar.

Verifico meu relógio.

Perdi a maior parte do show, mas se me apressar, ainda posso ir por meia hora pelo menos. Os eventos nunca terminam na hora. Os organizadores ficam tão bêbados quanto todo mundo, às vezes ficando horas depois, conversando e terminando as bebidas.

Meu estômago ronca, lembrando-me que tudo o que comi até agora foi um croissant. Deus, espero não ter perdido os lanches — festas e shows subsidiam metade do meu orçamento de supermercado.

Não tenho tempo para trocar de roupa. Lembrando que Joanna guarda algumas coisas escondidas no armário de casacos, pego um vestido de veludo amassado estilo anos 90, amassado e cheirando a terebintina.

Então pego um bonde para a galeria. As janelas do chão ao teto iluminam a rua como se todo o prédio fosse uma grande lâmpada brilhante. A música explode pelas portas quando alguém entra ou sai.

Eu deslizo para dentro, imediatamente envolvida pelo burburinho de risos e conversas. Você nunca se sente deslocado em um evento de arte porque todo mundo está vestido de forma tão excêntrica. Estou cercada por todo tipo de traje, de ternos de brocado a jeans esfarrapados.

Não preciso perguntar a Erin onde encontrar a peça de Blackwell — ela brilha em seu pedestal como uma coleção de corpos celestes girando no espaço.

Fico admirada com essa coisa linda, atingindo-me como uma flecha no peito, enchendo-me com uma sensação impotente de saudade.

Eu me pergunto se algum dia vou criar algo tão bom.

Depois de olhar para ele por uns bons vinte minutos, meu estômago roncando finalmente me puxa para longe.

Infelizmente, a mesa do buffet tem apenas algumas hastes de uva espalhadas e algumas cascas de queijo.

— As hienas já comeram, — diz uma voz masculina rouca.

Eu me viro, vendo o corpo enorme de Alastor Shaw, seu rosto largo desprovido de seu sorriso habitual.

Eu poderia gostar mais dele assim. Nunca fui fã de pessoas que sorriem demais. Parece que estão tentando forçá-lo a sorrir de volta para elas, o que deixa meu rosto cansado.

— Isso é o que eu ganho por estar atrasada. — Dou de ombros.

— Qual o seu nome? — ele pergunta. — Eu não vi você por aí antes.

Nós nos cruzamos várias vezes, mas eu não esperava que ele se lembrasse.

— Mara Eldritch, — respondo.

— Alastor Shaw, — ele responde, estendendo a mão.

Eu a pego, sentindo seus dedos grossos e calejados fecharem ao redor dos meus.

— Sim, — eu rio. — Eu sei.

Ele sorri de volta para mim, ruga tímida e amigável nos cantos dos olhos. — Bem, parece que nunca me dá uma mesa boa, — diz ele.

— Você pode ganhar uma mimosa grátis no Sweet Maple, — eu digo. — Meu chefe é um grande fã seu.

— Sim? Deixe-me adivinhar, ele tem quarenta anos e está careca? — Alastor diz ironicamente.

— Sessenta e careca, — eu confirmo.

— Eu nunca sou o favorito daqueles que eu gostaria de impressionar, — diz Alastor, inclinando-se contra a mesa do bufê para que seu antebraço musculoso faça um breve contato com meu quadril. Ele não quebrou o contato visual.

— Não acredito nisso por um segundo, — eu digo.

— Oh, não? — Agora ele está se inclinando ainda mais. — O que eu teria que fazer para...

Nesse momento, Erin se insere nitidamente entre nós, fingindo não notar Alastor, dizendo alegremente: — Aí está você! Achei que não ia conseguir?

Ela me dá um cutucão escondido com o cotovelo.

— Esta é minha colega de quarto, Erin, — digo a Alastor.

— Certo – nos conhecemos na exposição, — diz Alastor. Ele ainda está sorrindo, mas acho que vejo um lampejo de irritação em seu rosto.

Erin não percebe, provavelmente porque ela não está acostumada com homens iludindo seus avanços. Seu sorriso sonolento e corpo sedutor têm um registro quase perfeito de atrair sua presa.

— Você me ofereceu um tour pelo seu estúdio, — Erin diz, olhando para Alastor por baixo de seus longos cílios. — Mas nunca trocamos números...

— Eu tenho que fazer xixi, — eu digo, escapando deles.

Eu não precisava do cotovelo de Erin nas costelas para me lembrar que ela tem direito a Alastor. Eu não precisaria disso de qualquer maneira — nunca namorei ninguém famoso e bem-sucedido, e provavelmente não estou segura o suficiente para lidar com isso. Não que Alastor pareça gostar muito de namorar.

Para o que ele quer, tenho certeza que Erin será suficiente tão bem quanto eu – provavelmente melhor. Eu gosto de sexo, mas não sou muito boa nisso. Eu me irrita muito facilmente. Se um cara come uma fatia de pizza e depois tenta me beijar, se ele faz um som de clique quando engole, se uma unha arranha minha pele, se ele sequer pensa em beijar minhas orelhas, minha boceta se fecha como uma armadilha para ursos.

Ando pelo resto das galerias, tentando recapturar aquele sentimento transcendente que experimentei ao olhar para o trabalho de Blackwell. Nada mais me atinge com tanta força, então dou a volta para dar outra olhada.

O pequeno cartaz diz, *Ego Frágil*.

Eu me pergunto o que isso significa. O trabalho de Blackwell raramente é auto-referencial.

Converso com algumas outras pessoas que conheço antes de me esgueirar pelos fundos da galeria para dar uma tragada no cigarro vape de Frank.

Está começando a chover de novo, uma garoa leve que mal nos molha mais do que a neblina habitual. As gotículas se condensam nos cachos apertados de Frank como pequenas pedras preciosas, e a fumaça se enrosca em seu rosto a cada exalação até ele parecer Zeus com uma barba feita de nuvens.

— Eu gostaria de ter minha câmera, — eu rio. — Você está incrível agora.

— Você está chapada, — Frank ri de volta para mim. — Eu pareço uma merda a semana toda.

O namorado de Frank terminou com ele. Ele está infeliz desde então.

— Você quer outra tragada? — ele pergunta, segurando o vape.

— Nah, — eu digo.

A erva me atinge com força. Já posso sentir aquele calor solto trabalhando em meu corpo e meu senso de tempo. Não tenho mais certeza de quanto tempo estamos aqui. Só que o vestido de veludo de Joanna está pesado de umidade.

— Alguns de nós vão pegar bebidas no Zam Zam, — diz Frank.
— Você quer vir?

— Eu tenho que trabalhar cedo, — eu digo.

O turno do brunch de domingo de manhã é insano. Arthur não vai me agradecer se eu me atrasar amanhã.

— Vejo você depois, então, — diz Frank, recostando-se contra a parede de tijolos para dar outra tragada.

Sigo pela rua arborizada, perguntando-me se Erin e Shaw já estão voltando para o estúdio dele. Ou direto para o apartamento dele. Tenho certeza de que ouvirei todos os detalhes sangrentos pela manhã.

O caminho de volta para minha casa não é particularmente bem iluminado.

A bodega da esquina emite um farol de luz brilhante, mas a espessura dos arbustos, as casas altas e as ruas estreitas e sinuosas obscurecem os escassos postes de luz.

Gostaria de colocar meus fones de ouvido enquanto ando, mas acho melhor não, embora eu provavelmente pareça pobre demais para um assalto.

Em vez disso, examino as fachadas das casas pelas quais passo, os arabescos pintados de cores vivas e as molduras de janela bem cuidadas dando lugar à pintura lascada, grades enferrujadas e degraus caídos enquanto me aproximo da minha própria casa em ruínas.

Passos soam atrás de mim.

Com o canto do olho, vejo uma grande massa escura vindo em minha direção.

Mal tenho tempo de me virar antes de ser atingida na parte de trás do crânio.



Acordo no porta-malas de um carro.

Posso dizer que é um porta-malas pela vibração do motor, pelo cheiro de gasolina e pela guinada centrífuga que me pressiona contra a roda do pneu quando o veículo faz uma curva fechada à esquerda.

Não consigo ver nada por causa do saco na minha cabeça.

O tecido grosso e preto pressiona meu rosto, sugando minhas narinas a cada respiração em pânico. Balanço minha cabeça descontroladamente, tentando jogá-lo fora, mas está preso no meu pescoço. Fita cobre minha boca com tanta força que não consigo nem abrir meus lábios.

Meus braços estão amarrados atrás das costas com algum material fino e plástico — lacres? Meus tornozelos estão amarrados da mesma maneira, meus joelhos dobrados, os dois pontos de contato torcidos juntos em uma amarração, então não posso nem chutar.

A posição é excruciante. Meus dedos das mãos e dos pés estão tão dormentes que, por um momento, tenho medo de que não estejam mais presos.

Não consigo ar suficiente. O capô sufocante, o porta-malas selado, a fita, a fumaça da gasolina... Estou ofegando cada vez mais rápido pelas narinas, a cabeça zozna. Meu estômago dá uma guinada, e eu sei que, aconteça o que acontecer, absolutamente não posso me permitir vomitar. Com a fita na boca, vou aspirar o vômito.

Tudo em mim quer gritar, mas luto contra esse desejo com a mesma força. Não quero que esse filho da puta saiba que estou acordada.

Minha cabeça está latejando. Tenho certeza de que se pudesse alcançar e sentir a parte de trás do meu crânio, encontraria um caroço do tamanho de uma bola de beisebol.

Onde ele está me levando?

Quem diabos é esse?

Não me incomodo em me perguntar o que ele vai fazer comigo. Já estou no limite da histeria — não quero passar do limite com visões do que esse psicopata planejou.

Tenho que sair do porta-malas. Uma queda de um carro em movimento é a menor das minhas preocupações agora.

Eu me contorço, sentindo o trinco escondido que deveria estar dentro de cada porta-malas. Meus dedos dormentes mal conseguem diferenciar entre o material áspero do forro e a tampa de metal.

Eu quero chorar. Quero gritar. Quero vomitar.

Esses impulsos circulam repetidamente, cada um mais difícil de esmagar do que o anterior.

O carro desacelera e minha frequência cardíaca dispara.

Não não não não não!

Eu não quero chegar onde estamos indo.

Procuro loucamente o trinco, ainda não encontrando nada.

O carro rola até uma parada suave.

ONDE ESTÁ A PORRA DA TRAVA!

Ouçó o motor sendo desligado e a porta do lado do motorista se abrindo.

Tarde demais.

Passos circundam o veículo — lentos e bem espaçados.

Lutando contra cada impulso dentro de mim, fiquei perfeitamente imóvel dentro do porta-malas. Quero que ele pense que ainda estou inconsciente.

É preciso tudo o que tenho para não vacilar ou lutar quando ele coloca os braços sob meu corpo e me levanta.

É só quando o ar frio atinge minha carne que percebo que estou nua — ou, pelo menos, parcialmente nua. Meus seios estão definitivamente nus.

A sensação de violação é quase suficiente para me fazer rachar. Para não falar da agonia de ser carregada nessa posição contorcida.

Ele caminha no mesmo ritmo constante e medido.

Posso sentir seu coração batendo contra meu ombro, como uma criatura dentro de seu peito, pulsando e inchando. Eu odeio a sensação íntima disso batendo longe. Odeio ainda mais seu hálito azedo contra minha carne nua.

Não vomite. Não vomite, porra.

Eu não posso dizer quanto tempo ele está andando.

Estou rezando para que ele me coloque em algum lugar, talvez ao lado de uma pedra bonita e conveniente que eu possa usar para quebrar esses laços.

Meus planos são impossivelmente fracos, eu sei disso, mas meu cérebro confuso não consegue pensar em nada melhor. Minha cabeça parece que está dividida atrás, cada um de seus passos enviando outro raio de dor através do meu crânio.

Isso não pode estar acontecendo. É surreal demais. Não posso ser uma daquelas garotas estupradas e assassinadas na floresta. Nunca aconteceu nada excepcional comigo. A ironia de que esta poderia ser minha única reivindicação à fama é demais para suportar.

Sem aviso, ele me joga no chão.

Eu caio como um saco de batatas, incapaz de levantar as mãos para me proteger, o queixo batendo contra a terra. O ar sai dos meus pulmões e sinto gosto de sangue na boca.

— Eu sei que você está acordada, — diz uma voz masculina.

A voz é totalmente plana. A falta de emoção faz com que pareça quase robótico. Eu não posso dizer quantos anos ele tem, ou se há algum indício de sotaque.

Não posso responder por causa da fita na minha boca. Também não consigo vê-lo — o capuz é tão grosso que nenhuma luz passa. Eu sei que estamos ao ar livre pelo som de seus sapatos no chão áspero, e a sujeira sob minha pele nua. Mas não faço ideia se ainda estamos na cidade ou a horas da civilização.

Eu o ouço agachar ao meu lado, os joelhos estalando.

— Fique quieta, — ele rosna.

Sinto sua mão no meu seio direito nu e uivo contra a fita, o som abafado e preso dentro da minha boca.

Uma dor incandescente atravessa meu mamilo. Estou engasgando e gritando, pensando que ele o cortou.

— Ah, cale a boca, — diz ele. — Não é tão ruim.

Antes que eu possa respirar, ele agarra meu seio esquerdo. A mesma dor o atravessa, e desta vez eu entendo que estou sendo perfurada, não cortada. Este filho da puta colocou anéis nos meus mamilos.

Meus seios estão pegando fogo, o metal frio fixo no lugar, não importa o quanto eu me contorça. É muito pior que não consigo ver o que ele fez, só posso imaginar.

— Pronto, — a voz plana diz. — Muito melhor.

Eu tentei tanto manter o controle.

Está tudo se estilhaçando.

Estou rolando e torcendo contra os laços, debatendo-me impotente, uivando contra a fita. Estou furiosa, gritando, embora quase nenhum som vaze. O capuz está molhado de lágrimas.

Ele está ali parado me observando, do jeito que você vê um verme se contorcendo. Eu não posso ver, mas sei que é verdade.

Se eu pudesse ver seu rosto, não encontraria lá nenhuma piedade. Nenhum indício de humanidade.

Grito mais forte, bato mais forte, sabendo que é tudo por nada.
Não posso fazer nada para me ajudar.

Estou prestes a morrer, e não há nada que eu possa fazer para impedir isso.

Minha vida tem sido um desastre às vezes, mas eu queria mantê-la. Sempre acreditei que ia melhorar.

Acho que eu estava errada.

— Só mais uma coisa, — diz o homem, virando-me de lado, sua mão pesada segurando meu ombro.

— GRAHHHHHH! — Eu grito contra a fita.

Um corte vicioso queima em cada braço quando ele corta meus pulsos.

3

COLE

Demora várias semanas para os rumores do desaparecimento de Carl Danvers começarem a girar em torno do mundo da arte.

Tenho certeza de que o escritório do Siren informou que ele não chegou ao trabalho.

Talvez os policiais até tenham visitado seu pretensioso apartamento em Pacific Heights. Eles não vão encontrar nada lá.

Já ouvi rumores de que ele estava profundamente endividado, deprimido, que uma vez fez uma piada sobre se jogar de uma ponte.

Ninguém está dizendo a palavra *morto*.

Essa é a coisa sobre assassinato: sem corpo, sem crime.

É diabolicamente difícil provar que alguém está morto se simplesmente desaparecer.

Fiz todos os vestígios de Danvers desaparecerem.

O último dele reside na lixeira industrial que trouxe para a mina. Mergulhei tudo em alvejante. Não apenas qualquer alvejante — detergente produtor de oxigênio altamente concentrado. Isso faz

com que a hemoglobina se degrade, destruindo a capacidade de coletar DNA.

Larguei a lixeira em um poço de 90 metros de profundidade, escondida dentro de uma caverna. Existem 47.000 minas abandonadas na Califórnia, noventa e seis apenas na área da baía.

Duvido que meu depósito de lixo seja descoberto. Se for, os restos que depositei dificilmente serão identificados e impossíveis de ligar para mim.

Os ossos dentro do *Ego Frágil* são, é claro, uma história diferente.

Criar a escultura foi uma ação de flagrante incompatibilidade. Aceitar a oferta de compra esta noite foi ainda mais arrogante.

Mas não há arte sem sacrifício, sem risco.

O fato de os ossos de Danvers serem exibidos no saguão de uma empresa de tecnologia me dá um prazer ainda maior do que remover sua existência irritante da minha vida.

Eu me senti profundamente tranquilo enquanto a lixeira desaparecia no poço.

Estou vazio, limpo, pronto para descansar.

A noite está nublada e fria. Eu nunca vi outra alma dentro de uma dúzia de milhas deste lugar. O chão nu parece azul e encharcado de tinta, como um planeta alienígena.

Não é estranho para mim. Conheço cada metro de chão, e é por isso que o embrulho depositado no caminho me chama a atenção como um letreiro de néon flamejante.

Não havia nenhum pacote quando eu andava por aqui antes. Nenhum carro estacionado em qualquer lugar ao longo da estrada que leva à trilha.

Instantaneamente meus olhos se dilatam, minhas narinas se abrem. Escuto o menor som de movimento, de alguém por perto. Cada folha de grama, cada pedrinha, destaca-se em detalhes agudos.

A única coisa que vejo é o pacote em si.

Não é um pacote, mas uma menina, contorcida e amarrada.

Posso sentir o cheiro de seu sangue acobreado no ar úmido.

Eu sei imediatamente quem a deixou aqui: Alastor-fucking-Shaw.

A fúria me consome como uma pira.

Como ele ousa me seguir aqui.

Ele cruzou uma linha séria entre nós, invadindo meu terreno, interrompendo meu processo.

Ele vai pagar por isso.

O fato de ele ter deixado uma mulher para trás me irrita ainda mais. Eu sei exatamente o que ele está fazendo.

Eu me aproximo, esperando encontrá-la já morta.

Em vez disso, quando ela ouve meus passos se aproximando, ela vira a cabeça.

Vejo a faixa prateada da fita sobre sua boca, acima da qual um par de olhos arregalados procura freneticamente antes de se fixar no meu rosto.

Eu a reconheço.

É a garota da exposição. A que Alastor pensou ter despertado meu interesse.

Ela não está usando um vestido agora. Alastor a tem embrulhada em uma roupa ridícula de S&M, todas as tiras de couro e ilhós de aço. Ele forçou seus pés em sapatos muito pequenos. O arnês de couro envolve seus seios sem cobri-los. Um brilho em seus seios nus me diz que ele até perfurou seus mamilos, a menos que ela já tivesse aqueles anéis.

A garota se contorce contra a amarra brutal, suas costas dolorosamente arqueadas, as amarras cortando sua carne inchada. Ela não está mais lutando muito. A razão é clara: Alastor cortou seus pulsos, deixando-a sangrando no chão frio.

Está funcionando. A terra está encharcada e escura. Aposto que o solo estaria quente ao toque se eu colocasse minha palma sobre ele.

Suas lutas lançam salpicos de sangue arroxeados em sua pele pálida. Os padrões não são muito diferentes dos que ela fez em seu vestido com vinho – lindos ao luar.

Seu corpo, mais magro do que eu gosto, parece muito mais sensualmente curvado com seus seios nus empurrados para frente e seus braços puxados para trás. Sua vulnerabilidade me oprime – um presente, embrulhado em fita e colocado diante de mim. Terno e delicado. Com tanta dor...

A garota faz sons suplicantes fracos por trás da fita.

Ela está implorando por ajuda... da única pessoa que não vai dar a ela.

Eu vejo a confusão em seus olhos.

Então, enquanto fico lá assistindo, as mãos enfiadas nos bolsos... profunda decepção.

Eu sei o que Alastor está tentando fazer.

Eu o cortei muito fundo quando o insultei, quando o chamei de indisciplinado. Ele está tentando me humilhar em troca. Tentando provar que não sou melhor.

Ele sabe que sua luxúria o enfraquece. Ele acha que essa garota vai me tentar da mesma maneira.

Eu não mato por impulso. Eu preparo minha localização. E nunca perco o controle.

Ele espera que eu quebre todas as três regras.

Admito, essa garota é cem vezes mais atraente para mim neste momento do que ela era no evento. Ela parece delicada e luminosa, sua carne tão tenra que machucaria ao menor toque. As linhas limpas de seus membros nus, retorcidos e amarrados, clamam por um rearranjo...

Eu nunca matei uma mulher. Assumi que iria em algum momento, mas não uma garota magra, e não em algum frenesi de foder e esfaquear como aquele ghoul Shaw.

Eu nem mesmo torturo meus súditos assim. A preparação meticulosa sempre foi as preliminares para mim.

Agora um fluxo infinito de possibilidades passa pela minha mente, como uma nova porta que acaba de ser aberta dentro do meu cérebro.

O que eu poderia fazer com ela...

O que eu poderia fazê-la sentir...

O sangue corre pelas minhas veias, cada nervo despertando para a vida.

Por um momento, o plano de Alastor dá certo. Estou tentado...

Então eu bato aquela porta fechada.

Não vou matar essa garota.

Mesmo se eu a despachasse da maneira mais desapaixonada possível, ainda criaria um vínculo perverso entre Alastor e eu, algo que eu sempre recusei.

Não vou dar a Alastor o que ele quer. Não depois que ele se intrometeu no meu espaço sagrado.

Ele será punido, não recompensado.

O que deixa apenas duas opções.

Eu poderia bancar o herói, salvar a garota.

Isso causaria todos os tipos de complicações indesejadas. Ela viu meu rosto — e quem sabe o que viu de Shaw. Ela poderia levar os policiais de volta para cá.

A outra opção é simplesmente... passar direto.

Alastor a cortou profundamente, e a noite está fria. Estamos a milhas da civilização. Ela vai sangrar até a morte no caminho. Então cabe a Alastor recolher seu próprio lixo.

Não gosto de pontas soltas. Se alguém encontrar o corpo dela, se a polícia vier bisbilhotar, estamos a apenas um quilômetro e meio do meu depósito de lixo.

Mas a mina está bem escondida, não está marcada em nenhum mapa.

A única maneira de ganhar este jogo em particular é se recusar a jogar. Isso é o que mais enfurecerá Shaw.

Então dou uma última olhada no corpo lindamente torturado da garota.

E passo por cima dela e sigo meu caminho.

Smells Like Teen Spirit⁶ - Malia J

Fiquei no chão, meu corpo inteiro latejando, queimando, cortado e machucado. Algumas das dores explodem em agonia aguda — minha mandíbula está particularmente dolorida por causa da colisão com o chão. O resto de mim parece tão pesado que eu poderia muito bem estar presa dentro de um traje de cimento. Estou sobrecarregada, comprimida por isso. Pela primeira vez em minha vida, entendo por que pode ser um alívio permitir que a alma escape do corpo. A dor supera o meu medo.

Sei que estou sangrando pelos pulsos, mas mal consigo sentir, e isso me assusta mais do que tudo.

Estou ficando cada vez mais fria.

Ouçó passos vindo pelo caminho e eu enrijeço, pensando que esse maldito psicopata voltou. Ele fingiu sair só para foder comigo.

Mas há algo diferente no passo.

⁶ Cheira a espírito adolescente.

O homem que me trouxe aqui andava pesadamente. Esses passos são tão leves, tão sutis, que por um momento acho que os estou imaginando. A esperança vibra no meu peito, pensando que pode ser outra pessoa, talvez até uma mulher...

Então me viro e vejo a própria morte vir me reclamar.

O homem é alto, magro e moreno.

Ele está vestindo um terno preto, perfeitamente adaptado, incongruente neste lugar estéril. Ele se destaca nitidamente contra a carne pálida de sua garganta e mãos. Seu cabelo preto, grosso e lustroso, emoldura o rosto mais bonito que já vi.

Um artista está sempre olhando para proporções e proporções.

Seus olhos escuros e amendoados, as linhas retas de suas sobrancelhas, a linha de seu nariz, as maçãs do rosto salientes e a mandíbula fina, tudo aliviado pela curva impecável de seus lábios – nunca vi um equilíbrio tão perfeito.

É tão surreal, acho que devo estar alucinando.

Especialmente quando ele para e fica em cima de mim, olhando para baixo.

Nunca vi tanta frieza em um rosto humano.

Seus olhos vagam sobre mim, absorvendo cada detalhe.

Suas feições estão imóveis. Nenhum lampejo de simpatia.

Ainda assim, a parte mais desesperada de mim, a parte que se recusa a acreditar no que está acontecendo, me faz choramingar

atrás da fita, implorando por misericórdia, implorando para ele ajudar.

Eu não sei se este é o homem que me trouxe aqui ou não. Parece impossível que dois estranhos diferentes possam estar andando neste trecho deserto de floresta, mas estou confusa pelo jeito que ele me examina.

Se é outra pessoa, por que não me ajuda?

Eu grito por trás da fita, minha garganta em carne viva, o som ecoando na minha boca.

Olho para ele, confusa, furiosa.

Ele apenas olha.

Então passa por cima de mim como se eu fosse um saco de lixo solto na estrada. E vai embora, porra.

Eu uivo atrás dele, estrangulada, enfurecida.

Este é o momento em que quase desisto.

Meu cérebro não consegue entender o que está acontecendo e meu corpo está exausto, drenando no chão gelado. Estou tão cansada. Minhas pálpebras estão incrivelmente pesadas, meus pensamentos girando e quebrando como gema perfurada.

Balancei minha cabeça com força, acordando-me com a dor na minha mandíbula.

Eu não vou morrer aqui.

Não consigo mais sentir minhas mãos, mas sei que estão cobertas de sangue.

O sangue é escorregadio.

Começo a torcer meus pulsos, puxando e puxando, tentando soltar minhas mãos das amarras de plástico.

Os cortes no meu pulso queimam em agonia, crus e ardentes. Começo a sangrar mais forte, o que é bom e muito, muito ruim. Minha cabeça está girando, estou ficando mais fraca a cada momento. No lado positivo, posso sentir o calor em minhas mãos, posso sentir meu pulso direito girando, a articulação do polegar se comprimindo enquanto minha mão começa a se soltar.

Eu puxo impiedosamente, meu ombro gritando para mim, e meu polegar também.

Sempre fui magra, de ossos pequenos. Minha mão é um pouco maior que meu pulso. Lentamente, agonizantemente, a mão direita se solta.

Eu soluço de alívio por trás da fita.

Agora posso usar minha mão direita para ajudar com a esquerda.

Este lacre é mais apertado. Demora ainda mais do que o primeiro — tanto puxando e cavando com os dedos dormentes que estou chorando muito antes de terminar.

O alívio de soltar ambas as mãos, de endireitar minhas costas de sua horrível posição arqueada, é quase esmagador. O pouco sangue que me resta escorre pelos meus braços, tornando minhas mãos mais pesadas e opacas do que nunca, enquanto pulsos elétricos afiados passam pelas pontas dos meus dedos.

Puxo a fita do meu rosto, ofegando o ar fresco da noite, frio como água na minha boca.

Eu quero gritar com todas as minhas forças, mas tento calar a boca em vez disso. Quem sabe onde meu sequestrador está agora, ele ainda pode estar perto. Ele pode estar me observando.

Olho em volta descontroladamente, paranóica de que vou ver aquela estrutura enorme se aproximando de mim mais uma vez.

Não vejo nada. Apenas terra nua e a linha das árvores atrás de mim.

Preciso libertar meus pés.

Arranco os estúpidos sapatos de stripper, então procuro uma pedra com uma ponta afiada. Tento cortar os laços em volta dos tornozelos, mas a pedra está escorregadia em minha mão, e só consigo acertar minha canela, arrancando um pedaço de carne.

Cerrando os dentes, pego a odiosa fita adesiva e a uso para enrolar meu pulso esquerdo, que está sangrando mais.

Porra, não sei quanto tempo me resta. Minha visão embaça toda vez que mexo a cabeça.

Limpo as palmas das mãos nas coxas nuas, deixando listras escuras, depois tento novamente. Desta vez passei através dos laços. Empurrando para fora da sujeira, tento ficar de pé.

Minhas pernas estão completamente adormecidas, dormentes como se fossem feitas de massa de vidraceiro. Eu desmorono e caio com força no chão, faíscas agonizantes subindo e descendo pelos meus membros.

Soluçando baixinho, massagueio a vida de volta às minhas pernas.

Eu não vou morrer aqui. Não mesmo.

Quando consigo sentir meus pés mais uma vez, pelo menos um pouco, eu me empurro para cima. Balançando como uma girafa recém-nascida, consigo me levantar.

Então começo a correr.

Estou tropeçando e cambaleando, o chão áspero cortando as solas inchadas dos meus pés.

O chão se inclina abaixo de mim como o convés de um navio.

Cada passo sacode meu corpo, sacode minha mandíbula, sacode meu cérebro dentro do meu crânio. Sangue escorre do meu pulso direito. Eu aperto minha mão imunda sobre a ferida enquanto corro.

Não sei até onde terei que ir.

Uma voz fria na minha cabeça sussurra, *Se for mais de uma milha, você não vai conseguir. Você pode não chegar longe. Você vai desmaiar a qualquer segundo.*

— Cala a boca, — murmuro em voz alta. — Vou correr a noite toda se for preciso.

Racionalmente, sei que isso é impossível. Estou literalmente às portas da morte. Manchas pretas florescem na frente dos meus olhos, desaparecendo apenas quando eu pressiono meu próprio pulso com força, contando com a dor para me acordar repetidamente.

Duas vezes eu caio, e na segunda quase não me levanto. O chão parece macio e macio, minha mandíbula não está mais doendo. Uma sonolência quente me tranquiliza. Ele sussurra, *Fique aqui e descanse um pouco. Você pode se levantar novamente depois de dormir.*

Dormir significa morrer. Essa é a única coisa que eu sei com certeza.

Com um soluço estrangulado, eu me forço a me levantar novamente.

Eu me viro. Não tenho certeza de qual direção é para a frente e qual é o caminho por onde vim.

Dou dois passos, cambaleando e confusa, quase perdendo uma mancha escura na lateral do caminho. Sangue. Meu sangue. Deixei um rastro como Hansel e Gretel⁷, marcando o caminho que vim. Só que não tenho intenção de segui-lo de volta.

Dando risadinhas histéricas, eu me viro, dando uma reviravolta mais uma vez.

Desta vez, a voz que fala comigo é cristalina no ar da noite, tão viva como se ela estivesse falando diretamente no meu ouvido.

Eu disse que isso iria acontecer.

Paro e vomito perto do caminho. Não tenho muito no estômago — o que sai é fino e amarelado, queimando como ácido.

Minha mãe muitas vezes tem esse efeito em mim.

⁷ “João e Maria” para nós, o conto de fadas.

Você sai vestida assim, o que você achou que ia acontecer?

Eu me dou um tapa na cara, forte o suficiente para fazer meus ouvidos zumbirem.

— Sério, — eu murmuro. — Foda-se.

Há um interlúdio agradável em que ouço apenas minha própria respiração irregular e a brisa noturna farfalhando as árvores.

Então, naquele tom doentiamente suave, sempre tão razoável, mesmo que as palavras que saem de sua boca sejam a própria definição de insanidade, ela diz: *Provavelmente é o melhor. Era apenas uma questão de tempo para uma garota como você...*

— FODA-SE! — Eu grito, assustando um pássaro, fazendo-o saltar de um álamo tremedor, desaparecendo no céu escuro, batendo as asas como um morcego.

Meu coração bate dolorosamente contra meu peito. As batidas não são constantes. Ele aperta com força três vezes e então parece pular várias batidas enquanto eu suspiro e cambaleio no lugar.

As manchas pretas estão por toda parte agora. Elas não desaparecem enquanto eu pisco.

Ela está certa, eu me visto como uma prostituta. Eu nunca me cuidei. Provavelmente terei um final ruim.

Mas tem outra coisa que minha mãe sempre dizia sobre mim:

Eu sou uma filha da puta teimosa.

E não aceito conselhos de ninguém, muito menos dela.

Pela última vez, começo a correr.

O som que ouço em seguida é fraco, mas inconfundível: uma corrida rápida que aumenta e recua a 100 quilômetros por hora. Um carro na estrada à frente.

O caminho se alarga, descendo abruptamente. Não consigo mais sentir nada sob meus pés. Eu mal posso dizer quando o caminho se conecta com uma estrada real.

Saio no asfalto preto liso, listrado no meio com uma única linha amarela.

Fico naquela linha, observando os faróis vindos de qualquer direção.

Estou ofegante e cambaleando, meu coração agora pulando a cada segunda batida. Cada vez que isso acontece, sinto uma pressão no peito, os pontos pretos inchando e se expandindo pela minha visão.

Ouçó um motor distante. Uma luz branca corre em minha direção, gradualmente se separando em dois faróis.

Eu estou bem na frente do carro, acenando com os braços, rezando a Deus para que ele pare antes de me atingir.

Eu assisto as manchetes locais por várias semanas, esperando por notícias do corpo de uma garota encontrado na floresta, ou qualquer desenvolvimento com Carl Danvers.

Ele não tem família local, e uma grande quantidade de esforço policial é impulsionada por resmungos. Os policiais estão espalhados por causa dos protestos que eclodem por toda a cidade. Sem nenhuma parte interessada pedindo uma resposta, parece que o SFPD está feliz em deixar o arquivo sobre o desaparecimento de algum crítico de arte menor definhando no fundo da pilha.

Fugir de um assassinato é muito fácil.

Apenas 63% dos homicídios são resolvidos nas melhores circunstâncias – e isso inclui os casos em que o criminoso idiota está literalmente segurando a arma fumegante. Existem pouquíssimos detetives geniais, apesar do que as redes de televisão querem que você acredite.

Matei quatorze pessoas e ainda não recebi uma única batida na minha porta.

Uma menina bonita é uma história diferente – a mídia adora sensacionalizar o trabalho de Alastor. Eles o chamam de Besta da

Baía pela maneira como ele bate em suas vítimas e até arranca pedaços de sua carne.

Ele chama muita atenção para si mesmo.

Se a garota fosse encontrada, seu caso estaria ligado aos sete que ele matou nos últimos três anos. Ele as deixa a céu aberto, proclamando o que fez.

Não gosto de pontas soltas.

Espero que ele tenha limpado sua bagunça.

Ele provavelmente não, aquele pedaço de merda imprudente.

Eu não vou voltar para verificar. Eu não vou chegar perto da mina no futuro próximo, ou possivelmente nunca mais. Isso é o que mais me irrita - a perda de um local de descarte conveniente que demorei muito para encontrar.

Shaw jogou uma chave inglesa com sucesso no meu processo.

Eu pondero a melhor forma de lidar com ele.

Eu poderia simplesmente matá-lo.

Ele tem sido um espinho no meu lado por muito tempo. Ele sabe muito sobre mim, e seu comportamento descuidado nos coloca em risco.

No entanto, Shaw não é um crítico de arte alheio, facilmente atraído e facilmente descartado. Ele é um predador, já está em guarda porque espera retaliação.

Além disso, matar dentro do meu círculo pessoal adiciona um elemento de risco. Mesmo Alastor não é estúpido o suficiente para

caçar no mundo da arte. Ele nunca mata mulheres com quem namorou publicamente.

Nossa suposta rivalidade é tão bem divulgada que o desaparecimento de Alastor lançaria um holofote em minha direção, traçando paralelos indesejados com Danvers.

Em vez disso, decido invadir o apartamento de Shaw.

Ele invadiu meu espaço — retribuo o favor visitando sua cobertura na rua Balboa.

Desativei seu sistema de segurança, mas assim que entro em sua sala de estar, localizo a câmera escondida no mostrador de seu relógio, sem dúvida enviando um alerta de movimento para seu telefone, além de imagens minhas passeando por seu espaço, escolhendo insolentemente levantando suas bugigangas e folheando seus livros.

Eu manuseio seus pertences, colocando-os em lugares diferentes, sabendo que isso vai enfurecê-lo.

A cobertura é luxuosa exatamente do jeito que eu esperaria de Alastor. As janelas do chão ao teto oferecem uma vista de cartão postal da Golden Gate Bridge e da água plana e escura da baía.

As paredes estão decoradas com gravuras maciças da própria arte de Alastor. As telas aparecem em tons de fúcsia, canário e violeta. Shaw não pode ficar com os originais porque tem que vendê-los para pagar seus brinquedos. Ele é filho de um professor e de um encanador, algo que ele fala com orgulho em entrevistas quando finge ser o sal da terra. Na verdade, ele odeia ter sido de classe média. Ele é extremamente sensível aos carros que dirige, aos relógios que usa, aos restaurantes que frequenta, para o caso de se trair.

Sua mobília de design é exageradamente caricatural – vejo várias cadeiras Wiggle serpentinas e uma luminária Magistretti que parece um cogumelo cromado. Seu sofá é um ursinho de goma escarlate gigante.

Uma Harley reluzente estaciona contra a parede oposta, uma guitarra elétrica colocada em um suporte ao lado da moto.

Duvido muito que Shaw toque guitarra.

Tudo é uma performance com ele. Tudo é para mostrar.

Este apartamento grita *artista excêntrico* porque é assim que ele adoraria ser percebido.

Abro uma garrafa de merlot e me sirvo de um copo.

Uma chave arranha a fechadura vinte minutos depois.

O passo pesado de Shaw atravessa o espaço aberto entre a cozinha e a sala de estar.

Estou sentado na cabeceira de sua mesa de jantar, bebendo o vinho.

— Olá, Cole, — ele diz.

Ele está muito zangado, embora esteja tentando não demonstrar. Há um aperto em seus lábios, um rubor em sua pele.

— Olá, Shaw. Tome uma bebida.

Sirvo-lhe uma taça de seu próprio vinho.

Sua mão se contorce quando ele a pega.

A tensão é espessa entre nós. Nós nunca estivemos sozinhos juntos. Eu só falei com ele em eventos formais.

— Isso é aconchegante, — diz Alastor.

— Eu estava admirando sua visão. Minha casa é logo ali...

Eu aceno em direção à minha própria mansão, empoleirada no cume diretamente acima da baía, claramente visível da janela da sala de estar. Na verdade, ele corta o canto inferior esquerdo da visão do Alastor.

— Eu sei, — diz ele, rangendo os molares.

Tomo outro gole do vinho, espesso e macio.

Shaw faz o mesmo, o vidro ofuscado por sua mão grande demais. Seus ombros de touro se curvam quase até as orelhas. Seus bíceps incham quando ele levanta o braço.

Tenho certeza de que ele está fazendo o mesmo cálculo – sua força contra minha velocidade. Sua brutalidade contra minha astúcia. Não vejo um vencedor claro — um dilema que intriga a nós dois.

Alastor relaxa, seu sorriso se alarga, pequenos fios de vinho entre os dentes.

— Como você aproveitou meu presente? — ele diz.

— Eu não fiz.

Shaw franze a testa, desapontado.

— Que desperdício, — diz ele. — Eu pensei que você faria alguma coisa com esses peitos, pelo menos, muito melhor do que

eu esperava, uma vez que eu os tirasse. Você nunca sabe o que vai encontrar... plana como uma tábua sob um sutiã push-up, ou uma boceta que parece um punhado de rosbife. — Ele ri grosseiramente. — Às vezes, porém... às vezes é melhor do que você esperava. Às vezes é quase perfeito...

— Não é meu tipo, — repito com desdém.

Seu rosto escurece.

— Que porra ela não era. Você fez algo com ela antes de jogá-la no poço.

Hesito por uma fração de segundo, intrigada com as palavras de Shaw.

Eu não coloquei a garota no poço da mina. Eu não a movi. Mas Shaw parece certo de que sim.

Confundindo minha pausa, Shaw ri. — Eu sabia. Diga-me o que você fez com ela.

Eu me levanto da mesa, pousando meu copo.

Shaw é faminto por detalhes, sua língua saindo para umedecer os lábios. — Ela lutou? Ela parecia o tipo lutadora.

— Qual era o nome dela? — Eu pergunto a ele: — Você sabe?

Agora ele está sorrindo, corado de triunfo. Ele realmente acha que me pegou.

— Mara Eldritch, — diz ele.

Alastor se levanta por sua vez, andando pela ilha da cozinha, vasculhando uma gaveta.

Ele pega um pequeno cartão de plástico, jogando-o na ilha para que deslize pelo mármore polido, parando bem na beirada.

— Eu transei com a colega de quarto dela na escada. Roubei a identidade da carteira dela.

Pego a carteira de motorista de uma ruiva voluptuosa com olhos de pálpebras pesadas e um sorriso lânguido. Erin Wahlstrom, Rua Frederick, 468.

— Eu não toquei nela, — Shaw diz, sua voz rouca. — Eu a deixei fresca para você. Tão fresco quanto você pode encontrar uma hoje em dia, quando elas vão chupar e foder qualquer coisa que ande. Você nem precisa mais pagar o jantar para elas.

Seu lábio superior se curva em desgosto, tanto pela promiscuidade das mulheres quanto pela perda do desafio quando a caça se torna muito fácil.

— Por favor, não me diga que você gosta de *virgens*, — eu zombo.

Ele realmente é tão clichê.

— Não, — Shaw ri. — Eu só não quero pegar caranguejos.

Eu coloco a licença de volta no balcão com um som de clique suave.

Não estou mais interessado neste confronto com Shaw. Uma preocupação muito mais urgente exige minha atenção.

Vou em direção à porta, planejando sair sem mais comentários.

Mas posso sentir a satisfação presunçosa de Alastor irradiando nas minhas costas. Sua felicidade me desagrada.

Faço uma pausa na porta, virando-me mais uma vez.

— Você sabe, Alastor, — eu digo. — A maneira como você fala sobre essas mulheres... é exatamente o que sinto por você. Seu gosto é horrível. Ficar neste apartamento me faz sentir que vou pegar herpes da estética.

O sorriso desaparece de seu rosto, deixando uma ausência vaga em seu lugar.

Não é o bastante.

Olhando-o nos olhos, prometo:

— Se estivermos sozinhos em uma sala novamente, apenas um de nós sairá respirando.



Na manhã seguinte, observo a porta da frente da casa de Erin Wahlstrom. Tanta tinta descascou da casa geminada que é difícil dizer se era originalmente azul ou cinza. Um número obscuro de pessoas parece viver lá dentro, como evidenciado pelas luzes que acendem quando os moradores se levantam da cama. Metade das janelas são cobertas por folhas em vez de persianas adequadas ou, em um caso, por um quadrado de papel alumínio.

Depois de um curto intervalo, esses moradores começam a descer os degraus íngremes da frente, alguns usando mochilas ou bolsas de ombro, um carregando uma pasta enorme debaixo do braço.

Vejo a ruiva voluptuosa, dona da carteira de motorista desaparecida. Ela grita algo de volta para dentro da casa antes de descer correndo os degraus, indo na direção do ponto de ônibus.

E então, quando penso que devem ser todos eles, a porta se abre mais uma vez.

Mara Eldritch pisa no patamar.

Estou vendo um fantasma.

Ela estava morrendo, quase morta. Sangrando no chão.

Mas não há como confundir a estrutura esbelta, os longos cabelos escuros, os olhos arregalados. Ela está vestindo um suéter de tricô pesado que cai sobre suas mãos, cobrindo qualquer curativo que possa permanecer em seus braços. Por baixo do suéter, um par de jeans esfarrapados e tênis imundos e surrados.

Alguém a ajudou?

Parece impossível, no meio da noite, no meio do nada.

Como ela fez isso, então?

Eram três milhas até a estrada mais próxima. Ela não podia dar três passos.

Não gosto de mistérios, e definitivamente não gosto de surpresas. Eu a vejo descer as escadas com uma profunda sensação de desconforto.

Eu a sigo pela rua Frederick, mantendo bastante espaço entre nós.

O vento sopra em seu rosto, fazendo seu cabelo dançar em torno de seus ombros, enviando folhas secas caindo contra suas pernas. Quando o mesmo ar me atinge, posso sentir seu perfume, o aroma baixo e quente se misturando com a doçura empoeirada das folhas em decomposição.

Ela está coberta da cabeça aos pés com jeans largos e moletom, não dando nenhuma dica de quão atraente ela parecia nua e amarrada. Por um momento, eu gostaria de ter tirado uma foto no meu telefone. Os detalhes já estão perdendo sua nitidez em minha mente. Estou lutando para lembrar a forma e a cor exata de seus mamilos e a curva de seus quadris.

Como ela está viva?

Alastor não sabe.

Ela não deve ter visto seu rosto, ou ele estaria sentado em uma cela agora. Ela *viu meu rosto*, disse eu tenho certeza. Ou ela esqueceu em seu delírio, ou ela não sabe quem eu sou. Qual é?

Eu tinha tanta certeza de que ela estava morta.

Eu odeio estar errado.

Eu odeio isso ainda mais por quão raramente isso acontece.

Minha raiva queima na garota.

Isso é culpa dela. Sua culpa por desafiar o destino correndo em sua direção.

Chegamos a um café. Ela entra no prédio brevemente, antes de ressurgir vestindo um avental amarrado na cintura, o cabelo preso em um rabo de cavalo. Ela imediatamente começa a servir os convidados nas mesas ao ar livre.

Eu me sento em um café diferente do outro lado da rua, demorando no meu café e torradas para que eu possa observá-la.

Ela é rápida e eficiente, e parece conhecer a maioria dos clientes. Nas pausas entre os cultos, ela faz uma pausa para conversar com aqueles que ela conhece melhor. Em um ponto ela balança a cabeça e ri, o som fluindo sobre o tráfego entre nós.

Fico perplexo que ela esteja de volta ao trabalho. Que ela está conversando e rindo.

Ela está agindo como se nada tivesse acontecido. Como se a noite na floresta fosse um sonho febril. Como se ela soubesse que estou assistindo agora e ela está me provocando.

Isso não pode ser verdade.

Mas estou fixado nela, tentando encontrar evidências do que diabos aconteceu.

6

MARA

Acordei amarrada a uma cama em um hospital em Hollister.

A enfermeira me informou que eu tinha recebido quatro unidades de sangue e que ela não poderia soltar as amarras por vinte e quatro horas, porque essa era a política do hospital após uma tentativa de suicídio.

Eu estava exausta e drogada. Demorou muito mais de vinte e quatro horas antes que eu finalmente tivesse um policial na minha frente, anotando uma declaração.

Eu poderia dizer desde o início que ele não acreditou em uma palavra do que eu disse. As enfermeiras mostraram a ele a roupa que eu estava usando quando entrei, e ele não conseguia entender o conceito de que não era algo que eu pedi na Amazon.

— Eu sei que vocês crianças se metem em alguma merda bizarra, — disse ele, o caderno aberto no joelho, sem nada escrito dentro dele. — O que aconteceu? O cara foi longe demais?

— Bem, ele tentou me matar, — eu rebati. — Então, sim, isso foi um pouco longe para o meu gosto.

O oficial me encarou impassível, as bolsas sob seus olhos profundas o suficiente para guardar punhados de moedas.

— Você está dizendo que ele fez isso? — ele disse, apontando para meus pulsos enfaixados.

Foram necessários quarenta e nove pontos para fechar os cortes.

— Sim, — eu assobieei.

— E aqueles? — Ele apontou a caneta para as outras cicatrizes mais acima do meu braço, acima das bandagens. Barras brancas finas, uma dúzia seguidas. — Ele também faz isso?

Eu estava fervendo de raiva, incandescente com ela. Eu queria arrancar aquela caneta de sua mão e enfiá-la em sua íris.

— Não, — eu disse, com os dentes cerrados. — Ele não fez isso.

— Uh-huh, — disse o oficial Fuckhead. Desta vez ele rabiscou alguma coisa, e naquele momento eu o odiei quase mais do que o homem que me colocou na cama do hospital.

— Então, onde você conheceu esse cara? — o policial me perguntou. — Inflamável?

— EU NÃO CONHECI ELE PORRA! — Eu gritei. — ELE ME SEQUESTROU NA RUA!

O fato de eu nunca ter visto o rosto dele, de não poder descrever nada sobre ele, também soava como besteira. Achei que ele poderia ser alto. Forte o suficiente para me levantar e me carregar.

Quando ele removeu o capuz sobre minha cabeça – quando eu me contorci e lutei e finalmente rolei – ele já tinha ido embora.

A única coisa que eu não disse ao oficial Foda-se foi o que vi em seguida. A figura que veio e ficou em cima de mim. Aquele com o rosto de um anjo e os olhos de um buraco negro.

Eu estava com medo que isso só me faria parecer mais insana.

Eu não tinha certeza se ele era a mesma pessoa que me sequestrou. Certos detalhes não combinavam, embora estivesse tão confuso na minha cabeça que era difícil ter certeza.

Verdade seja dita, eu não tinha certeza se ele existia. A maneira como ele me observou por tanto tempo com aquela curiosidade estranha e fria. A maneira como ele finalmente passou por cima de mim e foi embora, como se tivesse visto tudo o que precisava ver, não fazia nenhum sentido.

Eu já tinha perdido muito sangue. Ouvi minha mãe falando no meu ouvido, pelo amor de Deus.

Não ajudou que o estudante universitário que me pegou estava provavelmente bêbado. Eu o assustei meio fora de sua mente, aparecendo no meio da estrada como uma aparição de um filme de terror. Ele desviou e quase saiu da estrada, o carro dando um giro de 360 graus antes de parar. Eu manquei e abri a porta do passageiro, caindo no banco da frente. Ele mal conseguia olhar para mim enquanto eu sangrava por todo o carro de seus pais. Não que eu estivesse em condições de me importar.

Depois de uma breve e murmurada explicação para as enfermeiras do pronto-socorro, ele acelerou. Quando os policiais o localizaram, tudo o que ele conseguiu dizer foi que me pegou em algum lugar da 101.

Parecia inconcebível para mim que o estado do meu corpo, as marcas profundas em meus pulsos e tornozelos, os cortes em

todos os meus pés, os malditos cortes nos meus braços não fossem provas suficientes.

— ELE PERFUROU MEUS MAMILOS! — Eu uivei para o policial.

O oficial Fuckhead chupou os dentes, um som que me enfurece. Então ele escreveu uma única palavra em seu bloco de notas que provavelmente dizia *Mentiroso*.



Pelo menos Erin estava preocupada comigo.

— Onde diabos você esteve! — ela chorou quando eu tropecei pela porta quatro dias depois. — Eu liguei para o seu telefone um milhão de vezes!

— Eu não tenho mais meu telefone, — eu murmurei, lembrando que era outra coisa que eu teria que substituir.

Dei a ela uma breve e sem emoção descrição do que aconteceu, novamente omitindo qualquer menção a um segundo psicopata.

— Você não pode estar falando sério, — Erin disse, seu lindo rosto amassado, a boca aberta de horror.

Eu sabia que ela estava se sentindo culpada por não ter chamado a polícia ela mesma. Eu não a culpo por isso - não seria a primeira vez que um de nossos colegas de quarto desapareceu em uma bebedeira de quatro dias.

— Sim, é insano, — eu concordei. — Não sei se devo comprar um bilhete de loteria ou tomar cuidado com os relâmpagos.

— Você está bem? — Erin perguntou, estremecendo como se ela soubesse o quão estúpida a pergunta era.

— Sim, — eu respondi, cuidadosamente evitando olhar para as bandagens grossas em volta dos meus pulsos. — Estou bem.

Eu não estava bem, mas aprendi há muito tempo que as únicas opções são fingir ou sucumbir a um colapso completo.

Para mudar de assunto, eu disse: — E você? Como foram as coisas com Shaw?

— Você não quer ouvir sobre isso, — Erin disse, corando.

— Eu realmente quero. Muito mais do que eu quero falar sobre minha noite.

— Bem, — ela disse, tentando esconder seu sorriso, — nós nos encontramos na escada.

— Você fez?

Eu não estava realmente surpresa. Erin é linda e Shaw anda por aí. Era apenas uma questão de tempo até que ela socasse seu bilhete.

— Não durou muito, mas foi muito fodidamente quente, — ela riu.

— Excelente. Bom para você, — eu disse.

As palavras saíram maçantes e sem emoção. Eu estava tentando fingir que nada tinha acontecido, mas era foda com a

minha cabeça estar de volta dentro das paredes do manicômio da casa da cidade, com o cheiro do café queimado de Frank e das tintas a óleo de Joanna. Ela tem o único cômodo da casa grande o suficiente para uma cama e um cavalete.

— Então... você quer ir tomar uma bebida? — Erin disse gentilmente. — Parece que você poderia usar um.

Fomos para o nosso lugar de sempre no Belvedere. Quando tentamos subir ao bar da cobertura, Erin vasculhou sua bolsa, xingando baixinho.

— Ah, porra, — ela disse. — Perdi minha identidade novamente.

— Você provavelmente deixou em Zam Zam, — eu disse. — Não se preocupe com isso, Manny é bartender, ele não vai te dar um cartão.

O bar da cobertura estava cheio de plantas penduradas e luzes de fadas, e tantas pessoas que não conseguimos um lugar e tivemos que ficar no bar. Erin comprou as bebidas porque eu estava muito falida, tendo perdido minha bolsa e celular, com Deus sabe que tipo de conta do hospital vindo em minha direção.

— Obrigada, — eu disse, agradecidamente tomando um gole da mula que ela colocou na minha mão. — Então, você vai vê-lo de novo?

— Quem? — ela perguntou, procurando no meio da multidão por mais alguém que pudéssemos conhecer.

— Shaw.

— Ah, não sei. — Erin deu de ombros. — Eu dei a ele meu número, mas ele não mandou uma mensagem.

Eu bebi minha bebida, pressionando o copo frio contra minha bochecha.

— Tenho certeza que vamos esbarrar nele de novo, — eu disse.



Por várias semanas não consegui dormir no convés.

Estava sufocante dentro do meu quarto no sótão, mas quando arrastei meu colchão para o ar da noite, me senti horivelmente exposta. Cada inseto zumbindo, cada carro distante buzinando, me fez levantar, olhando loucamente ao redor no escuro.

Voltei para dentro, ainda sacudindo cada vez que as paredes rangiam, ou um dos meus colegas de quarto ria muito alto em outro quarto.

Várias vezes acordei gritando porque o quarto estava muito escuro e pensei que estava de volta no porta-malas.

Todo sonho era um pesadelo onde uma voz baixa zombava: — *Eu sei que você está acordada.* — Aquela figura escura correu para mim e eu tentei lutar com ele, chutando e socando, mas minhas mãos estavam muito fracas, frágeis como papel molhado.

Apenas uma vez eu o agarrei, rasgando a máscara sobre seu rosto.

Eu a afastei, esperando ver aquelas feições horríveis e bonitas mais uma vez.

Em vez disso, não vi absolutamente nada: apenas um espaço vazio, vazio, no qual caí, caindo, caindo, caindo...



Depois de um tempo melhorou.

Eu ainda tinha pesadelos, mas durante o dia eu conseguia sorrir e conversar. Bem o suficiente para que as pessoas parassem de me perguntar se eu estava bem.

Voltei a trabalhar na Sweet Maple.

Meu chefe em Zam Zam me demitiu por faltar três turnos, mas ele me contratou de volta quando Erin marchou até lá e gritou com ele, dizendo que ela nunca pararia de deixar comentários de uma estrela no Yelp.

Joanna se ofereceu para cobrir o aluguel para mim, desde que eu promettesse pagá-la de volta. Isso me fez querer chorar tudo de novo. Eu mantive as lágrimas atrás dos meus olhos, quentes e ardentes, enquanto eu a abraçava com força.

As bandagens saíram dos meus pulsos. As duas cicatrizes levantadas, grossas e sinuosas como cobras gêmeas, eram muito feias. Mas como o oficial Fuckhead apontou, eles não são os únicos que eu tenho.

Provavelmente estou me recuperando mais rápido do que a maioria das pessoas.

Estou acostumado a superar coisas que realmente são uma merda.

Eu levo minha perseguição de Mara online.

Como a maioria das pessoas, ela espalhou sua vida por todas as mídias sociais para qualquer um ver – tanto em suas próprias contas quanto nas de seus amigos.

Eles são um grupo artístico, então as fotos que eles compartilham são mais ecléticas do que a média. Eu tenho que percorrer várias máquinas de pipoca em tons de sépia, fotos de pés de pessoas e fotos de paisagens para encontrar algo útil. Assim que o faço, encontro intermináveis retratos de Mara.

Como a maioria dos artistas em dificuldades, eles precisam usar seus próprios conhecidos como modelos.

Mara é popular para esse propósito porque – apesar de não ser tão sexy quanto sua colega de quarto Erin – ela tem aquela estrutura óssea rígida que captura bem no filme.

Seu ar sujo e negligenciado, juntamente com feições afiadas e élficas, dá a ela a aparência de uma mulher Peter Pan, uma coisa selvagem deixada para se defender sozinha.

Passo muito tempo examinando seu rosto.

Os olhos enevoados, inclinados para cima nos cantos externos. O nariz arrebitado, salpicado de sardas. Os lábios carnudos e os dentes afiados.

Ela é um enigma interessante. Vulnerável, mas feroz. Danificado, mas teimoso.

Mara não faz postagens pessoais — nada de dissertações longas e desconexas sobre seus sentimentos íntimos sob uma selfie no espelho, e nenhuma legenda vaga com a intenção de provocar uma enxurrada de comentários implorando por mais detalhes.

Ela não fez menção de sua provação na floresta.

Seus únicos posts recentes são pedidos de espaço no estúdio.

Este é um problema constante em San Francisco para aqueles à mercê de proprietários inconstantes. Eu possuo meu próprio estúdio privado perto de minha casa, e também um bloco de estúdios na Clay Street.

Estou pensando em oferecer um para Mara Eldritch. Quero ver o trabalho dela pessoalmente. E isso tornaria muito mais conveniente observá-la.

Já decidi que Mara e eu inevitavelmente nos cruzaremos — o mundo da arte é pequeno demais para evitar isso.

Pretendo escolher a hora e o local dessa reunião. Controlarei todos os elementos, organizando os jogadores como peças em um tabuleiro de xadrez.

É diferente de mim me fixar em uma mulher assim. Acho a maioria das pessoas terrivelmente chata. Eu nunca conheci

ninguém tão inteligente quanto eu, ou tão talentoso. Outras pessoas são fracas e emocionais — escravas de seus impulsos. Constantemente fazendo promessas que não podem cumprir, mesmo para si mesmos.

Só eu pareço ter o poder de controlar meu próprio destino.

O que eu quero que aconteça, acontece. Faço isso por minha própria astúcia, minha própria determinação.

Todos os outros são vítimas do acaso e das circunstâncias. A regras arbitrárias estabelecidas por pessoas que morreram há cem anos. Para sua própria inépcia patética.

Eu faço o que eu quero. Eu consigo o que quero. Sempre. Toda vez.

Se existe um deus deste mundo, sou eu.

Mas até Zeus achava os mortais interessantes de vez em quando.

Desejo ver Mara novamente, falar com ela. Eu quero manipulá-la e ver como ela reage.

E se eu quiser algo... isso significa que é bom.



Eu invadi o quarto dela mais tarde naquela tarde.

Ela está passeando com meia dúzia de cachorros no Golden Gate Park, algo que geralmente leva várias horas com o processo de embarque e desembarque.

É quase impossível encontrar um ponto do dia em que nenhum de seus colegas de quarto esteja em casa, então não me incomodo em esperar. A casa está tão cheia, com tantas pessoas indo e vindo, que duvido que algum deles perceba alguns rangidos extras de um cômodo que deveria estar vazio.

Ajuda que o quarto de Mara seja no último andar. É fácil escalar a treliça da casa vizinha, descer no deck e forçar a abertura da frágil fechadura da porta de vidro.

O quarto do sótão certamente não é para codificar. O teto é tão baixo que não consigo ficar de pé, mesmo no centro do espaço pontiagudo. A cama de Mara é um colchão futon no chão, suas roupas dobradas em caixotes de leite porque ela não tem armário ou cômoda.

Este é o tipo de espaço apertado e caótico que geralmente me enoja. O ar empoeirado e as pilhas de livros usados ao lado da cama – sem estante para segurá-los – cheiram a pobreza.

A curiosidade afasta minha repulsa. Sou atraído pelas centenas de esboços colados nas paredes inclinadas.

A maioria dos desenhos são estudos de figuras. Ela tem um bom senso de proporção e é hábil em indicar a direção da luz. Talvez porque a maioria dos sujeitos são seus amigos, ela captou um forte senso de personalidade em suas posições, na expressão de seus rostos. A negra alta, Joanna, parece desajeitada, mas satisfeita por ter sido desenhada. O menino com cachos crespos parece estar segurando uma risada.

Sem lugar para sentar, me afundo no patético colchão de Mara. A cama está desfeita, o cobertor em uma pilha amassada.

Folheio vários de seus livros. *Naked Lunch*, *The Virgin Suicides*, *Life After Life*, *Troubled Blood*, *Black Swan Green*, *Lolita*, *Cold Spring Harbor*, *Winter's Bone*, *The Cement Garden*...

Borboleta ao lado da cama está *Drácula*. Eu pego, vendo que ela está desenhada em todas as páginas, marcando passagens e escrevendo notas.

Ela está sublinhada:

Mesmo que ela não seja prejudicada, seu coração pode falhar em tantos e tantos horrores; e a partir de então ela pode sofrer - tanto na vigília, de seus nervos, quanto no sono, de seus sonhos...

Eu sorrio para mim mesma.

A pobre Mara não é imune a pesadelos, não importa o que ela finja durante o dia.

O próximo romance da pilha, *Prometheus Illbound*, e o deixo cair aberto em uma página dobrada. Aqui ela está marcada:

Não amo os homens: amo o que os devora.



Isso realmente me faz rir. Faz tempo que não ri.

Eu coloquei os livros para baixo.

Posso sentir o perfume de Mara em seus lençóis, mais forte do que quando a segui.

Deitei em sua cama, minha cabeça em seu travesseiro. Viro meu rosto para que meu nariz fique pressionado contra seus lençóis amassados e inalo.

Seu perfume é em camadas e complexo. Notas quentes de baunilha, caramelo. Um aroma botânico - tangerina, ou talvez groselha preta. Depois, algo exótico, condimentado - talvez um sabonete de jasmim. Sob isso, o leve cheiro de seu suor, que me excita muito mais do que qualquer um dos outros. Meu pau incha até não estar mais confortável dentro das minhas calças.

Eu gosto da transgressão de deitar em sua cama. Sabendo que ela pode pegar uma dica da minha colônia que está lá esta noite. Isso pode confundi-la ou assustá-la. Ou excitá-la, se minha composição química a chama como a dela me chama.

A ideia de seu coração batendo rápido, de seu surpreendente despertar, procurando em seu quarto por evidências de que outra pessoa estava aqui, me diverte.

Deliberadamente, reorganizo a ordem dos livros ao lado da cama.

Então eu olho através de suas roupas.

Ela usa calcinha de nylon barata, fina e transparente, em tons de preto, cinza e cinza.

A maioria de suas roupas está suja, enfiada em um saco de cordão para ser levada para a lavanderia.

Um único par de cuecas pretas está abandonado ao lado da cama. Presumo que esta seja a calcinha que ela tirou esta manhã.

Levantando-o para o meu rosto, eu inalo o cheiro de sua boceta quente da manhã.

É semelhante ao cheiro de seus lençóis, mas almiscarado.

Meu pau está furioso agora. Eu abro minha calça, permitindo que ele se solte. Eu acaricio suavemente enquanto inspiro o cheiro da boceta de Mara. Eu até coloquei minha língua para fora e saboreei a tira de algodão que se aninhava entre os lábios de sua boceta.

Eu a imagino deitada no chão, bem amarrada, os braços atrás das costas e os seios empurrados para a frente. Seus joelhos foram puxados para trás, sua boceta nua exposta. Eu poderia ter enfiado meu pau nela. Isso é o que Alastor esperava que eu fizesse.

Se eu tivesse cheirado esse perfume, eu teria feito isso.

Eu nunca experimentei nada parecido. É viciante. Quanto mais tempo eu passo neste quarto com seus lençóis, seu frasco de perfume meio vazio, sua roupa suja, mais isso enche meus pulmões, subindo pelo meu sangue.

Quero isso. Fresco da fonte.

Estou empurrando meu pau com mais força, respirando fundo.

Imagino-a amarrada, desta vez de costas com as pernas afastadas. Imagino enterrando meu rosto em sua boceta, empurrando minha língua dentro dela enquanto ela se debate contra as cordas.

Minhas bolas estão fervendo, meu pau latejando a cada batida do coração.

Enrolo a calcinha em volta da cabeça do meu pau e enfio nela, bem contra a virilha. Meu pau entra em erupção, derramando esperma na calcinha de Mara.

Eu uso sua calcinha para pegar até a última gota, apertando-a ao redor da cabeça.

Esse tecido preto acanhado se sente melhor em torno do meu pau do que qualquer boceta real que eu já fodi. Talvez seja a novidade, ou talvez seja a forma como o cheiro dela ainda se apegua aos meus dedos, permanecendo em meus pulmões.

Não é o suficiente. O orgasmo foi rápido, poderoso como um tiro de rifle. Não estou satisfeito.

Eu quero assistir Mara neste espaço. Quero ver como ela anda pelo quarto, como se despe, como se comporta quando pensa que está sozinha.

Olho pela janela dela.

As casas geminadas adjacentes não oferecem nenhuma linha de visão para o quarto de Mara. Mas a casa atrás dela - a georgiana alta com as venezianas pretas - oferece uma vista perfeita de seu próprio sótão.

Mara não tem cortinas nas janelas. Ela está tão no alto, ela se sente tão segura quanto um corvo em seu ninho.

Os corvos esquecem os falcões.

Eu deixo cair a calcinha de volta no chão onde eu a encontrei.

Então eu saio do jeito que vim, já planejando ligar para o meu agente imobiliário.

8

MARA

Quando chego em casa depois de passear com os cachorros, estou atrasada para um encontro com Josh.

Estamos nos vendo de vez em quando há alguns meses. Ele é um fotógrafo que gosta de tirar fotos de prédios reaproveitados. Realmente, ele ganha a maior parte de seu dinheiro fotografando casamentos.

Ele é bonito, decente no sexo e melhor na conversa, embora tenha uma tendência a ser enfadonho. Ele é crítico pra caralho sobre eu ser bartender no Zam Zam porque ele diz que metade dos frequentadores regulares são alcoólatras e eu estou alimentando o vício deles. Não importa que eu *o tenha* conhecido em Zam Zam, e ele dificilmente é abstinência.

Assim como Erin, Josh não percebeu quando eu desapareci por quatro dias. Nós nos encontramos apenas uma vez a cada semana ou duas, ambos ocupados com trabalho e projetos paralelos.

Eu não transei com ele desde o incidente. Eu não fodi ninguém desde então, e não tenho certeza de como vou reagir quando o fizer.

Mesmo que aquele maníaco não tenha me estuprado, eu me sinto tão violada quanto. Não há como comparar trauma, e não

quero tentar. Mas o terror que senti e a dor física não podem estar tão distantes.

Às vezes eu só quero esquecer a coisa toda.

Em outros momentos estou cheio de uma raiva profunda e turbulenta. Eu quero encontrar aquele filho da puta. Eu quero caçá-lo. E quero cortar pedacinhos dele até começar a me sentir melhor.

Isso não vai acontecer, no entanto. Está bem claro que os policiais não estão fazendo merda porque não acreditam no que eu disse a eles. Mesmo que o fizessem, não há testemunhas nem provas. *Eu* nem sou uma boa testemunha.

Além do mais... Não acredito em vingança.

Não é a primeira vez na minha vida que alguém me machuca. Segurar a raiva, fervendo de raiva, só vai me ferver vivo por dentro. Eu aprendi isso da pior maneira.

O que eu poderia fazer, afinal? Tenho 1,55 e 50kg. Eu nunca dei um soco em ninguém na minha vida. Mesmo com uma arma taser e uma pilha de fita adesiva, eu teria dificuldade em subjugar um macho adulto. Não tenho ilusões sobre minha capacidade de lutar, ferir, matar.

É difícil deixar ir, mas é isso que estou tentando fazer. Estou tentando dizer a mim mesmo que estou viva, estou me curando. Enquanto eu ainda estiver respirando, posso seguir em frente. Tudo pode ser superado, exceto a morte.

Mesmo se eu pudesse encontrar aquele idiota, tudo que eu faria é me matar.

Corro para dentro de casa, sabendo que Josh ficará irritado se eu me atrasar novamente.

Joanna passa por mim na escada, também correndo para um encontro com seu namorado de longa data, Paul, enquanto corro os três lances até o meu quarto no sótão.

— Você está linda! — Eu digo a ela.

— Você também! — ela mente.

Eu ri. — Não se preocupe, estou prestes a mudar.

Tiro a roupa, suada de andar de skate no parque com os cachorros. Apesar de estarmos em outubro e o céu estar nublado, estava perto de oitenta graus, abafado e úmido.

Eu considero enxaguar no chuveiro, mas eu realmente não tenho tempo. Em vez disso, puxo um mini vestido preto do armário, junto com um par de botas de camurça.

O brilho de prata no meu peito chama minha atenção. Eu paro por um momento no meio da sala, olhando para o meu próprio corpo nu.

Eu nunca tirei os piercings.

Talvez eu devesse, porque toda vez que eu os vejo, eu me lembro da dor ardente e ofuscante quando aquele psicopata enfiou uma agulha no meu mamilo.

Mas também me lembra que desci aquela maldita montanha, nua e meio morta. Eu sobrevivi. De certa forma, eu roubei esses anéis de prata dele, porque ele pensou que eles adornariam meu cadáver.

Entrando no vestido, procuro uma calcinha limpa. Faz duas semanas desde que eu levei minhas roupas para a lavanderia, e estou em falta. Desesperada e atrasada, pego a calcinha do chão, colocando-a.

— *Que porra é essa*—, murmuro, enquanto a umidade pressiona os lábios da minha boceta.

Enganchando meus polegares em ambos os lados da calcinha, eu a abaixo até o nível do joelho.

Examino a virilha da calcinha, tentando descobrir se fiquei menstruada sem perceber. É difícil dizer sobre o material preto.

Saindo da calcinha, esfrego meu polegar na tira de algodão costurada na virilha. Parece nitidamente escorregadio. Levando meus dedos ao meu rosto, sinto um leve cheiro de alvejante.

Eu deixo cair a calcinha no chão, com o coração acelerado.

Eu sei como gozo cheira.

Não seja ridícula, digo a mim mesma. Você mora nesta casa há dois anos. Ninguém sobe aqui.

Três dos meus colegas de quarto são homens, mas dois deles são gays e o terceiro, Peter, está noivo da minha outra colega de quarto, Carrie. Ele é o único de nós que não é artista, o que significa que é a única pessoa que paga o aluguel em dia. Ele trabalha na Adobe e é tão tímido e de fala mansa que provavelmente só falamos doze palavras nos últimos dois anos.

Claro, o resto dos meus colegas de quarto tem amigos constantemente. É possível que algum babaca tenha vindo aqui e fuçar nas minhas coisas.

Varro a sala, imaginando se notaria se alguma coisa tivesse sido movida.

Minha cópia de *Drácula* ainda está ao lado da cama, aberta no mesmo lugar de antes.

Fora isso... como diabos eu saberia se alguém estivesse aqui?

Meu coração martela contra meu esterno, minhas mãos tremendo enquanto coloco *Drácula* no chão mais uma vez.

Você está sendo paranóica. Então sua calcinha estava molhada. Provavelmente é só... você sabe, alta ou alguma merda.

Eu não quero ser essa pessoa. Pulando nas sombras e pensando que todo mundo quer me pegar.

Não posso viver assim, aterrorizada e paranóica.

Eu tomo várias respirações profundas, tentando desacelerar meu coração acelerado. Olho para o meu novo telefone, comprado com cartão de crédito.

7:14. Estou muito atrasada.

Pegando minha bolsa mais uma vez, deixo a calcinha no chão e saio correndo do comando do quarto. Nenhuma calcinha é provavelmente melhor do que calcinha suja.



Josh está irritado por eu ter demorado tanto para chegar.

— Estou sentado aqui há vinte minutos com esta bebida! — ele diz. — A garçonete está chateada.

Nossa garçonete está encostada em um pilar, flertando com o ajudante de garçom.

Josh muitas vezes transfere seus próprios sentimentos para outras pessoas. Especialmente eu.

— Você gosta da salada caprese, certo? — ele diz, examinando o menu.

— Não particularmente.

Ele não está ouvindo, ansioso para fazer o pedido assim que puder chamar a atenção do garçom.

— Teremos o caprese e a barriga de porco para começar, — diz.

Eu não discuto, porque Josh é quem vai pagar a refeição. Eu ainda sou uma cadela quebrada.

Relaxando um pouco, Josh passa o braço nas costas da minha cadeira.

Ele tem 1,77cm cabelo escuro, com uma boa quantidade de barba no rosto. Ele tem traços poloneses clássicos, algo que eu sempre gostei, e ele lê e assiste a uma quantidade imensa de documentários, então nós nunca somos obrigados a ficar em silêncio.

— Como está o Bruno? — ele pergunta.

Josh gosta de animais, provavelmente ainda mais do que eu. Ele às vezes se junta a mim no parque quando estou passeando com os cachorros. Ele tira a camisa e corre ao nosso lado. Sempre que for socialmente aceitável tirar a camisa, ele o fará.

— Bruno está bem. Eu odeio seu dono, porra. Compre-lhe a comida mais porcária. Mantém-no trancado naquele apartamento o dia todo.

— Cães grandes são caros, — diz Josh.

Enquanto Josh gosta de atacar pessoas que não têm compaixão, ele ocasionalmente defende um indivíduo assim sem nenhuma razão, algo que nunca deixa de me irritar.

Sua mão está pendurada no meu braço nu, as pontas dos dedos fazendo contato errático com a pele. Toda vez que eles fazem isso, eu me encolho como se um inseto tivesse pousado em mim.

— Então ele não deveria ter comprado um cachorro grande, — eu digo irritada.

— Ele já fez, no entanto. Então... — Josh dá de ombros, como se isso fosse tudo o que havia a dizer sobre isso.

— Então talvez ele devesse dar Bruno para alguém que realmente se importa com ele, — eu digo com os dentes cerrados.

— O que, como você? — Josh ri. — Você mal consegue se alimentar.

Eu puxo minha cadeira para frente para que seu braço caia das costas.

— Eu posso me alimentar bem, — eu digo. — Só não salada caprese todos os dias.

Josh bufa. — Eu vi sua prateleira na casa. Você tem meia caixa de Captain Crunch e uma lata de sopa.

— Eu amo sopa, — eu o informo.

— Pessoas pobres sempre gostam de sopa, — Josh diz, sorrindo para mim.

Ele estende a mão para colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Suas pontas dos dedos roçam a borda da minha orelha, a do meio mergulhando em direção ao canal. Eu tremo como se tivesse sido eletrocutado.

— Jesus! — Josh diz. — O que você tem?

— Não toque meus ouvidos, eu odeio isso, — eu rosno. — Eu já te disse isso antes.

— Eu estava tocando seu cabelo, — Josh revira os olhos.

— Apenas fique longe deles, — eu estalo.

Eu me inclino para trás na minha cadeira, os braços cruzados protetoramente sobre o meu peito, respirando com dificuldade. Meu coração está acelerado novamente.

Eu sei que estou sendo anormal. Eu sei que estou exagerando. Mas eu não consigo parar.

A garçonete entrega os aperitivos.

Josh devora a salada.

Eu como metade da barriga de porco, que é quente, crocante e deliciosa. Você não consegue vencer a comida em San Francisco. A menos que você queira dirigir até o condado do vinho, onde a comida da fazenda à mesa fica a uma hora do jardim. Josh me levou para Sonoma quando ele está cheio de dinheiro de um casamento bougie.

A comida me acalma um pouco, e parece melhorar o humor de Josh também. Ou ele se lembrou do motivo pelo qual eu poderia estar um pouco mais nervosa do que o normal.

— Ei, — ele diz. — Desculpe pela coisa da orelha. Você me disse isso.

— Está tudo bem, — eu digo. — Desculpe por ter zombado de você.

— Por que isso te incomoda tanto? — ele diz, espetando outra fatia de tomate e colocando na boca.

Eu empurro meu prato para longe, sem olhar para ele. — Nenhuma razão. Eles são apenas sensíveis.

Josh descansa a mão na minha coxa nua, me dando um meio sorriso.

— Que tal lá? Posso tocar você... lá?

Honestamente, até mesmo sua palma quente contra minha coxa faz meu estômago apertar. Mas eu estava meio que sendo um idiota antes, então me forço a sorrir de volta para ele.

— Sim, tudo bem.

Ele desliza a mão um pouco mais para baixo da minha saia, sorrindo ainda mais. — Que tal lá?

Agora meu próprio sorriso parece rígido em meu rosto, endurecendo como gesso.

Ele desliza a mão até a minha virilha, seus dedos roçando os lábios da minha boceta.

— Oh, sua putinha travessa... — ele murmura, baixinho. — Você não está vestindo nenhuma calcinha...

Ele acha que eu fiz isso por ele.

Estou na posição ridícula de querer afastar a mão dele quando parece que é exatamente isso que eu queria.

Sob a cobertura da mesa, ele esfrega os dedos para frente e para trás em minha fenda, seu dedo médio roçando meu clitóris. É bom como sempre é bom ser tocada lá, mesmo que eu realmente não queira isso. Minha garganta se contrai e meu rosto queima. Eu sinto que todos sentados nas mesas ao nosso redor sabem o que ele está fazendo, e a garçonete também sabe. Todos eles podem me ver corar.

Josh se inclina e murmura, muito perto do meu ouvido: — Talvez devêssemos pular o resto do jantar...

Eu aperto minhas pernas juntas, empurrando sua mão para longe.

— Na verdade, — eu digo, — eu tenho que voltar para casa. Tenho esse projeto no qual estou trabalhando. É, uh... Eu só tenho que ir.

Eu me levanto da mesa, quase derrubando minha cadeira para trás.

Josh está me encarando como se eu tivesse enlouquecido. Ele pode estar certo.

— Você vai sair. Agora mesmo. No meio do jantar, — diz ele.

— Ah, sim. Desculpe, — eu digo.

Pego minha bolsa, jogando-a por cima do ombro.

— Apenas... aqui, — eu jogo doze dólares que eu mal posso me dar ao luxo de poupar.

É a coisa errada a fazer. Josh está mais ofendido do que se eu o tivesse colocado com o cheque.

Que pena — eu saio correndo do restaurante, desço a Frederick Street, todo o caminho de volta para minha casa.

Eu não sei o que diabos está errado comigo.

Esta não é a primeira vez que fico irritada com a forma como um homem me toca – na verdade, acontece muito. Eu tenho problemas sensoriais, som e toque me afetando pior. Esta noite estou dez vezes pior do que o habitual. Eu me sinto como Peter Parker logo após ser picado pela aranha radioativa, quando a investida dos super sentidos quase faz seu cérebro explodir.

Ainda posso sentir a umidade quente da respiração de Josh no meu ouvido, e o remendo no meu braço onde seus dedos me fizeram cócegas.

Posso ouvir o som estridente da escova de dentes elétrica de Frank e o zumbido irritante do ventilador de teto na sala de estar. Até mesmo o clank irregular, *clank* de sua pequena corrente de metal balançando contra a luz.

Eu aperto minhas mãos sobre meus ouvidos, mas isso não bloqueia os sons.

Respirando com dificuldade, pego meus fones de ouvido e ligo a música no máximo.

Afundando no meu colchão, tento ficar quieta.

O suor começa a escorrer entre meus seios. Esta sala é fodidamente sufocante; deve ser cem graus.

Vou dormir fora esta noite. Eu tenho que.

Abrindo a porta de vidro, arrasto meu colchão para a pequena varanda.

Deitei no meu futon encaroçado, fones de ouvido na cabeça, braços e pernas esticados.

Uma leve brisa do mar dança em minha pele. O céu está cheio de nuvens, empilhadas em camadas profundas de púrpura, cinza e índigo.

Eu fecho meus olhos, afundando na música, finalmente encontrando a paz.

9

COLE

Eu tinha uma reunião para o SF Artists Guild que eu deveria participar, mas pulei em favor de mais reconhecimento.

Encontrei a casa logo atrás da de Mara listada no Airbnb por oitocentos dólares por noite. Depois de enviar uma mensagem ao proprietário, convenci-o a cancelar suas próximas três reservas para que eu pudesse ocupar o lugar por um mês, começando imediatamente.

Tão intenso era meu desejo de espionar Mara que eu provavelmente teria comprado a maldita coisa.

Eu dirijo até a casa no início da noite, estacionando meu Tesla no meio-fio.

A casa georgiana de três andares não é tão bonita quanto a minha casa, mas é dez vezes mais habitável que a de Mara. Os pisos de carvalho claro parecem recém-polidos, e o anfitrião deixou uma tigela de chocolates embrulhados em papel alumínio na ilha da cozinha, além de abastecer a geladeira com água engarrafada.

Desde que a casa esteja limpa, não dou a mínima para mais nada.

Apague isso - é a visão que me interessa.

Subo as escadas rangentes até o terceiro andar, que inclui um escritório, uma pequena biblioteca e uma sala de estar.

A janela da biblioteca é a que dá para o jardim dos fundos da casa de Mara. O vidro chanfrado oferece uma vista aquática para a alcova protegida da varanda de Mara.

Ela poderia ser perdoada por pensar que tem total privacidade naquele espaço. A janela da biblioteca é pequena, colocada no alto da parede, dividida em uma dúzia de painéis de diamante.

Cortei a janela inteira com meus cortadores de vidro. Então cubro o espaço com papel preto, deixando apenas um buraco para meu telescópio.

De longe, parecerá nada mais do que uma janela escura para uma sala vazia.

Meus esforços são recompensados quando Mara entra correndo em seu quarto apenas vinte minutos depois, antes de eu terminar meus preparativos.

Ela corre para onde quer que vá, correndo de trabalho em trabalho, sempre atrasada.

Respeito a agitação, mas sua existência é de mau gosto e deprimente. A ideia de servir as mesas, anotar os pedidos das pessoas e servir a comida é ofensiva para mim. Pegar cocô de cachorro no parque para vira-latas que você nem possui é pior. Estou surpreso que ela queria se salvar na noite em que Shaw a levou, se isso era tudo o que ela tinha para voltar para casa.

Meu interesse por essa garota agitada e desesperada me deixa perplexo.

Meus desejos nunca foram misteriosos para mim. Na verdade, eles sempre se sentiram racionais e naturais.

Danvers me irritou, então eu o removi da minha esfera. Eu coloquei seus ossos dentro da minha escultura como minha própria piada particular. O mundo da arte está sempre procurando o simbolismo por trás do trabalho. O *Ego Frágil* proclamou uma declaração de que todo espectador se sentia até seus próprios ossos ocos, sem entender conscientemente o que estava percebendo.

Esta é a primeira vez na minha vida que eu desejei algo sem entender o porquê.

De todos os milhares de mulheres que encontrei, como Mara chamou minha atenção como um anzol pelas guelras de um peixe?

Não é porque Alastor a jogou no meu caminho. Ou não só por isso.

Eu a notei no primeiro momento em que a vi, quando ela derramou vinho em seu vestido. Ela mal se encolheu — apenas marchou para o banheiro, emergindo com aquele tie-dye improvisado que era criativo, bonito e possuidor de um espírito lúdico completamente oposto a qualquer coisa que eu pudesse ter inventado.

Então Alastor a derrubou com força, tão forte que pensei que ele a tinha matado. No entanto, ela se levantou novamente: teimosa, ininterrupta.

Ela tem me perguntando o que seria necessário para quebrá-la. Para quebrá-la em tantos pedaços que ela nunca poderia juntá-los novamente.

A visão através do telescópio é tão clara que eu quase poderia estar na sala com ela.

Observo Mara tirar a roupa, revelando um corpo esguio e firme, com seios pequenos e quadris estreitos. Estou intrigado ao ver que ela não removeu os piercings de seus mamilos, os anéis de prata gêmeos permanecem no lugar.

Enquanto ela procura roupas, uma gota fria de excitação percorre minha espinha. Eu já sei que ela não tem calcinha limpa.

Com certeza, ela vê a calcinha descartada no chão. Meu coração para e mal consigo respirar, cravado no lugar, olho no telescópio, observando...

Ela pega a calcinha e entra nela.

O sangue corre para o meu pau tão rápido que estou tonta.

Ela está vestindo calcinha embebida em meu esperma sem saber. A parte mais íntima de mim pressionou contra a parte mais íntima dela.

Ela hesita, parada no centro da sala.

Ela está sentindo a umidade do meu esperma contra sua boceta.

Meu pau está tão duro que fica na frente da minha calça.

Eu amo o pensamento do meu esperma em sua carne nua. Quanto tempo o esperma sobrevive? Eu me pergunto se aqueles nadadores desesperados e minúsculos estão tentando se contorcer dentro dela agora.

Ela puxa a calcinha para baixo, examinando o material.

Eu vejo o pânico e confusão em seu rosto, meu pau mais duro do que nunca.

Ela toca meu esperma. O cheira. Em seguida, arranca a calcinha e a arremessa para longe dela.

Meu corpo inteiro está quente e latejando. Não me lembro quando senti esse nível de excitação pela última vez. Eu tenho estado tão entediado ultimamente. Nada me impressiona. Nada me interessou. Até agora...

Atormentar Mara sem sequer tocá-la é tão estimulante que mal posso imaginar como seria colocar minhas mãos diretamente em sua carne... para circulá-los ao redor de sua garganta...

Mara muda seu peso para frente e para trás, tentando decidir o que fazer.

Ela está se perguntando se sentiu o que acha que sentiu.

Ela não confia em si mesma.

Finalmente, ela pega sua bolsa e sai da sala.

Já estou descendo as escadas. Ela não está vestida para o trabalho, quero ver para onde ela está indo.

Um encontro, eu suspeito.

Com o pensamento, minhas pupilas se contraem, minha garganta apertada, meu coração desacelera. Estou frio e focado.

Com quem ela namora? Quem ela fode?

Eu quero saber.

Saio da casa, sem me preocupar em trancar a porta atrás de mim. Atravessei a rua Frederick, avistando Mara andando à frente em seu vestido preto justo e botas de cano curto. Ela não usa saltos com frequência. Eu gosto de como isso a atrapalha, diminuindo seu ritmo.

É fácil para mim rastreá-la, andando pelo lado oposto da rua como uma sombra desconectada. Eu a sigo até um pequeno restaurante badalado a alguns quarteirões de distância, onde ela conhece um hipster de rosto desalinhado em uma camiseta muito apertada.

Ao contrário de Mara e seu par, não tenho reserva. Uma nota de cem dólares pressionada na palma da anfitriã resolve esse problema. Eu provavelmente poderia tê-la convencido apenas segurando seu olhar e deixando meus dedos percorrerem seu pulso. A anfitriã ri e cora enquanto me leva até a mesa que eu pedi, escondida em um canto com várias plantas penduradas me protegendo da visão de Mara se ela olhasse para este lado.

Eu não tenho nenhum problema em atrair mulheres. Na verdade, é muito fácil. A riqueza, a fama e a aparência os sugam antes que eu diga uma palavra. Não há desafio.

Eu me pergunto se Mara cairá aos meus pés tão facilmente quanto aquela anfitriã.

Ela não parece particularmente encantada com seu encontro. Na verdade, ela se contorce irritada quando ele descansa o braço nas costas da cadeira.

Seu encontro fala sobre alguma coisa, alheio à sua expressão de tédio. Ele não parece notar como ela inclina seu corpo para

longe dele, raramente encontrando seus olhos. Quando ele tenta arrumar o cabelo dela, ela se afasta dele.

Sinto uma estranha sensação de satisfação por ela ter rejeitado esse bufão. Teria diminuído ela aos meus olhos se ela estivesse apaixonada por alguém assim... pedestre.

Meu prazer evapora quando ele chega debaixo da mesa para acariciar sua boceta.

Em seu lugar: uma ponta afiada de fúria.

Eu quero arrancar essa mão de seu braço, deixando um toco esfarrapado com um brilho nu de osso.

Mesmo nos meus momentos mais extremos, quando cortei a garganta de alguém que odiava e vi seu sangue escorrer pelo meu braço, minha frequência cardíaca mal aumenta.

A sensação daquele pedaço de músculo batendo no meu peito é algo novo para mim – algo que me faz sentar na minha cadeira, respirando com dificuldade, as mãos cerradas em punhos no meu colo.

Que porra está acontecendo.

Eu quase sinto... com ciúmes.

Eu nunca tive ciúmes antes. Por que eu deveria? Ninguém neste planeta tem nada que eu inveje.

No entanto, eu já decidi, com absoluta certeza, que ninguém deveria tocar aquela boceta doce além de mim.

Eu senti o cheiro dela em meus dedos.

Quero-o fresco da fonte.

Como se obedecesse ao meu comando, Mara pula da mesa, empurrando a cadeira para trás. Eu ouço suas desculpas apressadas enquanto ela joga dinheiro em seu prato. Então ela sai, abandonando seu encontro descontente antes mesmo que eles tenham pedido suas entradas.

Sorte dele – eu já estava planejando como cortaria suas bolas com um estilete.

Ele é salvo pelo expediente de seguir Mara. Deixo minhas próprias notas dobradas debaixo do meu garfo não utilizado.

O céu está totalmente escuro agora, cheio de nuvens. O vento está mais frio do que antes.

Volto para Frederick Street, sentindo uma curiosa euforia com a perspectiva de ver Mara sozinha em seu quarto.

Eu gosto mais dela em seu espaço privado. É um olhar dentro de sua mente – seus confortos e preferências.

Ajeitando-me atrás do telescópio mais uma vez, eu a vejo andando de um lado para o outro no quarto. Mara é um cavalo arisco. Quando ela está calma, ela se move com graça. Mas quando ela está frustrada ou desconfortável - e ela certamente estava na companhia de seu namorado incompetente - ela se torna rígida e retraída, hipersensível a irritantes.

Ela arrasta o colchão para o pequeno deck anexo ao seu quarto.

Isso é melhor para mim. Posso vê-la tão claramente quanto uma figura em um diorama.

Ela se deita no futon, com um par de fones de ouvido sobre os ouvidos. Leva muito tempo para sua respiração desacelerar, para ela se acomodar profundamente no colchão. Seus lábios se movem no ritmo da letra da música.

Embora ela não esteja realmente cantando, consigo distinguir algumas palavras espalhadas:

Não sei se estou me sentindo feliz...

Estou meio confuso, não estou com vontade de tentar me consertar...

Eu procuro a letra no Google, puxando a música no meu telefone, uma que eu não ouvi antes. Toco em voz alta na biblioteca escura, ouvindo o que Mara está ouvindo na sacada.

Yes & No — XYLØ

Ela está tão quieta agora que me pergunto se ela adormeceu. Seu peito sobe e desce com a regularidade do metrônomo.

A brisa sussurra através das cercas vivas do jardim entre nós. Ele desliza pela pele de Mara, fazendo-a estremecer. Seus mamilos estão duros, visíveis mesmo através do vestido preto.

Por que ela manteve esses piercings? Ela gosta deles? Ela tem medo de tirá-los?

Eu ouço o estrondo suave do trovão.

Algumas gotas de chuva espalhadas atingiram o papel preto que cobria a janela da biblioteca.

Mara se mexe, sentindo a chuva em sua pele.

Espero que ela se levante, puxe o colchão de volta para dentro.

Mas Mara parece determinada a me surpreender a cada passo.

Ela se senta. Levanta a palma da mão. Sente a chuva caindo.

Então ela puxa o vestido pela cabeça e o joga de lado.

Ela se deita no colchão mais uma vez, totalmente nua.

Soltei um suspiro suave, meu olho pressionado contra o telescópio.

O trovão rola e a chuva cai mais forte. Ele se despedaça em toda a sua pele nua: nas coxas, na barriga, nos seios nus, nas palmas das mãos viradas para cima, nas pálpebras fechadas. Ela cai em sua boca entreaberta.

Ela está absorvendo. Sentindo o delicioso frescor e o pequeno impacto de cada gota quebrando em sua pele.

Sua expressão é sonhadora, flutuante. Encharcado de prazer. Totalmente relaxado pela primeira vez desde que a observei.

Mais uma vez, sinto aquela sensação estranha e se contorcendo em minhas entranhas.

Ciúmes.

A chuva cai mais forte, encharcando seu cabelo, encharcando o colchão, gelando sua pele.

Ela não dá a mínima.

Mara alcança entre suas coxas. Ela começa a acariciar os dedos para frente e para trás nos lábios de sua boceta. Tocando-se levemente, delicadamente.

Seus lábios se abrem mais, permitindo mais chuva em sua boca.

A chuva bate na lateral da casa. Um relâmpago chia no céu, iluminando o corpo brilhante de Mara como um flash de câmera. Cada detalhe se destaca em nítido relevo: a longa coluna de sua garganta, a cavidade de sua clavícula, as pontas de seus mamilos, a extensão longa e plana de seu abdômen, os ossos delicados de suas mãos, os dedos finos deslizando dentro de seu corpo..

Nunca vi nada tão bonito.

Ela é bronze como uma estátua na luz arroxeadada. Se eu pudesse esculpi-la exatamente assim, seria meu maior trabalho.

Eu quero derramar metal derretido sobre ela, congelando-a no tempo para sempre.

Eu coloquei minha própria mão na frente da minha calça, sentindo a haste grossa do meu pau, dolorosamente duro.

Minha pele está febril.

Eu quero estar onde ela está, encharcada de chuva, tocando aquela carne fria...

Bombeio meu pau no tempo com o movimento de sua mão.

Seu ritmo acelera, as costas arqueadas, a cabeça jogada para trás.

Eu fodo minha mão cada vez mais forte, imaginando que estou prestes a explodir sobre seu corpo, sêmen quente chovendo sobre ela mais forte do que a tempestade.

Seus olhos se fecham com força, seus gritos abafados pela chuva. Suas coxas apertam em torno de sua mão, o corpo tremendo.

Estou gozando pela segunda vez hoje, uma inundação quente que cai sobre as costas da minha mão, pingando nas tábuas do chão.

Não consigo tirar os olhos do telescópio.

Não consigo parar de olhar para ela por um único segundo.

10

MARA

Segunda de manhã Joanna me pega no café da manhã.

— Mara, — ela diz, — sobre suas coisas...

— Eu sei, — eu estremeço. — Eu tenho procurado em todos os lugares por espaço.

— Você tem que tirar isso. Eu preciso de espaço para minhas próprias coisas.

— Eu sei. Essa semana, eu prometo.

Essa é uma promessa que não tenho como cumprir. Eu realmente tenho procurado todos os dias, mas estou falida. Mesmo que eu consiga encontrar um estúdio acessível, não tenho dinheiro para o aluguel do primeiro mês, muito menos para um depósito.

Pego emprestado o laptop de Erin, planejando escanear os quadros de mensagens dos artistas mais uma vez. Em vez disso, vejo que recebi um novo e-mail do Grupo Onyx, seja lá o que for.

Eu abro, esperando spam.

As frases que me vêm aos olhos são tão fortuitas que as leio quatro vezes, atônita e incrédula.

Prezada Sra. Eldritch,

Recebemos a sua candidatura para espaço de estúdio. Temos o prazer de informar que nosso estúdio júnior no edifício Alta Plaza na Clay Street está disponível no momento.

O estúdio júnior é oferecido a novos artistas a uma taxa de desconto de \$ 200/mês, com pagamento no final do mês.

Tenho um compromisso disponível às 14h desta tarde, se quiser ver o espaço.

Cumprimentos,

Sônia Bridger

Por um segundo me pergunto se um dos meus colegas de quarto seria cruel o suficiente para me pregar uma peça.

Mas duvido que qualquer um deles possa soletrar tão bem.

Mãos trêmulas, eu digito de volta o mais rápido possível,

Isso seria incrível, muito obrigado. Estarei lá às 14h.

Eu quero correr para lá agora mesmo, antes que eles o entreguem a outra pessoa.

Duzentos dólares por mês é inédito. Não me lembro de me candidatar especificamente para este lugar, mas coloquei meu nome em todos os lugares que encontrei. Isso parece maná do céu. Eu realmente não posso acreditar. Estou nervoso, com medo de que algo aconteça para foder isso.

Mal consigo me concentrar enquanto corro pelo turno do brunch. Arthur percebe que estou animada, ou talvez apenas

inútil, então ele me deixa sair mais cedo para correr para casa e se trocar.

Eu visto minha roupa mais profissional, uma blusa de linho camponesa e jeans quase limpos, e então corro para Clay Street.

A Sra. Bridger já está esperando por mim. Ela é alta e elegante, com um cabelo grisalho e um nariz comprido e aristocrático.

— Prazer em conhecê-la, Mara, — diz ela, apertando minha mão. — Vou te mostrar o espaço.

Ela me conduz pelos corredores do edifício Alta Plaza, que é claro e moderno, pintado de branco e madeira clara no estilo escandinavo.

— Aqui estamos, — diz ela, abrindo as portas duplas do último estúdio no final do corredor.

Olho boquiaberta para um loft deslumbrante e iluminado pelo sol. O duto exposto sobe dez metros acima da minha cabeça. As janelas do chão ao teto dão para o Alta Plaza Park. O ar é fresco, levemente perfumado pelos limoeiros ornamentais envasados ao longo da parede oposta.

Se este é um estúdio júnior, mal posso imaginar como são os outros. É facilmente quatro vezes o tamanho do espaço de Joanna, maior que o andar principal da minha casa.

Estou atordoada.

— O que você acha? — Sonia pergunta, reprimindo o sorriso.

— Quando posso me mudar? — eu gaguejo.

— Está aberto agora, — diz ela. — Eu posso te dar um cartão-chave para a porta principal. O edifício é acessível vinte e quatro horas por dia. Há um mini-frigorífico no canto como você pode ver, e o café no nível principal faz um excelente café com leite gelado.

— Eu morri? Isso é o céu?

Ela ri. — Cole Blackwell é muito generoso.

— Cole... o quê? — Eu digo, tentando desviar meus olhos de vasculhar cada centímetro deste espaço perfeito. A arte que eu poderia fazer aqui... Estou louca para começar.

— Senhora. O Blackwell é proprietário deste edifício. Foi ideia dele descontar os estúdios juniores. Ele pode não ter a personalidade mais fofinha, mas apoia seus colegas artistas.

— Certo, incrível, — eu digo, apenas parcialmente seguindo isso. — Honestamente, ele poderia pedir meu filho primogênito e eu o entregaria com prazer. Este lugar é apenas... perfeição.

— Isso não será necessário, — diz Sonia, passando-me sua prancheta. — Só preciso de uma assinatura. Podemos começar com um contrato de seis meses.

— Algum depósito? — Eu pergunto, pensando que será o golpe mortal.

— Não, — ela balança a cabeça. — Apenas me traga um cheque no final do mês.

— Dinheiro ok?

— Contanto que não seja tudo um e cinco, — diz ela.

— Vejo que não sou a única garçonete que você conhece.

— É quase um pré-requisito nesta indústria, — responde Sonia, acrescentando gentilmente: — Eu também fui garçonete, uma vez-

— Obrigada, — digo a ela novamente. — Realmente, eu não posso agradecer o suficiente.

— Você vai precisar de serviços de mudança? — ela diz. — Do seu antigo estúdio?

Eu preciso disso. Seriamente.

— Quanto isso custa? — Eu pergunto nervosamente.

— Cortesia, — ela responde.

— Não me belisque, eu não quero acordar.

— Fale com Janice na recepção ao sair e ela vai agendar você, — Sonia sorri.

Ela me deixa sozinha para tomar sol quente, o cheiro dos armários de madeira limpos, o espaço aberto sem fim que eu poderia correr para cima e para baixo como uma pista de boliche.

Eu nunca fui de acreditar que quando uma coisa ruim acontece, uma coisa boa segue.

Mas talvez desta vez... pode ser verdade.



Na quarta-feira, todos os meus suprimentos foram retirados do estúdio de Joanna, transportados com o maior cuidado para o novo estúdio na Clay Street.

Meus colegas de quarto são tão ciumentos que mal conseguem suportar, exceto Peter, que diz: — Que ótimo Mara, — levando-nos a um total geral de quinze palavras de conversa.

— Cole Blackwell é o dono do lugar? — Erin geme. — Você provavelmente vai vê-lo o tempo todo.

— Você quer fodê-lo também? — Heinrich a provoca. — Tentando obter um monopólio sobre artistas sacanas?

— Ele é um completo idiota, — Joanna diz. — Nada amigável.

— Lindo, no entanto, — acrescenta Frank.

— Oh, uau, — eu rio. — Isso é realmente algo vindo de você, Frank. Você é exigente como o inferno.

— Não é tão exigente, — diz Joanna. — Ele costumava sair com Heinrich, afinal.

— Foda-se, — Heinrich faz uma careta.

Estou flutuando nas nuvens durante todos os meus turnos de trabalho, morrendo de vontade de ir para o estúdio para que eu possa trabalhar na minha colagem. Eu fico até tarde todas as noites, trabalhando mais horas do que nunca na minha vida. Termina a peça e pulo direto para uma nova composição, ainda mais em camadas e detalhada. Estou experimentando com materiais diferentes – não apenas acrílico, mas laca e fluido corretivo e canetinhas e tinta spray.

Os estúdios são separados e à prova de som, e ninguém parece se importar quando toco minha música alto. As ruas noturnas parecem distantes, brilhando como um pano de joias colocado abaixo de mim.

Pela primeira vez em muito tempo me sinto esperançoso, e talvez até feliz.

Esse sentimento se intensifica dez vezes quando Sonia bate na minha porta na sexta-feira à tarde, informando que fui selecionada para uma bolsa do SF Artists Guild.

— Você está falando sério? — Eu guincho.

— O painel gostaria de ver seu trabalho na segunda-feira. Se eles gostam do que vêem... eles estão concedendo dois mil dólares para cada destinatário e apresentando uma peça no New Voices no próximo mês.

Sinto que estou prestes a desmaiar.

— O que eles querem ver? — Eu pergunto ansiosamente. — Acabei de terminar uma colagem. E comecei esta nova peça, mas ainda não fiz muito...

— Apenas mostre a eles o que você tem, — diz Sonia. — Não precisa ser completo.

Euforia e terror doentio surgem em mim. Eu quero isso pra caralho. O dinheiro seria ótimo, mas um lugar no New Voices é ainda melhor. É apenas por convite, e todos os maiores artistas estão lá. Conseguir uma peça no show poderia realmente me impulsionar na escada.

Eu olho para o meu trabalho em andamento. É foda, estou orgulhoso disso.

Mas eu tinha outra ideia se infiltrando em minha mente...

Eu tenho uma tela nova esticada e pronta, encostada na parede. É enorme — dois metros e meio de altura, três metros de comprimento. Seria a maior pintura que eu já tinha feito.

Eu me pergunto se eu deveria começar a trabalhar nisso. A Sônia disse que minha pintura não precisava estar completa para mostrar o painel... isso seria mais ambicioso.

Talvez ambicioso demais. Poderia ser um maldito desastre.

Eu mudo para frente e para trás, olhando entre minha colagem e a tela em branco.

Finalmente, volto para o cavalete. Começar algo novo seria um risco enorme. Eu pratiquei a técnica de colagem – é com isso que devo me ater por enquanto.

Estou uma pilha de nervos no fim de semana. A qualquer minuto que não estou no trabalho, estou trabalhando febrilmente na nova colagem, tentando fazer o máximo possível antes que o painel venha vê-la.

Na segunda-feira de manhã, passo uma hora vasculhando meu armário, jogando roupas assim que magicamente as transformam em algo usável.

Não consigo decidir se devo usar algo *artístico* ou algo profissional. Este é um dilema estúpido porque eu realmente não possuo nada profissional. A maioria das minhas roupas são baratas, muito poucas feitas na última década.

A outra questão são essas malditas cicatrizes em meus braços. Estou tão chateado que isso aconteceu quando os outros finalmente desapareceram. Quando eu estava começando a parecer normal novamente.

Pareço uma lunática. Eu *me sinto* como uma lunática depois de experimentar outra camisa, depois rasgá-la e arremessá-la do outro lado da sala.

Respirando fundo, digo a mim mesma que o painel não estará olhando para mim – eles estarão olhando para a colagem. E eles vão gostar ou não. Não está no meu controle.

Pegando minha bolsa, vou para o estúdio.



O painel está atrasado.

Continuo trabalhando na colagem, fingindo que não consigo ouvir o tique-taque do relógio na parede. Estou muito nervoso para tocar música como normalmente faria.

Finalmente, ouço passos no corredor e o murmúrio baixo de uma conversa educada. Alguém bate na minha porta, leve e formal.

— Entre! — eu coaxo.

A porta se abre, permitindo que seis pessoas entrem.

Sônia lidera o grupo. Ela grita: — Pessoal, esta é Mara Eldritch, uma de nossas artistas juniores mais promissoras! Como você pode ver, ela está trabalhando duro em uma nova série. Mara, este é o painel do The Artists Guild: Martin Boss, Hannah Albright, John Pecorino, Leslie Newton e, claro, Cole Blackwell.

Enquanto ela fala os nomes, eu me viro para encarar o painel de artistas, a maioria dos quais eu pelo menos já ouvi falar antes. Meus olhos deslizam por cinco rostos, pousando finalmente no homem que eu mais queria conhecer: meu benfeitor, Cole Blackwell.

A sala se inclina com um puxão repugnante.

Eu vejo um rosto que foi queimado em meu cérebro, para nunca mais ser esquecido.

Cabelo escuro desgrenhado. Pele prateada. Uma boca suave e sensual. Olhos mais negros que azeviche.

É o homem que ficou em cima de mim.

Aquele que me deixou para morrer.

Estou olhando para ele de boca aberta, congelada de horror.

Parece que vinte minutos se passaram.

Mas talvez tenha sido apenas um momento, porque Cole diz suavemente: — Prazer em finalmente conhecê-la, Mara. Como você está se saindo no espaço?

O silêncio passa. Eu ouço vários membros do painel mudando de lugar enquanto olho boquiaberta para Cole.

Finalmente minha voz rouca, — Tudo bem. Bom. Obrigada.

Obrigada?

Que porra é essa?

Por que estou agradecendo a ele? Ele me viu me contorcendo no chão como um inseto moribundo e passou por cima de mim.

Ele está olhando para mim exatamente da mesma maneira: rosto frio, olhos brilhantes. Os cantos daquela boca linda se curvando como se ele quisesse sorrir...

Este maldito maníaco está fazendo tudo de novo. Ele está me vendo me contorcer. E ele está adorando.

Eu quero gritar bem alto, *FUI SEQUESTRADA! TORTURADA! DEIXADA PARA MORRER! ESTE HOMEM PODE TER FEITO ISSO! E se ele não o fez, ele definitivamente estava lá...*

— Então, no que você está trabalhando hoje? — diz Leslie Newton. Sua voz é alta e brilhante, como se ela estivesse tentando suavizar o momento embaraçoso.

Eu tenho que juntar tudo. Eles estão aqui para ver minha colagem. Tudo está girando neste momento. Se eu começar a gritar como uma louca, vou perder tudo.

Eu me viro para a tela, cambaleando como se estivesse bêbada.

— Bem, — eu digo, fazendo uma pausa para limpar minha garganta. — Como você pode ver, nesta nova série estou experimentando materiais artísticos não tradicionais. Vendo se

consigo criar um efeito de luxo colocando camadas e manipulando substâncias alternativas.

— E de onde você tirou essa ideia? — Martin Boss exige. Ele é alto, magro e careca, vestindo uma gola rolê preta e óculos Buddy Holly. Sua voz é afiada e desafiadora, como se ele estivesse me acusando de alguma coisa.

— Eu cresci no Mission District, — digo, tentando não olhar para Cole Blackwell. — Sou inspirado por murais e grafites.

Eu posso sentir os olhos de Cole queimando nas minhas costas. O suor brota na minha nuca, sob minha longa mecha de cabelo. Meu coração está acelerado e estou apavorada, apavorada pra caralho. Eu não posso acreditar que ele está um metro e meio atrás de mim. Por que isso está acontecendo? O que isto significa?

É ele, eu sei que é ele.

Ele está vestindo um terno escuro, como naquela noite, com uma camisa polo de cashmere no lugar de uma camisa social. Isso não é um traje comum – eu não inventei isso, não consegui.

Outro membro do painel, uma mulher com um vestido vermelho e pulseiras grossas, está fazendo uma pergunta, mas não consigo ouvir por causa do latejar em meus ouvidos.

— Desculpe, você poderia repetir isso? — eu gaguejo.

Eu tenho que me virar e olhar para ela, o que significa virar para Cole.

Ele definitivamente está sorrindo agora. Me vendo suar.

— Perguntei se aquela figura é uma referência ao Neo-Pop japonês, — diz a mulher, gentilmente.

— Sim, — eu digo. — A justaposição de fofo e sinistro.

Não sei se isso faz sentido. Nada está fazendo sentido agora.

— Gosto das camadas descascadas, — diz o último membro do painel. Acho que o nome dele era John, mas não me lembro agora. — Você deveria considerar uma peça focada nessa técnica.

— Certo. — Eu aceno, empurrando meu cabelo para trás do meu rosto. — Eu vou.

Minha bochecha está molhada onde as costas da minha mão a tocou. Porra, eu acabei de espalhar tinta por todo o meu rosto?

Minha pele está queimando, eu quero chorar. Todo mundo está olhando para mim, principalmente Cole. Ele está drenando a vida de mim com aqueles olhos negros. Chupando-me.

— Bem, se ninguém mais tiver dúvidas, passaremos para o próximo estúdio, — diz Sonia. — Obrigado, Mara!

— Obrigada. Todos vocês, — eu respondo sem jeito.

Meus olhos se fixam em Cole Blackwell mais uma vez, naquele rosto frio, malicioso e absolutamente deslumbrante.

— Boa sorte, — diz ele.

Parece uma provocação.

Eles saem do estúdio, Sonia na retaguarda desta vez.

Eu os vejo partir.

Estou ofegante em uma sala que de repente parece desprovida de oxigênio.

O que acabou de acontecer, o que acabou de acontecer, o que acabou de acontecer...

Eu deveria ficar aqui. Eu deveria manter minha boca fechada.

Em vez disso, saio da sala correndo atrás de Blackwell.

Estamos prestes a entrar no estúdio júnior do lado oposto do prédio quando Mara me alcança.

— Com licença! — ela ofega, suas bochechas rosa flamejante.
— Posso falar com o Sr. Blackwell por um momento?

Os outros membros do painel se voltam para olhar para mim, para ver se vou obedecer.

Sônia é particularmente curiosa. Ela sabia que algo estava acontecendo no momento em que eu lhe disse para oferecer o estúdio a Mara. A taxa de desconto foi uma invenção, inventada por mim na hora. O mesmo com esta concessão. É tudo uma alavanca para deixar Mara exatamente onde eu a quero: completamente à minha mercê.

— Claro, — eu digo baixinho. — O resto de vocês continua sem mim. Eu me juntarei a você momentaneamente.

Conduzo Mara pelo corredor até um estúdio vazio várias portas adiante. Entro no espaço limpo e deserto. Ela hesita na porta, com medo de ficar sozinha comigo.

— Você está vindo? — Eu pergunto, sobrancelha levantada.

Apertando os lábios, ela entra no quarto, fechando a porta atrás dela.

Espero que ela fale, observando o rápido subir e descer de seu peito, emocionando-se com os agitados pontos de cor em suas bochechas.

Ela está iluminada com fúria, olhos em chamas, bochechas em chamas. Seu cabelo escuro gira em torno de seu rosto, desafiando a gravidade da pura tensão elétrica entre nós. Suas mãos finas tremem, e ela crava as unhas nas coxas de seu jeans.

— Eu sei que foi você, — diz ela, sua voz baixa e rouca.

Estou gostando tanto disso que mal posso suportar. Sua raiva, seu medo e a deliciosa situação em que a coloquei, tudo misturado em um coquetel potente. Sua expressão de choque quando ela viu meu rosto, e a terrível luta que ela teve para discutir seu trabalho com o painel, enquanto seu cérebro devia estar girando e girando dentro de seu crânio... Estou tão feliz por ter tudo registrado. Mal posso esperar para assisti-lo novamente esta noite.

— O que era eu? — digo suavemente.

— *Você sabe*, — ela sibila. Seu corpo inteiro está tremendo. Eu gostaria de segurá-la contra mim, sentir aqueles tremores vibrando em meu corpo...

— Por favor explique.

Seus olhos brilham com lágrimas de fúria, mas ela se recusa a deixá-las cair. Seus lábios estão inchados e rachados, como se ela os estivesse mordendo...

— Alguém me arrancou da rua. Eles me amarraram, cortaram meus pulsos e me deixaram na floresta. Você estava lá. Eu vi você. Você ficou em cima de mim, olhando para mim. Você viu que eu precisava de ajuda. E você passou por cima de mim. Você me deixou lá para morrer.

— Que acusação bizarra, — eu digo. — Você tem alguma prova?

Eu sei que ela não. Eu só quero ver como ela vai responder.

— *Eu vi você*, — ela sibila. — Vou contar para a polícia.

— Não acho que seja uma boa ideia. — Enfio as mãos nos bolsos, inclinando a cabeça enquanto olho para ela. — Isso causaria muitos problemas para você. Você perderia o estúdio, é claro. A concessão também.

— Você está me ameaçando? — Sua voz se eleva, a ponta da histeria afiada como arame farpado. — Por que você está fazendo isso? Por que você fez isso comigo?

Ela ergue o braço para que a manga de sino solta caia, revelando a cicatriz longa e irregular no pulso. A cicatriz ainda está cicatrizando, levantada como um vergão na pele.

— Eu não fiz isso, — eu zombo.

Mara vacila, sua mão erguida caindo um centímetro.

Interessante – ela não sabe quem a cortou.

— Você estava lá, — ela insiste.

— E daí se eu estivesse?

Ela se assusta, chocada que eu admiti.

— Então você fez isso! — ela grita.

— Não, — eu rosno. — Eu não.

Em um passo rápido, eu fecho o espaço entre nós. Mara tenta se virar e correr, mas sou rápido demais para ela. Eu a agarro pelo braço, puxando-a para mim, segurando a mão acusadora e o pulso marcado.

Eu olho para baixo em seu rosto aterrorizado, prendendo-a no lugar com o meu olhar, tanto quanto meus dedos travaram em torno de seu pulso.

— Não há limite de predadores no mundo, — eu assobio. — E não faltam garotas danificadas para atraí-los. Duvido que esta seja a primeira vez que um homem se aprofunda naquelas unhas roídas e se encolhe quando alguém chega perto de você. Apenas essas malditas cicatrizes em seu braço são um outdoor gritando: 'Eu gosto de me machucar, venha me machucar também!'

— Do que você está falando... — ela gagueja.

— AQUELAS, — eu rosno, puxando sua manga, expondo as outras cicatrizes, as antigas, os finos traços prateados que não foram causados por ninguém além dela mesma.

Agora as lágrimas estão escorrendo pelos dois lados de seu rosto, mas ela está parada, olhando para mim, furiosa e desafiadora.

— Eu aposto que você foi caçada por todos os homo sapiens com um pau desde antes de você começar a menstruar, — eu zombo.

— Foda-se, — ela rosna de volta para mim.

— Deixe-me adivinhar, — eu rio. — Pai alcoólatra?

Ela arranca seu braço do meu aperto, tropeçando para trás, respirando com dificuldade.

Eu a deixo ir porque ela não tem ideia do verdadeiro domínio que eu tenho sobre ela – ela é um coelhinho enrolado em meus anéis, e ela nem sabe disso.

— Mãe alcoólatra, na verdade, — diz ela, levantando o queixo em desafio. — Padrasto de merda – mas ei, pelo menos ele era criativo. A mãe é apenas um livro didático, não é?

Sua voz é mais firme do que eu esperava.

Ela está tremendo mais do que nunca, mas ela ainda não correu.

— Se você não me atacou, — ela diz, — então por que você não me ajudou?

Eu dou de ombros. — Eu não ajudo ninguém.

— Você me ofereceu um estúdio.

Eu ri. — Eu não te dei aquele estúdio para te ajudar.

— Porquê então?

Ela olha para mim, quase implorando, desesperada para entender.

Eu não me importo de dizer a ela.

— Fiz pelo mesmo motivo que faço tudo: porque quis.

Para Mara, isso não faz sentido.

Para mim, é a razão final para qualquer coisa neste mundo.

Eu consigo o que quero.

— Você não pode me subornar, — diz ela. — Não vou ficar calada.

Eu bufo. — Não importará de qualquer maneira. Ninguém vai acreditar em você.

Seu rosto empalidece, sua respiração fica presa na garganta. Isso tocou um nervo. A pobre pequena Mara já foi desacreditada antes. Provavelmente em relação ao padrasto *criativo*.

Aproximando-me dela mais uma vez, olho para seu rosto aterrorizado e digo a verdade brutal e sem verniz:

— Sou dono desta cidade. Com dinheiro, com conexões e com puro talento. Tente falar sobre mim e veja o que acontece... você vai parecer desequilibrada. Instável.

— Eu não me importo, — ela sussurra.

Soltei uma risada baixa.

— Você vai, — eu digo.

Eu tropeço de volta para o meu próprio estúdio, fechando a porta atrás de mim e trancando-a, recostando-me contra a madeira fria com meu batimento cardíaco se espalhando freneticamente pelas minhas costelas.

Estou respirando com dificuldade, agarrando a frente da minha camisa, suando mais do que nunca.

Ele está mentindo! Ele está mentindo!

Ele não vai me dar uma luz de gás. Eu sei o que vi naquela noite. Ele estava parado ali, olhando para mim. Eu não inventei isso, eu não podia. Como eu poderia ter imaginado o rosto dele antes mesmo de vê-lo?

Talvez você já tenha visto antes. Em uma fotografia. Em uma revista.

Não, foda-se. Eu não vi a foto dele e esqueci. Não foi isso que aconteceu.

O que posso fazer? A quem posso contar?

Ele me sequestrou. Ele fez? Alguém fez. E Cole estava lá.

Pedaços de memória me cortaram de todos os lados, irregulares como um espelho quebrado. Vejo pequenos lampejos, fragmentos. Eu quero explodir em lágrimas, mas eu sei que ele ainda está em algum lugar por perto, ele pode me ouvir. Ele é o dono deste prédio. ELE É O DONO DA PORRA DO EDIFÍCIO!

O que está acontecendo? A coincidência, a situação, está me fazendo sentir como se minha cabeça estivesse se partindo. Eu não sei no que acreditar.

Talvez eu pudesse ter imaginado.

Mas a maneira como ele reagiu quando eu o confrontei... ele não ficou surpreso. Suas sobrancelhas caíram, suas pupilas se contraíram, ele não hesitou por um segundo, ele me mordeu de volta, atacando como uma cobra. Isso não é normal.

Ele diz que não foi ele.

Isso é verdade? Pode ser verdade?

Isso significaria que havia dois psicopatas sem alma na floresta naquela noite. Isso não faz sentido. Nada disso faz sentido.

Estou andando de um lado para o outro, ainda estrangulando minha camisa, às vezes levantando-a sobre a metade inferior do meu rosto e respirando nela.

O que eu deveria fazer?

E a concessão? E o fato de que todas as minhas coisas estão aqui agora?

Será que isso importa? Pode haver um assassino andando por aí. Com certeza, eu vi nos noticiários – garotas espancadas e

cortadas em pedaços pela Besta da Baía, que é um apelido perturbador pra caralho – como se a própria mídia quisesse dar a ele poder sobre nós. Transformando-o em alguma força sobrenatural diante da qual só podemos ser presas.

A mesma pessoa me arrancou da rua? Foi Cole Blackwell?

Essas perguntas gritam para mim de todos os cantos da minha mente. Não consigo me controlar, não sei o que fazer. Eu me sinto frenética e impotente, e como se eu realmente estivesse louca.

Foi o que Blackwell disse. Ele me chamou de *instável*.

Isso é o que as pessoas vão pensar se eu o acusar publicamente. Inferno, mesmo os policiais não acreditaram em mim e isso foi antes de saberem que algum cara rico famoso estava envolvido.

Ninguém acredita em mim porque minha história não faz sentido.

Por que alguém me tiraria da rua e cortaria meus pulsos, depois me deixaria lá? Apenas para um cara completamente diferente aparecer dez minutos depois?

Blackwell disse que não era ele. Mas ele também disse que não estava lá, e isso é uma merda. Eu sei o que eu vi.

Eu sei o *que acho* que vi.

Eu poderia realmente ser instável?

Isso desperta alguma merda profundamente enterrada para mim. Estou falando das coisas que você guarda bem no fundo da

sua mente e nunca olha para as quais nunca, sob nenhuma circunstância.

Sua mãe é tão legal.

Como você pode odiá-la?

Ela só quer o melhor para você.

Eu sei que você está mentindo.

Ela me contou o que você disse sobre mim.

Ela me contou o que você fez.

Você é nojenta...

E então, ainda mais fundo, a voz que compõe a pior parte de mim. A parte que eu gostaria de arrancar e queimar no fogo, mas nunca consigo, porque ela é uma parte de mim. Todo o caminho para baixo em meu DNA.

Você não pode escapar do que você é...

Estou apenas fazendo o que qualquer boa mãe faria.

Você não pode imaginar como é ter uma filha como você.

Todas as mães amam seus filhos. Todos eles. Se eu não te amo, o que você acha que isso significa?

Eu li seu diário. Eu sei o que você pensa, secretamente, quando está fingindo ser tão doce.

Eu sei o que você faz sozinha em sua cama.

Você é nojenta. Repugnante.

Eu me dou um tapa no rosto uma vez, com força.

Então eu agarro meu próprio pulso para me impedir de fazer isso de novo.

Você não vai mais fazer isso.

Quando você se machuca, você deixa marcas. Isso faz você parecer mais louco do que qualquer coisa. Então ninguém acredita em uma palavra que você diz. *Todas* as marcas parecem que você as fez.

Eu tenho um jeito melhor agora.

Eu só tenho que me lembrar de usá-lo.

Respirar. Pegue a sensação. Transforme-o em algo.

Olho para minha tela inacabada, para a colagem da qual estava tão orgulhosa esta manhã.

Não é ruim. Mas também não é ótimo.

É apenas... seguro.

Seguro é inútil. Seguro é uma ilusão.

Eu não estava seguro quando alguém me arrancou da rua. E eu com certeza não estou seguro aqui, agora, hoje, no estúdio de Cole Blackwell.

Eu não estou recebendo a bolsa, isso é óbvio. Blackwell está puxando minha corrente.

Bem, foda-se então.

Pego a colagem inacabada do cavalete e a coloco contra a parede.

Em seu lugar coloquei a tela maior, aquela que me intimidou, aquela que na verdade não tenho tempo de completar.

Pego um balde de lavagem escura e o jogo contra a lona, deixando chover no chão.

Se esse filho da puta planeja me despejar, não vou cuidar da madeira.

Estou tão cansado de lutar. Toda vez que sinto que estou avançando um pouquinho na minha vida, algo acontece para me dar um tapa de novo.

Talvez o denominador comum seja eu.

Talvez eu esteja louco.

E talvez isso seja bom. Prefiro ser louco do que ser como metade das pessoas que conheço.

Pego meu pincel e começo a pintar com um abandono selvagem, com pinceladas vastas e sem hesitação.

I'm Gonna Show You Crazy⁸ - Bebe Rexha

⁸ Eu vou te mostrar o louco.

Eu penso naquela noite. Lembro-me das coisas que sei que eram reais: o chão frio abaixo de mim. A agonia das minhas costas arqueadas, mãos amarradas e pulsos sangrando. Lembro-me do farfalhar solitário do vento nas árvores, do céu negro e vazio.

E então passos...

Mais leves do que os que eu ouvi antes.

A esperança que vibrou no meu peito.

E o pavor doentio quando vi Cole Blackwell olhando para mim.

Impiedoso. Impiedoso. Curioso... mas indiferente.

Pego meu lápis e começo a esboçar um contorno na tela: o corpo de uma menina, curvado e amarrado. Meu corpo.

Ele pode negar tudo o que quiser. Eu sei o que aconteceu. Eu posso desenhá-lo claro como uma fotografia.

Trabalho na nova pintura febrilmente, até que posso ouvir as luzes se apagando por todo o prédio, pessoas dando boa-noite umas às outras enquanto saem.

Verifico a porta do estúdio mais uma vez para ter certeza de que está trancada. Então eu volto para a pintura e continuo trabalhando.

Eu trabalho a noite toda.

Assim que Mara e eu nos separamos, dou uma desculpa ao painel e volto para meu próprio escritório no último andar do prédio para ver o que ela faz em seguida.

Todos os estúdios têm câmeras de segurança montadas acima de suas portas.

O feed dos streams de Mara é transmitido diretamente para o meu computador. Quando ela está trabalhando, posso ver cada movimento dela.

Eu assisto enquanto ela anda pelo estúdio, enlouquecendo.

Ela segurou-o na minha frente, mas agora ela está hiperventilando, vestindo a camisa e roendo as unhas.

Eu saboreio sua angústia. Eu quero vê-la desmoronar.

Ou, pelo menos, parte de mim sabe.

A outra parte quer vê-la lutar.

Eu gosto da teimosia dela. E eu quero esmagá-la.

Ela faz uma pausa no meio do estúdio. Dá um tapa forte no rosto. O estrondo ecoa na sala vazia. Acho que estou testemunhando o momento da fratura.

E talvez eu esteja.

Porque Mara racha. Eu testemunho isso. Mas algo mais sai de sua concha. Alguém que fica parado, sem se mexer, sem arrancar as unhas. Alguém que nem sequer olha para as janelas ou para as portas.

Ela pega a colagem inacabada e a arranca do cavalete. Em seu lugar, ela joga uma tela nova, com o dobro do tamanho, e joga uma tinta escura sobre ela, a tinta pingando no chão.

Ela vai trabalhar, rápida e raivosamente. Ela está febrilmente concentrada, tinta riscada pelo rosto e pelos braços, os olhos fixos na tela.

Eu vejo a composição tomar forma.

Ela tem um excelente olho para proporção, tudo em equilíbrio.

É raro eu admirar o trabalho de outros artistas. Sempre há algo para criticar, algo fora do lugar. Mas foi isso que percebi em Mara desde o momento em que ela tingiu aquele vestido: seu senso estético é tão apurado quanto o meu.

Ver o trabalho dela é como me ver trabalhando.

Estou grudada na tela do computador, assistindo por horas enquanto ela esboça sua composição e começa a bloquear a cor.

A batida de Sonia na porta me assusta. Sento-me, franzindo a testa enquanto ela enfia a cabeça para dentro.

— Você pode sair agora. — Ela sorri. — O painel sumiu.

— Bom, — eu digo. — Eu odeio toda essa bobagem.

Ela entra no meu escritório, quase tropeçando no saco de golfe colocado logo atrás da porta.

— Você realmente não gosta desse jogo, não é? — ela diz.

— É um jogo da mente, não do corpo. Então sim, eu gosto. Você deve assumir isso sozinha. Você sabe muito bem quantos negócios são feitos no campo de golfe.

— Eu sei, — diz Sonia rebelde, dando aos meus clubes um olhar venenoso. — Você quer ver as pontuações deles para os finalistas?

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Já decidi.

Sonia agarra a pilha de pastas contendo todos os candidatos que eu deveria revisar, sua expressão resignada.

— Deixe-me adivinhar... — ela diz.

— Vai para Mara Eldritch. — Eu concordo.

— Hm, — diz ela, os lábios franzidos. — Isso vai irritar o painel. Você sabe que eles gostam de dar a sua opinião...

— Eu não dou a mínima para o que eles querem, — eu estalo. — Estou financiando a doação e metade do orçamento para o ano, para que eles possam engolir e fazer o que eles mandam.

— Tudo bem, eu vou dizer a eles, — diz Sonia, receptiva como sempre. Ela sabe que os pontos principais de sua descrição de trabalho são obediência e discrição.

Ainda assim, ela permanece na porta, sua curiosidade forte demais para ser contida.

— Pelo que vale, eu teria escolhido Mara também.

— Isso é porque você tem bom gosto, — eu digo. — Ao contrário do resto deles.

— Como você a encontrou? — Sonia diz com fingida casualidade.

— Ela foi recomendada por outro artista.

Posso dizer que Sonia está morrendo de vontade de ouvir mais, mas ela já está ultrapassando os limites da minha paciência.

— Estou animada para ver o que ela vai inventar para o New Voices, — diz ela.

Já voltei para a tela do computador, observando a figura esguia de Mara se curvar e se esticar para cobrir a vasta tela com tinta.

Sonia hesita na porta.

— A propósito... Jack Brisk aumentou sua oferta pelo seu Olgati. Ele está disposto a pagar 2,4 milhões e trocar seu Picasso com você também.

Eu bufo. — Aposto que sim.

— Acho que isso é um não, então?

Eu gesticulo para o modelo solar brilhante pendurado em um lugar de destaque diretamente na frente da minha mesa. Onde eu vejo a cada minuto, todos os dias, sem nunca me cansar.

— Esta é a única peça sobrevivente do maior mestre do vidro italiano. Suas técnicas ainda não foram superadas na era moderna. E além disso, é lindo pra caralho – olhe para isso. Olha como brilha. Eu não venderia para Brisk se ele arrancasse o coração do peito e me entregasse.

— Tudo bem, Jesus, — diz Sônia. — Vou dizer a ele que tem valor sentimental e você não está interessado em vender.

Eu ri.

— Valor sentimental? Acho que você está certo, eu comprei com a herança quando meu pai morreu.

Sônia vacila. — Ah, você fez? Desculpe, eu não sabia disso.

— Isso mesmo. — Eu sorrio. — Você poderia dizer que eu estava comemorando.

Sônia olha para mim, considerando isso.

— Grandes homens nem sempre são ótimos pais, — diz ela.

Eu dou de ombros. — Eu não saberia. Não conheço nenhum bom pai.

— Você é tão cínico, — Sônia balança a cabeça tristemente.

Meus olhos já estão voltados para a figura de Mara na tela do meu computador.

Tolstoi disse que as famílias felizes são todas iguais, mas as famílias infelizes são infelizes à sua maneira.

A infância suja de Mara pode ser típica, mas mesmo assim quero conhecer sua história.

Ela desperta minha curiosidade de uma forma que é extremamente rara nos dias de hoje, quando eu não consigo reunir interesse em nada nem em ninguém.

Como se soubesse em quem estou pensando, Sonia diz: — Você quer dar a boa notícia para Mara, ou devo fazê-lo?

— Você diz a ela, — eu digo. — E não deixe que ela saiba que é de mim.

Sônia franze a testa. — Por que você sempre é tão avesso a alguém saber que você é um cara legal?

— Porque eu não sou um cara legal, — digo a ela. — Nem um pouco.

No início da manhã, eu finalmente lavo meus pincéis e lavo minhas mãos na pia de aço inoxidável brilhante no canto.

Trabalhei a noite toda e agora tenho um turno de brunch para cobrir. Mas não me arrependo de nada. Esta pintura está ganhando vida de uma maneira que nunca experimentei antes. Eu gostaria de poder continuar trabalhando nisso agora.

Recolho meus pertences espalhados, parando em frente ao grande espelho pendurado na parede para que eu possa arrumar meu ninho de cabelo manchado de tinta.

Enquanto faço isso, vejo algo no reflexo que não havia notado antes: uma câmera montada acima da porta, apontada para o estúdio. Eu franzo a testa, virando-me para a lente preta em branco.

Por que há uma câmera aqui?

Fica gravando o tempo todo?

Algo me diz que sim, é.

De repente, me sinto constrangida, repetindo meu comportamento espástico durante toda a noite enquanto

trabalhava na pintura. Eu estava falando comigo mesmo? Coçar minha bunda?

Estou paranóico que Cole Blackwell está me observando.

Ele me enerva, e eu não confio nele. Eu não sei quais são suas intenções, mas a experiência me ensinou que quando um homem tem um interesse especial por mim, nunca é bom pra caralho.

Quando estou saindo, paro no café no térreo, saboreando um dos latte gelado que Sonia prometeu que eram tão bons. Ela não está errada – o café é rico e perfeitamente preparado.

A própria Sônia entra pelas portas da frente quando estou saindo.

Eu meio que gostaria que ela não tivesse me visto, já que ela está vestida com um elegante terninho escarlate, seu cabelo recém-saído e seu batom impecável. Considerando que pareço ter passado a noite andando na traseira de um caminhão de lixo.

Além disso, se ela falou com Cole, há uma boa chance de ela me dar meus papéis.

— Ah, Mara! — ela diz: — Você chegou cedo.

— Ei, — eu digo nervosamente. — Apenas saindo, na verdade. Eu estava trabalhando até tarde, espero que esteja tudo bem.

— Mais do que bem. — Ela sorri. — É por isso que você tem acesso 24 horas.

— Sim... — Eu digo. — Na verdade, eu estava curiosa... Notei uma câmera no estúdio. Logo acima da porta.

— Ah, sim, — ela diz. — Todos os estúdios os têm. É apenas para fins de segurança - já tivemos problemas com roubo no passado. Não se preocupe, ninguém tem acesso ao feed. Só seria revisto nos casos em que ocorreu um incidente.

— Claro. — Eu concordo.

Eu não acredito em uma palavra que ela está dizendo. Cole é dono deste prédio, e essas câmeras estão lá por um motivo.

— Tenho boas notícias para você, — diz Sonia.

— Você faz? — Eu digo, ainda pensando na câmera.

— A guilda revisou todas as inscrições... você foi escolhido para a concessão!

Eu a encaro, estupefata.

— Você está falando sério?

— Completamente. — Ela me passa um envelope fino com meu nome digitado na etiqueta. — Esse é o seu cheque. E você estará no New Voices em algumas semanas!

Agarro o envelope, atordoadada. — Estou começando a sentir que você é minha fada madrinha, Sonia.

Ela ri. — Melhor do que uma madrasta malvada.

Ela se afasta alegremente, indo em direção ao seu escritório.

Abro o envelope e tiro o cheque, que tem meu nome completo, no valor de dois mil dólares, bem ali em preto e branco.

Que porra está acontecendo?

De jeito nenhum eu deveria ter conseguido aquela bolsa depois de confrontar Blackwell. Na verdade, eu esperava que Sonia me dissesse para arrumar minhas coisas e sair.

Em vez disso, ela me entregou um cheque.

O que significa que a Blackwell está me fazendo outro favor.

Favores SEMPRE vêm com cordas.

Que porra ele quer?

Corro para casa para poder tomar banho e me trocar antes do meu turno. Meu pequeno quarto já parece apertado e sujo em comparação com o luxuoso espaço do estúdio. Meus colegas de quarto me encham de perguntas enquanto eu encho meu rosto com uma torrada apressada.

— Você conheceu Blackwell? — Erin diz. — Como ele era?

— Um idiota, — murmuro em torno da torrada. — Assim como Joanna disse.

— O que você falou sobre? — Frank exige.

Eles estão todos de olhos arregalados e ansiosos, pensando que discutimos a teoria das cores ou nossas maiores influências.

Eu gostaria de dizer a eles exatamente o que aconteceu. Mas me pego hesitando, lembrando da ameaça de Cole. *Ninguém vai acreditar em você... você só vai parecer mais instável.*

Esses são meus melhores amigos. Eu deveria ser capaz de dizer a eles exatamente o que aconteceu.

Mas me pego gaguejando e me contorcendo na cadeira, incapaz de encontrar seus olhos.

Eu tive uma longa e feia história de pessoas que não acreditaram em mim. Histórias distorcidas, fatos mudados, pessoas que não eram o que pareciam ser.

Realmente começa a foder com seu senso de realidade. Toda vez que alguém te diz que você está errado, não aconteceu como você disse que aconteceu, não pode, você é um mentiroso, você é uma criança, você não entende...

Cada golpe de machado tira um pedaço da sua confiança, até você nem acreditar mais em si mesmo.

— Nós conversamos sobre uma bolsa, — eu digo, empurrando o cheque por cima da mesa para Joanna. — Eu vou passar isso para você - eu sei que devo a você o aluguel deste mês e o último.

— Eu disse que poderia balançar por algumas semanas... — Joanna diz, suas feições elegantes em uma carranca.

— Eu sei. E obrigado, mas eu tenho agora.

Frank abre o envelope, tirando o cheque. — DOIS MIL DÓLARES? Você está brincando comigo?

— Eu sei, — eu digo, corando. — Finalmente tendo sorte.

— Não é sorte, — diz Joanna. — Você é talentoso.

Erin arranca o cheque da mão de Frank para que ela possa cobiçá-lo também.

— É ele... Na sua? — ela diz.

— Erin! — Joanna a castiga.

— Não! — Balanço a cabeça com veemência.

— Como você sabe? — Frank diz.

— Confie em mim, Blackwell não gosta de mim. Na verdade, ele pode odiar minhas entranhas. — Eu tremo, lembrando da frieza de seus olhos... espaço escuro e vazio. Nenhum sinal de vida.

— Então por que ele continua ajudando você? Erin diz.

Eu mordo meu lábio, um pouco forte demais. — Eu realmente não sei.



Três horas depois, estou no meio do turno do brunch, puxando travessas de picadinho de batata-doce e torradas de abacate artisticamente arrumadas, quando Cole Blackwell se senta em uma das minhas mesas.

Eu quase derrubo minha bandeja de mimosas.

Cole é uma figura tão impressionante que quase todos nas mesas da calçada olham para ele. Toda mulher em um raio de cem jardas é subitamente compelida a alisar o cabelo e verificar o brilho labial. Até meu chefe Arthur aperta os olhos e franze a testa, imaginando se alguém famoso acabou de se sentar.

Cole tem aquele olhar de celebridade sem esforço, como certas modelos e estrelas do rock. Alto, magro e elegantemente vestido com roupas que você sabe que custam cinco dígitos. É sua arrogância descuidada que realmente completa. Como se você pudesse ser atropelado por um ônibus bem na frente dele e ele nem perceberia.

Ele também é lindo de morrer. Tão impressionante que só aumenta minha desconfiança dele. Ninguém tão bonito pode ser bom, é impossível. O poder corrompe e a beleza distorce a mente.

Ele parece ainda mais bonito ao ar livre, a luz cinzenta brilhando suavemente em sua pele pálida, seu cabelo escuro jogado pelo vento, e a gola de sua jaqueta virada para cima contra aquele maxilar afiado.

Ele me viu muito antes que eu o visse. Ele já está sorrindo, seus olhos escuros brilhando com malícia.

— Traga-me uma daquelas mimosas, — ele ordena.

Acho que o odeio. Uma onda de fúria surge dentro de mim ao ver seu rosto altivo.

— Você deveria esperar a anfitriã sentar você, — murmuro.

— Tenho certeza que você pode lidar com mais uma mesa.

— Aqui está. — Desgraçadamente, empurrei um menu em suas mãos.

Quando volto alguns minutos depois com sua bebida, ele diz:
— Quero que você coma comigo.

— Não posso. Estou no meio de um turno.

— Traga-me um café então, e eu vou esperar.

— Não, — eu estalo. — Você não pode ficar sentado aqui tanto tempo.

— Duvido que seu gerente se importe. Devo perguntar a ele?

— Olha, — eu assobio. — Eu não sei o que você está tentando puxar, me dando essa concessão. Você não pode me comprar assim tão fácil.

— Eu não estou comprando você, — diz Cole, olhos negros fixos nos meus. — Eu já te disse, não me importo com a história que você conta.

— Então por que você me deu?

— Porque seu trabalho foi o melhor.

Isso me atinge como um tapa, mesmo que seja para ser um elogio. Ele soa completamente natural. E Deus, eu gostaria de acreditar. Mas eu não confio nele, nem por um maldito segundo.

— Termine seu turno, — Cole diz, me dispensando imperiosamente. — Depois a gente conversa.

Termino o turno do brunch, sentindo seus olhos em mim em todos os lugares que me viro. Minha pele queima e me atrapalho em tarefas que normalmente poderia realizar durante o sono.

— O que há com o campista? — Artur me pergunta.

— Desculpe, ele está esperando para falar comigo. Ele é dono do meu estúdio.

— Oh, um chefe rival, hein? — Arthur ri, espiando ao virar da esquina para observar Cole mais de perto.

— Ele não é meu chefe. — Eu jogo minha cabeça, irritada.

— Ele parece rico, — diz Arthur. — Você deveria convidá-lo para sair.

— De jeito nenhum, porra.

— Mas ele é rico, não é?

— Sim, — eu admito.

— Eu sabia. — Arthur acena com a cabeça, sabiamente. — Eu sempre posso dizer.

— Ele está usando um Patek Philippe. Você não é exatamente o inspetor Poirot.

— É melhor você perder a ousadia, ou ele nunca vai namorar você.

— EU NÃO QUERO QUE ELE NAMORE COMIGO!

Arthur me olha com pena. — As mulheres sempre dizem isso.

Eu gostaria de poder dar um tapa em Arthur e Cole ao mesmo tempo, com as duas mãos.

— Bem, vá em frente então, — diz Arthur. — Eu vou lidar com seus deveres de fechamento.

— Obrigada, — eu digo, não realmente grata.

Tirando meu avental, eu me sento no banco em frente a Cole.

— O que devemos pedir? — ele diz.

— Eu não estou com fome.

— Mentiroso. Você deve estar morrendo de fome depois de trabalhar a noite toda.

Eu estreito meus olhos para ele, tentando ignorar a forma sensual de seus lábios e aquelas maçãs do rosto ultrajantes. Tentando focar apenas no brilho frio daquele olhar, mais duro que diamante.

— Eu sabia que você estava me espionando, — eu digo.

Cole dá de ombros, descarado. — É meu estúdio. Eu sei tudo o que acontece lá dentro.

— O que você quer de mim? — Eu exijo. — Por que você está fodendo comigo? Eu sei que você é, não negue.

— *Fodendo com você?* Essa é uma maneira engraçada de dizer obrigado.

— Eu te disse, só porque você me deu aquela bolsa não significa-

Sou interrompido por Arthur, que aparentemente decidiu servir uma mesa pela primeira vez em uma década para ter o prazer de observar meu aborrecimento de perto.

— Bom Dia! — ele vibra. — O que posso conseguir para vocês duas boas pessoas?

Cole se vira para Arthur com um sorriso de uma sinceridade tão surpreendente que eu só posso ficar boquiaberta. Todo o seu

rosto se transforma, de repente animado. Até sua voz suaviza, tornando-se calorosa e bem-humorada.

— Mara estava apenas me dizendo como ela está com fome, — diz Cole. — Eu quero tratá-la com todos os seus favoritos - tenho certeza que você sabe do que ela gosta.

— Meu Deus, — diz Arthur, os olhos arregalados por trás dos óculos. — Que incrivelmente *generoso*.

Se eu não estivesse sentado, ele estaria me dando uma cotovelada nas costelas agora.

— Eu *sou* generoso, — diz Cole, seu sorriso se alargando. — Obrigado por notar.

Arthur ri. — E pensar que Mara não queria tomar café da manhã com você.

— Mara boba — diz Cole, dando um tapinha na minha mão de um jeito que me faz sentir uma assassina. — Ela nunca sabe o que é bom para ela.

Arthur está gostando tanto disso que não quer sair para dar um soco no nosso pedido. Eu tenho que limpar minha garganta várias vezes, em voz alta, antes que ele vá embora.

Assim que ele se foi, eu puxo minha mão de volta de Cole.

— Eu não preciso de você, — eu o informo.

Cole bufa.

— Porra, você não sabe. Você está falida, sem estúdio, mal pagando aluguel. Sem conexões e sem dinheiro. Você absolutamente precisa da minha ajuda.

Eu realmente gostaria de ter um argumento para isso.

Tudo o que posso fazer é franzir a testa e dizer: — Eu tenho me dado muito bem até agora.

Cole solta um longo suspiro de aborrecimento.

— Eu acho que nós dois sabemos que isso não é verdade. Mesmo deixando de lado como nos conhecemos – que dificilmente foi o seu melhor momento – você também não está indo tão bem no mundo real. Mas agora você me conheceu. E em poucas semanas, você estará no New Voices. Eu poderia recomendar você pessoalmente a vários corretores que conheço. Você não tem idéia das portas que eu poderia abrir para você...

Cruzo os braços sobre o peito. — Em troca de quê?

Cole sorri. Este é o sorriso genuíno dele – não o que ele mostrou a Arthur. Não há nada de caloroso ou amigável nisso. Na verdade, é muito assustador.

— Você vai ser minha protegida, — diz ele.

— O que isso significa?

— Vamos nos conhecer. Eu vou te dar conselhos, orientação. Você seguirá esse conselho e florescerá.

As palavras que ele está dizendo soam perfeitamente benignas. No entanto, tenho a sensação de que estou prestes a assinar uma barganha do diabo com uma cláusula oculta.

— Existe algum tipo de implicação sexual aqui que estou perdendo? — Eu digo. — Você é o Weinstein do mundo da arte?

Cole se recosta em sua cadeira, bebendo sua mimosa preguiçosamente. Esta nova posição mostra suas pernas longas e seu peito poderoso flexionando sob seu suéter de cashmere, em uma exibição absolutamente intencional.

— Parece que preciso subornar mulheres para fazer sexo?

— Não, — eu admito.

Metade dos meus companheiros de quarto foderia Cole em um piscar de olhos. Na verdade, todos eles, exceto, talvez, Peter.

Eu mordo a ponta da minha unha do polegar, considerando.

— Não roa as unhas, — Cole estala. — É nojento.

Eu mordo minha unha com mais força, fazendo uma careta para ele.

Ele vai ser mandão e controlador, eu já posso dizer. É isso que ele quer? Um fantoche dançando em suas cordas?

— Posso ir ver seu estúdio? — Eu pergunto.

Este é um pedido audacioso. Cole Blackwell não mostra seu estúdio a ninguém. Especialmente não quando ele está no meio de uma série. Não tenho o direito de perguntar, mas tenho a estranha sensação de que ele pode concordar.

— Já está fazendo exigências? — diz Cole. Ele mexe o canudo no gelo com um som de clique frio.

— Certamente um protegido consegue ver o mestre trabalhando, — eu respondo.

Cole sorri. Ele gosta de ser chamado de *mestre*.

— Vou considerar isso, — diz ele. — Agora... — ele se inclina sobre a mesa, colocando suas mãos magras e pálidas na frente dele. — Nós vamos falar sobre você.

Porra. Esse é o meu tópico menos favorito.

— O que você quer saber?

Ele me olha faminto. — Tudo.

Eu engulo em seco. — Tudo bem. Eu morei aqui minha vida inteira. Sempre quis ser artista. Agora estou... mais ou menos.

— E sua família?

Venha para pensar sobre isso, *esse é o meu tópico menos favorito*.

Coloco as mãos no colo para não começar a roer as unhas novamente.

— Eu não tenho nenhuma família, — eu digo.

— Todo mundo tem família.

— Eu não. — Eu olho para ele, lábios pressionados juntos, teimoso.

— Onde está a mãe alcoólatra? — diz Cole.

Para mim, nossa conversa no estúdio foi um borrão de acusações gritadas e confusão total. Cole aparentemente se lembra de cada palavra, incluindo a parte que deixei escapar e agora me arrependo fervorosamente.

— Ela está em Bakersville, — murmuro.

— E o padrasto?

— Até onde eu sei, ele mora no Novo México. Não falo com nenhum deles há anos.

— Por que?

Meu coração está martelando e sinto aquela sensação de mal estar no estômago que sempre surge quando sou forçada a pensar em minha mãe. Eu gosto de mantê-la presa atrás de uma porta trancada no meu cérebro. Ela é um câncer emocional — se eu a deixar sair, ela vai infectar cada parte de mim.

— Ela é a pior pessoa que eu já conheci, — eu digo, tentando manter minha voz firme. — E isso inclui meu padrasto. Eu fugi no dia em que fiz dezoito anos.

— Onde está seu pai de verdade?

— Morto.

— Assim é o meu, — diz Cole. — Acho que é melhor assim.

Eu olho para ele bruscamente, me perguntando se isso deveria ser uma piada.

— Eu amava meu pai, — eu digo friamente. — O dia em que o perdi foi o pior dia da minha vida.

Cole sorri. — O pior dia até agora.

O que. O. Porra.

— Então papai morreu, deixando você sozinha com a mamãe querida e nem um centavo entre vocês, — Cole me cutuca, franzindo o nariz como se ainda pudesse sentir o cheiro daqueles anos terríveis na minha pele.

— Há coisas piores do que ser pobre, — eu o informo. — Houve um período em que eu estava com o cabelo escovado, uniforme limpo, eu ia para uma escola particular com o almoço embalado todos os dias. Foi um inferno.

— Esclareça-me, — diz Cole, uma sobrancelha escura levantada.

— Não, — eu digo categoricamente. — Eu não sou um espetáculo à parte para sua diversão.

— Por que você é tão combativo? — ele diz. — Você já tentou cooperar?

— Na minha experiência, quando os homens dizem 'cooperativo', eles querem dizer 'obediente'.

Ele sorri. — Então você já tentou ser obediente?

— Nunca.

Isso é uma mentira. Eu tentei. Tudo o que aprendi é que nenhuma quantidade de submissão é boa o suficiente para um homem. Você pode rolar, mostrar sua barriga, implorar por misericórdia, e eles continuarão batendo em você. Porque o próprio ato de respirar é rebelde aos olhos de um homem raivoso.

Os olhos escuros de Cole percorrem meu rosto, dando-me a sensação desconfortável de que ele pode ver cada pensamento que eu prefiro manter escondido.

Felizmente, sou salvo por Arthur depositando vários pratos de comida fumegante na nossa frente.

— Todos os maiores sucessos, — diz ele, sorrindo amplamente.

— Parece fenomenal, — diz Cole, ligando o charme com o toque de um interruptor.

Somente depois que Arthur nos deixa, Cole examina a comida com seu olhar crítico habitual.

— O que é isto? — ele exige.

— Esse é o prato de amostra de bacon, — eu digo, apontando para quatro tiras marinadas de barriga de porco premium rotuladas com uma escrita chique como se cada um fosse um convidado em um casamento.

Cole franze a testa. — Parece... intenso.

— É a melhor coisa que você vai colocar na boca. Olha, — eu cortei um pedaço do bacon balsâmico de alecrim. — Experimente este primeiro.

Cole dá uma mordida. Ele mastiga lentamente, sua expressão derretendo de ceticismo em surpresa genuína.

— Puta merda, — diz ele.

— Eu disse a você – tente este agora. Canela de açúcar mascavo.

Ele dá uma mordida na segunda tira, sobrancelhas se erguendo e um sorriso relutante puxando sua boca.

— Isso é tão bom.

— Eu sei, — eu estalo. — É por isso que trabalho aqui. É literalmente o melhor brunch da cidade.

— É realmente por isso que você trabalha aqui? — Cole pergunta, me observando atentamente.

— Sim. O cheiro de comida — não aguento se não for bom. A comida aqui cheira incrível porque é incrível. Aqui, tente isso agora — tome um gole da mimosa e depois coma uma das batatas doces picantes.

Cole faz exatamente o que eu disse, tomando um pequeno gole de sua bebida, então rapidamente mordendo a batata.

— Que merda, — diz ele. — Por que isso é tão bom?

— Eu não sei. — Eu dou de ombros. — Algo sobre o azedo cítrico e depois o sal. Eles amplificam um ao outro.

Cole está me observando enquanto eu como minha própria comida, dando uma pequena mordida em uma coisa e depois em outra, percorrendo minhas combinações favoritas.

— É assim que você come? — ele diz.

Eu dou de ombros. — A menos que eu esteja com pressa.

— Mostre-me mais combinações.

Mostro a ele todas as minhas maneiras favoritas de comer o magnífico brunch que Arthur colocou diante de nós — coalhada de

limão com camadas de morangos frescos e creme de leite nos scones, mirtilos entre pedaços de bacon de bordo, uma pitada de molho picante misturado com molho holandês...

Cole tenta tudo com um nível incomum de curiosidade. Presumo que alguém tão rico como ele tenha comido em um milhão de restaurantes chiques.

— Você não come fora o tempo todo? — Pergunto-lhe.

Ele balança a cabeça. — Eu não gasto muito tempo com comida. Isso me entedia.

— Mas você gosta disso?

— Eu faço, — diz ele, quase como se ele odiasse admitir isso. — Como você consegue tudo isso?

Eu dou de ombros. — Quando eu era pequena, nunca tínhamos mantimentos frescos. O jantar era qualquer coisa que eu pudesse pegar na cozinha sem mofo crescendo nele. Uma lata de milho. Ovo cozido. Cereais secos. Eu nunca experimentei a maioria dos alimentos até começar a trabalhar em restaurantes. Eu nunca tinha provado bife, ou coentro, ou abacate. Eu queria experimentar de tudo – era como descobrir um sentido totalmente novo.

— Mas houve um tempo em que você não era pobre, — diz Cole, atacando esse ponto como um cachorro com um osso. Ele realmente não vai largar isso.

— Sim, — eu digo irritada. — Quando morávamos com Randall.

— Esse é o seu padrasto.

— Sim.

— O que você comeu então?

— Não fodidamente muito. Ele costumava gritar comigo se minha colher tilintasse na minha tigela de cereal.

— Quantos anos você tinha?

— Onze.

— Ele não gostava de ter uma enteada?

— Não. Ele não. E a essa altura, ele havia aprendido uma ou duas coisas sobre minha mãe. Ela é muito boa em enganar as pessoas por um tempo. Quando ele percebeu, eles já estavam casados.

— Percebeu o quê? Eu vou te mostrar louco

— Que ela é uma parasita. Que sua única ambição é se apegar às pessoas e sangrá-las.

Cole assente lentamente. — Incluindo você, — diz ele.

— Especialmente eu.



Eu saio do brunch meio atordoada, me perguntando como diabos Cole Blackwell agora sabe mais sobre minha história

sórdida do que meus amigos mais próximos. Ele é implacável... e hipnótico, o jeito que ele me fixa com aqueles olhos profundos e escuros, sem desviar o olhar por um momento. A maneira como ele absorve tudo o que eu digo sem nenhuma das demonstrações usuais de simpatia ou comiseração irritante. Ele apenas absorve e exige mais, como se planejasse perfurar meu âmagô, minando minha alma.

Ele insistiu em pagar a refeição, deixando uma nota extra de cem dólares como gorjeta para Arthur.

Já posso ver como ele usa seu dinheiro para manipular as pessoas, inclusive eu. Eu descontei aquele cheque de dois mil dólares porque eu tinha que fazer isso, porque eu devo a Joanna o aluguel e os serviços públicos, e eu tenho que pagar a conta do cartão de crédito para o celular substituto, e minha conta do hospital também.

Cole sabe exatamente quanta influência ele tem sobre mim, e ele não tem vergonha de se apoiar na alavanca.

E, no entanto, apesar do fato de que ele é claramente insensível e manipulador, e ele me deixou para morrer na floresta, eu ainda me vejo andando com estranha leveza pelas ruas montanhosas para o meu novo estúdio cintilante.

Talvez porque ele não estava *tentando* me fazer sentir melhor. Na verdade, é a primeira vez que mencionei esse tópico sem ouvir as palavras: — *Mas é sua mãe...*

Cole não ofereceu nenhuma simpatia. Ele também não ofereceu desculpas. Nada de malditos chavões. Sem mentiras.

Passo a tarde trabalhando na minha nova pintura. Eu nunca senti tanta confiança em um pedaço do meu próprio trabalho.

Parece ganhar vida sob minhas mãos, como se tivesse uma mente própria. Michelangelo costumava dizer isso – que a escultura sempre estava lá dentro do mármore. Ele só tinha que liberá-lo.

É assim que me sinto hoje. A pintura já está lá, dentro da tela e dentro do meu cérebro. Meu pincel está expondo o que já existe. Perfeito e completo – tudo o que precisa é ser revelado.

Essa obsessão por Mara me consome.

É tudo em que penso. Ele direciona todas as ações que eu tomo.

Nunca me senti tão fora de controle, o que me incomoda.

Minhas fantasias sempre foram um palco espalhado abaixo de mim, no qual disponho os atores como um diretor. Eu os satisfaço à vontade.

Agora me pego fantasiando com Mara, sem intenção ou controle. Sem sequer perceber que estou prestes a cair em outro devaneio mais real do que o mundo ao meu redor.

Eu vejo cada elemento de seu rosto, seu corpo...

Quando pus os olhos nela pela primeira vez, mal a achei tolerável. Na verdade, suas unhas roídas e seu ar de óbvia negligência me enojavam.

Mas agora, alguma alquimia bizarra está trabalhando em mim. Cada elemento de sua pessoa se torna cada vez mais atraente para mim. A magreza de sua figura e a maneira sonhadora como ela se move quando ela está perdida em pensamentos. Aquelas

mãos elegantes que parecem encenar os impulsos mais inteligentes de seu cérebro sem nenhuma barreira no meio. A mistura de inocência e selvageria em seu rosto — e aquela expressão de rebeldia que franziu as sobrancelhas, que ergueu o lábio superior, mostrando os dentes.

Ela está determinada a me desafiar a cada passo, embora seja óbvio que sou infinitamente mais poderoso que ela. Ela é teimosa. Autodestrutiva, até. E ainda assim ela não é uma vítima patética e quebrada. Sua vontade de viver, de prosperar, de nunca, nunca, desistir de sua busca implacável de seus objetivos...

Eu nunca me vi em outra pessoa antes.

Por mais que Shaw queira desesperadamente acreditar que somos a mesma pessoa, nunca senti afinidade com ele. Muito pelo contrário.

Há apenas um deus no meu mundo. Eu estava sozinho no universo.

E agora eu vejo... uma faísca.

Uma faísca que me interessa.

Eu quero segurá-lo em minhas mãos. Manipulá-lo. Examine-o.

Mara tem um tipo de poder separado do meu. Eu quero saber se eu posso aproveitá-lo. Ou consuma.

Eu visito seu estúdio regularmente. Eu não bato - ela sabe que a estou observando pela câmera montada acima de sua porta. Não há aparência de privacidade.

Entro no estúdio que possuo, que forneço a ela, e vejo as maneiras rebeldes com que ela alterou o espaço - como ela de alguma forma conseguiu abrir as janelas altas, como ela espalhou suas roupas e livros ao redor e usou um quantia do dinheiro da bolsa para preencher o espaço com plantas - tropicais frondosas, cestos pendurados semelhantes a videiras e árvores em vasos para complementar os limões ornamentais já existentes. Ela pegou meu jardim inglês cuidadosamente curado e o transformou em uma selva.

A aparência de Mara varia de sem-teto a perturbada - macacão rasgado, pés descalços, rosto e mãos manchados de tinta, escovas enfiadas no cabelo por segurança.

E, no entanto, sua pintura brilha como a pietà. Iluminado por dentro.

Examino cada milímetro dela.

— As mãos precisam de trabalho, — eu digo.

— Eu sei, — diz Mara. — As unhas...

— Esta borda pode ser afiada. — Aponto o cabo de um pincel para o ombro esquerdo da figura. — Aqui.

Pego a paleta de seu lugar de descanso e mergulho o pincel, com a intenção de escurecer a borda eu mesmo.

— NÃO! — Mara estala, enquanto eu levanto o pincel em direção à tela. — Eu vou fazer isso.

Eu coloquei a paleta para baixo, estreitando meus olhos para ela. — Você deveria ter a sorte de saber que eu toquei meu pincel no seu trabalho.

— Sim, — ela diz. — Estou ciente de seus muitos talentos. Você pode pintar anéis ao meu redor. Eu não dou a mínima — ninguém toca nesta tela além de mim.

Ela me encara, me bloqueando fisicamente da tela, olhos selvagens, pincel agarrado como se ela quisesse me esfaquear.

Ela é tão apaixonada por tudo.

— Parece que você quer me esfaquear, — eu digo. — Você já machucou alguém, Mara? Ou apenas imaginava...

Seu punho treme, cerrado ao redor do pincel.

Isso não é um tremor de medo.

É raiva.

Em quem, Mara? Eu? Alastor Shaw? A mãe, o padrasto? Ou a porra do mundo inteiro...

— Eu nunca machuquei ninguém, — diz ela. — E eu não quero.

— Você não deseja mal a ninguém?

— Não.

— E o homem que sequestrou você? Eu me aproximei dela agora, olhando para ela. — E ele?

Seu peito sobe e desce, cada vez mais rápido, mas ela se recusa a dar um passo para trás.

— Você deve querer vingança. Ele te amarrou. Perfurou seus mamilos.

Eu olho para o peito dela. Mara nunca usa sutiã. Seus seios pequenos e mamilos pequenos são regularmente visíveis sob o tecido fino de seus tops e vestidos. Ainda mais por causa dos anéis de prata nos mamilos que ela ainda precisa remover.

— Por que você não tirou isso, Mara? Acho que sei por quê...

Ela olha para mim, aqueles olhos arregalados e selvagens em ambos os lados daquele nariz insolente e boquinha viciosa...

— Por que? — ela exige.

— Como um lembrete. Você não quer esquecer. O que significa que você não quer perdoar.

Suas pupilas se expandem como uma gota de óleo se espalhando na água.

Estou falando os pensamentos direto do cérebro dela.

— Ele cortou seus pulsos. Deixou você para morrer. Não... pior do que isso. Deixou você como uma zombaria. Uma porra de uma piada. Ele nem terminou de te matar, isso é o quão pouco você significava para ele. Ele nem ficou para ver você morrer.

A verdade é que Alastor não se demorou porque sabia que não podia se esconder de mim.

Mas estou dizendo a Mara o que ela sabe ser verdade... o homem que a atacou a vê como menos que lixo. Menos que sujeira. Um inseto, lutando e morrendo no parapeito da janela, nem mesmo digno de sua atenção.

— Você o machucaria, Mara. Você quer machucá-lo. Ele merece. Se ninguém o parar, ele *continuará* machucando as pessoas. Seria mais do que justiça... seria *bom*.

Mara me encara, olhos em chamas, rosto corado.

Um anjo justo na face de um demônio.

— Homens maus sempre querem justificar o que fazem, — diz ela. — E não é contando todas as razões deles. Não... eles querem empurrá-lo, e dobrá-lo, e quebrá-lo até que você estale. Até que você faça algo que pensou que nunca faria. Até que você não consegue nem se reconhecer. Até que você seja tão ruim quanto eles. É assim que eles se justificam... tentando torná-lo igual a eles.

Não há espaço entre nós agora. Meu rosto está a centímetros do dela, nossos corpos tão próximos que o calor dela e o meu irradiam em um ciclo contínuo, alimentando o inferno entre nós.

— Você não o mataria? Se ele estivesse aqui, agora, tão indefeso quanto você naquela noite?

Ela encontra meu olhar, inabalável. — Não.

— E se ele *não fosse* indefeso? E se fosse ele ou você?

Ela olha nos meus olhos. — Então eu diria a ele... você não vai se aproximar de mim desta vez. Estamos cara a cara agora.

Ela ainda acha que pode ter sido eu.

Ela acha que eu fiz isso com ela.

E ainda assim ela está aqui, agora, sozinha neste quarto comigo, a centímetros de distância, seus lábios tão inchados e corados quanto os meus...

Ela é mais distorcida do que eu jamais ousei sonhar.

Na noite do New Voices estou tão nervosa que vomito na sarjeta a caminho do show.

Cole disse que mandaria um carro para mim às 21h.

Às 8:20 saí a pé.

Passei a conhecer Cole Blackwell mais intimamente do que jamais teria imaginado nessas últimas semanas. Sinceramente, acho que o conheço melhor do que qualquer pessoa nesta cidade, porque é só ao meu redor que ele deixa cair a máscara. E não é uma máscara — são dezenas.

Observo-o levar cada um ao rosto, um após o outro, cada um feito sob medida para a pessoa com quem conversa.

A máscara para meu chefe Arthur é a de um colega de negócios com uma ligação emocional com seu jovem protegido - no caso de Cole, tingida com um romantismo muito aparente.

A máscara que ele usa perto da maioria de seus funcionários é de um artista distante e autocrático. Ele os faz pular em suas demandas selvagens, o tempo todo fazendo pedidos estranhos o suficiente para disfarçar o que ele realmente quer...

A máscara que ele usa para Sonia é a mais fodida de todas porque *parece* a mais íntima. Ao redor dela, ele mostra sua crueldade e humor perverso. Ele vai até admitir coisas pouco lisonjeiras para ela. Mas então ele se vira para mim, e vejo a animação desaparecer de seu rosto, revelando o vazio absoluto por baixo. Uma visão que Sonia nunca vislumbrou, nem mesmo por uma fração de segundo. Ele é muito cuidadoso. Ele nunca escorrega.

Tudo o que ele faz é deliberado e sem falhas.

Eu não sou tão estúpida para não perceber que ele também poderia estar usando uma máscara em mim. O mais enganador de todos, porque é o que mais se aproxima da realidade.

Ele sabe como sou bom em detectar irregularidades. Estou nervosa, sensível – pequenos detalhes são sirenes gritantes para mim. Ele sabe que este tem que ser bom. Um verdadeiro trabalho de arte. Caso contrário, não vai me enganar.

Tudo isso é para dizer que *tenho* observado Cole tão de perto quanto ele me observa. Eu assisto enquanto ele me orienta e me instrui, rasgando minha pintura em pedaços e exigindo que eu a trabalhe e refaça, trabalhando constantemente, continuamente, aperfeiçoando-a para o show. E ele está certo, é isso que me mata, ele está certo! As coisas que ele aponta, as coisas que ele me diz para mudar, eu também as vejo. Eu sei o que tenho que fazer.

Nós dois vemos a pintura como será. Como TEM que ser.

Vemos a visão perfeita.

Quanto mais perto fica da perfeição, mais apertado Cole desliza seu laço em volta de mim. Ele acha que me tem amarrado,

completamente sob seu controle: em seu estúdio, em seu show, conhecido publicamente como seu protegido.

Ele está ficando mais mandão a cada dia. Tentando tomar cada vez mais do meu tempo. Aparecendo do lado de fora do meu trabalho, sabendo quando meu turno acabou, me acompanhando até seu estúdio. Levando-me para casa novamente à noite. Certificando-me de que eu nunca vou a lugar nenhum fora de sua vista, sem que ele saiba.

Eu vejo o que ele está fazendo.

Ele está planejando me pegar naquela limusine hoje à noite, já vestido para a noite, ele com o que ele escolheu para ele e eu com o vestido que um mensageiro trouxe esta manhã: um vestido de seda deslumbrante, com fenda até o umbigo. Elegante e perigoso. Algo que teria transformado todas as cabeças na galeria.

Bem, foda-se, eu escolho minhas próprias roupas.

E ninguém vai olhar para mim esta noite por causa de um vestido decotado. Eles vão olhar para a pintura. Porque a pintura é linda pra caralho.

Eu corro para a galeria, usando um mini vestido dos anos 70 e minhas botas favoritas.

Chego lá meia hora mais cedo, em vez de chegar atrasada. Eu poderia ter entrado no braço de Cole Blackwell. Em vez disso, vou ver as reações das pessoas ao meu trabalho. A reação REAL deles, quando eles não sabem que estou aqui.

A meia-lua de pessoas ao redor da tela fica quieta como adoradores.

A pintura é iluminada como todas as pinturas de santos devem ser: por uma única luz brilhante no teto.

O rosto da figura está voltado para aquela luz, seu corpo posicionado de forma ao mesmo tempo elegante e quebrada, contorcida e livre.

Ela é perfurada com facas, flechas, balas, tábuas... uma pedra cedeu em metade de seu crânio. Sua carne pálida contra o arreio de couro, lisa como pedra de alabastro.

No entanto, sua expressão está em êxtase. Beatífico. Grato, até.

O título diz: *A Misericórdia dos Homens*.

A pintura é exatamente em tamanho natural. Está pendurado como se você pudesse atravessar a tela e tomar o lugar dela no quadro.

O novo crítico da Siren aponta para o rosto da figura.

Um retrato perfeito.

Meu retrato.

— Quem diabos é essa? — ela diz.

Minha raiva ao chegar na casa de Mara e encontrá-la vazia só é superada pelo meu desgosto comigo mesmo por não ter antecipado isso.

Eu estava contando com a compreensão dela de como seria vantajoso chegarmos juntos. Câmeras piscando quando saímos da limusine, cada uma exalando o glamour, a riqueza e o esconderijo que eu havia cuidadosamente selecionado para aquele momento.

Em vez disso, aquela idiota obstinada fugiu a pé.

ODEIO quando ela anda.

Por mais que eu tenha tentado esconder minha orientação de Mara, é apenas uma questão de tempo até que Alastor nos veja juntos. Quando ele o faz, não há como esconder quem ela é. Ele a reconhecerá. E pela primeira vez na minha vida... Não tenho certeza do que fazer sobre isso.

Não quero Alastor perto de Mara.

Não quero que ele saiba que ela está viva.

E, no entanto, a única maneira de escondê-la dele seria nunca interagir com ela, ou apenas das maneiras mais mundanas.

Eu a quero comigo constantemente.

Eu quero fazer cada merda que eu quero fazer com ela.

O conflito entre essa necessidade e suas consequências inevitáveis me enfurece.

Eu a quero sempre sob meus olhos. Sempre sob meu controle. Eu quero câmeras no quarto dela, na porra do corpo dela. Não basta observá-la no estúdio, no trabalho, da casa atrás dela...

— CHEGUE À PORRA DA GALERIA! — Eu grito para o motorista.

No momento em que paramos, entro, sem nenhuma das habituais alegrias.

A única pessoa que saúdo é Sonia, e apenas para rosnar para ela: — ONDE ELA ESTÁ?

— Mara? — Sonia diz, sobrancelha levantada.

Ela sabe muito bem que me refiro a Mara. Ela só quer me fazer dizer isso.

— Sim, — eu assobio. — *Mara*.

Sonia aponta sem palavras com a caneta.

Se eu não estivesse tão enfurecido, eu poderia simplesmente ter seguido a concentração de barulho ao redor dela. Mara já está cercada de jornalistas, críticos e novos amigos.

Eu empurro meu caminho através de todos eles, agarrando-a pelo braço e rosnando em seu rosto: — *Como você se atreve a não esperar por mim?*

Sinto as dezenas de olhos em nós, ouço o frenético silêncio repentino, todos se esforçando para ouvir com todas as suas forças.

Mara está tão consciente desses elementos quanto eu. Talvez ainda mais.

No entanto, ela me encara com ousadia.

Porque ela antecipou isso. Planejei, mesmo.

— Eu também senti sua falta, querido, — diz ela.

Então ela me beija na boca.

Cem olhos nos cercam. Câmeras explodem em flashes de luz ofuscante. O ar é tão espesso que você poderia cortá-lo.

Cole está com tanta raiva que todo o seu corpo é um fio vivo, uma linha elétrica vibrando.

Nossas bocas se encontram e toda essa corrente passa para mim.

Estou acordada de repente, meu cérebro se abrindo como um portal para o universo. Eu o beijo e saboreio sua boca. Eu gosto dele.

Nem a máscara, nem o pretendente.

Eu gosto da porra do animal.

Esse animal está com fome. Ele ataca minha boca. Ele morde meus lábios. Isso me engole inteiro.

Cole está me beijando como a porra do monstro que ele é, bem aqui, agora, na frente de todas essas pessoas.

Ele está me comendo vivo enquanto todos assistem.

Quando nos separamos, minha boca está sangrando. Eu sinto o calor deslizando pelo meu queixo.

Meu sangue pontilha seu lábio inferior cheio. Eu posso ver isso nos fios de seus dentes.

— Nunca me deixe esperando, — diz ele.

Ele me pega pelo braço e começa o processo vigoroso de me desfilarmos na frente de todas as pessoas influentes naquela sala. Ele me apresenta a cada um, dizendo que sou sua aluna, sua protegida. Que estamos trabalhando em uma nova série juntos, e eles podem ver seu primeiro exemplo agora, a porra da obra-prima do programa.

O que quer que eu imaginei que seria andar por aí com Cole Blackwell, a realidade é dez vezes maior. Ele é uma estrela escura no centro do universo, atraindo todo mundo. Todo mundo quer vê-lo, falar com ele. Mesmo os jogadores mais vaidosos e influentes se tornam bajuladores vertiginosos em sua presença.

Mesmo Jack Brisk – que mal percebeu quando despejou seu vinho em todo o meu vestido – age como um colegial ansioso quando Cole lhe dá um olhar.

— Sônia lhe contou minha nova oferta? — ele diz.

— Você sabe que ela fez. E você sabe o que eu respondi.

— Eu poderia fazer até três milhões-

Cole o interrompe. — Não estou interessado.

Quando Brisk se afasta, ofendido, pergunto: — O que foi isso?

— Só tenho algumas coisas para as quais me importo, — diz ele. — Eu não estou vendendo nenhum deles para Brisk.

— O que você dá a mínima?

Estou genuinamente curiosa. Apesar de tudo que Cole possui ser caro – seu carro, seu relógio, suas roupas – ele não parece ligado a nada disso. Até seus ternos extravagantes são escuros e simples, usados como um uniforme todos os dias.

Não espero que ele responda.

Mas Cole fará qualquer coisa para me chocar.

— Eu tenho um jardim, — diz ele. — Na minha casa. Autocontido. Autoperpetuação.

— Um mini ecossistema? — Eu pergunto, incapaz de conter minha curiosidade.

— Não mini, — diz ele.

Eu tenho mais uma centena de perguntas sobre este assunto, mas somos imediatamente interrompidos por Erin e Frank. Embora todos os meus colegas de quarto tenham aparecido para me apoiar, são esses dois que abrem caminho entre a multidão para que possam exigir uma apresentação de Cole.

Ambos estão fazendo o possível para dar em cima dele, Frank fazendo perguntas sobre a última escultura de Cole, e Erin fazendo insinuações e tentando tocá-lo no antebraço.

Cole é notavelmente paciente com isso, embora eu possa dizer que ele está ansioso para me mostrar para pessoas mais importantes.

Não querendo irritá-lo mais do que eu já fiz, eu afasto Frank e Erin e aceno para Joanna no lado oposto da sala. Joanna sorri, levantando sua taça de champanhe em minha direção em um brinde silencioso.

Ela trouxe seu namorado Paul e seu colega de quarto Logan. Logan é um tatuador – na verdade, ele fez a citação nas minhas costelas.

— Quem é aquele? — Cole estala, seguindo meu olhar.

— Minha colega de quarto Joanna.

— Eu sei disso, — diz ele irritado. — Eu quis dizer os outros dois.

Antes que eu possa responder, somos interrompidos por Sonia trazendo outra rodada de corretores e curadores que querem falar com Cole e, por extensão, comigo também.

No início da noite, notei uma estranha tensão em Cole – separada de sua raiva por mim. Ele estava examinando o quarto. Procurando por alguém.

Mas essa pessoa nunca se materializou.

E à medida que a noite avança, à medida que o tempo passa em que alguém importante viria, eu o vejo relaxar.

Eu posso ler Cole. Quando ele quer que eu... e também quando ele não o faz.

Ele não quer que eu saiba que ele estava assistindo. O que instantaneamente o torna o aspecto mais intrigante da noite.

Quem diabos ele está esperando?

Os elogios caem sobre meus ombros. Não por causa de Cole ou sua influência. Eu vi por mim mesmo antes dele chegar – o trabalho é BOM.

O sentimento de realização, de verdadeira criação divina, eclipsa tudo o que acontece naquela noite e tudo o que *acontecerá* nos próximos dias. Perfis, postagens, re-postagens e uma disseminação viral online da pintura estão chegando. Eu vejo isso colocado diante de mim.

Mas neste momento, eu não me importo.

A única coisa que eu acho é isso:

Eu fodidamente fiz isso.

Eu fiz arte.



Na euforia no final da noite, me viro para Cole. Estou brilhando de felicidade. Ele ilumina tudo ao meu redor, dando a cada pessoa seu próprio brilho interior privado. Tornando-os bonitos para mim.

Naquele momento eu penso em todas as críticas que Cole me fez. Todos os conselhos. Penso no próprio espaço do estúdio, que só tenho por causa dele.

E eu olho para o rosto dele. Aquele fodido rosto lindo.

Sinto-me grato a ele, genuinamente grato.

Abaixo disso... a emoção mais profunda e sombria que sempre se esconde abaixo da superfície. Está lá desde o momento em que coloquei os olhos nele, mesmo nas minhas circunstâncias mais extremas e terríveis. Quando eu o vi como o anjo da morte.

Eu queria a morte.

Eu queria ELE.

Cada momento do nosso beijo está queimado no meu cérebro. Seu gosto, seu cheiro, aqueles lábios carnudos e fortes e os dentes embaixo...

O sabor do meu próprio sangue na minha boca.

Eu quero mais.

Eu o arrasto para os escritórios vazios ao lado da galeria. Minha boca está sobre ele, minhas mãos também. Eu o empurro contra uma mesa e caio de joelhos diante dele, abrindo a fivela de seu cinto.

Nesse momento, alguém do outro lado da sala limpa a garganta.

— Por mais que eu queira continuar observando em segredo, essa minha consciência horrível não me deixa ficar quieto.

É Simon Grundy. Cole me apresentou a ele no início da noite. Ele é um comprador da Jolie e Voss — um homem barbudo e

sarcástico de cerca de quarenta e oito anos, cheirando levemente a charutos.

Ele sorri para mim agora, ajoelhando-se diante do meu professor precisamente na posição que ele esperaria me encontrar se ele viesse visitar nosso estúdio.

Meu rosto queima.

Quero dizer a ele que nunca fiz isso antes, nunca pensei em *fazer* isso. Eu nunca chupei pau por um favor. A ideia era abominável para mim.

Mas neste caso... a gratidão foi grande. Assim como meu impulso de chupar o pau de Cole.

— Não há necessidade de constrangimento, — diz Cole. Seus olhos escuros voam entre mim e Simon. — Mara estava prestes a agradecer por tudo que fiz por ela. E já que ela é tão extremamente... grata... Tenho certeza de que ela ficaria feliz em incluir você.

Simon dá um passo mais perto, tentando esconder as emoções em seu rosto. Excitação. Luxúria. E alegria... ele não pode acreditar em sua sorte neste momento. O destino fortuito da mão está lidando com ele.

— Aqui está ela, já de joelhos, — Cole diz, naquela voz baixa e sedosa dele. — Tenho certeza que ela ficaria feliz em chupar seu pau como um aperitivo para o meu. Ela já provou ser uma aluna extremamente capaz...

A implicação é clara.

Estou em um foguete agora, voando para um determinado destino. Se eu quiser ir até lá, não farei nada para acender o fusível. Não vou arriscar estragar tudo cedo.

Este é o trato com o diabo.

Ele é meu dono.

Ele me controla.

Lentamente, eu me levanto.

Eu ignoro Simon como se ele nem estivesse lá.

Em vez disso, olhando diretamente nos olhos de Cole, eu digo: — Eu queria você. Genuinamente. Porque eu te admiro. E você me atrai, não vou negar. Eu queria foder você. Mas você não é meu dono, Cole. E você nunca vai.

Por um momento ele fica ali, pálido e imóvel. Em seguida, uma fúria escura e rodopiante preenche suas feições, como um recipiente cheio de tinta. Seus olhos são lascas brilhantes de preto em um mar de branco plano.

Eu não espero por sua resposta.

Eu simplesmente me viro e saio dos escritórios.

Eu respiro na multidão de festeiros como um cometa no céu.

Ao passar por eles, um satélite intercepta meu caminho.

É Logan, tímido e deslocado em seu jeans rasgado e camiseta, mostrando a tinta grossa subindo e descendo por seus braços. Ele para na minha frente, gaguejando algo sobre minha pintura.

Eu o agarro pelo colarinho, arrastando-o para minha órbita.

— Você vem comigo.

Mara sai correndo da sala.

Simon se vira, sorrindo cheio de dentes.

— Bem, valeu a pena tentar, — ele ri.

Lanço-lhe um olhar que apaga o sorriso de seu rosto em um instante.

— É melhor eu voltar para a festa... — ele gagueja, tentando passar por mim para fora da sala.

Eu o empurro para fora do caminho, indo eu mesma atrás de Mara.

Posso ver sua juba de cabelo escuro emaranhado desaparecendo pelas portas da frente da galeria.

Para minha total fúria, ela agarrou a mão de algum idiota aleatório e o está arrastando junto com ela.

Que porra ela pensa que está fazendo?

Sua teimosia está realmente começando a me irritar.

Eu queria você... genuinamente.

Minha cabeça dá um puxão, sacudindo a memória dessas palavras como uma mosca irritante zumbindo perto do meu ouvido.

Eu a envergonhei.

Ela estava tão vulnerável, ajoelhada diante de mim... Eu não pude evitar. Eu queria ver até onde eu poderia empurrá-la.

Quanto mais ela se rebela contra mim, mais eu quero esmagá-la.

E quanto mais ela se apegas às suas convicções, mais eu pretendo arrastá-la por caminhos escuros e tortuosos...

Quando chego às portas da frente, Mara e seu infeliz companheiro já entraram em um táxi e se afastaram do meio-fio.

Onde diabos ela está indo?

Estou colocando um rastreador no telefone dela. Primeira coisa amanhã. Eu já deveria ter feito isso.

Sônia me intercepta.

— Marcus York está procurando por você, — diz ela.

— O que? — Eu digo distraidamente.

— Ele está bem ali. — Ela aponta. — Vamos, eu vou te trazer, ele diz que tem algo 'enorme' para te dizer.

— Eu aposto, — eu digo irritado.

York é um urbanista e autoproclamado - *patrono das artes*. Ele é influente nesta cidade, mas ele também era próximo do meu pai, o que significa que eu não posso suportá-lo.

— Cole! — ele diz em sua voz retumbante, batendo-me com força em ambos os ombros.

York é em forma de maçã, com cabelos escandalosamente crespos e um rosto corado. Seus dentes são longos e cor de marfim, sempre à mostra porque ele está sempre sorrindo. O cabelo palhaço e o tom avuncular são feitos para desarmar as pessoas que ele conhece. Eu sei melhor - York é um tubarão, tirando mordidas gananciosas de cada contrato de construção e acordo de zoneamento que passa por sua mesa.

— Eu deveria vir visitá-lo, — diz ele. — Faz muito tempo desde que vim para Seacliff.

Ele era um dos muitos associados que costumavam visitar o escritório particular de meu pai no andar térreo da casa. A maioria das pessoas que movem e agitam San Francisco passou por aquelas portas duplas de carvalho uma vez ou outra. Agora ninguém vem à minha casa, nunca. E pretendo manter assim.

— Eu faço todos os meus negócios fora do meu estúdio, — eu digo.

— Mas somos velhos amigos. — York levanta as sobrancelhas grisalhas.

— Amizades fundadas nos negócios são superiores às empresas fundadas na amizade.

— Falou como seu pai, — York ri.

Eu detesto comparações com meu pai.

Um operador experiente, York vê meus lábios se apertarem e rapidamente muda de assunto.

— Eu estava dizendo a Sonia aqui que temos uma oportunidade emocionante no futuro. A cidade está investindo dois milhões para uma escultura monumental para o Corona Heights Park. Nós estaremos aceitando projetos todo mês que vem. Eu espero que você queira jogar seu chapéu no ringue. Shaw também, apostado.

— Onde está Shaw? — Eu interrompo, olhando para Sonia. — Ele nunca sente falta do New Voices.

Porque ele nunca sentiria falta de foder uma dessas novas vozes.

Sônia dá de ombros. — Seu nome estava na lista de convidados...

Embora eu prefira adiar a colisão de Shaw com Mara, sua ausência inexplicável é pior.

Estou de mau humor, mais agitado do que estive em meses. Fico me perguntando para onde Mara foi, o que ela está fazendo neste momento. E eu não poderia dar a mínima para o que York está reclamando.

— Esta é sua chance de deixar sua marca nesta cidade de uma vez por todas, — diz York pomposamente. — Obtenha seu nome lá fora.

Eu sorrio levemente. — Não tenho certeza de quanto amplamente quero que meu nome seja conhecido.

— Então você não deveria ser tão talentoso, — gargalha York.
— Você tem um mês para elaborar sua proposta – não perca o prazo. Você sabe que eu vou colocar uma boa palavra para você.

Suprimo o escárnio que surge com a ideia de que preciso de Marcus York para falar sobre meu projeto.

Em vez disso, sinto o zumbido do meu telefone no bolso e o pego, assediada pela ideia irracional de que Mara possa ter me mandado uma mensagem.

Perto... é uma notificação de movimento para a câmera dentro de seu estúdio.

Bom. Ela abandonou o cara e decidiu fazer algum trabalho. Quão diligente da parte dela.

Não é suficiente saber onde ela está, eu preciso vê-la.

— Com licença, — eu digo para Sonia, interrompendo York no meio da frase. York franze a testa, uma sugestão do tubarão espiando por baixo de suas sobrancelhas abaixadas.

Eu passo pelos dois, voltando para as galerias vazias que foram isoladas para o show. Eu teço meu caminho através de esculturas abstratas em plintos e grandes telas coloridas.

Quero ficar sozinho para poder observá-la. Ela está começando uma nova pintura? Eu disse a ela que ela deveria continuar sua série de retratos inspirados em santos. Minha curiosidade para ver o que ela vai fazer a seguir supera em muito meu interesse em qualquer arte que me cerca.

Meus olhos estão grudados na tela do telefone.

O feed da câmera de segurança finalmente carrega, e eu tenho uma transmissão ao vivo do estúdio de Mara em cores, bem diante dos meus olhos.

Ela não está sozinha.

Ela trouxe aquele maldito cara para o estúdio dela. MEU estúdio.

Meus dedos apertam o telefone com tanta força que ouço a tela de vidro gemendo.

Mara e o cara estão conversando. Ela tirou duas cervejas do frigobar e elas estão tomando seus drinques, Mara gesticulando com a mão livre enquanto traça no ar as formas que pretende desenhar na tela em branco recém-posta sobre o cavalete.

Ela está contando a ele sobre a série? Dizendo a ele o que ela planeja fazer a seguir?

Posso ouvir o murmúrio baixo de suas vozes, mas não consigo distinguir as palavras precisas.

Mara abre várias latas de tinta, mostrando-lhe as cores de dentro. Ele mergulha o dedo na tinta violeta e passa no nariz dela. Mara ri, limpando com as costas da mão.

Eu vou matá-lo.

Mara larga sua cerveja. Ela caminha até o aparelho de som e liga a música, muito alta como de costume.

***Stupid*⁹ — Ashnikko**

A batida forte é facilmente alta o suficiente para eu entender a letra.

Garoto estúpido acha que eu preciso dele...



Um calor quente e derretido sobe pela minha nuca, até meus ouvidos. Simultaneamente, minhas mãos ficam frias.

Mara marcha de volta para o centro da sala, bem na frente da câmera. Ela agarra o cara pela camisa e o puxa para ela, beijando-o ferozmente.

O beijo parece durar para sempre.

É selvagem e profundo, não muito diferente do que Mara e eu compartilhamos apenas uma hora atrás.

Na verdade, quase sinto que voltei no tempo. De costas para mim, seu cabelo escuro desgrenhado e sua camiseta preta, seu par poderia ser eu. E Mara – olhos fechados, cabeça inclinada para

⁹ Estúpido.

trás, corpo pressionado contra ele – parece tão irresistível quanto de perto.

Sinto que estou flutuando dentro da sala com eles, fora do meu próprio corpo.

Eu assisto, paralisada, enquanto Mara puxa sua camisa sobre sua cabeça, expondo um corpo atlético coberto de tatuagens. Ela puxa para baixo as alças de seu próprio mini vestido floral, deixando o vestido empoçar em torno de suas botas. Ela se liberta, magra e nua, os anéis de prata brilhando em seus mamilos.

Mesmo por trás, posso dizer que o cara está olhando para o corpo dela.

Eu também sou.

A figura de Mara é tão suave e ágil que quero desenhá-la sem nunca tirar o lápis da página. Sua pele é luminescente. Ela raspou sua boceta nua, algo que eu nunca vi antes no meu tempo espionando ela.

Para quem ela fez isso?

Foi para mim?

Agora essa porra de ninguém está olhando para ela. Ele está colocando as mãos em volta da cintura dela. Puxando-a para perto para beijá-la novamente.

Eu quero dirigir até lá. Separe-os. Esmague a cabeça dele na parede uma centena de vezes até que seu crânio rachar como um melão e seu cérebro vazar para fora de seus ouvidos.

Mas estou congelado no lugar, incapaz de desviar o olhar da tela nem por um segundo.

Mara cai de joelhos diante dele. Ela desabotoa sua calça jeans e a puxa para baixo, deixando seu pênis saltar livre, já duro. O meu é maior, mas isso não é nenhum consolo quando ela o toma em sua boca, envolto entre seus lábios macios e cheios, correndo sua língua rosa para cima e para baixo em seu eixo, girando ao redor da cabeça.

Ela é voraz, entusiasmada, brincalhona. Dando-lhe o tipo de boquete que os homens só sonham em receber.

Estou envolto em ciúmes. Inflamado com isso. É uma fogueira ao meu redor, e eu sou um herege amarrado à estaca, queimando e queimando e queimando.

Essa boca pertence ao redor do *meu* pau. Aqueles olhos cinza-ardósia deveriam estar olhando para *mim*.

Apesar da minha fúria, apesar do meu ciúme furioso, meu próprio pau está endurecendo dentro da minha calça. Ele espeta dolorosamente contra o meu zíper, exigindo ser liberado.

Não consigo parar de assistir.

Mara se levanta e o cara a puxa para cima, abaixando-a em seu pênis molhado e brilhante. Ela envolve os braços em volta do pescoço dele, subindo e descendo sobre ele, fazendo seus pequenos seios saltarem.

Ela fode como um demônio, mordendo seu lábio inferior, arranhando suas costas com as unhas.

O cara parece que morreu e foi para o céu. Ele está fazendo o seu melhor para acompanhá-la, suando, os braços tremendo, fodendo-a tão forte quanto ela exige. Ele a fode contra a parede, contra as janelas, o vidro fumegando atrás deles, seus corpos deixando uma silhueta vazia quando eles se afastam novamente.

Eles derrubam uma das latas de tinta abertas, espalhando violeta pelo meu piso de madeira. Eu ouço o cara xingar e pedir desculpas, mas Mara apenas ri. Ela coloca as palmas das mãos sobre a tinta, depois as espalha no peito dele. Agora ele está rindo também, mergulhando as mãos em mais duas latas, imprimindo marcas de mãos de coral e chocolate em seus seios.

Eles se beijam novamente, batendo a tela do cavalete para que ela caia no chão.

O cara se deita na tinta derramada e Mara monta nele. Ele espalha mais tinta para cima e para baixo em seu corpo nu enquanto ela o monta.

A visão do corpo de Mara listrado em cidra, escarlata e sienna é mais do que posso suportar. Eu rasgo meu zíper, tomando meu pau latejante na minha mão. Começo a bombear para cima e para baixo, tão áspero que estou quase arrancando a pele do eixo. Eu nunca estive tão bravo. Ou tão excitado.

Eles estão rolando na tinta até que mal resta um centímetro de pele nua. Eles rolam sobre a tela, fodem em cima dela. Ele a abraça nele, fodendo-a por trás.

Mara sobe no topo novamente e agora ela está montando nele cada vez mais forte, descendo a pista até a linha de chegada. Seus seios estão saltando, seu cabelo voando, seu rosto corado e suado.

Bem então, bem quando ela está prestes a gozar, ela olha diretamente para a câmera. Ela me encara como se estivesse olhando nos meus olhos. Sua expressão é selvagem e desafiadora.

Naquele momento eu percebo que tudo isso foi uma performance.

Ela sabia que eu iria assistir.

Ela está fodendo ele *para* mim, *para* mim.

Para se vingar de mim.

E eu percebo... ela é tudo que eu sonhei e muito mais. Mais vingativo. Mais estratégico. Mais efetivo.

Mais fodido.

Eu vejo seu corpo saltando, girando. Eu vejo o sorriso perverso em seu rosto quando ela começa a gozar.

Isso me faz explodir. A porra sai do meu pau, jorrando tão longe que eu bati na borda de uma paisagem, borrifando a pintura e a moldura.

Eu não dou a mínima.

Eu nem limpo isso.

Eu simplesmente puxo o zíper para cima, jurando a mim mesma que da próxima vez que soltar uma carga como essa, ela estará no rosto de Mara.



Na manhã seguinte, chego ao estúdio duas horas mais cedo do que o habitual.

Eu mal dormi.

Cada vez que cochilava, sonhava com o corpo de Mara manchado de tinta, contorcendo-se e saltitando, tão belo em movimento que se tornava uma obra de arte viva.

Eu continuei acordando, suando, meu pau uma barra de ferro em brasa.

Eu não podia nem me masturbar, graças ao meu voto apressado na noite passada.

Muito ruim para mim... uma vez que faço uma promessa a mim mesmo, nunca a quebro.

Entro no estúdio, assustando Janice. Ela não estava me esperando tão cedo.

— Bom Dia! — ela gorjeia, arrumando apressadamente sua mesa, passando uma braçada inteira de canetas e papéis espalhados em uma gaveta.

— Traga-me café, — eu latido. — Gelado.

— Imediatamente, — diz ela, levantando-se tão rapidamente que seus óculos deslizam para baixo do nariz e sua meia-calça rasga nas costas. Ela empurra os óculos para cima com o dedo indicador, corando e esperando que eu não tenha notado as meias. Então, parando um momento, ela se aventura, —... Você está bem?

Eu realmente devo parecer uma merda se ela tem a coragem de me perguntar isso. Estou corado e suando. Febril.

Mas estou me controlando. Lentamente, por pura força de vontade. Formulando novos planos de como vou dobrar Mara ao meio e esmagá-la sob meu calcanhar.

— Eu vou ser ótimo quando eu tomar a porra do meu café, — eu rosno.

— Certo! Desculpe, — ela guincha, apressando-se.

Subo as escadas até o último andar, todo o espaço destinado ao meu escritório.

Assim que passo pela porta, minhas narinas se dilatam, captando um aroma distintamente doce e apimentado.

Mara.

Eu me viro, esperando vê-la sentada na minha mesa.

Em vez disso, uma pintura recém-pendurada aguarda minha visão. Abstrato, com grandes estrias de violeta, escarlate e sienna...

Ela fodeu naquela pintura, e então ela pendurou na minha parede.

Estou novamente impressionado com a insanidade absoluta dessa garota.

Admiro a audácia dela. Enquanto planejo como vou puni-la por isso.

Aproximando-me da moldura, examino a pintura. A forma dos traços.

Vejo uma distinta marca de mamilo onde Mara rolou pela tela, estampada na tinta carmesim. Abaixo disso, uma marca em forma de coração que quase certamente veio de suas nádegas nuas.

Eu conheceria a forma daquela bunda em qualquer lugar. Essa porra de bunda perfeita.

Ela assinou a pintura em caneta e intitulou:

A melhor noite da minha vida

Sou atingido por uma emoção que nunca experimentei antes. Ele rola sobre mim, pesado, sufocante, nauseante. Isso tira o meu coração, faz minhas entranhas se revirarem. Isso me dá uma dor profunda no peito.

A sensação é tão abrupta e desconhecida que, por um momento, acho que estou realmente doente. Ou ter uma coronária.

Eu afundo na minha cadeira, ainda olhando para a pintura.

Lentamente, com grande dificuldade, examino esse sentimento que fica no meu peito como um maldito gremlin, me pesando.

Eu penso... é arrependimento.

O título da pintura é uma provocação. Mas isso me apunhala, mesmo assim.

Poderia ter sido a melhor noite de sua vida.

Poderia ter sido eu fodendo Mara naquela tela. Eu espalhando tinta nos seios dela. Rolando com ela. Beijando-a como eu fiz no show.

Eu queria você... genuinamente.

Ela teria me levado de volta ao estúdio, se eu deixasse.

Em vez disso, naquele momento em que ela se ajoelhou diante de mim, meu impulso foi de crueldade. Eu a queria - muito. E por não gostar daquele sentimento de necessidade, de fraqueza, tentei humilhá-la.

Eu queria forçá-la a se submeter. Mas eu deveria saber, ela não vai fazer isso. Ela não se submeteria mesmo sangrando, amarrada, à beira da morte.

Eu poderia ter passado a noite com ela em vez de assistir na tela do telefone. Provando-a, cheirando-a, tocando-a. Fazendo arte com ela.

Eu gostaria de ter.

Nunca me arrependi de nada que fiz.

É uma sensação feia. Deprimente e interminável, porque você nunca pode voltar. Você nunca pode desfazer o que foi feito.

Eu não posso me livrar disso. Eu não posso me livrar dele.

Minha frequência cardíaca dispara e estou suando mais do que nunca.

Eu salto para os meus pés, olhando loucamente ao redor do meu escritório.

Não quero sentir arrependimento. Não quero sentir nada que não queira sentir.

Este é o fator singular que me separa de todos os outros no mundo: eu escolho o que sinto e o que não sinto. Eles são todos escravos de suas emoções. Eu sou o meu mestre.

Sou superior a todos porque escolho não sentir nada que me enfraqueça.

Mas neste momento, estou fraco. Ela está me deixando fraco.

Com um uivo de raiva, tiro um taco da minha bolsa de golfe. Eu me viro procurando um alvo, qualquer alvo.

O sistema solar me chama a atenção: reluzente, cintilante, os orbes em tons de joias girando no espaço.

Eu balanço o clube pelo ar.

Ele colide com o modelo, explodindo o fino vidro veneziano em um milhão de pedaços. Os pedaços caem sobre mim, cortando minha pele em uma dúzia de lugares, uma tempestade de cacos de vidro.

Eu continuo batendo no modelo repetidamente, batendo nele, rasgando-o, destruindo-o.

Quando finalmente a clava cai de minhas mãos dormentes, o modelo solar não passa de uma ruína retorcida. Além do reconhecimento. Totalmente destruído.

Eu amei aquela peça.

Às vezes você tem que matar o que você ama.

20

MARA

Quando terminei de foder Logan, eu disse a ele para ir para casa.

— Posso pegar seu número primeiro? — ele disse, seu sorriso um traço branco em seu rosto coberto de tinta.

— Acho que não, — eu disse, tão gentilmente quanto pude. — Isso foi apenas uma coisa de uma vez.

— Ah, — disse ele. — Bem, foi um grande momento. Pelo menos para mim.

Eu sorri sem responder.

Eu já estava me sentindo culpada por tê-lo usado basicamente como suporte em um ato de despeito que estava começando a parecer mais insano a cada segundo.

Mas não louco o suficiente para parar.

Depois que ele saiu, eu ainda carreguei aquele quadro até o último andar e o pendurei no escritório de Cole.

Ele nem sequer tranca a porta, o arrogante foda.

Eu sabia que ele me veria nas câmeras de segurança, mas eu também tinha certeza que ele assistiu todo o maldito evento, então a pintura dificilmente permaneceria um mistério de qualquer maneira.

Aproveitando as últimas ondas de malícia, peguei um Uber para casa. O motorista não quis me deixar entrar no carro quando viu a quantidade de tinta que ainda restava em meus braços, pernas e cabelos.

— Já está seco, — eu disse zangada.

— Sente-se nisso, — ele ordenou, jogando um saco de lixo no banco de trás.

— Tudo bem, — eu suspirei, sentando-me no plástico escorregadio e inclinando minha cabeça contra a janela em total exaustão.

No momento em que voltei para minha casa, a euforia maníaca que eu estava tendo se dissipou quase inteiramente. Eu estava começando a perceber o nível de *foda-se que* eu joguei na direção de Cole.

E olha, ele definitivamente merecia. Tentar me fazer chupar aquele traficante era degradante e ultrajante.

Mas eu levei para o próximo nível. Eu dei a ele os dois dedos do meio, direto para a câmera.

E estou começando a pensar que foi um grande erro.

Cole Blackwell não é alguém com quem você queira foder.

Eu deveria saber disso melhor do que ninguém.

Ele não é razoável nem perdoador.

E ele vai me fazer pagar por isso, eu sei.



Depois de algumas horas intermitentes de sono, eu tropeço escada abaixo.

Meus colegas de quarto estão reunidos ao redor da mesa, olhando para o telefone de Erin. O clima na cozinha é estranhamente sombrio. Heinrich e Frank estão olhando para a tela enquanto Erin rola lentamente. Joanna está ao lado da pia, os braços cruzados sobre o peito, parecendo levemente enjoada.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto a eles.

— Eles encontraram outro corpo, — diz Heinrich.

— Outra garota, — Erin esclarece.

Um gancho se aloja no meu estômago, me puxando lentamente em direção ao telefone. Eu me inclino sobre a tela, minha cabeça entre a de Frank e a de Heinrich.

As imagens são sangrentas e gráficas – um torso sem cabeça com os seios arrancados. Membros dispersos. Um pé decepado ainda usando um sapato de salto alto.

— Que porra! — Eu choro. — Isso está no noticiário?

— Não é a notícia, — diz Joanna com desgosto, da pia. — É aquele verdadeiro local do crime. Eles devem ter comprado as fotos de um dos policiais.

— Eu não quero olhar para isso, — eu digo, recuando.

Meu estômago está rolando.

A garota era magra, com uma tatuagem de uma fênix nas costelas. Eu tenho uma tatuagem exatamente no mesmo lugar. Sem a cabeça... ela poderia muito bem ser eu.

— Nenhum de nós deveria olhar para isso, — Joanna retruca. — É desrespeitoso. Espero que eles encontrem quem vazou essas fotos e demiti-lo.

— Eu não estou de boca aberta, — Erin diz. — Eles a encontraram bem no campo de golfe do Lincoln Park. Isso é apenas alguns quilômetros daqui! Esse psicopata poderia viver bem ao nosso lado.

Meu estômago agora está fazendo o rolo da morte de um crocodilo.

Cole mora em Sea Cliff. Ele joga golfe naquele campo.

— Quando ela morreu? — Eu pergunto.

— Eles pensam depois da meia-noite, — diz Erin. — Ela ainda estava quente quando a encontraram.

Saí do show às 11:00.

Eu peguei um encontro no caminho para fora da porta.

E se Cole fizesse o mesmo?

Parece ridículo. Tenho passado horas seguidas com Cole. Muitas vezes estamos sozinhos. Se ele quisesse me transformar em picadinho, ele poderia ter feito isso agora.

E ele realmente não parece louco. Controlador e manipulador, com certeza. Intenso, absolutamente. Mas ele poderia realmente colocar as mãos em uma mulher e rasgá-la em pedaços?

Eu me forço a me curvar sobre o telefone mais uma vez.

Erin rola um pouco mais para baixo.

Lá está a cabeça da garota, suas feições estranhamente sem marcas, seus olhos bem abertos, leitosos como bolinhas de vidro.

Ela era bonita.

E muito, muito medo.

Corro até a pia e vomito.

Sonia entra correndo no meu escritório. Ela está na porta, paralisada pela destruição lá dentro.

— Oh meu Deus, o que aconteceu? — ela chora.

Já coloquei o taco de golfe de volta na bolsa.

Ainda assim, não há como esconder o que eu fiz.

— Eu esmaguei o modelo solar, — eu digo.

Sonia olha para mim, horrorizada, lágrimas enchendo seus olhos azuis pálidos.

— Como você pode? — ela diz.

— Pertence a mim, — eu rosno. — É meu para manter, ou meu para destruir.

Ela olha para os espessos pedaços de vidro quebrado, a inclinação para baixo de sua cabeça fazendo com que as lágrimas escorram por suas bochechas.

Em todo o tempo que ela trabalhou para mim, nunca vi Sonia chorar. Ela é competente e capaz, e mantém suas emoções

seguramente abotoadas. É por isso que nos damos bem. Eu não toleraria nada menos.

Eu não a culpo pelas lágrimas neste momento, no entanto. O modelo solar foi uma das obras de arte mais impressionantes que já vi. Verdadeiramente único e insubstituível.

Eu o destruí por impulso.

Algo está acontecendo comigo.

Algo está tomando conta de mim, me torcendo, me mudando. Eu fui infectado. E Mara é a doença.

— Peça alguém para limpar isso, — eu ordeno.

Eu saio do meu escritório, indo para o andar principal. Não me incomodo em parar no estúdio de Mara — sei que ela não está aqui. Ela provavelmente ainda está em casa, dormindo.

Ao passar pela mesa de Janice, vejo vários artistas amontoados ao redor da tela do computador. Eles se separam quando me aproximo, correndo em todas as direções, exceto na minha.

Janice tenta fechar a janela do navegador, mas eu empurro sua mão para o lado, latindo: — O que você está olhando?

— Outra garota foi morta, — Janice gagueja. — Aconteceu ontem à noite.

Eu me inclino sobre sua mesa, desagradavelmente envolta em seu perfume doce e doentio, para que eu possa examinar a tela do computador.

Ela está em algum site de crime verdadeiro inútil. A página está coberta de fotos coloridas da cena do crime.

Trabalho de Alastor.

Seus corpos são muito mais distintos do que suas pinturas.

E ainda... este é um novo nível de violência, mesmo para ele. Eu vejo o frenesi nas partes do corpo espalhadas. Isso não era apenas luxúria... era raiva.

Eu me levanto novamente, meu coração já voltando ao seu ritmo constante.

Isso explica por que Alastor não estava no show ontem à noite. Ele deve ter se distraído no caminho.

Ele perdeu algo que ele realmente deveria ter visto.

Sorte minha. Ele compra um pouco mais de tempo.



Eu ando até o sombrio vitoriano de Mara. Eu bato na porta, assustando seu colega de quarto Frank, que abre a porta depois de um longo atraso, parecendo alto e paranóico.

— Oh, — diz ele, parecendo em parte aliviado e em parte ainda mais confuso. — É você.

— Onde está Mara? — Eu exijo.

— Eu não sei, — ele murmura, passando a mão por seus cachos selvagens. — Trabalho, talvez?

No segundo em que coloco as mãos no telefone dela, coloco um rastreador nele.

Essa intenção torna-se uma fixação absoluta quando visito sem sucesso Sweet Maple e Golden Gate Park, sem encontrá-la.

ONDE PORRA ELA ESTÁ?

Várias fantasias passam pela minha mente enquanto vasculho o parque. A primeira é como vou arrastá-la para as árvores e estrangulá-la. Mas quando eu imagino envolvendo minhas mãos em volta de sua garganta, em vez disso, eu as vejo deslizando por seu corpo... acariciando seus seios... apertando sua cintura fina o mais forte que posso... forçando-a para baixo no meu pau mais e mais e mais...

Fodê-la na floresta não é bom o suficiente.

Eu a quero em algum lugar isolado, onde possamos ficar totalmente sozinhos juntos. Em algum lugar terei todas as ferramentas que desejo ao meu alcance. Em algum lugar que eu possa passar a noite toda me divertindo com ela...

Quero trazê-la para minha casa.

Ninguém além de mim entrou pela porta da frente desde que meu pai morreu. A casa tem sido minha caverna. Meu único lugar de privacidade absoluta.

Meu desejo de levar Mara até lá me mostra o quanto essa obsessão cresceu. Trazê-la para minha casa é como trazê-la para

dentro do meu próprio corpo. Um ato muito mais íntimo do que simplesmente transar com ela...

Onde ela poderia estar?

Ela se encontrou com aquele filho da puta de novo?

Ela está na casa dele agora, deixando-o colocar as mãos sobre ela?

O pensamento é tão enfurecedor que eu tenho que colocar minhas mãos nos joelhos e me inclinar por um momento, respirando pesadamente.

Não. Ela não faria isso. Ela só transou com ele para se vingar de mim. Porque ela sabia que eu estava assistindo.

Isso é o que eu quero acreditar. Mas eu tenho que saber com certeza.

Pego meu telefone, acessando a mídia social de Mara mais uma vez.

Até agora, eu conheço cada fotografia, cada legenda. Tenho todos eles guardados na memória. E eu penso... possivelmente... Eu já vi esse cara antes.

Percorro as imagens, procurando.

Finalmente encontro: um post do dia em que Mara tatuou uma cobra nas costelas. Lá está ele, bem ao lado dela, luvas de látex nas mãos.

Logan me conectou hoje – finalmente consegui meu pequeno assobio.

Eu toco meu dedo em seu nome, mudando para seu perfil.

Logan Mickelson, estúdio de tatuagem Paint It Black.

Encontrei você, filho da puta.

O salão fica a apenas doze quarteirões do parque. Eu me aproximo, instintivamente evitando qualquer registro de onde estou indo. Deixando minhas opções em aberto para lidar com Logan como eu achar melhor.

Esta é a hora errada do dia para uma aquisição. Seria melhor eu vir à noite, quando ele provavelmente estará trabalhando sozinho, terminando seu último cliente do dia. Eu poderia posar como um walk-in. Depois de verificar o prédio em busca de câmeras, é claro.

Mas estou impaciente.

Não quero esperar até hoje à noite.

Quero saber a natureza exata do relacionamento desse bastardo com Mara. Agora mesmo.

Eu espero na parte de trás do prédio. Ele vai sair para fumar. Esses filhos da puta sempre fumam.

Com certeza, depois de quase uma hora de observação paciente, ele abre caminho pela porta dos fundos, já brilhando, a

mão em concha em volta da boca para proteger contra o vento soprando rajadas de folhas secas pelo beco.

Eu o coloco contra a parede, antebraço contra sua garganta antes que ele traga uma única baforada de fumaça em seus pulmões.

Ele fica quieto, sem lutar, sem lutar. Olhando para o meu rosto com tanta curiosidade quanto medo.

— Oh, merda, — diz ele. — Eu conheço você.

Estou me tornando inteiramente reconhecível nesta cidade.

— Então tenho certeza que você pode adivinhar por que estou aqui.

Ele ainda leva um segundo para colocá-lo junto.

— Mara, — diz ele.

— Isso mesmo, — eu assobio. — Mara.

— Desculpe cara, eu não sabia que ela tem namorado...

Eu poderia decapitá-lo alegremente apenas por esse comentário.

— Eu não sou a porra do *namorado de ninguém*, — eu rosno. — Ela pertence a mim, ela é minha propriedade. E você colocou suas mãos sujas de tinta em algo que eu possuo. O que você acha que eu deveria fazer sobre isso, Logan?

O som de seu próprio nome é o alarme que alerta Logan para o fato de que não estou aqui para ter uma conversa agradável. A

existência continuada desse nome é um fio fino sobre o qual meu braço contra sua garganta opera como uma tesoura afiada.

Ele corta a besteira imediatamente.

— Eu mal a conheço. Eu nem tenho o telefone dela.

— Você a tatuou, no entanto.

— Sim, foi assim que nos conhecemos. Eu fiz um ceifador para a colega de quarto dela. Ela perguntou se eu faria a cobra. Foi o seu próprio design - ela desenhou.

— Que outras tatuagens você fez para ela?

— Nenhum. Era apenas um.

Eu alivio a pressão de sua garganta. Um pouco.

Ele não é estúpido o suficiente para pensar que é o fim de tudo. Ele olha nos meus olhos, naqueles buracos negros que nunca poderiam ser preenchidos apenas por desculpas.

— Existe... algo mais?

— Sim. Onde está sua arma de tatuagem?

Eu considerei dar a Cole alguns dias para se refrescar.

Eu poderia evitá-lo razoavelmente bem – dormindo na casa de um amigo. Não entrar no estúdio para trabalhar.

Mas o esforço seria inútil.

Cole nunca está esfriando. Eu não sou estúpida o suficiente para pensar que um par de dias de intervalo vai aliviar sua fúria pelo que eu fiz. Não depois que eu literalmente pendurei um lembrete na parede dele.

Além disso, quero trabalhar. Não quero tirar uma semana de folga da pintura, nem mesmo um único dia.

É por isso que me encontro de volta ao estúdio um pouco antes da meia-noite, rezando para que Cole possa estar dormindo e não com raiva o suficiente para se levantar da cama para saber o que está acontecendo comigo.

Janice não está em sua mesa. O prédio tem um guarda de segurança à noite, mas suspeito que ele passe a maior parte do tempo andando o mais devagar possível, então ele só precisa dar algumas voltas antes que seu turno termine.

O estranho silêncio do espaço normalmente movimentado me deixa no limite enquanto subo as escadas para o quarto andar.

Eu não costumava ser uma pessoa nervosa.

Ser arrebatado por um monstro saído de um pesadelo mudou isso para sempre.

Eu nunca vou esquecer aquela figura escura vindo em minha direção. De alguma forma, essa foi a pior parte: perceber que as coisas que você teme são muito reais. E eles estão vindo atrás de você.

Cole me perguntou por que eu mantive os piercings. Disse a mim mesma que estava fazendo isso por mim — um ato de desafio.

Mas Cole está certo.

Eu gosto do lembrete. Eu preciso disso.

Então eu nunca fico muito confortável novamente.

Às vezes acho que foi Cole quem me sequestrou. Às vezes tenho certeza que não.

Nada sobre aquela noite faz sentido para mim. Parece uma daquelas pinturas em perspectiva, onde se você olhar do ângulo errado, é apenas uma confusão de formas e linhas. Mas se você se mover para o ponto certo na sala, as formas se alinham e você pode ver a imagem clara como o dia. Pude ver exatamente o que aconteceu... se eu soubesse onde ficar.

Por enquanto, uma coisa tenho certeza: Cole é perigoso.

Eu deveria correr para longe dele.

Eu sei disso, racionalmente.

No entanto, eu quero exatamente o oposto.

Estou fascinado por ele. Atraído por ele de todas as maneiras possíveis: fisicamente, mentalmente, emocionalmente.

Estou lendo *Drácula*. É um conto de advertência. Um aviso para as moças não cederem à sedução de um homem que quer devorá-las.

E ainda... nem todos nós fomos atraídos pelo Príncipe Encantado. Algumas garotinhas comeram as histórias de vestidos de baile e castelos e cavaleiros que mataram o dragão...

Enquanto algumas meninas lêem as histórias de um caminho escuro na floresta... uma mansão retorcida com janelas pretas e neblina cobrindo o terreno... Era para lá que queríamos ir. Não importa o que possamos encontrar lá dentro...

Comecei minha segunda pintura.

Será tão grande quanto o primeiro — em tamanho natural. A figura principal é parte humana, parte animal, com chifres de carneiro e asas de morcego estendidas em ambos os lados. Quatro braços e dois pares de mãos. Um par de mãos é fino, pálido, elegante. As outras mãos são grossas, ásperas, brutais.

Eu coloco minha música, tão alto quanto eu quero porque não há mais ninguém nos estúdios adjacentes.

Gasoline — Halsey

A tela parece se expandir até parecer tão grande quanto a sala. Preenche todo o meu campo de visão, torna-se todo o universo. Cada pequeno detalhe se desenrola do meu pincel, explodindo em vida.

Eu esqueço Cole.

Eu esqueço tudo fora da pintura.

O tempo passa enquanto eu fico parada.

Eu nem percebo que alguém entrou pela porta até que Cole diz: — Primeiro um santo, agora um demônio.

Ele está bem atrás de mim. Não sei há quanto tempo ele está na sala.

Eu me viro, pincel erguido.

Cole olha para mim, nossos rostos a apenas alguns centímetros de distância. Ele está mais pálido do que o normal, círculos escuros sob os olhos. Ele definitivamente não estava dormindo. Ele pode não ter dormido na noite passada também.

Deve estar chovendo lá fora. Suas roupas estão úmidas. Gotas brilham em seu cabelo grosso e preto, as pontas molhadas como minha escova.

A chuva amplifica seu cheiro. Ele cheira frio e limpo, como uma rua varrida pelo vento. Seus olhos são negros como asfalto.

— Eu estava procurando por você, — diz ele.

— Eu estava me escondendo, — eu respondo.

— Eu sei. Eu sei que você estava se escondendo. Eu também sabia que você não seria capaz de ficar longe por muito tempo.

Sua voz é tão fria quanto suas roupas. Isso me faz estremecer.

Ele me conhece muito bem.

— Não é um demônio, — eu digo. — É o diabo.

— Qual é a diferença?

— Só existe um demônio.

Ele sorri. O verdadeiro sorriso de Cole é muito diferente daquele que ele dá a todos os outros. É mais lento. Não enruga os olhos. E termina com ele mordendo a ponta do lábio. Duro.

— Você deixou um presente no meu escritório.

O frio corre da base do meu crânio, descendo pela minha espinha. Eu tento não vacilar. Eu tento não deixá-lo ver o quão forte meu coração está batendo.

— E você gostou disto? — Eu digo, inclinando meu queixo.

Cole se aproxima, deslizando a mão direita sob meu cabelo, agarrando a parte de trás do meu crânio. Com o polegar, ele força meu queixo ainda mais para cima.

— Não gostei nada. Na verdade, isso me deixou com ciúmes.

Minha pele vai de fria a quente, tudo em um instante. Meus mamilos endurecem sob o material fino do meu top. Os anéis ficam frios como gelo.

Ele está com ciúmes. Ele está admitindo que está com ciúmes.

Cole passa o polegar pelo meu lábio inferior. Meu suor é gasolina. Cada lugar que ele toca pega fogo.

Ouçõ um clique agudo e o fecho frio de uma algema se fechando em meu pulso.

Antes que eu possa me mover, antes que eu possa olhar para o meu próprio pulso, Cole dá três passos rápidos, me arrastando em direção à parede. Ele puxa meus braços sobre minha cabeça e me algema no lugar, a corrente enrolada em um cano exposto.

— Que porra é essa!? — Eu grito.

Eu puxo as algemas, o metal mordendo meus pulsos.

— Isso será muito mais suave se você ficar parado, — diz Cole.

Ele arranca o pincel da minha mão, deixando-o de lado.

— *O que* será mais suave? Que porra você está fazendo? — Eu choro.

Estou começando a hiperventilar. Os laços de pulso estão trazendo de volta memórias horríveis, tudo com pressa.

Cole não me responde.

Em vez disso, ele puxa um banquinho e coloca a bolsa que estava carregando – uma bolsa de couro preta que se abre na parte superior como uma bolsa de médico antiquada.

Ele solta as alças do meu macacão, deixando o babador cair até minha cintura. Então ele agarra a frente da minha regata com as duas mãos, rasgando-a. Meus seios caem livres, mamilos duros como pedra, peito à mostra.

Nós dois olhamos para baixo, olhando para meus seios. Nos anéis de prata com uma única conta no centro, brilhando como a chuva no cabelo de Cole.

Seu olhar rasteja pelo meu corpo. Para a tatuagem nas minhas costelas.

— Logan fez isso com você, — Cole diz suavemente.

Não é uma pergunta.

— Como você sabe disso? — Eu exijo.

Cole descansa a mão contra a parede, inclinando-se para perto, seus lábios quase tocando a borda da minha orelha. Quase, mas não exatamente.

— Eu sei tudo sobre você, Mara. *Tudo*, — ele murmura. — Eu sei que você transou com ele para me desafiar. Para me mostrar que não posso controlar você. E talvez eu não possa controlar você – não o tempo todo. Mas você me foi dado.

Eu fui dado a ele?

O que diabos isso significa?

— Eu possuo você agora, Mara. Você me pertence, goste ou não.

Ele arrasta os dedos levemente pela lateral do meu peito, ao longo da curva onde o peito encontra as costelas. Meus mamilos são mais duros que diamantes. Eles poderiam cortar seu rosto se ele se aproximasse demais.

Ele traça o corpo da serpente com a ponta dos dedos.

— Eu não posso ter a marca de outro homem em você.

— *Eu* desenhei essa tatuagem, — eu assobio.

— Eu projetei um melhor.

Ele enfia a mão na bolsa do médico. Puxando uma arma de tatuagem.

— Você está louco? — Eu grito.

— Não se preocupe, — diz ele. — Eu tenho praticado nas últimas horas.

— Em quem?!

Ele apenas sorri.

— Firme agora. Ainda estou aperfeiçoando minha técnica.

Cole limpa minha pele com sabonete verde, também tirado da bolsa. Ele realmente tem tudo o que precisa lá.

— NÃO SE ESQUEÇA PORRA...

Ele dispara a arma com aquele zumbido alto que é muito familiar para mim.

Eu grito, tentando me afastar dele.

— Se você não ficar parada, não vai gostar do resultado, — diz ele.

Ele pressiona a ponta da arma contra minhas costelas, transformando meu grito em um grito lancinante.

Sinto a picada da agulha perfurando minha pele, depositando a tinta no fundo, onde nunca pode ser removida.

Instintivamente, eu congelo.

Eu não posso parar Cole. E eu realmente não quero uma porra de bagunça em todas as minhas costelas.

A arma se move devagar, com certeza. Embora eu saiba que uma pistola de tatuagem funciona como uma máquina de costura, mergulhando a agulha sob a pele em intervalos regulares, o que realmente parece é alguém desenhando em você com uma caneta afiada.

Eu olho para baixo, tentando descobrir o que ele está desenhando.

É impossível dizer deste ângulo, de cabeça para baixo.

As mãos de Cole se movem sobre mim, fortes e capazes. Mais quente do que eu imaginava. Na verdade, suas mãos nuas na minha carne são surpreendentemente prazerosas, em contraste com a picada da agulha.

Toda vez que ele exala, sua respiração desliza pela minha cintura. Ele corre ao longo da linha onde meu macacão jeans encontra minha pele nua.

Cole é canhoto. Eu nunca percebi isto antes.

Sua mão esquerda opera a arma com um movimento suave e seguro, enquanto a direita repousa contra meu quadril. Agarrando-me com força. Segurando-me no lugar.

Eu nunca tive a chance de olhar para ele tão de perto.

Seu cabelo é incrivelmente grosso, como pele de animal. Quando ele inclina a cabeça, ela roça minha pele, macia e levemente úmida.

Embora eu saiba que ele é mais velho do que eu, sua pele é notavelmente lisa. Talvez porque ele só forma expressões quando alguém está olhando.

Quase toda a animação em seu rosto vem daquelas sobrancelhas retas e escuras. Eles me lembram shodo em papel branco pálido. Na caligrafia japonesa, não há duas pinceladas iguais. Assim é no rosto de Cole - essas sobrancelhas são os traços de tinta que dão sentido aos seus olhos negros sem fundo.

Ele está totalmente focado em mim, o olhar fixo, a mandíbula apertada. Minha respiração fica mais lenta, combinando com o ritmo dele. Inalar. Expire. Inalar.

Sua beleza é fascinante. Estou a observá-lo, não a arma de tatuagem. Sentindo seu toque, não o toque de aço.

Ele pode me sentir relaxar. Ele olha para o meu rosto.

— Eu não sei por que você sempre quer lutar comigo, — diz ele. — É muito mais prazeroso me dar o que eu quero...

— Mais prazeroso para quem? — Eu suspiro.

— Para nós dois.

Ele desliza a mão pela frente do meu macacão.

Não estou usando calcinha. Eu nunca cheguei a lavar minha roupa.

Seu toque é mais suave do que eu esperava. Achei que seria tão brutal quanto o beijo dele. Em vez disso, é quase reconfortante...

Seus dedos deslizam sobre minha boceta, procurando, explorando. Teste...

Ele me toca aqui, ali, esperando uma reação. Vendo como eu respondo. Quando me inclino contra ele, quando meus lábios se abrem, quando eu gemo... ele sabe que encontrou o lugar certo. Ele encharca seus dedos dentro de mim, então me esfrega em cada lugar que parece melhor...

A arma de tatuagem zumbe furiosamente contra minhas costelas. Ele belisca e morde, repetidamente, para cima e para baixo, através do osso.

Quase não percebo a dor. Estou encostado na parede, cabeça inclinada para trás, coxas separadas. Deixando Cole me tocar onde ele quiser.

Ele acaricia minha boceta como seu próprio animal de estimação. Ele corre os dedos para cima e para baixo na minha fenda, às vezes mergulhando dentro de mim, às vezes esfregando círculos ao redor do meu clitóris.

O tempo todo ele está desenhando em minhas costelas, sua mão esquerda trabalhando separadamente da direita.

A dor aumenta o prazer, e o prazer aumenta a dor.

Minha pele está suando, ondas de sensação rolando sobre mim.

Eu balanço meus quadris contra sua mão.

estou gemendo. Não sei há quanto tempo estou fazendo esse som.

Ele encontrou o ponto bem abaixo do meu clitóris, o feixe de nervos mais sensível em todo o meu corpo. Ele está acariciando-o com a ponta do polegar, repetidamente.

— Oh meu Deus... — Eu gemo. — Não pare...

— Diga-me que você é minha... — ele sibila. — Diga-me que posso fazer o que quiser com você...

Eu pressiono meus lábios, me recusando a dizer isso.

Ele pressiona com força a arma de tatuagem, mordendo minha carne.

— *Diga.*

Eu balanço minha cabeça, olhos fechados, boca fechada.

Ele pressiona mais forte com a arma de tatuagem e com os dedos sob meu clitóris. Ele me acaricia com força, enquanto desenha Deus sabe o que na minha carne.

— *Diga, Mara. Diga-me que você pertence a mim...*

Eu quero dizer isso.

Eu quero ceder.

Sua mão está acariciando, esfregando, exatamente do jeito que eu gosto. Melhor do que um homem jamais conseguiu antes. Melhor do que eu posso fazer isso sozinho...

O prazer é uma necessidade, uma exigência. Uma coceira que TEM que ser coçada...

— DIGA, — ele rosna.

— De jeito nenhum, — eu assobio de volta para ele.

Ele termina a tatuagem com um corte vicioso no osso.

Eu grito. Cada músculo do meu corpo fica tenso, incluindo minhas coxas apertando com força. Isso é o que me faz gozar, tanto quanto os dedos de Cole pressionados contra meu clitóris. O orgasmo é um choque ardente que me rasga do peito à virilha, em um ciclo contínuo.

Viro a cabeça, mordendo com força meu próprio ombro. Deixando uma coroa de marcas de dentes.

Meu peso está pendurado nas algemas, meu corpo flácido e torcido.

Ainda estou me contorcendo enquanto os tremores secundários passam por mim.

Cole limpa o excesso de tinta da minha pele com o mesmo sabonete verde. O sabonete que Logan usa.

— Você não o machucou, não é? — Eu exijo.

— Ele não é da sua conta, — Cole diz, agarrando meu rosto mais uma vez. Forçando-me a olhar para ele. — Você precisa se preocupar com o que *eu* penso. O que *eu* quero.

Eu olho em seus olhos.

— O que acontece se eu não fizer isso?

— Então da próxima vez eu não serei tão indulgente.

Eu rio alto, me levantando ereta agora, sacudindo as algemas.

— Isso é você sendo legal?

Cole olha para mim com firmeza.

— Sim, Mara, — ele diz baixinho. — Esta sou eu sendo gentil. Ser misericordioso. Você precisa entender isso, porque se você tentar me abrir, você não vai gostar do que rasteja para fora.

Ele destrava as algemas. Esfrego meus pulsos, tentando trazer a sensação de volta às minhas mãos. Então, lentamente, vou até o espelho de corpo inteiro pendurado na parede. Eu estou diante dele, virando um pouco para que eu possa ver a tatuagem que vai logo abaixo do meu seio direito até o osso do meu quadril.

Ele me marcou. Coloque sua marca em mim para sempre.

E é lindo. Realmente fodidamente lindo.

Cole é um artista em todos os sentidos da palavra. A composição, o fluxo suave das linhas, a forma como as flores e as folhas seguem as curvas do meu peito, minhas costelas, meu osso do quadril. Perfeitamente moldado à minha forma, ondulando com cada torção ou curva do meu corpo. Conforme me movo, a tatuagem ganha vida.

Um jardim selvagem. Uma profusão de samambaias, folhagens e flores, entre as quais minha pequena cobra espreita.

— Jesus Cristo, — eu respiro. — Você realmente é talentoso.

Cole está diretamente atrás de mim.

Ele é mais alto que eu, e mais largo. Eu me encaixo inteiramente dentro de sua silhueta, então ele forma uma auréola escura ao meu redor. Como se ele já tivesse me engolido inteira, e eu estivesse dentro dele.

— Sua vez, — diz ele.

Eu travo os olhos com ele no espelho. — O que você quer dizer?

Ele ergue a arma de tatuagem silenciosamente.

— Você está falando sério?

Em resposta, ele coloca a arma na minha mão e estende a mão por cima do próprio ombro, pegando um punhado de sua camisa e jogando-a sobre a cabeça. Ele fica de pé, jogando a camisa de lado.

Eu olho para seu torso nu.

Em todos os meus anos de desenho de figuras, nunca vi um corpo como o dele.

A comparação mais próxima seria uma ginasta ou uma dançarina – esse nível de músculo magro, firme e fluido. Uma mola enrolada, pronta para ser liberada.

Mesmo as ginastas não são tão estéticas. As placas de músculo em seu peito, o V perfeito de sua cintura, a forma como as ondulações dos músculos parecem projetadas para atrair o olhar para baixo, para baixo, para o botão de sua calça...

Sua carne está pálida ao lado das ondas soltas e escuras de cabelo que caem quase até os ombros. Não há pêlos em nenhum lugar do corpo. Sem tinta, também. Sua pele é lisa e sem marcas.

— Você quer que eu tatue você? — Eu digo.

Ele concorda.

— Você tem outras tatuagens?

— Este será o primeiro.

Eu engulo em seco.

A beleza de Cole é muito além de intimidante, é foddidamente impecável.

Eu nunca fiz uma tatuagem na minha vida. Se eu estragar tudo, vou me sentir pior do que se tivesse rabiscado um bigode na Mona Lisa.

— Acho que não deveria.

As sobrancelhas de Cole caem sobre seus olhos, estreitando-os em fendas.

— Eu não dou a mínima para o que você pensa.

Meus dedos apertam a arma.

Agora quero escrever FODA-SE em letras de quinze centímetros nas costas dele.

— Espero que você tenha tinta suficiente, — eu digo.

— Tenho exatamente o que preciso, — ele responde.

Aposto que sim.

Pego o banquinho e o arrasto na frente do espelho.

— Sente-se, — eu digo.

Cole se senta, inclinando-se para frente com os cotovelos apoiados nos joelhos. Sem discutir isso, nós dois intuímos que as costas dele são a melhor tela — lisas e relativamente planas. Na verdade, é tão musculoso quanto o resto dele. Assim que passo a agulha sobre sua pele, posso ver que terei que navegar pela escápula, pelas costelas e pelas longas camadas de músculos que se irradiam da coluna — os dorsais, os trapézios e os oblíquos.

— Você quer que eu... esboçar primeiro? — digo fracamente.

Cole não se move. Ele nem vira a cabeça.

— Eu confio em você, — diz ele.

Eu sou uma bagunça quente. Ninguém jamais confiou em mim, especialmente não com algo tão irreversível como isso.

Mas eu não discuto. Respirando fundo, eu aciono a arma.

Quando termino, a primeira luz da manhã está entrando pelas janelas do chão ao teto. Ilumina a pele de Cole, transformando mármore em ouro.

Eu me apaixonei tanto pelo desenho que tudo o que posso ver são aquelas linhas pretas fluindo, correndo como um rio pelo lado direito de suas costas. Com um pouco de prática, eu até descobri o sombreamento.

Ele está sangrando em alguns pontos. Ele nunca vacilou. Nunca me pediu para parar. Ele mal parecia sentir isso.

Limpo suas costas com o sabonete verde, assim como ele fez comigo.

Então eu digo: — Acabou.

Cole está de costas para o espelho. Ele olha por cima do ombro para ver o desenho.

Duas cobras: uma branca, uma preta. Retorcidos e entrelaçados um com o outro - seus rolos alternados firmemente embrulhados, mas suas bocas abertas para mostrar suas presas rosnantes.

Eu o marquei assim como ele fez comigo.

A tatuagem está completa e me sinto estranhamente em paz.

O sol está nascendo. O céu do lado de fora da janela parece transparente como vidro.

Mara percebe a mesma coisa, pressionando a palma da mão contra a janela, como se pudesse alcançar e tocar o espaço livre além.

— Sem neblina hoje, — diz ela.

— Você quer andar comigo?

Ela vira a cabeça, o cabelo escuro deslizando sobre seu ombro nu de uma forma que me faz querer traçar meus dedos sobre o mesmo ponto. A luz ilumina seu perfil, uma linha ardente na testa, a ponte do nariz, o entalhe acima do lábio superior...

— Sim, — ela diz. — Eu faço.

Saímos do prédio juntos.

Eu arranquei sua blusa, e o macacão mal cobria seus seios. Mara parece não notar. Nunca vi alguém tão confortável em seu próprio corpo, ou tão descuidado com as opiniões alheias.

Sua atenção é inteiramente consumida pelo mundo ao seu redor. Ela olha para tudo que passamos: o mustang vintage parado no meio-fio, de capota abaixada para mostrar seus bancos de couro creme. O louro soltando suas folhas na rua em rajadas lentas e preguiçosas. Um corvo abrindo um caracol batendo sua concha contra a cornija de um banco.

É por isso que Mara é tão fácil de perseguir. Quando estou do lado de fora, estou constantemente examinando a rua. Olhando para câmeras, policiais, qualquer um que possa estar me seguindo. Procurando por pessoas que conheço, pessoas que não conheço. Observando todo mundo o tempo todo.

Mara é consumida por tudo o que chama sua atenção. Qualquer coisa bonita, qualquer coisa interessante.

Lovely¹⁰ - Billie Eilish

Ela aponta tudo para mim. Uma treliça coberta de rosas na Scott Street. O vitral de uma igreja. Uma garota deslizando morro abaixo em patins de roller derby.

— Esses são Eclipse, — diz Mara. — Eles são os melhores.

Minhas costas queimam. Aposto que as costelas dela também estão queimando.

Eu gosto que estamos sentindo a mesma dor ao mesmo tempo.

Eu gosto que eu a marquei, e ela me marcou.

¹⁰ Encantador.

Estamos unidos agora, a arte dela na minha pele e a minha na dela.

— Você me deixaria tatuar você de novo? — Eu pergunto a ela.

Ela olha para mim. Na luz pálida do início, vejo que há azul em seus olhos, afinal. Azul como a asa de uma gaivota, como um hematoma, como prata romana com um pouco de chumbo.

— Sim, — ela diz.

— Por que?

— Porque a tatuagem que você me deu é linda. E porque... — ela morde a ponta do lábio, seus olhos caindo para os nossos pés, pisando na calçada em sincronia. — Porque eu gosto quando você presta atenção em mim. Eu gosto quando você coloca suas mãos em mim. A outra noite no show... Eu senti como se você estivesse me afastando. Isso me machucou.

Ela olha para mim novamente, seu olhar nu, descoberto. Dolorosamente vulnerável.

Minha reação natural é recuar dela.

Eu desprezo a fraqueza.

A carência também.

Mas é isso que venho tentando obter de Mara todo esse tempo. Ela tem a carapaça mais dura que eu já vi – quero tirar sua armadura. Eu a quero nua. Eu quero saber quem ela é, até o fim.

Então eu respondo honestamente, embora isso também seja muito diferente de mim. Embora eu esteja apenas dizendo o que

ela já sabe, parece perigoso... andando com um fio fino por um abismo desconhecido.

— *Eu estava* te afastando, — eu admito.

— Por que?

— Porque eu não tinha controle.

— Sobre o que?

— Sobre o quanto eu queria você.

Mara olha para mim, procurando meu rosto.

Outras pessoas olham para sua expressão para ter certeza de que ela corresponde ao que elas já querem acreditar. Mara nunca acredita. Ela sempre verifica.

— O que você vê agora? — Eu pergunto a ela.

— Eu vejo você, — diz ela. — Estava só a pensar...

— O que?

— Se for outra máscara.

Meu rosto fica frio e imóvel.

— E se for?

— Então você usa o melhor em mim.

Minha pele está dura como plástico.

— E se eu tirar? E você não gostou do que viu por baixo?

Mara desliza sua mão na minha. Seus dedos se entrelaçam com os meus. Eles se encaixam como elos de uma corrente.

— Eu não deveria gostar de você agora, — diz ela. — Mas eu gosto.

Eu também não deveria gostar dela.

Mas eu sim.

Eu ando ao lado dela, segurando a mão de outra pessoa pela primeira vez na minha vida.

Parece escandalosamente público, como se estivéssemos gritando por atenção. Mas também intensamente íntimo, a energia descendo pelo meu braço e subindo até o dela em um vínculo mais poderoso que o sexo.

Mara muitas vezes me faz sentir duas coisas ao mesmo tempo. Eu não estou acostumado com isso. Minhas emoções sempre foram simples, fáceis de entender. Eu nunca fiquei confuso sobre o que eu quero.

Estamos passando pelo Parque Alta Plaza. Uma mulher está sentada em um banco público, seu carrinho estacionado ao lado dela. Ela tirou o bebê do carrinho, colocando-o contra o peito. Ela amamenta o bebê, cantando baixinho.

Mara se afasta da visão, os lábios apertados.

— Você não acha que ela deveria amamentar em público? — Eu digo, surpresa com seu pudor. Normalmente, Mara é ativamente antagônica ao conceito de modéstia.

— Não é isso, — diz ela. — É o canto.

— Explique, — eu digo, curiosidade aguçada.

Mara respira fundo.

— Minha mãe é professora de piano. É assim que ela ganha dinheiro - quando está trabalhando. Se eu estivesse doente ou machucado, ela cantava para mim. Foi a única coisa que me confortou.

Ela engole em seco, sua pele pálida e de aparência doentia. A força da lembrança a enojando.

— Essas foram minhas melhores lembranças. Quando ela cantou para mim, eu pensei que ela me amava. Mas depois percebi... ela só gosta de cantar. Nunca foi para mim. Ou se fosse, apenas para me calar.

— Randall me fazia ficar com o nariz na porta por horas. Não quero dizer que pareceram horas – eu assisti o tempo passar no relógio. Se eu o irritasse, se eu falasse alto demais, se eu respondesse de volta para ele – e responder de volta significava responder de qualquer maneira que ele não gostasse – então era uma hora contra a porta. Se eu me mexesse por um segundo, se eu tivesse uma coceira ou apenas tonto, a hora recomeçava. Sem comida. Sem bebidas. Nada de ir ao banheiro.

— Enquanto eu estava lá, eu ouvia minha mãe cantando em casa. Na cozinha, lá em cima, no quintal...

— Seria duas, três horas depois, e eu ouvia a voz dela flutuando no ar, perfeitamente satisfeita. Ela não estava cantando para mim, para me fazer sentir melhor. Ela esqueceu que eu estava lá embaixo, as pernas tremendo, tentando não me mijar ou mover meu nariz um milímetro da porta para que a hora não recomeçasse.

Mara olha para trás em direção ao banco do parque, lábios pálidos pressionados juntos.

— As coisas que ela me disse. Sempre com aquela voz suave e doce... Ela envenenou, como envenena tudo. Eu não posso mais ouvir uma mãe em um filme. Me da vontade de vomitar.

Estamos caminhando em direção à marina. Eu posso ver todo o caminho até a água. O sol está nascendo acima da baía, brilhando na estrada, brilhando nos pára-choques cromados dos carros estacionados, flamejando nas janelas de vidro.

Arde na pele de Mara, nos minúsculos fios de cabelo que flutuam acima do resto.

A tristeza em seu rosto não combina com sua beleza neste momento.

E meu desgosto pela mãe dela não combina com o que sinto no meu peito. Estou acostumado com raiva e repulsa. A emoção que me agarra é algo diferente. Um calor em meus pulmões, uma queimação atrás de meus olhos... um desejo de apertar sua mão com mais força na minha.

Não sei como chamar esse. Eu nunca senti isso antes.

Olho para Mara e não sei o que dizer.

Meus lábios formam as palavras de qualquer maneira.

— Eu sinto muito.

Isso a assusta tanto quanto a mim.

Ela se vira e me encara, soltando minha mão.

— O que você quer dizer?

— Eu acabei de... Eu sinto muito.

Ela balança a cabeça lentamente, os lábios entreabertos, as sobrancelhas levantadas.

— Você me surpreende, Cole.

Estou surpreso também.

Surpreso com o som do meu nome em seus lábios. Como soa como um sino, claro e verdadeiro.

Ela fica na ponta dos pés, esticando-se para me beijar. Suave e lento.

Mais quente que o sol nascente entre nós.

Eu tenho que trabalhar até tarde no Zam Zam esta noite.

Eu sei que vou ficar exausta. Eu tenho passado longas horas no estúdio, sugado pela minha última pintura.

Cole vem vê-lo no início da tarde.

A pintura é mergulhada em tons profundamente sombreados de carvão, merlot e granada. A figura é monstruosa com suas brilhantes asas de morcego e cauda grossa, escamosa e musculosa. Mas seu rosto é lindo — um anjo sombrio, caído em desgraça.

Cole fica na frente da tela por um longo tempo, uma sugestão de sorriso brincando em seus lábios.

— Nós iremos? — Digo, quando não aguento mais. — O que você acha?

— O claro-escuro é magistral, — diz ele. — Isso me lembra Caravaggio.

— *Judith Decapitando Holofernes* é uma das minhas pinturas favoritas, — digo, tentando esconder o quanto estou satisfeita com seu elogio.

— Prefiro *Davi com a Cabeça de Golias*, — diz ele.

— Você sabe que é um autorretrato, não sabe? — Eu digo a ele. — Caravaggio usou seu próprio rosto como modelo para a cabeça decepada de Golias.

— Sim. E sua amante foi o modelo para David.

— Talvez eles estivessem brigando na época, — eu rio.

Cole olha para mim com aquele olhar escuro e firme. — Ou ele sabia que o amor é inerentemente perigoso.

Eu misturo branco e uma porção fracionária de preto na minha paleta. — Você realmente acha isso?

— Todas as emoções são perigosas. Especialmente quando envolvem outras pessoas.

Eu mergulho meu pincel na tinta fresca, sem olhar para ele. Meu coração já está batendo rápido, e é impossível olhar para o rosto de Cole e formar uma frase coerente ao mesmo tempo.

— Você sempre foi assim? — Eu digo.

— Assim como?

Ele sabe o que quero dizer, mas está me fazendo dizer em voz alta. Ele sabe que não pode me enganar tão facilmente quanto as outras pessoas – o que o irrita.

Ele quer saber exatamente o que posso ver e o que não posso. Provavelmente para que ele possa aprender a me enganar melhor.

— Frio, — eu digo. — Calculado. indiferente.

Agora eu olho para ele, porque eu quero ver se ele vai admitir isso.

— Sim, — diz ele, sem piscar, sem vergonha. — Sempre fui assim.

Eu passo a tinta na cauda do meu demônio, realçando os destaques nas escamas. Eu posso sentir Cole andando atrás de mim, embora eu não possa realmente ouvir seus passos leves nas tábuas de madeira. Ele está perturbadoramente quieto. Isso me enerva quando não consigo ver onde ele está na sala. Mas é pior tentar falar com aquele olhar preto ardente me perfurando.

— Você já amou alguém? — Eu pergunto. — Ou você estava apenas expressando uma teoria?

Eu posso senti-lo ficar quieto, considerando a pergunta.

Esta é uma das coisas que eu gosto em Cole: ele não diz apenas o que lhe vem à cabeça. Cada palavra que sai de sua boca é deliberada.

— Eu não sei, — diz ele finalmente.

Eu tenho que virar então, porque essa resposta me surpreende.

Ele está com as mãos nos bolsos de sua calça de lã fina, olhando além de mim pela janela, perdido em pensamentos.

— Eu poderia ter amado minha mãe. Ela era importante para mim. Eu queria estar perto dela o tempo todo. Eu entrava no quarto dela de manhã, quando ela ainda estava dormindo, e me enrolava na ponta da cama como um cachorro. Gostei do cheiro do perfume dela nos cobertores e nas roupas penduradas no

armário. Eu gostava do jeito que sua voz soava e como ela ria. Mas ela morreu quando eu tinha quatro anos. Então, não sei se isso teria mudado à medida que envelheci. As crianças estão sempre ligadas às suas mães.

Sinto aquela sensação de mal estar no estômago que sempre acompanha as conversas sobre mães. Como se a cauda do meu demônio estivesse alojada em minhas entranhas.

— Você amava sua mãe, — diz Cole, lendo meus pensamentos.
— Mesmo que ela fosse uma mãe de merda.

— Sim, eu fiz, — eu digo amargamente. — Isso é o que está fodido sobre isso. Eu queria impressioná-la. Eu queria fazê-la feliz.

— Amar alguém dá a eles poder sobre você, — diz Cole.

Quando falamos assim, sinto que ele realmente é o diabo, e estamos lutando pela minha alma. Tudo o que ele acredita é tão oposto a mim. E, no entanto, ele pode ser terrivelmente convincente...

Eu odeio que minha mãe tenha poder sobre mim. Eu odeio que ela ainda o faça.

— Ela me treinou desde que eu era pequena, — eu digo. — Ela sempre foi a vítima, tudo de ruim que aconteceu na vida dela foi culpa de outra pessoa – especialmente minha. E o que me deixa mais zangada é que funcionou pra caralho – ainda me sinto culpado. Toda vez que ignoro seus e-mails ou bloqueio suas ligações, me sinto culpada. Racionalmente, eu sei que ela é a pior e não devo nada a ela. Mas a emoção ainda está lá, porque ela me condicionou como um rato procurando pelotas. Ela me pressionou e me manipulou e fodeu comigo todos os dias da minha vida até eu me afastar dela.

— A distância não tem sentido quando ela ainda vive em sua cabeça, — diz Cole.

— Sim, — eu admito. — Ela cavou trincheiras em mim. Eu continuo esperando que ele vá embora, mas isso não acontece. Porque as cicatrizes não curam – elas estão lá para sempre.

De forma imprudente, passo meu pincel pelo preto, adicionando fumaça ondulante que sobe do fundo da tela.

— Eu a odeio pra caralho, — eu assobio.

Eu nunca disse isso em voz alta. Normalmente eu não falo sobre ela.

— Ela é uma perversão da natureza, — Cole diz, em seu tom calmo e razoável. — As mães devem ser nutridoras. Eles deveriam proteger seus filhos. Sacrifício por eles. Ela não é mãe de jeito nenhum.

Eu me viro, irritada por ele ter me enganado para discutir isso mais uma vez.

— E os pais? — Eu exijo. — O que eles deveriam ser?

Já estou bem ciente de que Cole detesta seu pai. Apesar do fato de Magnus Blackwell estar morto há dez anos. E o fato de que ele era o Thomas Wayne desta cidade – seu nome está em uma dúzia de prédios, incluindo uma ala do MOMA.

— Os pais devem ensinar e proteger, — diz Cole.

— O seu?

— Ele fez uma dessas coisas.

Quando Cole está com raiva, seus lábios ficam pálidos e sua mandíbula apertada, afiando as linhas de seu rosto até que ele mal parece humano.

Ele me assusta.

E, no entanto, é o terror que aumenta a cada momento em sua presença. Eu posso sentir seu cheiro, quente e emocionante. Eu posso ver as veias correndo em seus antebraços, e até perceber o pulsar do sangue bombeando.

Eu quero beijá-lo novamente.

É uma ideia terrível, mas eu quero isso.

Infelizmente, tenho que me preparar para o trabalho.

Começo a juntar meus pincéis e tintas.

— Onde você está indo? — Cole exige.

— Zam Zam.

— Você precisa largar esse emprego. Você é um artista, não uma barman.

— Agora eu sou os dois. E eu preciso do dinheiro.

Cole franze a testa. Acho que o irrita por eu ser pobre. Ou que ele gosta de alguém pobre. Supondo que ele goste de mim — obsessão não é a mesma coisa que afeição.

— Vou acompanhá-la para o trabalho, — diz ele.

Eu balanço minha cabeça para ele, rindo. — Moro nesta cidade há vinte e seis anos, e andei cada centímetro dela. Sozinho.

— Eu não dou a mínima para o que você fez antes de me conhecer. Agora é diferente.

— Por que?

Ele não responde. Ele simplesmente pega seu casaco do gancho ao lado da porta e silenciosamente espera por mim.

Lavo meus pincéis e minhas mãos, depois visto minha própria jaqueta de couro surrada. Comprei-o em um mercado de pulgas em Fisherman's Wharf, e parece que seu dono anterior pode ter sido atacado por cães raivosos.

— Essa jaqueta é horrível, — diz Cole.

— Ah, cale a boca, — eu digo. — Você é mimado.

— Se nós namorarmos, eu teria que comprar um guarda-roupa inteiramente novo para você.

— E é por isso que nunca vamos namorar.

Não sei se Cole está falando sério.

Eu sei que certamente estou. Eu quero fodê-lo, não namorá-lo.

Eu não posso imaginar ser sua namorada. Ele acabou de me dizer que não apoia o conceito de amor. O que isso está dizendo? *Quando as pessoas te mostram quem são... acredite neles.*

Não importa minhas suspeitas persistentes de que ele possa ser um assassino.

Parece insano que eu até fale com ele, dadas as circunstâncias. Mas é da natureza humana acreditar no melhor em vez do pior. Para se deixar convencer. Para ceder à sedução.

Meu cérebro me diz que ele é perigoso. Meu corpo me diz para ficar mais perto dele, olhar em seus olhos, colocar meus braços em volta de seu pescoço...

— Vamos indo, — eu digo, andando a passos largos para que ele não me veja corar. — Não quero me atrasar.

Cole não se importa de andar atrás de mim. Às vezes me pergunto se ele está me perseguindo ou cuidando de mim. A noite está escura e enevoadada - estou feliz por ele estar comigo, afinal.

Esse sentimento persiste quando ele pega uma mesa no Zam Zam e pede uma bebida. Ele se senta de frente para mim, bebendo seu gim com tônica, me observando montar meu bar.

Se qualquer outro homem se comportasse dessa maneira - aparecendo sem avisar, me seguindo para o trabalho - isso me enfureceria.

Eu não fico doente de Cole como eu faço com outras pessoas. Na verdade, se ele não vem ao estúdio todos os dias para checar minha pintura, eu me sinto estranhamente vazia e o trabalho não vai tão bem.

Saber que ele está por perto é reconfortante.

Em pouco tempo, eu o perco para a multidão. É sábado à noite e Zam Zam está lotado de programadores, profissionais de marketing e estudantes. É apenas um lugar para ficar em pé, as pessoas fazem fila de seis no bar, gritando comigo por bebidas.

Eu gosto de ser bartender. Eu entro em um estado de fluxo em que meu corpo se move mais rápido que meu cérebro e me sinto como um robô projetado especificamente para esse propósito. Às vezes eu canalizo Tom Cruise em *Cocktail*, virando garrafas e servindo uma linha inteira de shots de uma vez, porque é divertido e me rende gorjetas extras.

O ar fica espesso e abafado. Estou suando. Eu prendo meu cabelo em um rabo de cavalo e tiro meu suéter. Eu pego um vislumbre de Cole, olhos estreitados com a visão do meu top cropped justo, antes que ele seja engolido por outra onda de clientes.

Um grupo de caras de vinte e poucos anos no final do bar continua gritando por mais doses. Com base nas camisas pólo combinando e na conversa extraordinariamente chata, acho que eles trabalham para alguma empresa de biotecnologia.

Trago-lhes outra rodada de B-52s.

— Ei, — um cara de olhos turvos diz, agarrando meu braço. — Você pode fazer um boquete?

Seus amigos todos riem.

— Que tal um mamilo escorregadio? — seu amigo diz.

Eles não são os primeiros gênios a perceber que alguns tiros têm nomes sujos.

— Você realmente quer qualquer um desses? — Eu digo.

Mais uma dúzia de pessoas estão gritando por mim em todo o bar, e eu realmente não tenho tempo para piadas estúpidas.

— Qual é a sua pressa? — o primeiro cara diz. — Estamos dando gorjeta para você, não estamos?

Ele joga um punhado de notas amassadas em mim, a maioria. Metade das notas caem no meu poço de gelo, o que realmente me irrita porque o dinheiro é imundo - vou ter que despejar esse gelo e encher o poço de novo.

— Obrigada, — eu digo, pesando essa palavra com cerca de cinco quilos de sarcasmo.

— Foda-se, vadia, — o segundo cara zomba.

Eu o olho de cima a baixo. — Não. Eu não faço caridade.

Ele leva um segundo para entender, mas os uivos de seus amigos o alertam de que é definitivamente um insulto.

Eu já me virei, então não ouço o que ele grita de volta para mim.

Eu despejo o gelo e corro para os fundos para pegar um novo lote. Espero que quando eu voltar, aqueles idiotas tenham encontrado outro lugar para se reunir. Infelizmente, quando volto, bufando e suando sob o peso da caixa de gelo, eles ainda estão agrupados no mesmo lugar. O Sr. Camisa Polo Azul me encara com raiva.

Eu despejo o gelo no poço, ignorando-o intencionalmente. Então me viro para colocar a lixeira vazia.

No momento em que me curvo, sinto um tapa forte na minha bunda. Eu me viro, pegando o Camisa Azul em cima do bar.

Estou prestes a gritar por Tony, nossa segurança, mas Cole é mais rápido. Mal tenho tempo de abrir a boca antes que ele apareça atrás da Camisa Azul como um ceifador pálido. Ele não agarra o ombro do cara – nem mesmo oferece um aviso. Mais rápido do que posso piscar, ele pega a garrafa de cerveja mais próxima e a esmaga na parte de trás do crânio do Camisa Azul.

A Camisa Azul dá um solavanco, seus olhos rolando para trás em sua cabeça. Ele desmaia, batendo com a lateral da cabeça na banquetta do bar enquanto desce.

Seu amigo, aquele que jogou o dinheiro em mim, dá um grito estrangulado. Ele corre para Cole, sem perceber que Cole ainda está segurando o gargalo da garrafa quebrada.

Cole o corta no rosto, abrindo sua bochecha da orelha ao maxilar. Sangue respinga no bar de carvalho e no meu gelo fresco.

As outras camisas polo estão boquiabertas para Cole, não muito ansiosas para entrar na briga.

Eu também estou olhando em choque.

Não é só a violência que nos atordoa. É a velocidade assustadora com que Cole se move e a indiferença fria em seu rosto. Eu sei que ele está com raiva porque eu sei como é quando algo o irrita. Para qualquer outra pessoa, ele poderia muito bem ser uma estátua por toda a emoção que demonstra.

Ele encara os outros homens, ainda segurando o gargalo liso da garrafa, suas pontas brilhantes perversamente afiadas e sombriamente molhadas.

— Vamos, — diz ele, baixinho. — Onde está toda a coragem que você teve cinco minutos atrás? Ou vocês foram covardes o tempo todo?

Desta vez, sou mais rápido que as camisas pólo. Eu salto por cima da barra, agarrando Cole pelo braço.

— Vamos lá! — Eu grito, puxando para ele. — Você tem que sair daqui.

Seu corpo é rígido como aço. Ele ainda está olhando para os outros homens, desafiando-os a dar um passo em direção a ele.

— VAMOS! — Eu grito, arrastando-o para longe.

Eu o puxo para fora, para o nevoeiro espesso, e depois vários quarteirões na rua, esperando ouvir o som de sirenes a qualquer minuto.

— O que você estava pensando? — Eu choro quando finalmente recupero o fôlego. — Você poderia ter matado aquele cara!

— Espero que sim, — diz Cole.

Eu me viro para encará-lo, ofegante no ar fino e úmido.

— Você não pode querer dizer isso.

— Claro que sim. Ele desrespeitou você. Coloque as mãos dele em você. Eu o mataria por muito menos.

Eu não posso acreditar o quão calmo ele está agora. O sangue em suas mãos parece preto como piche na rua sombreada. Ele ainda está segurando o gargalo da garrafa de cerveja quebrada.

Embalando-o levemente em seus dedos, do jeito que eu seguraria um pincel. Como se fosse uma ferramenta de seu ofício. Um instrumento de sua arte.

Cole me vê olhando. Ele joga a garrafa quebrada de lado, permitindo que ela se estilhace na sarjeta com um som alto e musical.

— Por que? — Eu pergunto a ele calmamente. — Por que você se importa como um cara em um bar se comporta comigo?

— Eu te disse, — ele diz, se aproximando de mim como sempre faz, então sou forçada a olhar para ele. Então meu coração bate tão forte em meus ouvidos que mal consigo entender suas palavras. — Adquiri você, Mara, como uma pintura, como uma escultura. Qualquer um que tentar danificar o que é meu enfrentará consequências.

— Eu sou um objeto para você?

— Você é valiosa.

Isso não é uma resposta. Na verdade, não.

— Eu não preciso de sua proteção, — digo a ele. — Eu lido com caras assim todos os dias no trabalho.

— Não mais, — diz Cole. — Acho que você está demitida.

Minhas bochechas queimam com fúria. Ele não dá a mínima para que ele tenha me custado meu emprego - por que ele faria isso? Não é ele que tem contas para pagar.

— Eu precisava daquele emprego!

— Não, você não precisa, — diz ele descuidadamente. — Betsy Voss acabou de vender sua pintura por vinte e dois mil dólares.

Eu o encaro, de boca aberta. — Você está brincando.

Cole sorri levemente. — Você me conhece melhor que isso.

Isso é verdade. Cole não tem humor. O que, paradoxalmente, torna seu comentário um tipo de piada.

— Quando você descobriu?

— Ela me mandou uma mensagem uma hora atrás.

Estou tonta. A mudança do horror para a euforia é tão extrema que acho que posso estar doente. Eu nunca tive vinte mil na minha conta bancária em toda a minha vida. Eu nunca passei quatro dígitos.

— Cole... — Eu respiro. — Obrigada.

Estou bem ciente de que a pintura foi vendida porque Cole me colocou naquele show. Porque ele recrutou Betsy Voss como minha corretora. Porque ele falou comigo para todos que conhecemos. A pintura é boa, mas no mundo da arte, alguém tem que dizer isso em voz alta. Cole empurrou o primeiro dominó e o resto caiu por sua vez.

Seu sorriso é triunfante. — Eu não apoio um cavalo manco.

Eu não posso deixar de sorrir de volta para ele. — Primeiro sou uma escultura, agora sou um cavalo?

Ele levanta um traço preto de uma sobrancelha. — O que você quer ser?

— Quero ser talentosa. Poderosa. Respeitada. Bem sucedida. Eu quero ser como você.

— Eu? — ele diz baixinho. — Eu realmente?

— Não é isso que você quer? — Pergunto-lhe. — Você disse que seria meu mentor. Você me faria à sua imagem.

Cole fica em silêncio, como se nunca tivesse considerado completamente o que isso poderia significar.

Finalmente, ele diz: — O Artists Guild está dando uma festa de Halloween no próximo sábado. Eu quero que você venha comigo.

Incapaz de resistir a provocá-lo, eu digo: — Isso soa como um encontro...

— Não é. Você tem uma fantasia?

— Sim. Eu tenho feito uma com Erin.

— O que é isso?

— Medusa.

Cole assente. Ele gosta disso.

— O que você vai ser? — Pergunto-lhe.

— Você vai ver no sábado.

Com todo o tempo que passei assistindo Mara, mal prestei atenção ao meu próprio trabalho.

Marcus York me liga para *me lembrar* de enviar meu projeto para a escultura no Corona Heights Park.

— Alastor Shaw me enviou seus primeiros esboços, — diz York, tentando atizar meu fogo competitivo. — Eles foram bastante impressionantes... mas tenho certeza de que você tem algo ainda melhor se infiltrando nesse cérebro.

Na verdade, eu não.

Não estou desinteressado no projeto. Seria a maior peça que já fiz, o que faz minha mente correr solta. No entanto, esta é uma escultura que não serei capaz de construir sozinho. Eu não tenho certeza do quanto eu gostaria de projetar algo que eu não poderia fabricar sozinho.

Sempre tive um fascínio por máquinas. Descobrir como criar as esculturas que vejo em minha mente é metade da diversão. Construí mais maquinário personalizado do que arte real. Meu estúdio está cheio de minhas próprias invenções.

As máquinas são complicadas, mas, quando construídas corretamente, funcionam exatamente como deveriam. Eles são assistentes muito mais úteis do que eu poderia contratar do Artists Guild.

E ao contrário dos assistentes humanos, não me importo de dividir meu espaço com eles.

Mara está insinuando que quer vir ao meu estúdio.

Estou tentado a deixá-la. Gostaria de saber a opinião dela sobre várias peças inacabadas que nunca tomaram forma.

Eu nunca os mostrei a ninguém antes. Na verdade, não gostaria de admitir que *tenho um* trabalho inacabado – esculturas que não consigo completar ao meu gosto. Que eu fiz e refiz várias vezes, nunca encontrando satisfação em sua forma final.

Mara vê as mesmas imperfeições que eu. Ela tem aquele senso de equilíbrio indefinível, onde ela pode dizer quando algo está errado.

Ela vai ver o que há de errado com eles. E talvez, ela possa saber como corrigi-los.

A ideia de trazer Mara aqui me dá uma explosão de motivação. Eu tiro todas as capas de poeira do maquinário, lubrificando, apertando e polindo qualquer peça que precise.

Meu espaço de trabalho está sempre limpo, mas eu o limpo novamente, varrendo as largas tábuas de madeira da antiga fábrica de chocolate, abrindo espaço no centro da sala como se estivesse prestes a começar um novo projeto.

Você ainda pode sentir o cheiro persistente de cacau das pequenas pontas que caíram entre as tábuas. Em dias quentes, o aroma amargo e amanteigado se mistura com serragem e aço para criar um dos meus perfumes favoritos.

Mara notaria isso. Ela é sensível a cheiros. Ela provavelmente poderia escolher os elementos individuais, nomeando cada um. Eu nem precisaria dizer a ela que isso tinha sido uma fábrica de chocolate uma vez – ela já saberia.

Eu a imagino parada aqui na luz difusa, inclinada pelas sombras dos muntins entre as janelas. Imagino as partículas cintilantes de poeira caindo entre as sardas em suas bochechas. Como ela tentará parecer calma e composta, enquanto salta na ponta dos pés. Ela leva os dedos à boca, querendo roer a ponta da unha, e logo abaixa a mão de novo porque sabe que isso me enfurece.

Imagino seu cheiro quente e apimentado se misturando com o cheiro de chocolate.

Minha boca saliva.

Arrasto uma mesa de desenho plana para o centro do espaço e imagino Mara deitada sobre ela. Braços e pernas abertos. Um holofote fixou-se em seu corpo nu.

Eu a imagino amarrada, do jeito que eu seguraria qualquer objeto antes de trabalhar nele.

Que tipo de maquinário eu precisaria para este projeto?

O que eu tenho não vai fazer.

Nada de furadeiras, serras ou lixadeiras comuns para Mara.

Não, ela precisa de algo especial. Algo personalizado. Algo
construído apenas para ela...

Na noite da festa, Erin e eu demos os retoques finais em nossas fantasias.

Erin está indo como Hera Venenosa, então ela está costurando centenas de pequenas folhas artificiais em um fabuloso macacão de discoteca. Ao longo dos anos, ela se vestiu como praticamente todas as ruivas famosas da história: Lucille Ball, Jessica Rabbit, Ariel, Wilma Flintstone... Acho que a minha favorita foi a Joan de *Mad Men*, porque só a Erin tem as curvas para realmente fazer isso.

Eu tenho pintado à mão pequenas cobras verdes feitas de massa de modelar para formar meu cocar de Medusa. Este pode não ser o uso mais produtivo do meu tempo, mas eu amo o Halloween, e não estou mais tão falido que não posso poupar algumas horas para um projeto bobo.

Quando finalmente termino, passo mais duas horas na minha maquiagem. Eu uso sombra verde-oliva esfumaçada e contorno meu rosto com o mesmo tom, pintando meus lábios com um verde esmeralda profundo. Uma meia arrastão forma o estêncil perfeito para criar um padrão escamoso ao redor do meu cabelo.

Uma vez que eu adicionei o cocar de cobra e um vestido de algas marinhas, estou me sentindo muito bem comigo mesma.

Erin balança a cabeça para mim. — Você parece assustadora.

— Sim, esse é o ponto.

— Lembra daquela cena em *Meninas Malvadas* em que Cady aparece na festa vestida como a Noiva de Frankenstein com dentes grandes e velhos, porque ela não sabe que o Halloween deve ser sexy? É você agora. Você é Cady.

Eu zombo dela. — Não é tão ruim. Além disso, não importa o que eu vista, nunca vou parecer com você nesse macacão...

Erin sorri. — Quando Deus distribuiu peitos, eu entrei na fila três vezes.

Eu ri. — Aparentemente eu dormi e perdi a coisa toda.

Erin também conseguiu um convite para a festa, via Jamie Wiederstrom, um artista de instalação que ela conheceu no New Voices.

— O que é isso, seu terceiro encontro? — Eu pergunto a ela.
— Ficando bem sério...

Erin dá de ombros. — São dois a mais que o normal. Eu gosto de foder na frente, porque não quero perder meu tempo se a química não estiver lá. Mas eu não sei, talvez eu esteja dando a ideia errada aos caras, como se isso fosse tudo o que eu quisesse.

— Não me pergunte. Eu nunca tive um namorado de verdade na minha vida.

— Josh está fora de cena?

— Sim, eu não o vejo desde que o abandonei no restaurante.

Erin pausa um momento antes de perguntar: — E quanto a Cole?

Ela está tentando não me interrogar sobre o assunto de Cole Blackwell porque ela sabe que me irrita quando o resto dos meus colegas de quarto fazem isso. Em troca de seus níveis incomuns de contenção, sinto que devo a ela uma atualização.

— Eu não estou tentando ser cautelosa, — digo a ela. — Eu honestamente não tenho ideia de como descrever nosso relacionamento. Ele me ajudou mais do que qualquer um já fez. Mas ele também está maluco – metade das nossas conversas são discussões, e tivemos alguns conflitos bem loucos.

Já contei a ela como fui demitida de Zam Zam, então ela sabe que não estou falando de brigas comuns.

— Além disso... — Eu tremo. — Cole não é normal. Às vezes acho que sou apenas um troféu para ele, como se ele me montasse em sua parede.

— Ele é um artista. — Erin dá de ombros, despreocupada. — Somos todos estranhos pra caralho.

— Não tão estranho assim.

— E você ainda não transou com ele?

— Não. É complicado – não quero perdê-lo como mentor.

Essa não é a única razão pela qual é complicado, mas é o mais fácil de explicar.

— Eu não sei de onde você tira sua força de vontade. Eu ficaria de joelhos na primeira vez que estivéssemos sozinhos em uma sala

juntos. Ele é tão sexy, do jeito que ele não dá a mínima para nada nem ninguém... — Erin ri. — Talvez seja por isso que eu nunca encontre o amor. Mostre-me um filantropo, um professor e um completo degenerado e eu escolho o cara que sempre rouba minha bolsa. Aliás, nunca encontrei minha identidade. Eu juro que alguém pegou.

Eu realmente não estou ouvindo Erin – estou presa em sua segunda frase, lembrando como eu *caí* de joelhos na frente de Cole, resultando no momento mais humilhante da minha vida.

Eu o peguei de volta, então ele me pegou de volta... e agora mal sei onde estamos.

O que quer que Cole diga, ir a essa festa parece um encontro. Não é como New Voices. A festa de Halloween do Artists Guild é uma fúria. Isso resulta em mais conexões aleatórias do que a convenção do swinger médio.

Meu telefone vibra com uma mensagem de Cole:

Estou na frente.

— Eu tenho que ir, — digo a Erin. — Te vejo na festa.

Pego minha bolsa e desço as escadas correndo, sabendo que não devo deixar Cole esperando.

Ele está do lado de fora do carro, os braços cruzados sobre o peito, já impaciente.

Eu não posso deixar de rir ao vê-lo: ele está vestido como um guerreiro grego, mas pintado da cabeça aos pés em cinza e branco manchado, então ele parece uma estátua transformada em pedra.

— Quanto tempo você demorou?

— Não muito tempo. Eu montei meu próprio aerógrafo.

Cole é bem conhecido por projetar máquinas personalizadas para fabricação. Por todas as contas, ele é um gênio da engenharia. Eu não vi nenhuma de suas invenções porque ele ainda não me trouxe para seu estúdio pessoal. É o único lugar na terra que estou mais curioso para ir - melhor do que um passeio secreto pelo Vaticano.

— Eu quero ver, — eu digo, dando-lhe um lembrete não tão sutil de sua promessa.

Ele ignora minha dica, abrindo a porta do carro para mim de uma forma que de alguma forma consegue parecer mandona em vez de cavalheiresca.

— Estou surpreso que você não se vestiu como Perseu, — eu digo.

— Achei que isso iria te divertir mais.

— Ah, sim.

Outra piada para meu benefício... Não tenho certeza se fico gratificada ou perturbada por Cole estar fazendo esse nível de esforço em meu nome. Estou lisonjeado pra caralho, mas sei que sempre há uma razão com ele, algo que ele vai querer em troca. Cole não faz nada só para ser legal.

Subimos em seu Tesla. Sempre preparado, Cole colocou uma lona plástica sobre o assento para que a tinta cinza não danificasse o couro.

Ao se afastar do meio-fio, ele aciona o piloto automático.

— Estou surpreso que você confie no computador para dirigir para você, — eu digo. — Eu pensei que você era muito maníaco por controle para isso.

Cole dá de ombros. — Este carro tem oito câmeras olhando constantemente em todas as direções e um algoritmo que se atualiza diariamente. É superior a um motorista humano, mesmo um tão cuidadoso quanto eu.

— Bem, o que eu sei. Eu nem tenho carteira de motorista.

— Você está falando sério?

— Por que eu deveria? Nunca tive carro.

Ele faz um som de *tsking enojado*. — Você ainda deve saber dirigir.

Eu sorrio para ele. — Se o piloto automático continuar melhorando, talvez eu nunca precise aprender.

Embora mal esteja tocando o volante com o dedo indicador, Cole mantém os olhos na estrada. Ele apenas desvia o olhar por um momento para percorrer aqueles olhos escuros de cima a baixo no meu corpo, murmurando: — Você está deslumbrante.

Fico feliz que a maquiagem verde esconda meu rubor.

— Erin disse que era demais.

— Erin é convencional, — Cole funga. — A mistura de grotesco e sensual é sedutora.

— Nós iremos... obrigado, — eu digo.

Nunca imaginei que ficaria lisonjeado em ser chamado de — grotesco, — mas aqui estamos.

Paramos em frente a um prédio alto de tijolos em Russian Hill, onde a festa já está a todo vapor. Baques baixos vibram no gramado, e uma estranha luz violeta se espalha pelas janelas. Ao entrarmos pelas portas da frente, entramos em um miasma de neblina espessa e folhas suspensas de teias de aranha artificiais.

O Pior Pesadelo do Diabo – FJØRA

Sonia agarra meu ombro, já a caminho da embriaguez. Levo um segundo para reconhecê-la porque ela está vestida como Beetlejuice, completa com um terno listrado em preto e branco, maquiagem de cadáver e seu cabelo cinza com spray verde-limão.

— Parabéns por vender sua pintura! — ela chora com um esforço valente para não enrolar suas palavras na presença de seu chefe. — Eu não fiquei surpresa, mas estou muito feliz por você.

— Eu sei que você é, — eu digo, apertando seu ombro em troca. — Você é minha fada madrinha, afinal.

— *Ela é?* — Cole exige. — Então o que eu sou?

— Eu não sei, — eu digo, olhando-o de cima a baixo. — Você é mais como... o rei goblin no meio do labirinto.

— O que isso significa? — ele franze a testa.

— Você não viu *Labirinto*?

Eu posso dizer por sua carranca que ele não tem.

— Você está perdendo! — Sônia chora. — David Bowie naquelas calças apertadas... é clássico.

Cole dá de ombros desdenhosamente, mas posso dizer que ele está irritado. Ele odeia não saber das coisas.

— Você quer uma bebida? — ele me pergunta.

— Claro – o que quer que eles tenham. Eu não sou exigente.

Ele desaparece na multidão, procurando o bar.

Sônia inclina a cabeça para o lado, me olhando com uma curiosidade que corta sua embriaguez.

— Você sabe por que Cole destruiu seu modelo solar? — ela me pergunta.

Eu a encaro. — Você está falando sobre o Olgiati?

— O primeiro e único.

— Você está brincando. Não vale como... todo o dinheiro?

— Três milhões pelo menos. Ele o quebrou com um taco de golfe. Quebrou-o em um bilhão de pedaços.

Meu estômago se revira. Eu odeio o pensamento de algo tão único sendo destruído.

— Você acha que ele fez isso de propósito?

— Eu sei que ele fez.

— Por que?

— É isso que estou te perguntando.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não tenho ideia de por que ele faz qualquer coisa que ele faz.

— Eu pensei que você poderia... foi no mesmo dia em que ele pendurou sua pintura na parede.

Agora eu entendo, embora eu tente evitar que meu queixo caia para que Sonia não veja.

Maldito inferno... ele quebrou seu vidro favorito por minha causa?

Minha pele fica pegajosa imaginando o que ele teria feito com aquele taco de golfe se eu estivesse na sala com ele em vez disso...de repente eu sinto como se tivesse saído da luz com uma tatuagem não consensual.

Os olhos de Sonia se estreitam enquanto a compreensão varre meu rosto.

— Derrama, — diz ela.

Estou salvo de mais interrogatórios por Cole reaparecer com uma cidra em cada mão.

— E quanto a mim? — Sônia reclama.

— Você já está bêbada o suficiente.

Eu engulo minha cidra, querendo acalmar as batidas desconfortáveis do meu coração.

— Acalme-se, — diz Cole.

Sempre que ele grita uma ordem para mim, isso me faz querer fazer exatamente o oposto. Eu não ia tomar outro gole, mas agora que ele disse isso, tomo mais três em rápida sucessão.

É porque eu quero ver aquele endurecimento de seu rosto? A maneira como suas pupilas se expandem e sua mandíbula se flexiona, criando uma bela tensão no arco de seu lábio...

Ele agarra meu braço com dedos duros como ferro.

— *Não me teste porra*, — ele sibila.

Por que eu gosto disso?

Por que o calor está subindo pelas minhas pernas?

Jesus, eu estou tão fodida.

O álcool está me proporcionando uma nova coragem. E honestidade recém-descoberta comigo mesmo.

Eu quero Cole. Eu o quero como dinheiro, como sucesso, como realização. Eu o quero muito mais do que outras supostas necessidades: segurança, por exemplo. Ou sanidade.

— Dance comigo, — eu digo, puxando-o para fora no meio da multidão.

***Sinner*¹¹ – DEZI**

Estou curioso para ver o Cole dançar. Embora eu não tenha dúvidas de que seu gosto musical é tão refinado quanto o resto dele, isso não é a mesma coisa que ter ritmo.

A pergunta evapora da minha mente no instante em que suas mãos fazem contato com a minha pele.

O toque de Cole é elétrico. Apesar de toda a frieza de seu jeito, seu corpo real queima como um reator nuclear – calor destrutivo irradiando de dentro para fora.

Estou apavorada com a energia contida dentro dele. Não tenho ilusões de que está sob meu controle.

Cole me puxa contra ele. Suas mãos deslizam em volta da minha cintura, sua coxa pressiona entre as minhas, nossos quadris se alinham. Ele me segura na base do meu pescoço e na parte inferior das minhas costas. Sou um coelho em suas mãos: indefeso, coração acelerado.

Ele deixa seus lábios roçarem a lateral do meu pescoço, sua respiração quente chamuscando minha pele.

— Eu não deveria te dar o que você quer quando você está sendo malcriada... — ele murmura no meu ouvido. — Eu não vou dançar com você a menos que você se comporte.

¹¹ Pecador.

— Eu vim para esta festa com você, não é?

— Você não fez isso por mim, — ele rosna. — Você *quer* estar aqui comigo. Você *quer* dançar comigo.

— Você também, — eu retruco.

— É claro. Eu não faço nada que eu não queira fazer.

— Nunca?

— Porra, *nunca*.

Estou com ciúmes. A liberdade, a confiança de ser tão egoísta... Eu invejo Cole. Ninguém o possui. Ninguém o controla.

— Você já se sentiu sozinho? — Pergunto-lhe.

— Não. Mas eu fico entediado.

— Prefiro estar morta do que entediada.

— Eu também, — diz ele, depois de um momento de pausa, como se não tivesse percebido isso antes. — Uma eternidade de tédio soa pior que a morte. E o céu parece muito chato.

Eu ri. — Você não aguenta mais dedilhando uma harpa.

— Falta-nos criatividade quando descrevemos o paraíso, — diz Cole. — Os gregos tinham uma mitologia mais interessante. Medusa, por exemplo. Uma linda mulher com cabeça de cobras venenosas... essa é uma imagem poderosa.

— Ninguém poderia olhar para ela, ou eles virariam pedra.

Cole olha nos meus olhos, os dele já tão escuros quanto uma rocha preta molhada.

— Você não quer ser olhada?

Eu seguro seu olhar. — Os homens nunca querem apenas olhar. Eu gostaria de poder fazer algo sobre isso.

Mais e mais pessoas chegam, amontoando-se no espaço já lotado. Quanto mais as pessoas querem dançar, mais Cole e eu estamos pressionados juntos por dezenas de corpos por todos os lados.

Estou suando com a maquiagem verde, e a pedra calcária de Cole está se esfregando em mim. Nenhum de nós se importa. Logo nós dois estamos cobertos de tinta lamacenta, nossos corpos deslizando juntos.

Cole esfrega o polegar na minha bochecha, nos meus lábios. Então ele lambe a tinta da minha boca.

Eu o beijo de volta, a tinta terrosa cobrindo minha língua.

O calor, o cheiro da pele de Cole e o gosto químico fazem minha cabeça girar.

— Como eu nunca provei tinta antes? — murmuro.

— Provavelmente porque é feito de coisas horríveis... — diz Cole.

— Como a mamãe Brown? — Eu digo. — Eles costumavam triturar múmias reais...

— Você não quer saber o que eu usei para *minha* tinta...

Eu nunca posso dizer se ele está brincando.

Talvez eu estivesse errado. Talvez ele nunca brinque...

A batida pulsante pulsa através de nossos corpos. Estou tão tonta que duvido que pudesse me levantar se Cole não estivesse me segurando.

Eu não deveria ter engolido aquela bebida tão rápido.

Eu nunca senti esse nível de atração por alguém. Eu sei sem dúvida que Cole está me levando para casa esta noite. Porra, eu posso não chegar à casa dele... Eu posso não conseguir chegar ao carro dele...

Eu estou moendo contra ele, sentindo o inchaço grosso de seu pau pressionado contra meu quadril.

Eu deixei minha mão pastar sobre seu pau, meus dedos acariciando a cabeça com apenas um pouco de tecido entre nós...

— Garota má... — ele rosna no meu ouvido. — Você não pode manter suas mãos fora do que você quer...

— Por que eu deveria? — Eu sussurro de volta, apertando seu pau com força. — Você é quem diz que tudo o que eu quero deve ser bom...

— Isso é verdade para mim. Pode não ser verdade para você...

Olho para ele e faço o que tenho vontade de fazer desde que aquele cabelo preto-tinta roçou minha pele pela primeira vez. Enfiei minhas mãos nele, enchendo meus dedos com aquelas mechas macias e grossas, agarrando e puxando com força para puxar seu rosto em direção ao meu.

— Eu não me importo se você é bom para mim, — eu digo.

Eu o beijo profundo e forte. Eu o beijo como ele me beijou na exposição de arte, como se eu fosse comê-lo vivo.

Eu fodo sua boca com a minha língua como eu gostaria que ele me fodesse com um pau: profundo, enchendo sua boca até o topo.

Só nos separamos para respirar.

Os olhos de Cole brilham mais escuros do que eu já os vi.

— Venha comigo, — ele ordena.

Sua mão está travada em volta do meu pulso, me arrastando em direção à porta.

Estamos saindo juntos, e nós dois sabemos para onde estamos indo.

Até que uma figura larga e corpulenta aparece na nossa frente, bloqueando nosso caminho.

Não o reconheço a princípio. Ele está vestido como Rambo com camuflagem da selva em seu rosto e uma peruca de mullet preta cobrindo seu cabelo loiro areia. Ainda assim, o tamanho deveria ter me alertado. Poucas pessoas podem encher um corredor inteiro com seu volume, bloqueando-nos como uma rolha em uma garrafa.

— Shaw, — diz Cole, dando a Alastor um breve aceno de cabeça enquanto tentava passar, meu pulso ainda apertado em seu aperto.

Alastor Shaw não tem intenção de nos deixar ir tão fácil.

— Cole! — ele diz, sua voz retumbante cortando a música retumbante. — Eu pensei que veria você aqui. Ouvi dizer que você tem um nova aluna. É isto-

Ele espia por cima do ombro de Cole, tentando dar uma boa olhada em mim em meio à fumaça e flâmulas e luz púrpura fraca. A visão de mim faz com que ele pare no meio da frase.

O fluxo mais estranho de emoções passa por seu rosto:

Primeiro, choque.

Em segundo lugar, descrença crescente.

E, finalmente, o que parece ser pura alegria.

— Lá está ela, — ele respira.

Cole solta meu pulso, quebrando o vínculo entre nós.

— Ela está apenas alugando um estúdio no meu prédio, — diz ele.

O sorriso só se espalha pelo rosto de Alastor. Ele parece indescritivelmente feliz, por razões que não consigo entender.

— Aposto que sim, — diz Alastor. — Ouvi dizer que você está orientando ela.

Cole fica em silêncio.

Eu não sei o que diabos está acontecendo. Ele nunca pareceu envergonhado de mim antes. Meu rosto está queimando e eu quero

falar, mas a tensão é tão grande que pela primeira vez eu mantenho minha boca fechada.

— Ela não é nada para mim, — diz Cole, tão baixinho que não consigo ouvi-lo. Eu vejo as palavras se formarem em seus lábios e chegarem a Alastor, me cortando profundamente ao longo de seu caminho.

Agora sou eu quem dá um passo para trás de Cole, meu coração frio e morto no meu peito: um bife jogado na geladeira.

Alastor apenas ri. — Você a trouxe aqui, — diz ele. — Você está vestindo fantasias combinando.

Agora a mandíbula de Cole aperta e ele fica entre mim e Alastor, me colocando diretamente atrás de suas costas. Ele fica cara a cara com Shaw, quase da mesma altura, um magro e moreno, o outro largo e loiro.

— Tudo bem, — Cole sibila. — Ela é minha aluna. E ela só aprende comigo. Então fique longe dela.

— Você é tão territorial, — rosna Alastor. — Você precisa aprender a compartilhar.

— *Nunca*, — Cole rosna de volta para ele. — Mantenha distância. Eu não estou brincando desta vez.

Agarrando meu pulso mais uma vez, Cole me arrasta por Shaw, sempre mantendo seu próprio corpo entre nós.

Ele me arrasta para fora, para a noite fria de outubro. Ele não vai soltar meu pulso até que estejamos a vários quarteirões de distância.

— Que porra foi essa? — Eu exijo.

— O que- — diz Cole.

— Nem mesmo tente isso. Não tente fingir que foi algo próximo do normal.

— Eu detesto Shaw, você sabe disso.

— Eu vi você interagir com muitas pessoas que você despreza. Isso foi diferente. Você estava estressado. Ele te chateou.

Cole se vira para mim, ainda mais irritado do que com Alastor.

— Eu não estou *chateado*, — ele rosna. — Eu não dou a mínima para Shaw.

— Ou eu também, aparentemente, — eu digo sarcasticamente.

Cole levanta as mãos na frente do meu rosto. Eles tremem com o desejo de me estrangular.

Ele aponta um dedo para mim em vez disso.

— Você fica longe dele.

A ordem me irrita. Eu não estava tentando fazer amizade com Alastor Shaw – na verdade, eu o acho detestável. Mas Cole não tem o direito de me dizer com quem posso ou não falar, especialmente no mundo da arte. Ele quer ser o único que pode me ajudar, o único que pode me influenciar.

— Por que? — Murmuro, meus olhos presos nos de Cole. — Com medo de que ele me ensine algo que você não pode?

A mão de Cole se contorce. Eu sei que ele quer me agarrar pela garganta.

— Não estou brincando, Mara. Ele é perigoso.

— Ah, ele é perigoso? — eu zombo. — Como você?

Estou de frente para ele. Desafiando-o a admitir o que ele insinuou uma dúzia de vezes. Desafiando-o a dizer isso em voz alta.

O rosto de Cole fica imóvel e suave. Descolorido pelos últimos restos de tinta em sua pele, ele parece pálido como uma caveira.

Enquanto eu assisto, ele remove a última máscara. Os últimos vestígios da humanidade.

Ele me mostra seu rosto real: totalmente desprovido de emoção. Nenhuma vida naqueles olhos negros como breu. Dentes brancos como osso.

Apenas seus lábios se movem enquanto ele fala.

— Você acha que sabe do que está falando? — Cole sibila. — Filtro as pessoas com precisão. Esse cara faz o que eu faço MAL. Você não tem ideia do que eu sou capaz.

O ar congela ao meu redor. O suor se transforma em gelo na minha pele.

Eu não posso falar. Não consigo respirar. Eu não posso nem piscar.

Ele poderia me matar neste momento... Estou com muito medo de me mover.

Em vez disso, ele se vira e vai embora. Deixando-me lá sozinha.

Shaw sabe.

A expressão de triunfo em seu rosto era insuportável.

Ele não tinha ideia de que ela ainda estava viva.

Ele tem estado selvagem nas últimas semanas, não prestando atenção em mim, seu trabalho, nossos conhecidos mútuos, ou qualquer outra coisa que deveria tê-lo avisado.

É o que acontece quando ele entra em frenesi: ele desaparece do mundo da arte até que a loucura passe. Até que ele esteja pronto para agir com sanidade novamente.

Ele matou duas meninas. Isso significa que há mais um para ir.

Ele nunca está saciado até tomar o terceiro. Então ele fica quieto – às vezes por meses a fio.

Esse é o ciclo dele. Eu assisti isso acontecer.

Ele é previsível. Receio poder prever exatamente o que ele fará a seguir:

Ele tentará tomar Mara como sua última morte.

Ele adoraria a simetria disso – foi ele quem a deu para mim, e ele poderia levá-la embora.

Ele poderia fazer isso só para ver como eu reagiria. Para ver se ele poderia realmente me fazer estalar.

Eu não sei como diabos impedir que isso aconteça. Nem eu posso assistir Mara a cada minuto, a cada hora. Se Shaw está determinado a caçá-la, como diabos posso mantê-la segura?

Especialmente quando ela é imprudente e teimosa, determinada a se matar. Eu vi o olhar em seus olhos – ordenar que ela ficasse longe de Shaw só a faz querer me desafiar.

Então eu a assustei de propósito.

Ela acha que não tem medo de monstros? Vou mostrar a ela um maldito demônio do inferno.

E funcionou. Ela não veio ao estúdio ontem, nem hoje. Eu sei o quão assustada ela deve estar se ela ficou em casa quando ela está ansiosa para trabalhar em sua pintura.

Ela está em casa, mas não realmente sozinha. Estou a observá-la agora através do telescópio. Observando-a deitada na cama, lendo.

Ela terminou *Drácula*. Agora ela começou *O Jardim das Borboletas*. Não conheço esse, mas se interessa a Mara, quero ler. Eu quero saber tudo na cabeça dela.

Eu a tenho acompanhado continuamente. Não será suficiente.

Alastor não vai desistir tão fácil.

Eu poderia matá-lo.

Essa eventualidade sempre pairou entre nós.

Ele sabe muito sobre mim, e eu sobre ele.

Já fui tentado a fazê-lo muitas vezes antes.

Eu quase segui depois que ele depositou Mara no meu depósito. Eu deveria ter feito isso então.

Não tenho medo de Shaw. Mas eu me coloco em desvantagem: não é só eu contra ele. Eu tenho que proteger Mara também, se eu quiser mantê-la segura para mim, para meu próprio uso.

Estou bem espalhado. Cobrindo muito terreno.

É exatamente por isso que sempre evitei esse tipo de envolvimento. Mara complica minha vida de centenas de maneiras diferentes.

No entanto, aqui estou negligenciando meu próprio trabalho para poder observá-la.

É viciante. Tudo consumindo. Tem um efeito físico literal em mim quando não estou perto dela, quando não posso vê-la. Meus músculos se contraem como se eu tivesse ingerido muita cafeína. O desejo aumenta e aumenta até que não consigo pensar em mais nada. Eu perco todos os meus poderes de foco porque minha mente é puxada para longe atrás dela.

Observá-la cria o efeito oposto. A droga corre em minhas veias e estou mais uma vez acalmada, relaxada, decidida.

Várias horas se passam. Já é tarde – já passa da meia-noite. Eu deveria ir para casa e dormir na minha própria cama.

Eu fico por causa da sensação incômoda de que ela não está segura, nem mesmo dormindo em seu quarto.

Shaw vai fazer alguma coisa, eu sei. Ele nos viu na festa juntos, e agora ele vai tomar alguma atitude, deixar algum sinal para que eu saiba que eu não o enganei nem por um segundo.

Ele deve estar na porra da lua agora. Seu plano funcionou melhor do que ele jamais poderia ter sonhado.

Tudo o que ele queria era me convencer a matar Mara. Ele nunca imaginou que eu pudesse formar uma ligação com ela.

E, por mais difícil que seja para mim admitir... isso é exatamente o que eu tenho feito. Estou fixado nela. Obcecado por ela, até.

O que dá a Shaw todo o poder que ele poderia desejar e muito mais. Coloquei meu apego em algo frágil, algo impossível de manter seguro e sob meu controle.

É exaustivo. Este nível de foco está esgotando.

Além disso, estou começando a perceber que o que me atrai em Mara é o contato que recebo quando estou perto dela. Ela sente as coisas tão intensamente que me faz senti-las também.

Eu não tenho controle sobre esse efeito. Não posso escolher o que sentir e o que não sentir, não mais. Mara me infecta contra minha vontade.

Neste momento, ela está com tanto sono que mal consegue manter os olhos abertos. Sua cabeça continua acenando para a frente e depois se levantando novamente, enquanto ela se senta apoiada nos travesseiros em sua cama, tentando esgueirar-se em mais algumas páginas de seu livro.

Observar seus cílios estremecerem e o balanço lento de sua cabeça está me deixando com sono também. Estou encostado no parapeito da janela. Quase desmaiando...

Até que uma sombra se move sob as árvores atrás da casa de Mara.

Eu me empurro para cima, pressionando meu olho contra o telescópio, girando a lente para olhar para baixo em vez de para o outro lado.

Eu só tenho um breve vislumbre da figura desaparecendo ao redor da casa dela, mas eu sei que é Shaw. Só ele possui esse volume, esse passo pesado.

E só ele estaria à espreita em sua rua, olhando para sua janela.

Afasto o telescópio e enfio os braços no casaco.

Não gosto de jogar na defesa.

Prefiro caçar do que esperar.

Shaw se expõe, saindo sozinho à noite.

Eu tenho uma faca comigo, e meu garrote também.

Eu posso acabar com isso agora.

Desço as escadas do Georgian no escuro, deixando todas as luzes apagadas. Eu deslizo pela porta da frente, fechando-a atrás de mim, o suave estalo da fechadura se encaixando no lugar silencioso como um suspiro.

No final da rua, o corpo enorme de Shaw está virando a esquina.

Eu o sigo à distância, sabendo que terei que persegui-lo com muito mais cuidado do que o normal. Shaw pode ser impulsivo, mas não é estúpido.

Shaw gosta de pensar que somos da mesma espécie - leões caçando gazelas.

Ele é um animal, mas eu não sou um maldito leão.

Eu sou eu. Eu mesmo. A única como eu.

Nossa única semelhança é que somos ambos predadores. E todos os predadores compartilham certas características. Nossos sentidos são aguçados. Nós dominamos fisicamente. Matamos e consumimos.

Será difícil segui-lo sem ser visto. Para esgueirar-se sobre ele. Derrubá-lo sem sofrer ferimentos graves ou morte. Não me beneficia matar Shaw se eu sangrar bem ao lado dele.

Então eu sigo com o nível apropriado de respeito.

Shaw caminha rapidamente, de cabeça baixa, mãos nos bolsos. Ele está vestido com moletom escuro, capuz, como se tivesse saído para uma corrida noturna. Realmente ele está escondendo suas características mais memoráveis, incluindo aquele choque de cabelos raiados de sol.

Ele ziguezagueia, atravessando várias ruas, atravessando becos, pulando uma cerca de arame em um ponto. Eu não posso dizer se este é o seu modo de viagem habitual, o caminho mais direto para onde quer que ele vá, ou se ele suspeita que eu o estou seguindo.

Eu sei que ele não me viu, mas ele foi à casa de Mara de propósito. Ele sabe muito bem que eu poderia estar assistindo.

Ele pode estar me atraindo para algum lugar agora.

A questão é... eu quero ser seduzido?

Muitas mulheres achavam que estavam seduzindo Shaw quando flertavam com ele, quando o atraíam de volta para seus apartamentos. Eles acabaram decapitados na praia.

Predador e presa, caçador e caçado... nem sempre é óbvio qual é qual.

A víbora põe a língua para fora, imitando o movimento de um inseto. Um sapo que acredita estar caçando logo se torna o jantar da cobra.

Essa intuição se solidifica quando Shaw me leva para a parte mais áspera do Mission District – onde todas as janelas são cobertas por barras de ferro e madeira compensada pregada, onde os rabiscos de grafite cobrem não apenas as paredes, mas também as portas e os toldos. Onde metade dos prédios parece perpetuamente em construção, sustentada por andaimes, à sombra dos quais posseiros se reúnem e pequenos traficantes de drogas administram seus negócios.

Não tenho medo de andar por uma área como esta. Os criminosos sabem quem podem roubar e quem devem evitar a todo

custo. Apenas os jovens e tolos se aproximariam de um homem com o tamanho de Shaw.

Sou outra coisa completamente diferente: uma figura escura que repele até um olhar curioso. Deslizando como a morte, como a fome, como uma praga no meio deles.

Shaw para do lado de fora de um prédio em ruínas, um dos vários seguidos. Eles podem ter sido apartamentos uma vez - agora estão todos condenados, suas portas acorrentadas e trancadas.

Depois de olhar para os dois lados, Shaw tira uma chave do bolso, abre o cadeado e passa pela porta.

Hesito no canto oposto, ponderando minhas opções.

Ele pode estar esperando por mim lá dentro. Esperando me atacar neste lugar isolado.

Se esse é o plano dele, não sou avesso. Eu quero acabar com essa coisa entre ele e eu. Eu quero isso, de uma forma ou de outra.

Ou ele pode realmente não saber que estou seguindo ele. Nesse caso, estou curioso para saber o que ele guarda dentro daquele prédio.

Parece uma armadilha. Mas também como uma oportunidade.

Ficar ou ir? Eu nunca estive tão dividido.

Se eu for para casa, amanhã estarei de volta onde estava, vigiado pela casa de Mara, arruinado pela paranóia de quando e onde Shaw atacará.

É isso que me leva a atravessar a rua, a seguir Shaw para dentro do prédio em ruínas.

O interior é negro como breu, tão úmido que posso ouvir a água pingando dos níveis superiores. As escadas estão desmoronando, com grandes lacunas entre os degraus. O fedor de tábuas mofadas e urina velha invade minhas narinas. Por baixo disso, o cheiro inconfundível de putrefação. Podem ser ratos que morreram nas paredes. Ou alguma outra coisa...

Fico perfeitamente imóvel, ouvindo Shaw.

Tudo o que ouço é aquele gotejamento, gotejamento, gotejamento de água e, mais acima, o vento gemendo através das vigas abertas.

Deixo meus olhos se ajustarem até conseguir distinguir detalhes suficientes para andar sem tropeçar nas pilhas de velhos materiais de construção e nos montes de lona rasgada e cobertores velhos onde os viciados dormiram.

Shaw não está no nível principal. O que significa que terei que subir as escadas.

Subo lentamente, tomando cuidado para não desalojar uma única pedrinha. Qualquer som ecoará neste espaço desolado.

Eu não estou com medo. Mas estou ciente de que poderia estar caminhando para a minha morte, ou a dele. Os próximos minutos podem ser os mais cruciais da minha vida.

Vejo uma luz no alto da escada — fraca e levemente arroxeadada.

Isso é o que me garante que Shaw armou uma armadilha. Ele está imitando a luz na festa de Halloween. Provocando-me com referências a Mara.

Ainda assim, continuo subindo. Estou comprometido com este curso. Nós dois pretendemos ver isso.

Eu entro no espaço no topo da escada. É uma grande caverna aberta, todas as paredes derrubadas.

No centro, vejo uma figura, suspensa no espaço.

Não Shaw.

É uma garota, pendurada no ar como um inseto em uma teia. Seus braços e pernas estão esticados, puxados ao limite. Até seus longos cabelos foram presos nas pontas e puxados ao redor de sua cabeça em uma coroa escura.

Ela estava viva quando ele a amarrrou na teia – eu posso dizer pelos vergões ao redor de seus pulsos e tornozelos onde ela puxou e lutou. Ela até arrancou um pouco do cabelo.

Mas ela está morta agora. Shaw cortou seus pulsos e sua garganta, deixando-a sangrar. O sangue escuro forma uma poça brilhante embaixo dela, como um buraco no chão.

Como Shaw nunca foi sutil, ele teceu cobras por toda a sua teia. Cobras reais, tão mortas quanto a garota. Ele enrolou vários em torno de seus membros, enfiou-os no corte em sua garganta e até mesmo os enrolou em seu cabelo.

A mensagem é clara.

O que não está claro é onde diabos Shaw foi. Ele deve ter saído de outra maneira...

Antes mesmo de começar a olhar, sou sacudido pelo último som que quero ouvir: o crepitar de um rádio da polícia.

Porra.

Porra, porra, porra!

É tarde demais para descer as escadas — eles já estão dentro do prédio. Posso ouvi-los entrando, tentando ficar quietos, mas falhando miseravelmente porque os policiais são horríveis em vigias.

Shaw ligou para eles. Ele me prendeu aqui com sua última morte. E eu fui direto para isso, no erro mais estúpido que já cometi.

Se eu não posso descer, só há uma saída.

Tirando meu casaco, eu o enrolo em volta do meu braço e dou um soco na janela. Os policiais ouvem o barulho. Eles vêm tropejando escada acima a toda velocidade, gritando um com o outro.

Já estou saindo, escalando o cano enferrujado que sobe pela lateral do prédio. O metal está corroído como renda, desmoronando sob minhas mãos, os parafusos se soltando e todo o cano se desprendendo da parede. Mal tenho tempo de agarrar a sarjeta com uma mão antes de sair balançando ao ar livre.

Eu me puxo para cima com uma mão, as palmas das mãos cortadas e Deus sabe que tipo de tétano agora está correndo pelo meu sangue.

A cobertura dificilmente é melhor. Não é nada além de concreto plano, nenhum lugar para se esconder, nem tanto quanto uma chaminé.

O prédio mais próximo fica a quinze metros de distância. A lacuna entre desce doze andares para um beco de concreto vazio. Nem mesmo uma porra de uma lixeira espera lá embaixo para amortecer minha queda.

Quinze pés.

Se fosse dez, eu poderia pular.

Quinze é arriscado.

O próximo prédio é um pouco mais baixo – isso pode ajudar.

Pela janela quebrada, ouço os policiais subindo para a sala. Descobrimo o corpo da menina. Espalhando-se, procurando por mim.

Tenho segundos no máximo.

Eu volto para o outro lado do prédio e então corro em direção à borda. Eu corro o mais rápido que posso, me lançando no espaço.

Eu caio para frente e para baixo, os braços esticados na minha frente. Quando meus pés batem, eu enrolo em um rolo e caio pelo telhado, parando de costas.

Não fodidamente longe o suficiente. Ouço sirenes, carros de polícia parando dos dois lados. Eles estarão espalhados pela área em instantes.

Não há tempo para estratégia ou planejamento. Levanto-me de um salto e corro de novo, correndo para o próximo prédio da fila.

Corra, corra, corra, corra... PULAR!

O terceiro edifício é ainda mais baixo, com dois andares.

Eu caio com força, meu tornozelo direito cedendo embaixo de mim. Ele torce e eu ouço um som horrível de estalo. Uma dor quente e elétrica sobe pelo lado de fora da minha perna.

Forçando-me a levantar de qualquer maneira, eu manco até a beirada do prédio. Este tem uma escada de incêndio ainda no local, que vai do telhado ao nível do solo. Usando as grades como muleta, eu manco para baixo o mais rápido que posso, xingando meu tornozelo, xingando por ter me colocado nessa posição ridícula.

Superado por Shaw... que merda de humilhação. Eu deveria deixar os policiais me tirarem da minha miséria.

Batendo no chão, eu manco através da dor doentia, impulsionada por pura raiva, pelo desejo de viver isso para que eu possa me vingar de Shaw, para que eu possa fazê-lo pagar por isso.

Isso é culpa dele.

Dele e de Mara

.



Leva mais de duas horas para se livrar da polícia e retornar a Seacliff. Parte desse tempo sou eu me escondendo em um beco

imundo, agachado sob uma pilha de sacos de lixo mofados, o tornozelo inchado demais para dar mais um passo.

A ignomínia disso é quase demais para suportar.

Passo cada segundo imaginando como vou arrancar a pele da carne de Shaw, centímetro por centímetro. A morte será uma misericórdia pela qual ele irá implorar, hora após hora.

Eu nunca fiquei tão aliviado ao entrar pela minha própria porta da frente.

Na hora seguinte sou eu de pé sob um chuveiro fervente, esfregando minha própria pele como se eu também devesse ser esfolada.

Depois disso, o pensamento começa.

Eu vou matar Shaw, isso é certo.

Mas como diabos eu vou fazer isso quando já estou machucado? Mesmo no meu auge, Shaw é mais do que um jogo físico para mim. Eu sou mais inteligente, mas ele é maior.

Ele sabe que eu vou também. Ele vai ficar de olho em mim. Espera.

Enquanto isso, Mara continua sendo um ponto constante de vulnerabilidade.

O objetivo principal de Shaw será matá-la.

Ele está com ciúmes de mim. Fixado em mim. Ele sabe que eu a quero, o que significa que ele a quer mais.

Tirar ela de mim será um triunfo maior do que enfiar uma faca no meu coração.

Eu não posso mantê-la segura. Não por qualquer período de tempo significativo.

Mara me enfraquece. Foi perseguir Shaw por impulso, acreditando que eu tinha que agir rapidamente para protegê-la, que me colocou nessa posição. Agora meu tornozelo está inchado como uma picada de cobra e mal posso ficar de pé.

Pior, ela enfraquece minha mente. Minha tomada de decisão. Ela distorce meus objetivos e valores, me fazendo pensar que eu me importo com coisas que eu nunca dei a mínima antes.

Eu não posso protegê-la. Sua morte é inevitável.

Mas eu serei amaldiçoado se Shaw for o único a fazer isso.

Mara pertence a mim.

Eu sou o único que consegue matá-la.

A chuva troveja do lado de fora da lavanderia, tamborilando no telhado.

É tarde de uma noite de domingo. Quase todo mundo que tinha roupa para lavar terminou horas atrás. Apenas uma carga permanece girando ao lado da minha: um amontoado de meias cinzentas encardidas, que presumo pertencer à pequena avó asiática adormecida contra as máquinas de venda automática.

Eu também prefiro não estar lavando roupa, mas já faz semanas desde que parei de usar calcinha, e estou com minha última camiseta, estampada com uma estampa gráfica de Mia Wallace, completa com o nariz sangrando. Joanna faz camisetas de filmes para ganhar dinheiro extra. Ela é tão boa nisso que provavelmente poderia se dar ao luxo de alugar um quarto em um lugar muito melhor. Acho que ela fica porque teme que incendiemos o lugar sem ela. Ou pelo menos, Heinrich faria.

Sob a camiseta, estou vestindo bermuda boxer floral, meias de hóquei listradas e um par de chinelos surrados. Não é o meu melhor visual, mas a vovó sonolenta não parece se importar.

Eu me inclino contra a secadora, observando minhas roupas escuras girarem e girarem. O movimento é reconfortante. Melhor ainda, o calor da secadora penetra no meu corpo, soltando os

músculos rígidos do meu peito, fazendo-me derreter contra o vidro convexo.

Estou tentando decidir o que diabos fazer sobre Cole.

Eu não posso continuar evitando ele.

Estou ansioso para voltar à minha pintura, de volta àquele estúdio lindo que age como catnip criativo, me deixando em um frenesi assim que eu passo pela porta.

Ou talvez seja Cole quem me deixa em frenesi.

Nunca tive tantas ideias em um ano como agora pareço ter em uma semana. Mesmo durante o sono, vejo fluxos de imagens em camadas, cores tão ricas que você poderia comê-las, texturas que fazem você querer enrolá-las na pele...

Eu sei exatamente o que preciso fazer para acabar com meu diabo.

Mas para fazer isso, terei que passar pela porta de Cole.

Acho que não estamos mais jogando.

Eu filo as pessoas com precisão...

Ele faz o que eu faço MAL...

Piadas e ameaças? Manipulação?

Ou a verdade pura e sem verniz?

Cole deu a entender que Alastor Shaw é um assassino.

Mais do que implícito que ele é um também.

Ele faz o que eu faço MAL...

Parece impossível.

Estamos falando de dois dos homens mais famosos da cidade. Artistas, pelo amor de Deus.

Artistas rivais.

Ou talvez... apenas rivais.

Você me foi dado...

Eu saio da secadora, o calor das roupas caindo dando lugar ao frio que aperta minha nuca.

Dois homens. Um pesado e áspero. Um fino, leve, quase silencioso...

Convulsivamente, coloco a palma da mão sobre a cicatriz contorcida que sobe pelo meu pulso esquerdo. Posso senti-lo sob meu polegar, grosso e quente como uma cobra.

Falei com Alastor Shaw na noite em que fui sequestrado. Eu o conheci no show, antes de sair para fumar com Frank. Nós só conversamos por um minuto antes de Erin nos interromper.

Erin disse que transou com ele na escada. Quanto tempo isso levou? Rápido o suficiente para que ele pudesse ter me visto saindo? Rápido o suficiente para que ele pudesse ter seguido?

Durou apenas um minuto. Mas foi legal...

As peças estão se encaixando com uma velocidade doentia.

Ele poderia ter me arrebatado a um quarteirão da minha casa. Me enfiou em um baú. Amarrado, vendado e me perfurou, depois me cortou e me deixou no chão para morrer...

Não. Para não morrer.

Deixei... Como um presente.

Um presente para o homem que viria a seguir.

Onde Cole estava indo naquela noite? O que ele estava fazendo?

Não importa. Alguém sabia que ele estaria lá. Eles sabiam que ele me encontraria.

E qual era o ponto? O que eles esperavam?

Meu coração está acelerado, o zumbido constante, *zumbido*, *zumbido* da secadora como uma manivela operando meu cérebro. Forçando-o a continuar funcionando. Empurrando-o para a conclusão inevitável desses pensamentos.

Eles esperavam que Cole acabasse comigo.

Esse foi o presente.

Essa foi a tentação.

BUZZZZZZZZZ.

O alarme da secadora soa, me fazendo gritar.

A vovó asiática aparece como um jack-in-the-box, correndo para recuperar suas meias. Ela os empacota todos em um saco de

barbante, então joga o saco por cima do ombro, indo em direção à porta, acenando para mim enquanto sai.

Eu aceno de volta, sentindo como se estivesse flutuando, sentindo como se eu fosse um dos muitos pedaços de lixo correndo pelas sarjetas lá fora, levado pela chuva.

O que aconteceu naquela noite nunca fez sentido porque eu estava muito perto da foto. Eu só podia ver os minúsculos pontos individuais. Dando um passo para trás, toda a imagem entra em foco.

Havia dois psicopatas na floresta naquela noite: Alastor e Cole.

Alastor me trouxe até lá.

Cole deveria me matar.

Mas ele não o fez.

Porra, eu sobrevivi.

E todo o palavrão depois, minhas *Grandes Esperanças* se elevam ao sucesso com meu benfeitor secreto Cole trabalhando nos bastidores... o que é que foi isso? Apenas mais de seu jogo fodido?

Ando de um lado para o outro no corredor estreito entre as máquinas de lavar e as secadoras, ouvindo minhas roupas roncando dos dois lados.

Isso tudo soa insano.

Mas é a única coisa que faz sentido. A única coisa que explica o que eu sei que vi.

Dois homens.

Dois psicopatas.

Eu paro onde estou.

Eu vi todas as indicações com Cole. A maneira como ele troca de personas à vontade. A maneira como ele usa seu dinheiro e influência para manipular as pessoas... incluindo eu. A maneira como ele realmente não se importa com ninguém ou nada.

Isso não é verdade. Ele se importa às vezes. Ele se importou quando destruiu aquele modelo solar.

Eu balancei minha cabeça com força, irritada comigo mesma.

Raiva não é a mesma coisa que cuidar.

Meu peito está apertado e é difícil respirar fundo.

Fico pensando no corpo da garota encontrada no campo de golfe. E os outros na praia...

Quantos foram agora? Seis? Sete?

A Besta da Baía.

Eu disse a mim mesma que não tinha nada a ver comigo. Fui cortado, mas não dilacerado. Na verdade, não morto.

Agora eu acho que eu deveria estar.

Alastor é a Besta? é Cole?

São os dois?

A chuva cai com mais força, gotas individuais desaparecendo na queda constante. A chuva estilhaça na rua, lançando salpicos prateados que brilham como faíscas.

Cheguei ao final do corredor, onde a janela de vidro laminado está coberta com os antigos decalques descascados que uma vez proclamavam: *Faça o seu lixo, operada por moedas, self-service 24 horas.*

Através dessas letras cheias de bolhas, vejo uma figura esperando do lado de fora. Alto e escuro, sem guarda-chuva. Parado na calçada, olhando diretamente para mim.

Alto o suficiente - K.Flavy

Eu já sei que é Cole.

Ele está me perseguindo a semana toda. Eu o vi na rua do lado de fora da minha casa e no café em frente ao Sweet Maple. Ele sabe que eu o vi, e ele não se importa. Ele não tentou bater na minha porta ou me forçar a tomar um brunch com ele novamente.

Ele está apenas observando. Espera.

Guarda em pé.

Esse calafrio agora corre da minha nuca até a minha espinha.

Eu finalmente entendo.

Cole não está me observando. Ele está procurando por Shaw.

Fique longe dele. Ele é perigoso. Eu não estou brincando.

Está muito escuro para ver os detalhes do rosto de Cole, não com a chuva grudando seu cabelo sobre os olhos.

Ele pode me ver, no entanto. Bem iluminado, limpo e seco, enquadrado nesta janela.

Eu pressiono minha palma contra o vidro.

Como posso ter tanto medo de alguém, e ainda assim não consigo me forçar a correr? Não quero fugir de Cole. Eu quero ficar parada enquanto ele vem até mim, e então eu quero chegar e tocar seu rosto. Quero tirar as máscaras, uma a uma, até não sobrar nenhuma. E então, o que estiver por baixo... Eu quero ve-lo.

Ele me aterrorizou, na noite da festa de Halloween. Ele fez isso de propósito. Deliberadamente mostrando suas presas, porque ele queria me assustar para longe de Shaw.

Por quê?

Porque ele quer me manter segura.

Não importa o quão insano isso pareça, é o que eu acredito.

Cole quer me manter segura. É por isso que ele passou incontáveis horas me observando, quando ele tem toda a cidade à sua disposição, quando ele poderia estar fazendo qualquer outra coisa.

Volto para as secadoras, verificando o tempo restante.

Doze minutos.

Eu me inclino contra o vidro, olhos fechados, meu corpo inteiro balançado pela máquina industrial pesada. Esses secadores são provavelmente mais velhos do que eu. Cada um do tamanho de um carro compacto. Cada um com um motor potente.

O sino acima da porta soa um toque suave quando alguém entra.

Eu mantenho meu rosto pressionado contra o vidro, olhos fechados.

Eu o ouço vindo atrás de mim, embora ninguém mais ouviria aqueles passos cuidadosos e medidos.

Posso até ouvir o som solitário de cada respiração entrando e saindo de seus pulmões.

Sem me virar, digo: — Olá, Cole.

No espelho vejo seu reflexo: cabelos molhados, mais pretos que uma asa de corvo, grudados nas bochechas. Olhos escuros fixos apenas em mim.

A chuva escorre da bainha de seu casaco para os ladrilhos de linóleo.

— Olá, Mara.

Ele vem atrás de mim, me pressionando contra a secadora. Seu corpo está encharcado e frígido, o músculo duro de seu peito travado contra minhas costas. Contra minha barriga, o secador balança e zumba, espalhando calor por todo o caminho através de mim em Cole.

Ele me prende lá, uma mariposa em um pára-brisa.

Eu posso sentir seu coração batendo contra minha omoplata. Sinto seu hálito quente no meu pescoço.

— É hora de você parar de se esconder, — ele sussurra contra minha garganta. — Está na hora de você voltar para casa.

O terror surge através de mim – aquela onda de adrenalina que envia sangue subindo por todos os capilares distantes, até que meu corpo inteiro pulsa como um tambor. O cheiro de Cole me envolve, não lavado pela chuva, apenas realçado por ela.

Se Cole é tão ruim, então por que ele se sente tão bem?

Quem sabe o que o coelho sente quando o falcão pousa, prendendo-o no chão? Quando aquelas garras cruéis se fecham ao redor de seu corpo. Quando ele sobe para o céu...

Talvez o momento da captura seja uma felicidade.

Talvez pareça voar.

Tudo o que sei é que todo o meu corpo está vibrando no ritmo da secadora. Cole pressiona meu peito, minha barriga, meus quadris contra ele. Moendo-me para ele. Nunca deixando a pressão nem por um momento.

— Você quer que eu vá até sua casa? — Eu suspiro.

— Sim, — ele rosna, seu peito vibrando como o secador, o calor e a pressão fazendo minha cabeça girar.

— Não, — eu digo, fechando os olhos e balançando a cabeça.

Suas mãos agarram meus quadris, dedos cavando. Ele me empurra com mais força contra o vidro.

A vibração está tendo um certo efeito em mim. Eu posso sentir minha pele corando, meu pulso acelerando, aquela sensação de aperto e pressa que você só pode segurar por tanto tempo.

— Por que você sempre tem que ser tão difícil? — ele rosna.

Eu viro minha cabeça ligeiramente, então estamos de rosto colado, bocas a apenas uma polegada de distância.

— Eu quero ver seu estúdio, — eu exijo.

Eu posso sentir sua irritação. Ouça seus molares rangendo.

— Tudo bem, — ele estala. — Amanhã à noite.

Isso é loucura. Eu não deveria estar indo para seu estúdio *ou* sua casa. Eu deveria estar chamando a polícia.

Mas os policiais não vão acreditar em mim. Eles nunca têm.

Cole é meu mentor ou um assassino? Ele está me protegendo ou me caçando?

Só há uma maneira de saber a verdade.

Cole desliza a mão pela frente do meu short. Ele encontra minha boceta já escorregadia e latejante. Desesperado por seu toque.

Deixo escapar um longo gemido quando ele empurra seus dedos dentro de mim.

Ele me empurra contra a secadora, moendo meus quadris contra a porta. Eu posso sentir seu pau pressionado entre as bochechas da minha bunda. O calor e a vibração retumbante surgem através de mim, uma e outra vez, com cada volta das

roupas. Leva apenas três impulsos com os dedos, três pulsos de seus quadris contra minha bunda, antes de eu começar a gozar.

Estou gemendo e tremendo, me esfregando contra a secadora. Cole me mantém no lugar com seu corpo molhado e fumegante. Pressionando-me contra a vibração, enviando cada nova onda surgindo através de mim.

— Sete horas amanhã à noite, — ele rosna no meu ouvido. — Nada de foda dessa vez. Se você está um minuto atrasado... Eu vou te encontrar.

Mal posso ouvi-lo sobre a secadora. Sobre o prazer quente e líquido latejando em meus ouvidos.

Tudo em um momento, ele se foi. A campainha soa, a secadora para, e eu estou ali, com as pernas tremendo, percebendo que definitivamente estou louca pra caralho.

Enquanto faço meus preparativos para a chegada de Mara, vou e volto uma centena de vezes sobre como devo matá-la.

Eu nunca fui indeciso antes.

Sempre soube exatamente o que deveria fazer, como se já tivesse acontecido.

Ela nubla minha mente. Ela escurece minha capacidade de ver.

Se eu removê-la da minha vida, vou voltar a ser como era antes. Tenho certeza disso.

O problema é... Não sei se quero voltar.

Mara distorce quem eu sou. Mas no momento, quando estou com ela... Eu gosto disso. Vejo coisas que nunca vi antes. Eu sinto coisas. Inferno, eu até gosto das coisas de maneira diferente.

Ela é elétrica. Eu a toco, e a corrente passa por mim. Ela me ilumina, me excita, me enche de energia.

O custo é a perda de controle.

O controle sempre foi minha maior prioridade. A única coisa que me tornou único. A fonte de todo o meu poder.

Eu não posso desistir disso. Eu não posso me tornar como todo mundo.

No final, foi Mara quem fez a escolha: eu a convidei para minha casa. Ela pediu para vir ao estúdio em vez disso.

Ela quer o artista, não o homem.

Minha arte é a morte. Sempre foi.

Farei uma bela morte. Um prazeroso. Ela merece pelo menos isso.

Os minutos passam, sete horas se aproximando.

Ela não vai se atrasar desta vez, eu já sei disso. A vontade dela de ver meu ateliê é muito grande. É o que ela mais queria o tempo todo, assim como Danvers.

Passei o dia inteiro nos preparativos. Planejamento são as preliminares.

Precisamente às sete horas, Mara chega ao estúdio. Eu já ouvi a notificação de movimento e caminhei em direção à porta para cumprimentá-la. Eu abro antes que ela tire o dedo do sino.

***Black Magic Woman*¹² — VCTSYS**

¹² Mulher de Magia Negra.

Ela se vira, assustada, seu cabelo e seu vestido girando em torno dela. O vestido é solto e diáfano, preto como uma mortalha. As mangas camponesas e o decote quadrado dão a ela uma aparência de bruxa, especialmente quando combinadas com seu cabelo selvagem e o respingo de sardas na ponte do nariz.

O medo luta com a ânsia, acrescentando um toque afiado ao cheiro dela. Ela lambe os lábios. Eles são vermelhos e levemente rachados. Eu quase posso sentir a textura deles, como a borda de um copo de coquetel – salgado-doce e granular.

— Você vai me deixar entrar? — ela diz, inclinando a cabeça e olhando para mim, então seus olhos estão mais oblíquos do que nunca acima daquele nariz arrebitado.

Cada ângulo de seu rosto revela um humor. Há sempre algo novo para ser visto. Eu nunca terminei de lê-la, e acho que nunca terminarei.

Eu passo de lado. Seu cabelo acaricia meu antebraço quando ela passa. Desliza pelas costas da minha mão como um sussurro, como um beijo.

As lâmpadas antiquadas originais iluminam o estúdio, lançando poças de luz dourada das paredes. Mara entra e sai dessas piscinas, às vezes sombreadas, às vezes reluzentes. Ela gira lentamente para que sua saia saia mais uma vez, revelando as longas e finas hastes de suas pernas. Sua boca se abre em admiração.

— Todo esse espaço é seu? — ela diz.

— Ninguém vivo viu. Exceto eu e você.

— Segredos são solitários.

— Somente as pessoas que querem companhia são solitárias.

— Só quem tem medo de outras pessoas quer ficar sozinha, — Mara me provoca, seu sorriso rápido mostrando seus dentes perolados.

Eu me aproximo dela, observando seus olhos se arregalarem, observando como ela tem que se forçar a ficar parada enquanto eu me aproximo. O impulso de fugir está sempre presente. Os instintos de Mara são bons... mas ela nunca os ouve.

— Qual de nós está com medo agora? — Eu rosno.

Ela se mantém firme, olhando para mim.

— Nós dois, eu acho, — ela murmura.

Meu estômago aperta.

— E ainda estamos ambos aqui, — diz ela. — Você vai me mostrar no que está trabalhando?

— Eu não fiz nada desde o *Fragile Ego* — Eu admito. — Mas pretendo começar algo novo esta noite.

Um arrepio percorre seus ombros - desta vez de pura excitação.

— Você vai me deixar ver você trabalhar? — ela pergunta.

— Você vai me ajudar. Nós vamos fazer isso juntos.

Ela mal consegue respirar.

— Agora mesmo?

— Em breve. Eu quero te mostrar uma coisa primeiro.

Eu a levo para a sala ao lado, onde guardo meia dúzia de esculturas que nunca completei. Os que eu nunca consegui acertar.

Eu penso neles como fetos abortados. Incapaz de crescer como deveriam. Abandonado por seu criador porque eles morreram no útero.

Eles são feios para mim e, no entanto, não posso deixá-los ir porque sei o que eles deveriam ter se tornado.

Mara caminha entre eles, devagar, examinando cada um. Dói-me vê-los, mas preciso saber se ela os vê como eu — arruinados e incorrigíveis.

Ela está em silêncio, olhando para cada peça de todos os ângulos, tomando seu tempo. Suas sobrancelhas se unem em uma carranca, e ela morde a borda de seu lábio inferior inchado.

Mara está sempre se mordendo. Isso me faz querer mordê-la também.

— Estes são os que você não conseguiu terminar, — ela diz finalmente.

— Isso mesmo.

Ela não pergunta por quê. Ela pode sentir as imperfeições de cada um. Para uma pessoa aleatória, eles podem parecer tão bons quanto as peças que exibi com orgulho. Mas para o olho perspicaz,

eles estão tão mortos quanto um fóssil. Pior, porque eles nunca viveram.

Ela faz uma pausa na última escultura. Este foi o meu fracasso mais caro - eu estava trabalhando em um pedaço de meteorito desenterrado na Tanzânia. A coisa pesava duas toneladas quando comecei. Eu tive que projetar um pedestal personalizado para segurá-lo.

— Este poderia ser salvo, — diz Mara.

Eu balanço minha cabeça. — Eu tentei, confie em mim. Só o material me custou uma fodida fortuna.

Ela passa a mão levemente pela espinha dele, me fazendo estremecer, como se ela estivesse acariciando minha própria pele.

— Você estava fazendo uma figura, — diz ela.

Deus, ela é perceptiva.

— Sim. Eu considerarei me afastar do abstrato. Mas eu não sou Rodin, claramente.

— Você poderia ser, — diz Mara, olhando para mim, sua mão ainda apoiada no meteorito. — Você poderia ser o que você quisesse ser. Isso não é verdade para todos. Mas acho que é para você.

Minha mandíbula apertada, ressentimento girando dentro de mim.

— Você tem muita fé nas pessoas.

Eu a deixo, caminhando de volta para a sala principal. Onde minha mesa espera, e todas as minhas ferramentas.

Confiante como um cordeiro, Mara me segue.

Ela vê a mesa sob o refletor cirúrgico. Ela vê as ferramentas dispostas ao lado: os cinzéis, marretas, martelos, facas. E ela vê o espaço vazio onde a matéria-prima deveria residir.

Eu me viro para encará-la, imaginando quanto tempo ela levará para entender.

Mara atravessa o espaço devagar, sem olhar para a mesa. Só olhando para mim.

— Eu realmente não, — diz ela. — Não tenho fé. Aprendi cedo que algumas pessoas não têm bondade dentro de si. Sem piedade. Eles estão quebrados, retorcidos e cruéis, e não podem sentir nada além de malícia. Minha mãe é assim. Ela é o escorpião que te picaria, mesmo que você a carregasse nas costas. Mesmo que isso significasse que vocês dois morreriam. Ela simplesmente não consegue evitar.

Estou ao lado das ferramentas. Meus dedos estão a centímetros da faca.

— Eu sou bom em ver, Cole. Eu vi quem ela era em uma idade precoce. E eu vejo quem você é também.

Mara entra diretamente no brilhante feixe de luz. Cada detalhe de sua pessoa é iluminado: cada sarda, cada brilho de prata e fio de preto naqueles olhos arregalados.

— Eu sei que foi Alastor Shaw que me levou. Ele me jogou na floresta para você encontrar.

Minha mão congela acima da lâmina.

Como ela sabe disso?

— Ele queria que você me matasse, mas você não o fez. Você não me matou naquela noite ou em nenhuma das noites que se seguiram. E não é porque você não matou antes. É porque você não quer fazer isso. Você não quer me machucar.

Meus dedos se contorcem, as pontas roçando o cabo da faca.

— Você está cuidando de mim. Protegendo-me. Ajudando-me. Você pode ter dito a si mesmo que era para seu próprio prazer, por suas próprias razões fodidas. Mas você se importa comigo, Cole, eu sei que sim. Eu já vi. Talvez você não queira se importar. Talvez você gostaria de me matar agora para parar com isso. Mas eu não acredito que você vai. Muita coisa aconteceu entre nós. Você mudou demais.

Lentamente, ela desliza as mangas do vestido pelos braços. Desnudando seus ombros delicados e seus seios pequenos e redondos. Ela deixa o vestido cair até seus pés e sai dele. Ela está nua por baixo, seu corpo brilhando sob a luz, os anéis de prata brilhando em seus mamilos.

O jardim selvagem desce por seu lado direito, terminando na ponta de seu quadril. Ela o usa com orgulho, minha marca em sua pele.

E eu uso a dela: a cobra branca e a preta. Achei que as cobras fossem ela e eu, bons e maus, travados na batalha. Agora me pergunto se ela queria que os dois fossem eu...

Ela dá outro passo em minha direção. Nua e sem medo.

Eu nunca me acostumei com a visão de seu corpo. A tensão dele, a energia selvagem que o percorre. No momento em que a toco, essa energia pulsará em mim. Deslizar meu pau dentro dela seria como amarrar em uma cadeira elétrica.

Seus olhos travados nos meus, ela diz: — Você não vai me machucar.

Agora sou eu quem lambe meus lábios.

Eu, cuja voz sai em um tom áspero quando digo: — Você está disposto a apostar sua vida nisso?

Mara sobe na mesa, deita-se sob a luz. Ela olha para cima, seu corpo macio exposto e vulnerável.

— Estou aqui, não estou? — ela diz.

Quanto mais me aproximo dela, mais posso sentir o cheiro dela saindo daquela pele nua. Faz meu coração disparar. Minha água na boca. Sob a luz forte, vejo as veias correndo sob sua pele. Todo aquele sangue quente e quente bombeando rápido com cada batida de seu coração.

Eu me curvo e levanto as amarras presas às pernas da mesa.

Talvez haja alguma misericórdia em mim, porque eu seguro a algema, dando a ela uma última chance.

— Tem certeza?

Ela olha nos meus olhos, acreditando que vê algo lá.

Então ela estende o pulso para mim.

— Eu quero você, — diz ela. — E você me quer.

Fecho a algema ao redor de seu pulso, ouvindo-a travar no lugar.

— Agora eu tenho você, — eu digo.

O terror que surge através de mim quando essa algema se fecha em meu pulso é diferente de tudo que eu já conheci. Eu sou Mia Wallace agora – esfaqueada no coração com pura adrenalina.

Cada nervo dispara, meus sentidos mais altos do que nunca. Eu sinto a respiração de Cole fluindo pela minha pele. Sinto o calor de suas mãos muito antes de me tocarem.

Ele prende meus pulsos na mesa e depois meus tornozelos. Então, lentamente, ele gira uma manivela, separando minhas pernas.

Eu suspiro quando o ar frio atinge minha boceta nua. Eu quero gritar, quero me contorcer, mas me recuso a fazê-lo. Cole é um predador. Se eu mostrar o menor sinal de medo, ele acenderá seu instinto de caçar.

Cole olha para mim. Ele nunca pareceu mais bonito do que nesta luz deslumbrante. Ele realmente é um anjo sombrio, bíblico em poder e ira.

Seu olhar está travado em mim e em mim sozinha. Aqueles olhos negros rastejam sobre cada centímetro de mim, queimando minha pele. Seu lábio superior aperta, mostrando os dentes.

— Você sabe que eu assisti o vídeo de você fodendo aquele cara, — diz ele, suavemente.

Eu mantenho seu olhar, desembaraçada. — É por isso que eu o trouxe para o estúdio. Então você teria que assistir.

— Quantas vezes você acha que eu assisti essa fita?

Eu engulo em seco. Eu não tinha considerado que ele veria mais de uma vez.

— Não sei.

— Mais de cem, Mara. De novo e de novo e de novo outra vez.

Minha pele fica fria, depois fica quente.

Ele acaricia o cabelo da minha testa com uma gentileza perturbadora. — Por que você acha que eu assisti tantas vezes?

— EU... Não sei.

Receio que a resposta é que ele estava alimentando sua fúria contra mim. Este encontro já está tomando um rumo que eu não previ, e é difícil para mim manter a calma.

— Foi para aprender, — diz Cole, deixando seus dedos percorrerem o lado do meu rosto. — Eu assisti várias vezes para ver o que você gosta, Mara. Para saber suas preferências. Este seu corpo é tão responsivo...

Seus dedos deslizam sobre minha clavícula e descem até o topo dos meus seios. Meus mamilos endurecem, ficando eretos como se implorassem por seu toque. *Por favor, um pouco mais perto...*

— Você é um escrava do que você ama. As coisas que você odeia te repelem, — Cole diz, naquele tom baixo e hipnótico. — Eu sabia que se eu aprendesse tudo que pudesse sobre você... não há nada que eu não possa fazer você fazer...

Delicadamente, muito gentilmente, ele agarra o anel de prata em seus dedos e o gira através do ponto apertado do meu mamilo. A sensação daquele aço frio deslizando pela minha carne me faz gemer. Não posso evitar, não posso impedir.

— Você não pode imaginar o que eu sei sobre você... — diz Cole. — Eu sei o que você lê, o que você come. Eu sei como você se toca quando pensa que está sozinho. E eu sei cada música que você ouve. Todos os seus favoritos. Eu compilei uma lista e fiz um algoritmo para buscar exatamente o tipo de música que te prende...

Ele faz uma pausa, tirando o telefone do bolso e colocando-o ao lado de suas ferramentas. Com um dedo indicador longo e fino, ele coloca sua lista de reprodução em movimento. A música que sai de seus alto-falantes caros não é o que eu esperava: leve e etérea, em vez de escura e pulsante.

Feitiços – Cannons

Eu não posso controlar como a música me faz sentir.

Meu corpo relaxa, cada músculo afrouxando. Minhas pálpebras ficam pesadas e, apesar da minha situação, apesar do perigo em que me coloquei, minha mente começa a vagar pelas ondas do primeiro verso.

— Eu fiz algo para você, — diz Cole, de algum lugar perto dos meus pés. Sua voz está distante, como se estivéssemos em dois planetas separados no espaço. — Máquinas personalizadas. Projetado para suas especificações.

Eu tento me forçar a me concentrar. Eu não gosto do som disso.

Cole liga sua máquina. Um som baixo e zumbido corta a música. Que porra é essa? É uma broca?

Esticando o pescoço, vejo que ele está segurando algum tipo de dispositivo, em forma de microfone enorme. A cabeça parece macia e bulbosa.

— É como o secador, — diz ele, seus lábios se curvando. — Apenas muito, muito melhor...

Ele pressiona sua ferramenta entre minhas pernas, bem contra minha boceta.

O efeito é instantâneo. Sinto como se estivesse caindo para trás em um banho quente e profundo. As vibrações são intensas, cem vezes mais fortes que o secador. Amarrado à mesa, não consigo fechar minhas coxas ou me afastar. Ondas pulsantes fluem através de mim, subindo pelo meu corpo e descendo pelas minhas pernas. As vibrações percorrem todo o caminho até o meu couro cabeludo, descendo pelas pontas dos dedos até os dedos dos pés.

— Oh... Deus... — Eu gemo.

As palavras saem da minha boca sem nenhuma ação minha. Eles são puxados para fora dos meus pulmões pela reverberação que me atravessa.

Nunca tive um vibrador. Eu nunca poderia comprar um bom.

O que Cole construiu é diferente de tudo que eu já vi. É pesado, poderoso e inteligentemente projetado. A cabeça macia se molda contra minha boceta. Ele desliza facilmente pela minha carne quente e inchada.

Cole está correndo para cima e para baixo na minha fenda exposta. Cada golpe envia outra poderosa onda de prazer caindo sobre mim. Às vezes ele o mantém no lugar por um momento, pressionando contra aquele feixe sensível de nervos que vai do meu clitóris até a abertura abaixo.

Toda a área está ficando mais inchada e sensível a cada minuto. Eu posso sentir minha boceta ingurgitando, e estou ciente dos nervos que mal existiam antes, disparando para a vida sob a estimulação contínua daqueles baixos e insistentes roncoss.

— Eu testei todos os tipos de frequências... — Cole murmura, seus olhos travados no meu rosto. Ele está observando minha expressão enquanto meus olhos reviram, enquanto minhas bochechas coram e meus lábios se abrem. Ele está tomando nota exatamente do que é melhor, constantemente ajustando sua técnica para que o prazer aumente e aumente, nunca diminuindo, nunca parando. — Até voltei à lavanderia para comparar.

Através das ondas quentes e flutuantes, percebo que cometi um grande erro.

Eu subestimei Cole. Eu subestimei sua criatividade. E até onde ele está disposto a ir.

Tarde demais para fazer algo a respeito. Não estou mais no controle.

O primeiro orgasmo bate, me rolando de novo e de novo como uma meia na secadora. Caindo-me aqui e ali em um ciclo interminável de calor e prazer. Estou gemendo como um animal, barulhos saindo de mim que nunca ouvi antes. Os gemidos são baixos, desesperados e intermináveis. Eu não consigo ter o suficiente disso. Eu vou morrer sem isso.

O prazer recua, mas apenas brevemente. Antes que o primeiro orgasmo termine, posso sentir o próximo se formando. Não há intervalo no meio. Sem período refratário.

As vibrações percorrem cada nervo do meu corpo. Cada parte de mim está se tornando tão sensível quanto meu clitóris.

Compreendendo isso, Cole pressiona o vibrador contra mim com uma mão e estende a outra para massagear meu seio.

— Oh meu Deus... Oh meu... Deussss... — Eu gemo.

Meu corpo inteiro está derretendo.

O toque de Cole é diferente de qualquer outra pessoa.

Suas mãos são criaturas vivas com mente própria. Seus dedos ondulam na minha carne, cada ponto de contato primorosamente macio. Ele não está apertando como a maioria dos homens, não tateando – ele está explorando. Parece que ele tem mil dedos, mil mãos. Parece que ele está me tocando em todos os lugares ao mesmo tempo.

Ele se move para o meu outro seio, mantendo a sensação igual, mantendo-a espalhada pelo meu corpo. Ele parece entender que não gosto de coisas irregulares, odeio loops inacabados.

Seus dedos se movem pela minha carne, separados, mas coordenados, caindo sobre mim como chuva.

A vibração pulsa através de mim, me enchendo de energia, me enchendo de sensação.

Cole puxa suavemente meu mamilo, tomando cuidado com o piercing. Ele está me dando a intensidade que eu preciso, me levando ao ponto de dor, mas nunca além.

Meus seios são tão sensíveis quanto minha boceta. Talvez ainda mais. As vibrações parecem se concentrar em meu peito, sob sua mão. Meu mamilo parece tão inchado quanto meu clitóris, capaz de dar prazer. O orgasmo está no meu peito, não entre as minhas pernas. Ele está puxando meu mamilo em movimentos lentos e rítmicos, como se estivesse ordenhando-o, e isso está me fazendo gozar, impotente, irresistivelmente, mais forte do que antes.

Ele fecha a boca em volta do meu outro mamilo, sugando um, puxando o outro. Não há mais mesa embaixo de mim. Estou mergulhado em puro prazer líquido.

— *Ohhh Cole...*

Não sei se estou gemendo alto ou apenas na minha cabeça. Estou implorando para ele não parar.

Cole mantém o vibrador pressionado contra mim enquanto desloca seu corpo, dando a volta na mesa em direção à minha cabeça. Com a mão sobressalente, ele abre o zíper da calça, liberando seu pênis.

Ele cai na frente do meu rosto, pesado e brutal, pálido como mármore e cheio de veias. A cabeça já vazando. Eu olho para

aquela pele macia como manteiga, aquela gota clara de fluido brilhando na ponta, e minha boca enche de água. Meus lábios e língua estão inchados, doloridos para serem tocados. Desesperado para chupar alguma coisa.

Sem ele perguntar, sem ele se mover em direção à minha boca, eu inclino meu queixo, lábios entreabertos, língua procurando ansiosamente por um gosto.

Eu fecho minha boca ao redor da cabeça de seu pau. A explosão de sal líquido é a coisa mais deliciosa que já provei. Inunda minha boca, aquela mistura rica e complexa de sua pele, seus feromônios, seu suor e seu esperma.

Foi feito para mim. É exatamente o que eu gosto.

Eu chupo suavemente no início, girando seu pau na minha boca, correndo minha língua por toda a cabeça. Preso dentro de suas calças, seu pênis só podia encher tanto. Agora que está livre, ele se endireita, ficando tão duro que parece que a carne queimando não pode ser contida naquela pele delicada e sedosa.

Eu posso sentir seu sangue pulsando nas veias salientes sob minha língua. Toda vez que eu o levo mais fundo na minha garganta, sou recompensada com outro pulso de esperma.

Ele começa a empurrar em minha boca, no ritmo das batidas do vibrador. Cada impulso de seu pênis é acompanhado por uma pressão profunda do vibrador exatamente onde eu preciso. Quanto mais ele pressiona, mais forte ele vibra, enviando choques por todos os nervos, em um loop infinito do cérebro à virilha.

Em qualquer lugar que ele me toca, fico instantaneamente sensibilizada. Ele agarra a base de seu pau, acariciando-o em minha boca. Seus dedos roçando meus lábios parecem

indescritivelmente eróticos. Abro mais a boca para que sua mão possa pressionar minha boca, para que seu pau possa mergulhar mais fundo na minha garganta.

Eu quero ser fodida profundamente na minha boca assim como eu quero seu pau bem fundo na minha boceta. Nada mais irá satisfazer.

Ele bombeia em minha garganta, a cabeça pesada de seu pau batendo todo o caminho de volta, para um pedaço sensível de carne que nunca foi tocado antes. Talvez isso devesse me fazer engasgar, talvez antes. Mas neste momento, parece que tenho um ponto G na garganta. Como a cabeça de seu pau bateu lá é a única coisa que pode me fazer gozar.

O terceiro orgasmo começa e eu estou gemendo em torno de seu pau, estou gozando com ele no fundo da minha garganta, meus gemidos desesperados criando sua própria vibração contra a cabeça.

Agora é Cole que não consegue ficar quieto, Cole que começa a tremer e estremecer enquanto o esperma flui para fora dele, grosso e rico, a coisa mais satisfatória que eu já engoli.

Ele fode minha boca com força. Eu olho para ele, percebendo que em algum momento ele tirou a camisa. Cada músculo se destaca em seu peito, seus braços, a superfície plana de granito de seu estômago. Olho para aquela figura perfeitamente esculpida e aquele rosto que não usa máscara – que mostra toda a extensão de sua ganância, sua fome e seu desejo por mim.

Olho para ele e penso: *Ele não é humano. Ele é muito mais...*

Eu bebo seu esperma como um presente.

Estou tão atordoada que mal noto quando ele se afasta. Eu só sinto a ausência de seu sabor e cheiro, seu pau quente contra minha língua. Eu o quero de volta, intensamente.

Eu choramingo como um bebê, implorando por mais.

— Paciência, — diz Cole.

Ele está afrouxando as restrições que me prendem à mesa. Acho que ele vai me levantar e me levar para algum lugar, talvez para uma cama em algum quarto escondido. Em vez disso, ele me rola de bruços e aperta as correntes mais uma vez, então estou amarrada de bruços.

Ele encaixa o vibrador embaixo de mim para não ter que segurá-lo mais – está preso no lugar sob meu corpo.

Isso é bom, mas não tão bom porque está apenas fazendo um leve contato com meu clitóris. Não consigo pressão suficiente.

Ainda assim, me sinto leve e flutuando. Corada com produtos químicos dos três orgasmos que tive antes.

Eu ouço Cole se movendo atrás de mim. Esta posição parece ainda mais vulnerável. Eu me contorço na mesa, desejando que minhas pernas não estivessem separadas, tudo exposto à sua visão.

Ouço o sussurro do pano e percebo que ele está tirando o resto de suas roupas. Meu coração bate mais rápido, com medo e antecipação.

Ele faz uma pausa para pressionar o dedo no telefone, alternando a música.

A mudança de humor me atinge como um tapa.

Esta não é uma balada suave e flutuante.

A nova batida é firme, insistente. A voz entra, jovem e aparentemente inocente, mas com um toque de ameaça.

Repita por favor

Coisas Ruins – Cults

Meus músculos se contraem, cerro os dentes.

Cole sobe em cima da mesa, sentando na parte de trás das minhas coxas. Ele é pesado. Lembro-me de quão alto ele é, quão forte. Com que facilidade ele poderia me dominar mesmo se eu não estivesse amarrado.

Toda vez que ele muda, seu pau latejante roça sobre mim, tocando minhas coxas, minha bunda, como um tentáculo, como um aríete testando a fraqueza.

Talvez ele saiba que meu coração está acelerado demais, porque ele começa a massagear minhas costas com movimentos longos e lentos, me acalmando.

Ele toca meu corpo como um instrumento, parecendo entender melhor do que eu quais lugares são apertados, quais são doloridos. Eu nunca senti mãos tão fortes me agarrando, me manipulando. É assustador. Estou completamente em seu poder.

Nunca deixei um homem me amarrar voluntariamente, nunca confiei em ninguém o suficiente.

Agora me coloco sob o controle da pessoa mais aterrorizante que já conheci. É suicida. Suas mãos amassam meus músculos como se estivesse amaciando a carne. Preparando-o para o abate.

Inclinando-se sobre mim, prendendo-me com seu peso, Cole murmura: — Você já foi espancada antes?

Estou suando. Contorcendo-se. Percebendo quão tênue é a linha entre os nervos e a histeria.

— Não, — eu digo. — E eu não quero ser.

Cole solta um suspiro de decepção.

— Não minta para mim, Mara. Eu odeio quando você mente.

Ele se senta, sua mão saindo das minhas costas, em seguida, voltando para a minha bunda com um tapa afiado. O impacto ondula através da minha carne, afiado e corretivo. Eu estremeço, presa no lugar pelos anéis de metal presos em meus pulsos e tornozelos.

— Não! — Eu grito, pânico crescendo em meu peito. — Eu te disse, eu odeio isso.

— Como você pode odiar se nunca experimentou? — Cole diz, baixando a mão novamente com força no mesmo lugar.

BOM!

Ele não está se segurando. Os golpes são duros e cruéis. Minha carne queima na forma de sua marca de mão.

Estou cheio de um sentimento de vergonha espesso e contorcido. Minhas bochechas estão tão quentes quanto minha bunda, e eu tenho que piscar com força para segurar as lágrimas que ameaçam cair.

— Tudo bem! — Eu choro. — Fui espancada. É isso que você quer ouvir?

BOM!

Ele me dá um tapa do outro lado, ainda mais forte. Isso me faz pular porque eu não estava esperando, porque eu pensei que ele só ia bater de um lado.

— Eu já sei disso, — diz ele, naquela voz baixa e perigosa. — É foddidamente óbvio.

BOM!

Ele me atinge novamente no lado esquerdo, fazendo toda a bochecha ondular, enviando choques por todas as minhas costas.

Cole é ferozmente forte, e os tapas são duros. Eles realmente doem, especialmente quando ele acerta o mesmo lado duas vezes seguidas. Encontro-me esfregando contra o vibrador, procurando desesperadamente um pouco de prazer para aliviar a dor.

— Por favor, — eu choro, minha voz soando infantil e patética.

— Diga-me como ele te espancou, — Cole exige.

Eu estou chorando agora. As lágrimas são silenciosas, mas posso senti-las escorrendo pelo meu rosto, caindo sobre a mesa.

BOM!

BOM!

BOM!

Ele não vai parar. Não até eu dizer a ele o que ele quer saber.

Estou soluçando, os olhos bem fechados, admitindo algo que nunca disse a uma alma humana.

— Ele me fazia vestir o uniforme da escola. A saia xadrez e a camisa e as meias. Sem calcinha. Então ele me fazia deitar em seu colo e puxava a saia em volta da minha cintura e me batia com força.

Eu posso sentir Cole ainda em cima de mim, absorvendo essa informação que ele já suspeitava.

— Quantos anos você tinha?

— Sete quando começou. Treze quando ele parou.

— Por que ele parou?

— Uma professora viu as contusões quando eu estava me trocando pela academia. Tentei me esconder nos banheiros para me trocar, mas naquele dia eles estavam cheios e ela me fez trocar de roupa ao ar livre.

Cole fica em silêncio por um momento. Então ele diz: — Ele tocou em você?

Meu estômago aperta, com tanta força que tenho que engolir a bile que sobe na minha garganta.

— O ponto não era me tocar. Era para me fazer chorar.

Outra pausa.

— E você?

Esta é a parte que me envergonha mais do que qualquer coisa. A coisa que eu mais odeio admitir.

Mas ele saberá se eu mentir. Se eu mesmo tentar segurar.

— Sim, — eu soluço. — Ele não parava até que eu chorasse. Ele me bateu mais e mais. Se a mão não funcionasse, ele usava o cinto. Eu tentei tanto não chorar. Para não deixá-lo me quebrar. Mas ele sempre fez. Toda vez.

Estou chorando agora, estou tão fodidamente envergonhada.

Eu tentei tanto ser forte. Para vencê-lo em seu jogo. Mas eu nunca fiz, nem uma porra de uma vez.

Cole se move atrás de mim, e acho que ele vai me bater de novo. Em vez disso, sinto a sensação quente, suave e infinitamente prazerosa dele deslizando seu pau dentro de mim.

Minha boceta está quente e vibrando, o vibrador ainda zumbindo contra meu clitóris. O pau de Cole me enche todo o caminho, empurrando para baixo contra o vibrador, me dando aquela pressão profunda e intensa que eu estava desejando. As vibrações percorrem meu corpo, em seu pau. A oscilação está dentro e fora de mim, para frente e para trás.

Eu soluço novamente, mas desta vez de prazer e alívio.

Lentamente, suavemente, Cole começa a empurrar.

Não consigo mover meus quadris. Eu só posso apertar ao redor dele, apertando-o com força a cada impulso.

O vibrador ingurgitou minha boceta ao longo de todo o seu comprimento, ao redor da abertura. Eu posso sentir cada milímetro, cada parte de mim que o agarra, cada parte de mim acariciada por ele. Seu pau esfrega o interior enquanto o vibrador vibra do lado de fora, criando uma fricção tão intensa, tão prazerosa que estou chorando novamente, lágrimas de alegria desta vez, dessa sensação que mal posso suportar.

Eu começo a gozar, minha boceta apertando e se contorcendo em torno de seu pau, seu peso me pressionando contra o vibrador.

— Não pare, não pare, não pare, — eu imploro.

Ele não para até que o orgasmo termine. Então ele puxa seu pau livre, sentando-se novamente, sua bunda contra minhas coxas, minha boceta ainda em espasmos.

Eu sou uma bagunça do caralho. Fico feliz que meu rosto esteja pressionado contra a mesa para que ele não possa ver as lágrimas e o rímel espalhados por toda parte.

Gentilmente, mas com uma pressão profunda e calmante, Cole começa a massagear minhas nádegas. Acalmando a dor. Acalmando a palmada.

— Está tudo bem, — diz ele, sua voz baixa e acariciante. — Vai ficar tudo bem.

Eu pressiono minha bochecha contra o tampo da mesa, meu rosto enrugando.

Ele retira a mão e me espanca novamente, mas desta vez é mais leve. Com o vibrador pressionado contra mim, zumbindo e vibrando, enviando ondas de prazer pelo meu corpo, o tapa não dói muito. Na verdade, é quase agradável.

Smack!

Smack!

Smack!

Ele está me batendo no tempo com a batida.

Os tapas não me assustam mais. Eu sei quando esperá-los. Em vez de me machucar, eles são satisfatórios: coceira profunda finalmente arranhada.

BOM!

BOM!

BOM!

Ele está aumentando a intensidade, mas ainda não dói, porque o prazer do vibrador abafa. Minha bunda está latejando, provavelmente vermelho brilhante, todo o sangue correndo para a superfície da pele. Torna-se mais sensível a cada bofetada. Mas a dor fica junto com o prazer, uma combinação cuidadosamente equilibrada como melancia e sal.

Minha boceta lateja, minha bunda queima, e mesmo antes que ele coloque seu pau dentro de mim, eu posso sentir o orgasmo crescendo, subindo, implorando para ser liberado.

Ele se move, agarrando a base de seu pau furioso. Ele pressiona a cabeça pesada contra minha bunda.

— Não, espere! — Eu suspiro.

Ele não espera.

Ele corre seu pau na minha fenda molhada, encharcando a cabeça, e então ele o pressiona direto na minha bunda.

— *Ahhhhhh* ! — O gemido rasga através de mim quando Cole me empurra com força contra o vibrador, seu pau batendo devagar, com certeza, todo o caminho dentro da minha bunda.

Eu não posso me mover. Eu não posso escapar. Ele me prendeu com os joelhos na parte de trás das minhas coxas, seu pau dirigindo todo o caminho dentro de mim, oito polegadas de profundidade.

Eu nunca fui fodido na bunda antes. Nunca tinha nem um dedo lá.

A sensação é tão intensa, tão abrangente, que parece que estou sendo virado do avesso. Não consigo respirar, não consigo me mexer, estou empalado.

Ele empurra seu pau todo o caminho até que seus quadris estejam encostados na minha bunda. E então ele segura seu pau lá, me forçando a tomar a coisa toda, me forçando a me ajustar, milímetro por milímetro, à sua circunferência ultrajante.

Estou suando, estou ofegante, não aguento.

A única coisa que me faz passar é o vibrador agindo como um anestésico, transformando o que poderia ser uma dor intensa em

prazer intenso, através da alquimia mágica de seu zumbido implacável.

Na verdade, se eu balançar meus quadris só um pouquinho, minha bunda aperta em torno de seu pau e uma pulsação de prazer balança através de mim como um golpe de martelo. Cada pequeno movimento parece que estou sendo fodida por um cavalo – esticando, esticando, no limite absoluto do que meu corpo pode suportar.

Cole se move comigo. Nem áspero, nem duro — golpes lentos e incrementais dentro e fora da minha bunda, cada um arrancando outro gemido profundo de mim.

Estou gozando novamente, ainda mais forte do que antes. Gozando da estimulação de nervos que nunca foram tocados, que não têm ideia de que tipo de sinal enviar. Acho que meu cérebro está dobrando ao meio.

Finalmente Cole sai. Parece dar à luz – como se três pés de pau estivessem deslizando para fora de mim.

— *Que porra é essa*, — eu gemo.

Cole massageia minha bunda mais uma vez, amassando aqueles músculos profundos que são usados o dia todo, mas nunca parecem encontrar alívio.

A música está começando de novo. Percebo que deve ter começado várias vezes — ele está tocando repetidamente.

Eu entendo o que está prestes a acontecer de novo, e não tenho controle, nem capacidade de parar. Normalmente, essa sensação de impotência me faria explodir. Me faria gritar e chorar e lutar com todas as minhas forças.

Mas sou embalado pelo vibrador e pelos incontáveis orgasmos inundando meu corpo com produtos químicos de prazer.

Já estou arqueando minhas costas, apresentando minha bunda para ele. Uma resposta pavloviana enquanto meu corpo procura outra rodada.

Eu quase posso sentir Cole sorrindo quando ele levanta a mão, derrubando-a na minha bunda.

BOM!

BOM!

BOM!

Acho que estou chorando de novo.

Enquanto eu imploro por mais.

— Mais forte, — eu soluço. — Bata-me mais forte.

BOM!

BOM!

BOM!

Entre as palmadas, Cole se inclina e murmura em meu ouvido: — Tudo bem se divertir. Eu sei que você não quer. Eu sei que isso te envergonha. Mas você precisa. Você tem toda essa culpa e vergonha acumulada dentro de você... este é o único lançamento. Porque você sabe que depois de ser espancado, você não está mais em apuros. Você pode ser perdoado. Você é uma boa garota.

As palavras entram e saem dos meus ouvidos, sobre a batida da música. Eu não sei se Cole está realmente falando, ou se são meus próprios pensamentos ecoando na minha cabeça.

Eu quero isso.

Eu preciso disso.

É a única maneira.

BOM!

BOM!

BOM!

Já estou antecipando a intensa lacrimejamento, sensação de enchimento de seu pênis. Ele desliza de volta na minha bunda e eu gemo não de dor, mas de alívio. Com gratidão.

Ele fode minha bunda lenta e constante ao ritmo da música.

Eu vou fugir, fugir, fugir

Fuja, fuja e nunca mais volte...

Não sei se estou chorando ou gemendo. Implorando em voz alta ou apenas na minha cabeça.

Não sei quantas vezes fizemos isso.

A música se repete várias vezes, e o ciclo também. Ele me massageia, me espanca, me fode, me faz gozar. Me massageia, me espanca, me fode, me faz gozar.

Não tenho noção do tempo. Não faço ideia de quanto tempo estamos fazendo isso. Podem ser horas ou dias.

Eu não quero que isso pare. Eu não quero estar em qualquer lugar, mas aqui.

Eu fui atraído por Cole desde o começo. Meu corpo sempre o quis. Era apenas minha mente que estava com medo.

Cole rosna no meu ouvido, — Aqui está o que você precisa para entender Mara: tudo bem que as coisas ruins sejam boas. Você pode ter prazer com o que quiser.

Estou drogado com prazer, drogado com dor. Drogado pela música. O tempo não tem significado. A única coisa que parece real é a voz de Cole no meu cérebro:

— Essas ideias de certo e errado, bem e mal... quem os ensinou a você? Sua mãe? Ela é a pior pessoa que você conhece. Foi o padre na igreja? Seu chefe no trabalho? Quem decidiu essas coisas?

BOM!

BOM!

BOM!

— Depende de você o que é bom e o que é ruim. Não há deus fora de você. Você é deus. Este é o seu mundo, a sua vida. VOCÊ decide o que sentir.

Estou flutuando no ar, sem peso, girando no espaço. Percebo que ele me desamarrou. Me libertou das algemas.

Mas eu não quero parar. Ainda não terminei.

Cole se deita na mesa, seu pau se projetando como um mastro, ainda duro como pedra, ainda pronto para mim.

Eu monto nele, meus joelhos em cada lado de seus quadris, minhas mãos em seu peito rígido. Lentamente, eu me abaixo em seu pau. É fácil de fazer, minha bunda já está esticada e pronta.

Eu deslizo sobre ele até que ele esteja todo dentro de mim e eu estou olhando para aquele rosto impecável – feminino e masculino. Mal e bem.

Rolando meus quadris, eu começo a cavalgar.

Eu o monto com seu pau todo o caminho até minha bunda. Eu o monto cada vez mais forte, mantendo o ritmo da música.

Fuja, fuja e nunca mais volte

Fuja, fuja, fuja, fuja

Mostre a eles que sua cor é preta...

Quando sei que estou no limite, levanto suas mãos e as coloco em volta da minha garganta. Eu o deixei me sufocar, seus dedos apertando cada vez mais forte até que faíscas negras estouraram na frente dos meus olhos, abafando a música e a sala, abafando tudo menos a pura sensação.

O último orgasmo é muito mais do que prazer. É uma detonação dentro de mim que me despedaça, despedaçando tudo o que eu costumava ser.

Estou feito em pedaços, *la petite mort*, a morte de Mara.

Não sei se algum dia voltarei a ficar juntos.

Ou que forma tomarei se o fizer.

Quando terminamos, levo Mara para o chuveiro. Eu a dou banho lento e cuidadosamente, lavando seu cabelo, massageando o xampu em seu couro cabeludo.

Eu lavo cada centímetro dela. O peito, as costas, os braços, as pernas, até os pequenos espaços entre os dedos dos pés.

Ela se submete a mim completamente. Permitindo-me movê-la e manipulá-la. Inclinando a cabeça para trás contra o meu peito, os olhos fechados, totalmente exausto.

Não sei quando mudei de ideia sobre matá-la.

Talvez tenha sido o momento em que ela levantou a mão e me deixou fechar a algema em seu pulso.

Talvez tenha sido antes disso, quando abri a porta e a vi parada ali naquele vestido preto. Ela é linda, infinitamente mais linda que a Olgiati. Eu não posso destruí-la.

Eu a enrolo em uma toalha macia e fofa e a carrego para os aposentos anexos ao estúdio. Eu raramente durmo aqui, então o espaço tem a limpeza austera de um quarto de hotel, os cobertores bem apertados sobre a cama da última vez que a governanta visitou.

Eu a deito nos travesseiros engomados, perguntando a ela: — Você está com fome? Com sede?

Não é como se eu estivesse cuidando. Na verdade, acho que nunca fiz isso antes. Eu gosto de testar personas, ver como elas me fazem sentir, o efeito que elas têm em outras pessoas.

Neste caso, minhas motivações são um pouco diferentes. Quero reviver Mara porque quero falar com ela novamente. Quero saber se ela tem alguma outra ideia para as esculturas inacabadas. E eu quero saber como ela se sentiu sobre o que fizemos.

Mais que isso... Quero ouvir o que ela decidir me dizer. Normalmente, sei exatamente quais informações estou tentando extrair de alguém. Mara me surpreende com comentários e insights que eu não tinha previsto. Deixá-la falar livremente é mais gratificante do que manipulá-la.

Ela é um quebra-cabeça contínuo para mim. Fiquei chocado que ela veio aqui já entendendo a dinâmica entre Shaw e eu. Com uma compreensão surpreendentemente clara de quem e o que eu sou.

Sua imprudência está além de qualquer coisa que eu já vi. Ela colocou sua vida em minhas mãos — voluntariamente. Livremente.

Ela confiou em mim. Acreditava em mim.

Eu deveria estar enojado com a idiotice dela. Com o erro fatal que ela cometeu.

E ainda... de alguma forma ela estava certa. Ela sabia o que eu faria melhor do que eu sabia.

Eu nunca estive nesta posição antes. Estou solto. Flutuando no espaço. Não tenho certeza de mais nada.

Verifico a geladeira na pequena cozinha. Está cheio de bebidas e petiscos, embora geralmente a governanta acabe jogando fora a comida e comprando mais, porque muitas vezes me esqueço de comer enquanto trabalho.

Faço um prato de frutas e queijo, servindo dois copos de Riesling, bem gelado. Levando a refeição de volta para a cama, vejo que Mara se sentou, seu cabelo úmido em uma corda escura sobre um ombro, seus olhos prateados na luz refletida da televisão.

— Você quer assistir um filme? — ela me pergunta.

Sorrindo para mim mesmo, coloquei a comida diante dela. Mara tem uma incrível capacidade de tratar o bizarro como normal. Para continuar em sua vida diária, não importa o que aconteça com ela.

Ela rasga a comida, enfiando BellaVitano e framboesas na boca.

— Estou morrendo de fome, — diz ela, desnecessariamente.

Eu como a mesma coisa que ela, na mesma ordem. Provar o queijo forte e aveludado e as framboesas azedas como um só alimento. Bebericando o vinho no meio, deixando-o estalar na parte de trás da minha boca. Fechando os olhos como Mara faz, concentrando-se na comida.

— Não é melhor do que sexo, — eu digo. — Mas é muito bom.

Mara ri.

Não sei se já a fiz rir antes. Eu gosto do jeito que sai dela, gutural e satisfeito.

— Melhor do que sexo com algumas pessoas, — diz ela. — Mas não você.

Sinto um calor quente em meu peito. É o vinho?

— Você é um sujeito responsivo, — eu digo.

— Você já fez isso antes? — ela me pergunta.

Ela parece curiosa, não ciumenta.

— Não, — eu respondo. — Não assim.

— Nem eu, — diz ela, desnecessariamente. Já sei como os homens podem ser pouco criativos.

— Que filme você quer?

Ela encolhe os ombros. — Eu estava apenas olhando através da Netflix.

— E aquele que você mencionou na festa de Halloween? Está aí?

Mara cora. — Você não quer assistir isso. É velho.

— Sim eu quero. Coloque-o.

Ela encontra o filme, que tem um pôster ilustrado ridículo, que lembra antigos romances de fantasia dos anos 70.

É uma história clássica de *portal para outro mundo*. Eu assisto como assisto a tudo - com cuidado, como se houvesse um teste mais tarde.

— Você acha que é estúpido, — diz Mara, terminando a última das frutas, sugando o suco da ponta dos dedos.

— Não. Eu entendo por que você gostava quando era pequena.

Mara assente. — Eu teria feito qualquer coisa para desaparecer em outro mundo. Assistindo agora, acho que é meio assustador como ela é uma criança brincando com brinquedos e David Bowie é um homem crescido. Achei romântico. Acho que gostaria de ter alguém poderoso que se importasse comigo.

Olho para seu perfil selvagem e élfico - etéreo como David Bowie, não suave como a jovem Jennifer Connoley.

— Ele não está exatamente cuidando dela, — eu aponto. — Ele está seduzindo ela. Manipulando-a.

Mara vira a cabeça, olhando fixamente para mim com aquelas íris com bordas de metal.

— Eu não quero ser cuidada, — diz ela. — Quero ser visto.

Minha frequência cardíaca aumenta como só acontece com Mara. Não quando estou com raiva. Não quando sou violento. Só para ela.

Eu era um predador de emboscada. Eu vivia de ocultação e camuflagem.

Como seria me despir?

Parece destruição. Como a imolação.

E se eu estiver errado?

Poderia o prazer da intimidade superar o perigo?

Esta é uma pergunta empoleirada em um penhasco. Nada de espiar — só encontrarei o fundo pulando.

Mara me encara de volta, feroz, sem vergonha. Certo do que ela quer e como obtê-lo.

Eu nunca deixei de fazer o que eu queria.

Não pela moral. Não por leis. Eu serei amaldiçoado se eu fizer isso por medo.

Eu tirei uma vida, mas nunca compartilhei uma vida.

Eu sinto minha mão levantando sobre as cobertas, cruzando o espaço entre nós, segurando a curva fina de sua mandíbula enquanto meu polegar descansa em seu lábio inferior cheio.

— Eu vejo você, — eu digo.

— Eu sei que você gosta, — Mara responde, baixinho. — E eu quero ver você.

— Cuidado com o que você deseja.

Ela não pisca nem hesita.

— Não é um desejo. É uma exigência.

Cole me leva para casa de manhã cedo. Estou planejando dormir algumas horas e depois ir para o estúdio para trabalhar.

A intimidade entre nós é frágil, mas real, como uma fina borda de gelo sobre um lago. Eu não sei se é forte o suficiente para suportar peso ainda... mas já estou atravessando.

Ele para no meio-fio, virando o carro para que eu possa sair pelo lado do passageiro.

— Bem, obrigado por... o que quer que tenha sido, — eu digo, meio sorrindo, meio corando.

Eu toco a maçaneta da porta, planejando sair.

— Espere, — diz Cole, me agarrando pela nuca e me puxando de volta para dentro. Ele me beija, profundo e quente, com apenas uma pitada de mordida enquanto seus dentes pegam meu lábio inferior, antes de me soltar.

O beijo faz minha cabeça girar. Seu cheiro gruda nas minhas roupas: aparas de aço, óleo de máquina, Riesling frio, colônia cara. E o próprio Cole. O homem e o monstro. Em camadas como sedimento, como bolo.

— Vejo você mais tarde, — eu digo, sem fôlego.

— Eu definitivamente vou te ver, — diz Cole, uma sugestão de sorriso em seus lábios.

Saber que ele me observa naquela câmara de estúdio me dá uma emoção perversa. Eu me pergunto o que ele vai fazer se eu lentamente tirar minhas roupas enquanto estou trabalhando. Se eu pintar completamente nua. Ele virá se juntar a mim?

Estou flutuando pelos degraus caídos até a casa geminada.

É tão cedo que não ouço uma única pessoa rangendo nos andares superiores. Nenhum cheiro de café queimado ainda.

Tudo bem, estou cansado demais para conversar. Mal consigo subir os próximos dois lances de escada até o meu quarto no sótão. Talvez eu precise dormir mais do que um par de horas. Meu corpo está tão obliterado que o pensamento de meu colchão e travesseiro tornou-se intensamente erótico.

Agarro a maçaneta de latão antigo e dou uma torção. Ele desliza pela minha mão, rígido e inflexível.

— Que porra é essa, — murmuro, virando-o novamente.

A porta está trancada. De dentro.

No meu cérebro atordoado pelo sono, tudo o que consigo pensar é que acidentalmente a tranquei ao sair, ou a maçaneta está quebrada. Tudo nesta casa está tão decrepito que o chuveiro, a fornalha, as tomadas e o fogão estão constantemente a falhar. Há muito que aprendemos a não nos incomodar em tentar ligar para o nosso senhorio. Ou Heinrich conserta o que está quebrado, ou nós apenas vivemos com isso.

Nesse caso, talvez eu mesmo consiga consertar.

Enfiando a ponta da unha do polegar na fechadura, balanço a maçaneta até ouvir o clique dos copos.

— *Sim*, — eu assobio, empurrando a porta aberta com um rangido triste.

Estou correndo, antecipando a longa queda no colchão, até que algo me detém.

A cama já está ocupada.

Não apenas ocupado – encharcado. Os lençóis, cobertores e colchões estão encharcados e pingando. Piscinas de água nas tábuas nuas ao redor.

E ali no travesseiro... Erin. Cabelos ruivos espalhados em uma auréola, úmidos e ondulados. Pele mais pálida que leite. Flores emoldurando seu rosto: ramos verdes de salgueiro, papoulas escarlates, miosótis tão azuis quanto seus olhos bem abertos.

Estou atravessando o espaço, caindo ao lado dela, sentindo a água encharcar minha saia enquanto levanto sua mão fria e branca.

Eu olho para seu rosto, de alguma forma acreditando que ela ainda pode me ver, que eu posso trazê-la de volta se eu continuar chamando seu nome.

Meus gritos ecoam no espaço minúsculo, mas não têm efeito sobre ela. Nenhum aperto de seus dedos. Nem mesmo um piscar de olhos.

Ela está morta. Horas se foram. Já começando a endurecer.

Eu deixo cair sua mão, oprimida por seu frio emborrachado. Não parece mais com Erin, ou qualquer coisa ligada a ela.

— O que está acontecendo? — alguém diz da porta. — Por que você está gritando?

Eu me viro para Joanna. Ela está ali de pijama, o cabelo ainda enrolado em seu lenço de seda para dormir. Sou grata por ser ela e não uma das outras, porque ela mantém nossa casa funcionando, ela sempre sabe o que fazer.

Exceto agora.

Joanna fica boquiaberta para Erin com a mesma expressão atordoada que eu. Ela está petrificada no lugar, dez mil anos se passando em um instante.

Ela não pergunta se Erin está bem. Ela viu a verdade mais cedo do que eu. Ou ela estava mais disposta a aceitar.

Frank aparece atrás dela, incapaz de ver porque Joanna está bloqueando a porta.

— O que você está- — ele começa, esticando o braço por cima do ombro dela.

— Fique para trás, — Joanna ladra. — Precisamos chamar a polícia.



Eu espero lá embaixo com os outros, meu corpo todo tenso, esperando o som das sirenes.

Carrie está aconchegada com Peter, chorando baixinho.

Frank pensou que estávamos pregando uma peça nele, e ele não desceria até que o deixássemos olhar dentro da sala. Agora ele está sentado contra a janela, sua pele da cor de cimento, ambas as mãos pressionadas contra a boca.

Melody continua andando pela sala, até que Heinrich pede que ela pare.

Nenhum de nós está falando. Pode ser choque, ou pode ser a mesma razão pela qual Joanna está olhando para mim do outro lado da sala, sombria e silenciosa.

Eles sabem que isso é minha culpa.

Ninguém disse isso. Mas posso sentir a tensão, os olhares em minha direção.

Não preciso de uma acusação para me sentir culpado. Erin está morta por minha causa.

Shaw fez isso, eu sei. Ele deve ter vindo aqui me procurar. E quando ele encontrou meu quarto vazio... Erin estava na porta ao lado.

— Por que ela estava na sua cama? — pergunta, cortando os gemidos suaves de Carrie.

— Não sei.

Não está quente o suficiente para que Erin tenha ido dormir lá. Shaw deve tê-la carregado lá, antes ou depois dele... fez o que diabos ele fez com ela.

— Algum de vocês ouviu alguma coisa? — Eu pergunto aos outros, não encontrando os olhos de Joanna, embora seu quarto seja bem ao lado do de Erin.

— Eu ouvi um baque, — Carrie diz, miseravelmente. — Mas eu não sabia – todo mundo é tão barulhento o tempo todo. Não pensei em nada, apenas voltei a dormir.

Ela se dissolve em soluços novamente, aninhada no ombro de Peter. Ela está ficando com meleca na manga dele, mas Peter apenas a puxa para mais perto, embalando a parte de trás de sua cabeça com a mão.

— E você? — Heinrich diz a Joanna.

— Eu estava com meus tampões de ouvido, — Joanna diz, irritada. Ela está sempre irritada quando está chateada, escolhendo a raiva sobre a vulnerabilidade. É por isso que ninguém fode com ela.

— Onde *você estava*? — Melody exige de mim.

Melody é a mais nova colega de quarto, e não a conheço tão bem quanto as outras. Ela é magra e com aparência de beliscada, seu cabelo preto curto espetado em todas as direções, e seus chinelos batendo contra o linóleo enquanto ela retoma seu ritmo.

Não sei se ela quis soar acusadora, mas agora ela, Joanna, Frank e Heinrich estão todos olhando para mim.

— Eu estava no estúdio de Cole Blackwell, — eu admito.

— A noite toda? — Melody persiste, sua cabeça virando para mim como um pássaro treinado em um verme.

— Sim, — eu digo, rigidamente. — A noite toda.

Normalmente, isso provocaria uma enxurrada de perguntas intrusivas de Frank. Apenas esse nível de horror poderia mantê-lo quieto.

Nossos dois últimos companheiros de quarto, Joss e Brinley, vêm tropeçando escada abaixo, piscando sonolentos. As irmãs estão vestindo roupões combinando, igualmente surrados e igualmente cheios de buracos.

— O que está acontecendo? — Joss pergunta.

— Como é que a água está pingando em nosso quarto? — diz Brinley.

Antes que alguém possa responder, duas viaturas param em frente à nossa casa, seguidas por uma ambulância. As luzes estão acesas, mas nenhuma sirene anunciou sua chegada.

— Que diabos? — Joss diz.

Meu telefone vibra no meu bolso. Puxando-o para fora, vejo o nome de Cole no visor.

Eu atendo, me afastando da carranca de Joanna.

— Por que há policiais em sua casa? — Cole exige.

Eu corro para fora da sala de estar, telefone pressionado contra meu ouvido e voz baixa para que os outros não ouçam.

— Como você-

— Esqueça isso. O que eles estão fazendo ali?

— Ele matou Erin, — eu sussurro no telefone, minha mão tremendo enquanto tento pressioná-la contra meu ouvido. — Ele a matou, Cole. Na porra da minha cama. Cheguei em casa e a encontrei...

— Para quem você contou? — Cole interrompe.

— Eu... o que você quer dizer?

— Não diga nada aos policiais, — Cole ordena. — Não é uma merda.

— Eu tenho que dizer a eles! Ele matou Erin. Ele matou todas aquelas outras garotas também, tenho certeza disso.

Estou correndo mais para dentro da casa, tentando evitar que qualquer um dos meus colegas de quarto ouça, mas os policiais já estão batendo na porta. Eu tenho que voltar lá.

— Eles não serão capazes de fazer nada, — diz Cole. — Você só vai piorar.

— Como você pode possivelmente-

— O que você está fazendo? — Joana diz.

Ela me seguiu até a sala de jantar. Seus braços estão cruzados sobre o peito e seus olhos estão semicerrados, nenhum indício da amizade habitual entre nós.

Termino a ligação abruptamente, enfiando o telefone de volta no bolso.

— Aquele era Cole, — eu digo.

A mandíbula de Joanna se move, como se ela estivesse mastigando algo que não consigo ver.

— A polícia está aqui, — ela me lembra. — Eles vão querer falar com você.

Eu a sigo de volta para a sala de estar, meu coração já acelerado. Estou doente e culpada. Cole disse que eu deveria ficar de boca fechada, mas de jeito nenhum eu posso fazer isso. Erin está morta. Shaw a matou, tenho certeza. Ele precisa ser preso, hoje, neste minuto.

Sigo Joanna de volta à sala de estar, onde dois policiais uniformizados já estão entrevistando meus colegas de quarto. Joss e Brinley estão ouvindo agora que o corpo de Erin está lá em cima. Joss fica repetindo: — Você está falando sério? Você está dizendo que ela está *morta*? —, como se ela não estivesse ouvindo direito. Brinley está hiperventilando.

Os médicos correm pelas escadas. Eles não vão poder ajudar Erin, mas provavelmente estão checando para ter certeza. Lembro-me da sensação da carne fria e emborrachada de Erin, da rigidez de suas articulações, e meu estômago dá uma reviravolta lenta e nauseante.

— Quem a encontrou? — diz um dos oficiais.

— Eu fiz, — eu falo, dando um passo à frente.

O oficial me examina, rápido e experiente. Seu rosto plácido não mostra nenhuma reação, mas tenho certeza de que ele sabe que estou nervosa, que estou suando, que estou trêmula de culpa, medo e devastação absoluta.

— Você sabe o que aconteceu com ela? — ele diz.

— Não, — eu balanço minha cabeça. — Mas eu sei quem fez isso.



Dez horas depois, estou presa em uma sala de interrogatório na delegacia.

Adormeci várias vezes ao longo das horas, tão exausto que nenhuma quantidade de estresse, frustração ou café preto queimado pode me manter acordado.

Toda vez que eu adormeço, um policial entra na sala com algum pretexto frágil, me acordando e depois sai novamente. É assim que eu sei que eles estão me observando através do vidro de mão única, e como eu sei que sou definitivamente um suspeito.

O oficial Hawks voltou duas vezes para me fazer perguntas.

Contei a ele tudo o que sei sobre Alastor Shaw, mas nada sobre Cole.

E eu estou me sentindo muito foda com isso.

Eu disse a mim mesmo que é irrelevante. Cole não matou Erin. Ele estava comigo o tempo todo.

Mas ele matou outras pessoas.

Eu pressiono as palmas das minhas mãos contra meus olhos, tentando bloquear a sala de interrogatório lúgubre – a mesa de

metal fria, a xícara de café de isopor deprimente, o brilho gorduroso do espelho falso.

Eu não sei se ele tem. Eu não sei o que ele fez.

Sim você faz. Ele te disse.

Lembro-me do rosto de Cole na noite da festa de Halloween. Quão quieto ficou, e quão duro, cada linha esculpida na carne:

— Eu fileto pessoas com precisão... ele faz o que eu faço MAL.

Talvez ele estivesse tentando me assustar.

Ele estava *definitivamente* tentando me assustar.

Mas isso não significa que ele estava mentindo...

Então, por que fui à casa dele ontem à noite? Por que eu deixei ele colocar as mãos em cima de mim? Por que eu deixei ele me amarrar em sua mesa?

Porque ele não é um monstro sem alma, não importa o que ele possa fingir. Eu vejo muito mais do que isso dentro dele.

Shaw, por outro lado...

A porta se abre mais uma vez. É Hawks, seu uniforme parecendo decididamente menos engomado do que esta manhã, a barba por fazer sombreando sua mandíbula.

Ele se senta na minha frente, colocando uma pasta na mesa entre nós.

— Você encontrou Shaw? — Eu exijo.

— Sim, eu o encontrei, — Hawks diz calmamente.

— *E?*

Eu mal consigo ficar parado na minha cadeira, por causa dos nervos e do efeito de todo aquele café mal passado. Estou cansado e nervoso, não é uma boa combinação.

— Ele reconheceu Erin assim que lhe mostramos uma foto. Mas ele diz que só a conheceu de um encontro casual seis semanas atrás. Ele diz que não a viu desde então.

— Ele está mentindo!

— Ele tem um álibi, — diz Hawks, categoricamente. — Ele estava com uma garota ontem à noite. Nós conversamos com ela.

— Então ela está mentindo também! Ou ela adormeceu, ou... alguma coisa, — eu paro fracamente.

— Por que você tem tanta certeza de que é ele? — Hawks diz, girando a caneta entre os dedos.

Hawks está no lado mais jovem de quarenta anos, com uma constituição atlética, óculos de aro preto e sapatos meticulosamente polidos. Seu tom é educado, mas ele não me engana nem por um segundo. Passei tempo suficiente em torno de Cole para saber quando estou sendo testado.

Lentamente, pelo que parece ser a centésima vez, repito: — Porque foi Shaw quem me tirou da rua seis semanas atrás. A fodida noite exata que estamos falando, ele fodeu minha colega de quarto, e então ele roubou a identidade dela e me rastreou até minha casa.

— Eu tenho o relatório do incidente aqui, — diz Hawks, batendo levemente a ponta dos dedos na pasta.

Calor sobe pelo meu pescoço, lembrando o olhar de olhos arregalados do oficial Fuckhead – suas perguntas insultuosas e os longos silêncios após cada resposta.

— Aquele policial era um troglodita, — eu cuspo. — Estou surpreso que ele pudesse digitar.

Ignorando isso, Hawks comenta: — Não diz nada sobre Shaw aqui.

— Isso é porque eu não sabia que era ele quando fiz o relatório.

— Porque você nunca realmente o viu.

Meu rubor se aprofunda.

— Eu não vi o rosto dele. Mas eu vi o quão grande ele era. Eu senti isso quando ele me carregou. E ouvi a voz dele.

Eu acrescento essa última parte desesperadamente. Na verdade, eu não reconheci a voz de Shaw na hora — ele só disse algumas palavras, e seu tom era monótono, nada parecido com seu charme habitual. Mas eu vi como Cole pode ligá-lo e desligá-lo à vontade. Não tenho dúvidas de que Shaw é um ator tão proficiente.

— O oficial Mickelsen tinha algumas dúvidas sobre o seu relato daquela noite, — diz Hawks, tirando os óculos e polindo-os com cuidado. Descobertos pelas lentes, seus olhos azuis parecem reflexivos, não muito diferentes do espelho. Ele pode ver para fora, mas eu não posso ver para dentro.

— Ele era um pedaço de merda incompetente, — eu assobio, os dentes à mostra.

— Ele pensou que você estava inventando. Ele pensou que você fez isso consigo mesma.

Quero rasgar aquela pasta e jogar os pedaços na cara do Hawks.

Com grande esforço, eu digo: — Você olhou para as fotos? Você viu *isso*?

Eu levanto meu braço, puxando para trás a manga do meu vestido. Forçando-o a olhar para a cicatriz longa e feia subindo pelo meu pulso, ainda vermelha e levantada, lívida como uma marca. — Eu não fiz isso comigo mesmo.

Hawks examina meu pulso, como se o comparasse mentalmente com as fotografias dentro da pasta. Ao contrário do oficial Fuckhead, ele não menciona as outras cicatrizes, as antigas, e por isso sou grata.

— Deve ter sido preciso muita coragem para se levantar e sair para a estrada, com todo o sangue que você perdeu, — diz ele.

Sua voz é suave e baixa, sua expressão gentil enquanto ele olha do meu pulso para o meu rosto. Ele provavelmente está apenas me enrolando, tentando me fazer baixar a guarda. Ainda assim, posso sentir meus ombros relaxando de sua posição curvada.

— Eu tive sorte, — eu digo. — Se um carro não viesse me buscar, eu estaria morto.

— E por que Erin está morta? — Prensas de falcões. — Por que Shaw iria querer machucar seu colega de quarto?

É aqui que nos aventuramos em território perigoso.

Não posso falar sobre a obsessão de Shaw por Cole. Eu não deveria falar sobre Cole.

Talvez seja errado protegê-lo, mas me sinto compelido a fazê-lo. Eu disse a Cole coisas que nunca contei a ninguém, e ele fez o mesmo comigo. Quaisquer que sejam os segredos que ele compartilhou, eu não estou prestes a derramá-los para os policiais.

Não vai ajudar Erin de qualquer maneira.

— Shaw estava dando em cima de mim na noite da mostra de arte. Erin nos interrompeu. Ele me atacou mais tarde naquela noite. Acho que ele pensou que eu estava morta. Quando ele me viu em uma festa de Halloween, ele ficou excitado novamente. Ele invadiu minha casa e, como eu não estava lá, ele matou Erin em vez disso.

— Você estava na casa do seu namorado? — Falcão diz.

Agora estou da cor de um semáforo. Chamar Cole de meu namorado parece errado em todos os níveis, mas tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça.

— Isso mesmo.

— Ele está do lado de fora agora, fazendo barulho, — diz Hawks, observando meu rosto para ver minha reação.

Infelizmente para mim, eu tenho uma cara de pôquer de merda. Tenho certeza de que Hawks pode dizer exatamente o quanto isso me surpreende e me agrada.

— Ele é?

— Ele está ameaçando chamar uma equipe inteira de advogados se eu não deixar você sair.

— Acho que posso sair quando quiser. Não fui presa.

— Isso mesmo, — diz Hawks. — Então por que você não?

— Porque eu me importo com Erin. Ela não é apenas uma colega de quarto, ela é uma das minhas melhores amigas. E ela foi assassinada na porra da minha cama. Foi meu... — Eu engulo em seco. — Sinto-me responsável.

— Você quer ajudar, — diz Hawks, inclinando-se sobre a mesa, seus olhos azuis fixos nos meus.

Eu concordo.

— Então me diga uma coisa...

Ele abre a pasta, tira uma fotografia e a desliza sobre a mesa em minha direção.

A foto foi tirada de cima, olhando diretamente para Erin. Já vi tudo o que mostra: as mãos abertas de cada lado, palmas para cima. As flores espalhadas por sua barriga. Seu cabelo ruivo arrastando como algas na cama molhada.

— Por que ela foi morta assim, arranjada assim? — Hawks aponta para a cama encharcada. — Por que ela se afogou?

— Afogado? — digo, sem entender.

— Essa foi a causa da morte. Alguém enfiou um funil em sua boca e derramou água em seus pulmões até que ela sufocou.

Eu balanço minha cabeça lentamente, olhando para seu rosto pálido e assustado. A maneira como ela posou me intriga tanto quanto quando a encontrei pela primeira vez. Erin parece completamente diferente de si mesma, rosto limpo de maquiagem, vestida com um vestido antiquado, prateado e frisado...

— Esse vestido não é dela, — eu digo, franzindo a testa.

— Tem certeza?

— Ela não usaria algo tão...

Eu me afasto. Lentamente, viro a fotografia para que Erin fique na horizontal em vez de na vertical. Eu olho para os galhos de salgueiro, para as papoulas vermelhas...

— O que é isso? — Hawkes diz, bruscamente.

— Seu... uma pintura.

— O que você quer dizer?

Soltei a respiração que estava segurando, ficando mais segura a cada momento.

— Ele a posou como Ophelia.

— Você está falando de Hamlet?

— Sim. John Everett Millais pintou a cena em que Ophelia se afoga em um rio. É assim que ela se parece, — eu seguro a fotografia. — Shaw recriou a pintura.

Hawkes pega a foto de mim e a examina novamente, sua expressão cética.

— Eu te disse! — Eu insisto. — Shaw é um artista. Ele conheceria aquela pintura.

— Vocês são todos artistas, — diz Hawks, colocando a fotografia de volta dentro de sua pasta. — Você, Shaw, Erin... todos os seus colegas de quarto.

— Exceto Peter, — eu emendo.

— Isso não aponta o dedo para Shaw, — diz Hawks.

— Então o que seria? — Eu estalo.

— Evidência física.

— Ele não é estúpido o suficiente para deixar provas. Você nunca encontrou evidências de nenhuma das vítimas da Besta.

— Você acha que Shaw é a Besta da Baía? — Agora Hawks definitivamente acha que estou me agarrando a canudos. — Os MOs são completamente diferentes.

— É Shaw, — eu insisto. — Eu estou dizendo a você.

Hawks suspira, empurrando a cadeira para trás e se levantando como se suas costas doessem. Ele pressiona a ponte do nariz com o polegar e o dedo indicador, depois coloca os óculos mais uma vez.

— Vamos, — diz ele. — Antes que seu namorado cause mais problemas.

Ele me leva para fora da sala de interrogatório, pelo labirinto de corredores que serpenteiam pela delegacia.

Vários oficiais me encaram enquanto passamos. Suas expressões são desconfiadas e hostis – com raiva que Hawks está me deixando ir.

— Já estava na hora do caralho, — Cole late, no momento em que me vê.

Uma onda quente de alívio toma conta de mim ao vê-lo. Sua figura alta e rígida, aterrorizante nas circunstâncias erradas, parece incrivelmente reconfortante quando colocada em meu nome. Está claro que ele está aterrorizando os policiais, fazendo o inferno até eles me deixarem sair.

As bolas nele para entrar em uma delegacia de polícia e começar a latir ordens. Acho que é assim que é ser rico e privilegiado: você nunca se sente nervoso, mesmo quando é culpado como pecado.

Corro até Cole, deixando-o me envolver com o braço em volta dos meus ombros, protegendo-me dos olhares de uma dúzia de policiais.

— Eles fizeram alguma coisa com você? — ele rosna. — Eles te machucaram? Assediaram você?

— Não, — eu digo. — O oficial Hawks foi perfeitamente educado.

Isso só parece endurecer a animosidade de Cole. Ele me puxa apertado contra seu lado, olhando furiosamente para Hawks.

— Se você quiser falar com ela novamente, você pode ligar para o meu advogado, — ele diz, jogando um cartão de visita com desdém pelo balcão de informações.

Hawks observa a carta cair, mas não faz nenhum movimento para pegá-la. Seus olhos azuis frios varrem Cole assim como fizeram comigo, absorvendo cada detalhe, sem perder nada.

— Eu entrarei em contato, — diz ele.

Cole me conduz para fora da delegacia, para a rua.

Estou chocada ao ver que está totalmente escuro novamente, o dia inteiro se foi enquanto eu estava sentado naquele quarto sem janelas.

— Que porra você estava pensando? — Cole exige, me girando para que eu tenha que olhar diretamente para seu rosto furioso.

— Eu tive que contar a eles sobre Shaw! — Eu choro. — Ele matou Erin! Ele provavelmente estava lá para *me* matar. Ela está morta e a culpa é minha.

— E de que serviu? — Cole zomba. — Você os viu levando-o algemado?

— Não, — eu admito.

— Claro que não! Não é a porra do seu primeiro rodeio. Shaw é inteligente. Ele sabe como cobrir seus rastros.

— Então o que devo fazer? — Eu explodi.

Cole segura meu rosto com as duas mãos. Ele levanta meu queixo, me fazendo olhar em seus olhos.

— Você vai fazer exatamente o que eu digo.

Eu tento afastá-lo, mas ele é muito forte. Meu rosto queima em todos os lugares em que seus dedos tocam a pele. Eu olho para aqueles olhos profundos e escuros que me prendem no lugar, mais poderosos do que seu aperto.

— Você tentou do seu jeito, — diz Cole. — Agora é hora de experimentar o meu.

— O que isso significa?

— Você vai se mudar para minha casa, esta noite. Vou mandar alguém buscar suas coisas. Você vai ficar comigo, bem ao meu lado, a cada maldito minuto do dia para que eu possa mantê-lo seguro. E quando for hora de lidar com Shaw... esse será o meu caminho também.

— Você quer que eu vá morar com você? Isso é insano.

— Você quer continuar viva? Ou você quer se tornar a próxima pintura de Shaw?

— Não brinque com isso, — eu rosno. — Não fale sobre Erin desse jeito.

— Não é uma porra de brincadeira. E não é nenhum jogo. Você faz mais uma de suas acrobacias fugindo sem mim, e Shaw vai te estripar como um peixe. Eu sou o único que pode protegê-la. A menos que você queira dar uma chance ao oficial Hawks, — Cole zomba.

Respiro fundo, considerando minhas opções.

Eles são poucos em número e pouco atraentes para mim.

O que devo fazer, ir para a casa vitoriana, evitar Joanna, dormir no quarto onde Erin foi morta? Espero que Shaw espere alguns dias antes de voltar para terminar o trabalho?

Por outro lado...

Eu vi o rosto de Cole quando ele me amarrou naquela mesa. Quando ele assumiu o controle do meu corpo, até que eu não conseguia pensar ou mesmo respirar, até que ele arrancou meus segredos mais profundos de mim e eu estava mole e indefesa, implorando por mais...

Não seremos colegas de quarto.

Mais como professor e aluno.

Mentor e protegido.

Escultor e barro.

A respiração sai em um longo suspiro, uma pluma prateada na noite fria, minha alma saindo do meu corpo.

Cole fica parado, esperando que eu decida.

Apertando os punhos ao lado do corpo, digo: — Acho que não tenho escolha.

Cole sorri, seus dentes brilhando no escuro.

— Nunca acredite nisso, Mara. É isso que nos dá poder: sempre temos uma escolha.

Ele estende a mão para mim, palma para cima, seus dedos longos e finos pálidos ao luar.

— É hora de fazer o seu. O que será?

Eu pego sua mão, seus dedos fechando ao redor dos meus.

— Me leve para casa.

Continua...

